

ILDEFONSO ALBANO

Deputado Federal pelo Ceará, Director da Associação Commercial,
Cons. hon. da Escola de Agricultura do Quixadá.



O SECULAR PROBLEMA

DO NORDESTE

2ª EDIÇÃO



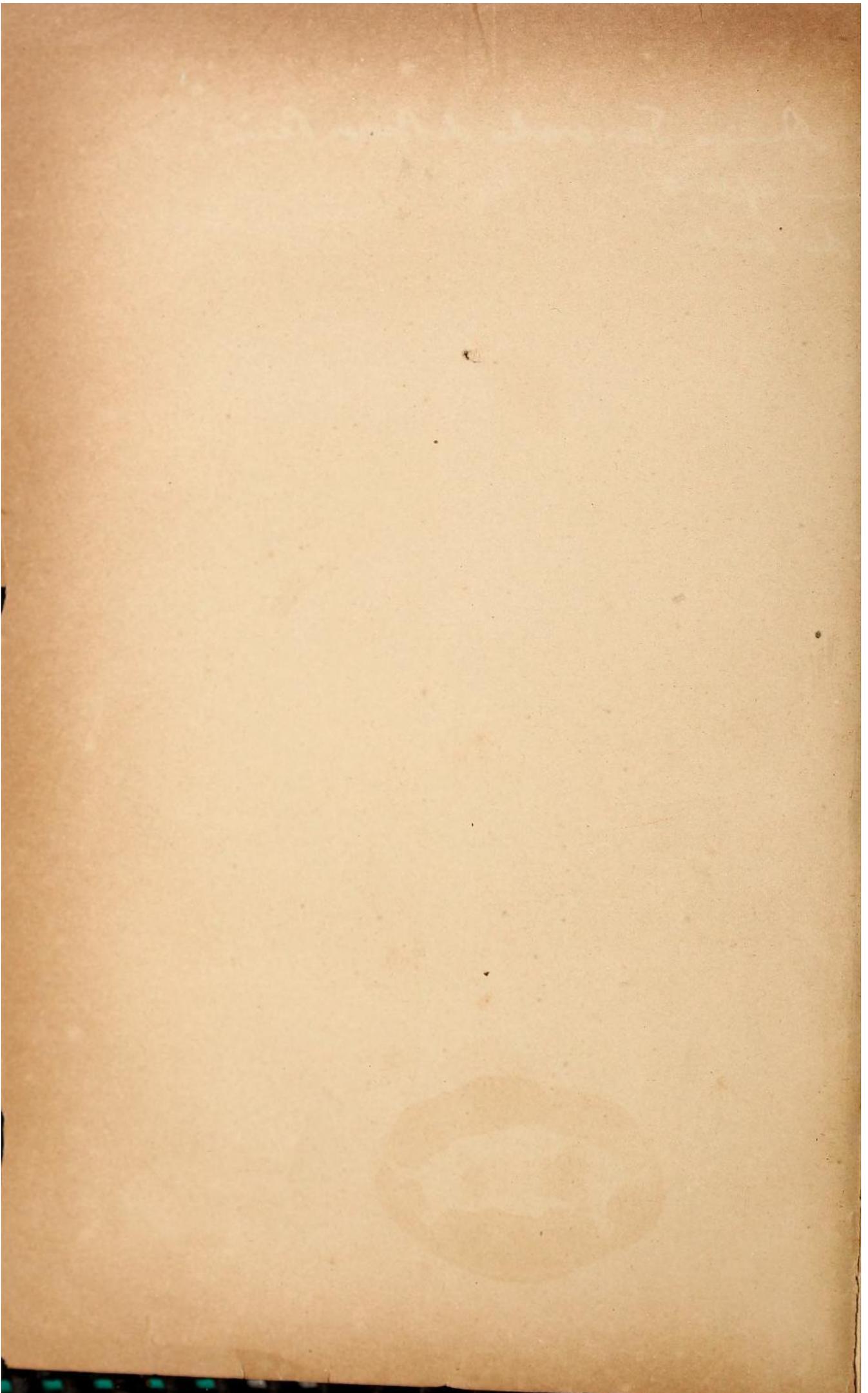
DISCURSO PRONUNCIADO NA
— CAMARA DOS DEPUTADOS —
EM 15 DE OUTUBRO DE 1917

Não é possível que esse problema economico-social, o mais grave e mais relevante do Brazil, continue preterido por tantos outros de somenos importancia, que passam a ser considerados problemas de maxima urgencia para a vida da Nação, unicamente pelo valor que lhes emprestam seus advogados influentes e poderosos.



○ ○ ○ RIO DE JANEIRO
IMPRESA NACIONAL ○ 1918

551.572
A 326



Do Amigo Tancredo de Barros Paiva,
com apelo
do autor.

ILDEFONSO ALBANO

Deputado Federal pelo Ceará, Director da Associação Commercial,
Cons. hon. da Escola de Agricultura do Quixadá.



O SECULAR PROBLEMA

DO NORDESTE

2ª EDIÇÃO



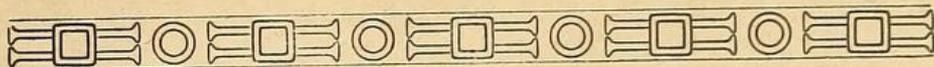
DISCURSO PRONUNCIADO NA
— CAMARA DOS DEPUTADOS —
EM 15 DE OUTUBRO DE 1917

Não é possível que esse problema economico-social, o mais grave e mais relevante do Brazil, continue preterido por tantos outros de somenos importancia, que passam a ser considerados problemas de maxima urgencia para a vida da Nação, unicamente pelo valor que lhes emprestam seus advogados influentes e poderosos.

□ □ □ RIO DE JANEIRO
IMPRENSA NACIONAL □ 1918

BIBLIOTECA
ATAO 28

MINISTRO DI CUIRIDI
BIBLIOTECHE
716 DAT 303955



POR ORDEM

DO

DR. JOÃO THOMÉ DE SABOYA E SILVA,

M. D. PRESIDENTE DO ESTADO DO CEARÁ, foi feita esta publicação. Sua Excellencia communicou-me esta resolução no seguinte telegramma :

« Fortaleza, 9 de novembro de 1917.

Deputado Ildefonso Albano.— Rio.

Acabo de ler seu discurso publicado no *Diario do Congresso* de 16 de outubro. Envio-lhe calorosos parabens pelo brilhante exito alcançado pelo seu trabalho, descripção fiel e estudo erudito do phenomeno da secca do Ceará. Queiram os altos poderes da Republica ouvir seu eloquente appello e encarar com interesse a solução desse problema vital para todo nordeste, mas especialmente para o Ceará. Mandarei imprimir em folhetos, por conta do Estado, seu discurso com os clichés das photographias, que o illustraram. Saudações.

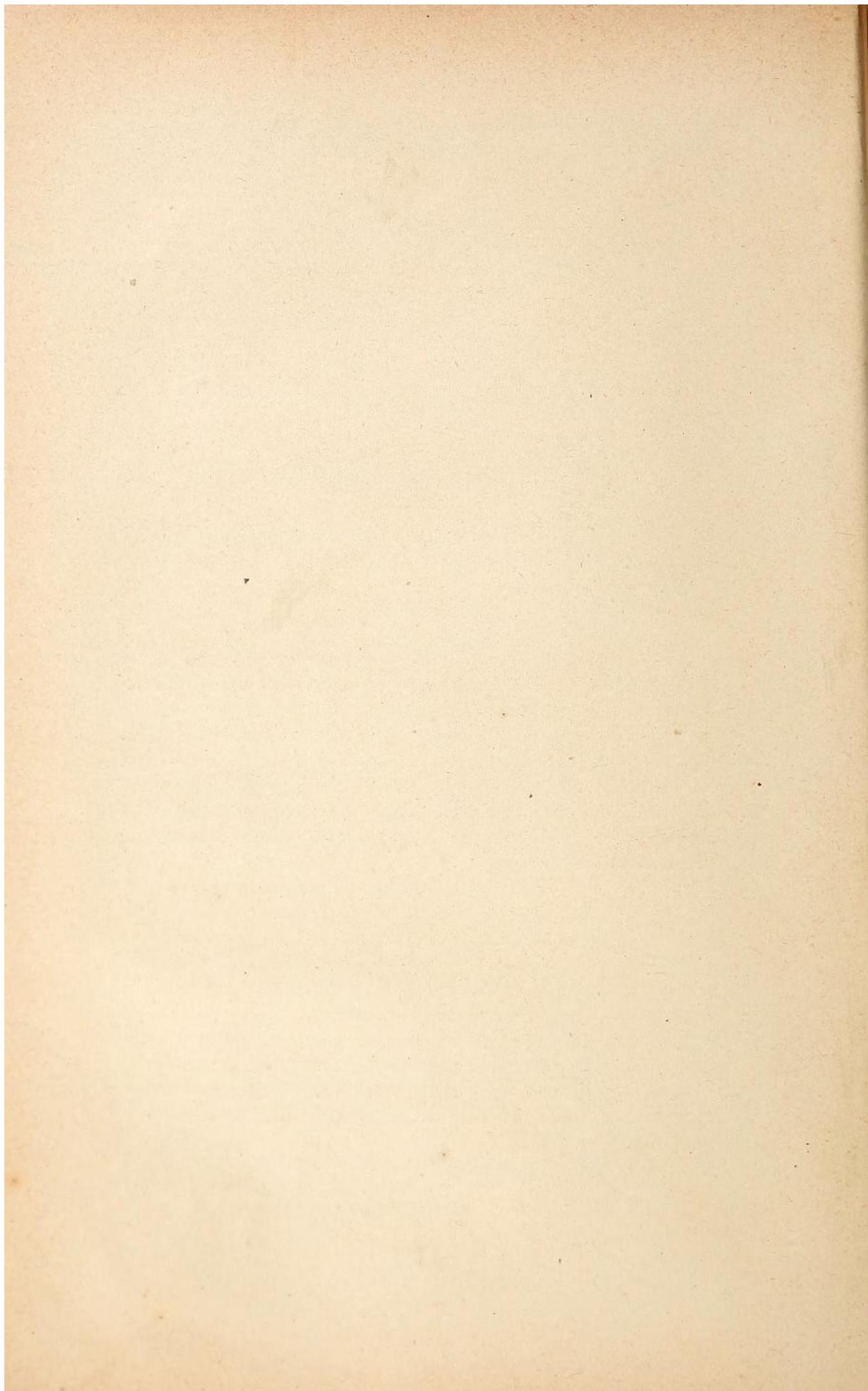
JOÃO THOMÉ DE SABOYA E SILVA,
Presidente do Estado. »

Com intima satisfação vejo que meu despretençioso trabalho, dictado unicamente pelo meu amor ao Ceará, está merecendo a atenção dos homens de responsabilidade. A opinião do illustre Dr. João Thomé é tanto mais honrosa por partir da primeira autoridade do Estado e de um engenheiro de indiscutivel competencia.

A Sua Excellencia, pois, meus cordeaes agradecimentos com os sinceros votos, que faço, pela continuação de seu benemerito governo.

Rio de Janeiro, 12 de novembro de 1917.

Ildefonso Albano





PREFACIO

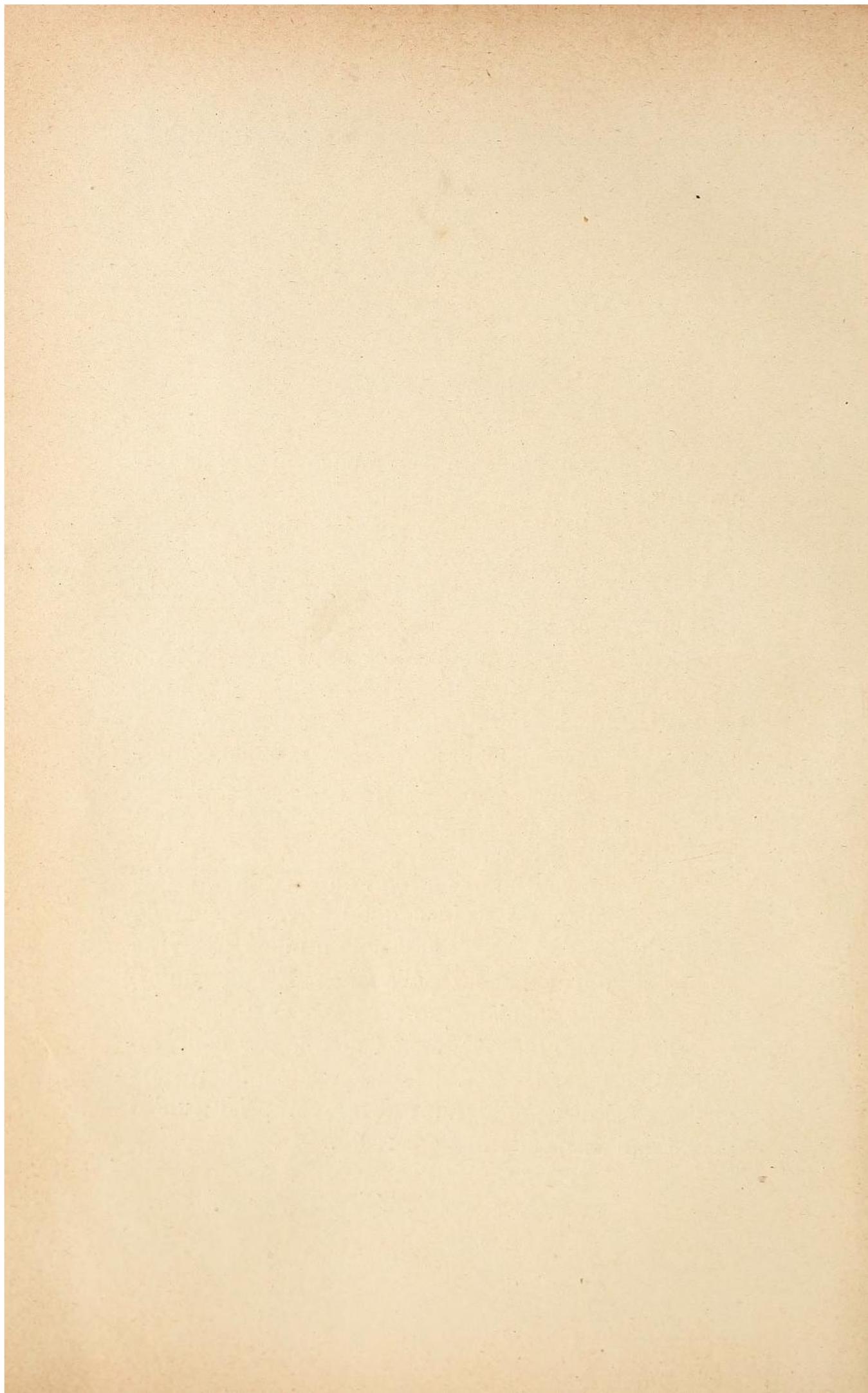
Quando em conversa com meus collegas da Camara dos Deputados, representantes dos prosperos Estados brazileiros, sobre o flagello da secca, que impede nossa evolução e retarda nosso progresso, tenho notado que muitos não fazem uma idéa exacta daquella calamidade.

Neste discurso, que é antes um relatorio, feito sem pretensões a literatura e eloquencia, procurei, estribado conscienciosamente na verdade, expôr com clareza os soffrimentos e martyrios de meus conterraneos, os prejuizos á nossa expansão causados pela secca, adduzindo para isso provas irrefutaveis e testemunhos insuspeitos.

Si, assim fazendo, consegui dar aos homens de responsabilidade do Paiz o quadro verdadeiro da triste situação do Ceará, si destas minhas palavras advier algum beneficio para meu Estado natal, dar-me-hei por sobejamente recompensado.

Si, entretanto, este meu trabalho fôr condemnado á traça, á poeira e ao esquecimento, restar-me-ha a satisfação de um dever cumprido, unico movel das acções do homem recto.

Ildefonso Albano.



O SECULAR PROBLEMA DO NORDESTE

DISCURSO

PRONUNCIADO

na Camara dos Deputados a 15 de outubro de 1917

O Sr. Ildefonso Albano — Sr. Presidente, quem, porventura, com olhar pesquisador e animo imparcial lançar as vistas para as condições dos varios Estados da União Brasileira, notará sem grande difficuldade que alguns marcham desassombradamente na larga senda do progresso, no meio da fartura e prosperidade de seus habitantes, em busca das mais nobres conquistas da humanidade, enquanto outros, retardatarios do progresso, jazem em uma apathia desesperadora, se debatendo na miseria e no atraso, com todas as suas fontes de riqueza estioladas, em franca decomposição economica. Nestes estão comprehendidos os Estados do nordéste brasileiro, sujeitos ao flagello da secca, que periodicamente os assola, matando, deslocando suas populações, dizimando seus rebanhos, anniquilando sua lavoura e commercio e embaraçando sua evolução.

O Estado do Ceará, sempre o mais attingido por essa calamidade, tem sido testemunha de numerosas lutas titanicas e formidaveis entre a natureza e seus destemidos filhos. (Muito bem.)

Já no começo do seculo XVII, quando abria os olhos para a civilização, o Ceará soffria os effeitos da secca. Rezam as chronicas antigas que « em 1603 Pero Coelho de Souza, homem nobre, morador na Praiva do Estado do Brazil, com Diogo de Campos Moreno, 80 brancos e 800 indios, marchou até o Jagua-

ribe, de onde no Siará ajuntou a si todos aquelles indios moradores, foi até a serra de Buapava e teve grandes recontros com os Tabajares de Mel Redondo, e deu-lhe Deus grandes victorias. Por falta de provimento e soccorro, voltou ao Jaguaribe, onde fundou uma povoação com o nome de Nova Lisboa. De volta para Pernambuco, se veiu deixando tudo miseramente a pé com sua mulher e filhos pequenos, parte dos quaes pereceram de fome.»

Dahi para cá se teem succedido com cruel periodicidade os tetricos phenomenos, que expulsaram do Ceará o primeiro civilizado, depois de lhe arrebatár os innocentes filhinhos, cujos nomes encimam a lista funebre das victimas da secca, lista longa e interminavel, que ainda está por encerrar.

O Ceará soffre de secca e o Maranhão não

O Ceará soffre da secca, isto é, das consequencias da escassez de chuvas, devido á sua configuração topographica e constituição geologica: o solo, de pequena espessura, assenta sobre a rocha crystallina, que é toda sensivelmente inclinada para o mar; as aguas pluviaes, cahidas no territorio cearense, rapidamente se escoam, deixando o leito dos rios completamente secco; por essa razão os nossos rios correm sómente na época das chuvas, durante tres ou quatro mezes do anno.

O Maranhão, cuja posição geographica é quasi a mesma que a do Ceará e que por isso deveria tambem sentir as consequencias da escassez de chuvas, nada soffre, porque o seu territorio é pouco ondulado, é quasi horizontal; as aguas pluviaes, infiltrando-se, encharcam o solo e alimentam durante o anno inteiro os rios, cujos cursos são vagarosos pelo motivo já exposto. As terras se mantem com mais humidade, a vegetação é maior e mais exuberante do que no Ceará; ha portanto no ar mais vapor d'agua, o qual na época opportuna se resolve em chuvas sempre mais copiosas, do que no Estado visinho. Nos annos de chuva escassa, como o de 1915, no Maranhão tambem chove menos do que nos annos regulares; o seguinte quadro das chuvas cahidas nesses ultimos annos demonstra isso claramente:

CEARA'	1910	1911	1912	1913	1914	1915	1916
Aracaty.....	4.216,7	926,7	4.604,2	1.777,2	4.255,3	248,2	994,5
Guaramiranga.....	—	—	4.929,2	2.015,0	2.065,0	909,7	4.601,4
Porangaba.....	—	—	2.466,8	2.057,5	4.538,7	521,0	4.339,4
Quixeramobim.....	4.401,6	547,4	918,4	969,8	940,2	208,8	876,7
Quixadá.....	—	—	4.053,4	4.221,8	4.015,4	223,8	4.406,5
Média em millímetros.	—	—	4.594,4	4.608,2	4.356,8	422,3	4.201,5
MARANHÃO							
Barra do Corda.....	—	—	—	1.290,3	997,4	669,1	4.028,1
Carolina.....	—	—	—	—	4.303,4	4.181,5	4.294,6
Grajahú.....	—	—	—	—	4.015,6	534,8	4.541,9
Imperatriz.....	—	—	—	—	4.130,4	4.225,4	4.500,8
São Luiz.....	—	—	2.376,8	2.084,5	4.544,1	4.086,4	2.464,6
São Bento.....	—	—	—	2.193,0	4.912,2	4.370,0	2.141,9
Turyassú.....	—	—	3.247,4	2.713,7	2.067,5	4.140,5	2.307,8
Média em millímetros.....	—	—	—	—	4.423,9	4.029,6	4.754,2

Mas, longe de soffrer com isso, o Maranhão tira vantagens, pois suas terras, ainda humedecidas, com o auxilio de uma precipitação aquosa, por pequena que seja, produzem melhor e com mais abundancia, do que nos annos de inverno copioso.

Si, entretanto, o Ceará, apezar de sua posição geographica, tivesse a configuração topographica e a constituição geologica do Maranhão, não soffreria das consequencias da escassez de chuvas, não seria, como é, flagellado pela secca.

No estado actual da sciencia não nos é dado conhecer a causa dessa periodica escassez de chuvas, que se prende certamente a phenomenos extra-terrestres.

Regimen das chuvas nos tropicos

Sabemos que nos tropicos as chuvas seguem a marcha apparente do sol. Os antigos imaginavam que a zona tropical, por elles chamada torrida, fosse completamente secca, deserta e inhabitavel por causa da sua proximidade ao sol, que lhe deita os raios perpendicularmente. Entretanto, dá-se justamente o contrario: a região tropical, que estiver mais proxima do sol, é a mais molhada, pois a approximação daquelle astro de uma determinada região produz ahi chuvas, que suspendem, quando o sol della se afasta.

A sciencia nos ensina que ao longo do equador thermico, que é a linha de maior calor na terra, ha uma zona chamada de calmas relativas comprehendida entre as duas zonas dos fortes ventos alizeos. Nessa zona, quando não reina completa paralysação, os ventos sopram com diminuta velocidade. Ahi é intensa a aspiração de vapores, que a certa altura se condensam e se precipitam sobre a terra em fortes pancadas de agua. Essa zona das calmas, banhada copiosamente por chuvas torrencias, se desloca para os hemispheros norte e sul, conforme a posição do sol.

Assim, o mez de dezembro, quando o sol está mais proximo do tropico do Capricornio, é a época de maior calor e de chuvas no sul do Brazil. A região terrestre situada perto dos 16° e 30' de latitude sul, comprehendendo o sul da Bahia e de Goyaz, o norte do Espirito Santo e de Minas e o centro de Matto Grosso, se approxima do sol em fins de janeiro; o mesmo succede em fins de fevereiro com a faixa

terrestre situada aos 8° de latitude sul, em que estão comprehendidos Pernambuco, o norte da Bahia, de Goyaz, do Matto Grosso, sul do Piauhy e do Maranhão; simultaneamente se vae deslocando para o norte a zona das calmas e chuvas torrencias.

Chuva no Piauhy é signal de proximo inverno no Ceará. E' uma observação popular muito exacta, que se baseia em um facto scientifico, pois a zona das calmas, extendendo-se em direcção ao norte, passa no sul do Piauhy em fins de fevereiro e percorre o Ceará em março, mez mais chuvoso neste Estado. De abril em diante diminue a chuva até suspender completamente nos mezes chamados de secca, em que o hemispherio norte passa a gosar a benefica influencia solar. No mez de outubro ha no Ceará pequenas chuvas, chamadas «chuvas de cajú» por favorecerem a maturação desse fructo; essas precipitações são causadas pela volta da zona das calmas em direcção ao sul, mas são sempre menos copiosas do que as chuvas de março, porque em março a terra está mais proxima do sol do que em outubro.

Assim, dentro dos 365 dias do anno, o sol distribue de sul a norte e de norte a sul o precioso liquido indispensavel á vida dos homens, animaes e vegetaes.

Mas estes phenomenos não se repetem com precisão mathematica, pois alguns annos são de chuva excessiva, outros de pouca precipitação em todo globo; ha épocas de inundações no hemispherio norte e secca no hemispherio sul, e vice-versa.

Fomes, seccas e inundações mundiaes

A Biblia descreve o Diluvio Universal, a inundaçào mais antiga, de que temos noticia, da qual mesmo entre os indigenas de nosso continente havia tradiçào. Ha duvidas sobre a época exacta de sua occurrencia, mas segundo a opinião de varios autores, esta calamidade se deu entre os annos 3246 e 2104 a. C.

A Sagrada Escriptura registra tambem varias seccas occorridas na Palestina, entre ellas uma no tempo de Abrahão, outra no tempo de Isaac, a secca de sete annos, que começou em 1708 a. C. e attingiu o Egypto, Palestina e as regiões visinhas.

Em 1760 a. C. houve uma inundação na Attica (Grecia), que era conhecida por «segundo diluviô»; em 1504 a. C. a Thessalia (Grecia) foi inundada.

Entre os annos 503 e 443 a. C., durante o reino do imperador Jei-chund, a India foi visitada por uma prolongada secca.

Em 322 a. C. a cidade de Epheso na Asia Menor foi destruida por uma inundação, sendo mais tarde reedificada em ponto mais elevado.

Roma soffreu fome nos annos 493 e 436 a. C. e de inundações em 241, 54 e 27 a. C.; no anno 138 a. C. houve uma secca mundial.

Poderia citar ainda innumerous exemplos de fomes, seccas e inundações durante a era christã; limitar-me-hei, entretanto, a enumerar, no quadro que segue, as fomes, seccas e inundações mundiaes do seculo XVII até nossos dias época em que o Ceará figura nesta «lista negra»:

- | | |
|-----------|--|
| 1600 | Grande secca na Russia. |
| 1601—1603 | Fome na Irlanda. |
| 1602 | Secca parcial na Inglaterra. |
| 1603 | Secca no Ceará. |
| 1606—1607 | Inundação na Inglaterra. |
| 1607—1608 | Escassez de chuvas na Inglaterra. |
| 1608 | Inundação na França. |
| 1610 | Escassez de chuvas na Inglaterra e fome na Alemanha. |
| 1611 | Inundação na Inglaterra. |
| 1612 | Escassez de chuvas na Inglaterra. |
| 1613 | Inundações na França, Allemanha e outros paizes. |
| 1614 | Secca no Ceará e inundação na Inglaterra. |
| 1616 | Escassez de chuvas na Inglaterra. |
| 1617 | Inundação na Catalunha. |
| 1619—1620 | Inundação na Allemanha. |
| 1623 | Inundações na Austria, Hungria e outros paizes. |
| 1626 | Escassez e depois excesso de chuvas na Inglaterra. |
| 1627 | Inundações na Austria e Italia. |
| 1629 | Inundações no Mexico. |
| 1630 | Inundações na Escossia e fome na Inglaterra. |

- 1631 Secca na India e toda Asia.
1633 Inundação na Irlanda.
1635—1638 Escassez de chuvas na Inglaterra
1637 Inundação na Hollanda.
1639 Inundação na Inglaterra.
1640 Inundação na Allemanha.
1642—1643 Escassez de chuvas na Inglaterra.
1643 Inundação na Austria.
1644 Inundação na Hespanha e na Hollanda.
1646 Inundação na Hollanda.
1647—1649 Inundação na Inglaterra.
1649 Fome na Escossia.
1651—1654 Escassez de chuvas na Inglaterra.
1655 Inundação na Inglaterra.
1656 Inundação e fome na Italia.
1657 Escassez de chuvas na Inglaterra e fome na
 Italia.
1658 Inundação na Inglaterra.
1660—1661 Inundação na Inglaterra.
1661 Grande secca na India (Punjab).
1665 Inundação na Inglaterra.
1666 Inundação na Inglaterra e depois escassez de
 chuvas.
1669 Grande escassez de chuvas na Inglaterra.
1670 Inundação na Inglaterra.
1678 Inundação na Inglaterra e depois escassez de
 chuvas.
1680 Inundação na Irlanda.
1680—1681 Escassez de chuvas na Inglaterra.
1682 Inundação na Inglaterra.
1684 Escassez de chuvas na Inglaterra.
1686 Inundação na Inglaterra.
1686—1689 Grande secca na Italia.
1687 Inundação na Irlanda.
1690 Fome na Italia e Irlanda.
1691 Escassez de chuvas na Italia.
1692 Secca no Ceará.
1693 Fome terrivel na França.
1693—1694 Escassez de chuvas na Italia.

- 1694—1699 Fome na Escossia e na Inglaterra.
1699 Escassez de chuvas na Inglaterra.
1700 Fome na Inglaterra.
1703 Secca na India (Sind).
1704—1705 Grande escassez de chuvas na Inglaterra.
1705 Inundações na Irlanda e todo continente europeu.
1707 Inundações na Inglaterra.
1709 Fome na Escossia e Inglaterra e terrível na França.
1711 Inundação na America do Norte e fome na Austria.
1716 Escassez de chuvas na Inglaterra.
1717 Inundações na Hollanda e Allemanha.
1720 Inundação na Inglaterra.
1721 Secca no Ceará e inundação na Italia.
1722 Inundação na Inglaterra.
1723 Inundação na Hespanha e escassez de chuvas na Inglaterra.
1723—1727 Grande secca no Ceará.
1724 Inundação na Italia.
1726 Inundações em toda Europa.
1727—1729 Fome na Irlanda.
1729 Inundações na Inglaterra e Irlanda.
1730 Inundação no Chile.
1732 Inundação no Ceará.
1733 Secca na India (provincias do noroeste).
1734 Inundação na Inglaterra.
1736—1737 Secca no Ceará.
1738 Penuria no Ceará.
1739 Secca na India (Delhi) e fome na França.
1739—1740 Fome na Irlanda.
1740 Inundações na Inglaterra e Irlanda.
1740—1741 Fome na Inglaterra.
1741 Inundação no Ceará e fome na Escossia.
1742 Inundação na Irlanda.
1743 Inundação no Ceará.
1744—1746 Secca no Ceará.
1745 Inundação na Irlanda.
1745—1752 Secca na India (Sind).

- 1748 Inundação no Ceará e fome na Inglaterra.
1752 Inundação em Galles.
1753 Inundação na Irlanda, Allemanha e Hollanda.
1754 Secca no Ceará e inundações na Inglaterra, Escossia, Allemanha e Hollanda.
1756 Inundações em toda Europa.
1760 Secca no Ceará.
1761 Inundações na Inglaterra, Irlanda e sul da Europa.
1762 Inundações na Inglaterra, Irlanda, Hespanha e India.
1763 Inundações em toda Europa.
1764 Inundação na Irlanda.
1765 Inundação em toda Europa e fome na Irlanda.
1766 Fome na Escossia.
1767 Inundação em toda Grã-Bretanha.
1768 Inundação na India (Behar, Bengal).
1769—1770 Grande secca em toda India.
1770 Inundação na India (Bengal) e fome na Bohe-
mia, Russia e Polonia.
1770—1771 Inundação na Hollanda.
1771 Inundação na Inglaterra e fome na Italia.
1772 Secca no Ceará.
1773 Inundações na Irlanda, Italia e India.
1774 Inundação na Inglaterra.
1775 Inundação na Hollanda e secca nas ilhas do Cabo Verde.
1775—1776 Inundações na Inglaterra.
1776 Inundações no Ceará e na França.
1777 Inundações na Inglaterra e na Irlanda.
1777—1778 Grande secca no Ceará.
1782 Inundações no Ceará e na Inglaterra.
1782—1784 Secca na India (Sind).
1783—1784 Secca na India (Punjab).
1784 Inundações na Inglaterra e India.
1785 Inundações na Inglaterra e Allemanha.
1786—1787 Inundações na Inglaterra.
1787 Inundações na França e na Irlanda.
1787—1788 Inundações na India (Behar e Punjab).

- 1788 Inundações no Ceará, India, Inglaterra e Escóssia.
- 1789 Inundações no Ceará e Inglaterra e fome na França.
- 1790—1792 Grande secca na India.
- 1790—1793 Grande secca no Ceará.
- 1791 Inundações em Cuba, Inglaterra e Italia.
- 1792 Inundações na Inglaterra.
- 1795 Inundações e fome na Inglaterra.
- 1797 Inundação no Ceará.
- 1800 Inundações em S. Domingos e na China, escassez de chuvas na Inglaterra.
- 1801 Inundações na Allemanha e Hollanda, fome em toda Inglaterra.
- 1802 Inundações na Inglaterra, Irlanda e todo sul da Europa.
- 1802—1804 Grande secca em toda India.
- 1804 Secca no Ceará.
- 1804—1807 Secca parcial na India.
- 1805 Inundação no Ceará.
- 1807 Inundação na Irlanda.
- 1808 Inundação na Inglaterra.
- 1809—1810 Secca no Ceará.
- 1810 Inundação na Inglaterra.
- 1811 Inundações na Austria, Hungria, Inglaterra e Allemanha.
- 1812 Fome na Inglaterra.
- 1812—1813 Secca na India (Sind).
- 1812—1814 Secca na India (Madrás).
- 1813 Inundações na Austria, Hungria, Polonia, Allemanha e America do Norte.
- 1813—1814 Secca na India (Agra).
- 1814 Inundações na Irlanda e India (Bengal).
- 1816 Inundações na Inglaterra, Allemanha e inundações e fome na Irlanda.
- 1816—1817 Secca no Ceará.
- 1818 Inundações na Inglaterra e Irlanda.
- 1819 Inundações no Ceará, Irlanda e Inglaterra e secca na India (Allahabad).

- 1820—1822 Secca na India (Sind).
1821 Inundações na Inglaterra e Irlanda.
1822 Inundações na Inglaterra, Italia, Cuba, inundações e fome na Irlanda.
1824 Inundações na Irlanda, Russia e secca na India (Delhi).
1824—1825 Grande secca no Ceará e secca na India (Delhi, Madras, Hindostão), inundações na Russia e Irlanda.
1825 Inundações na Dinamarca e Hollanda.
1825—1826 Secca na India (provincias do noroeste).
1826 Chuva excessiva no Ceará.
1827 Chuva escassa no Ceará e inundação na Italia.
1827—1828 Secca na India (Hindostão).
1828—1829 Inundações na Irlanda.
1829 Inundações na Escossia e Allemanha.
1830 Secca no Ceará e inundações na Austria e Allemanha.
1831 Fome e inundação na Irlanda.
1831—1832 Penuria na India.
1832 Inundações no Ceará e na India (Hindostão).
1832—1834 Grande secca na India (provincia do noroeste).
1833 Penuria no Ceará e inundação na China e India (Calcutta).
1833—1835 Grande secca na India (Madras, Guntoor).
1834 Inundação na Hespanha.
1837 Inundações na Inglaterra.
1837—1838 Secca na India (provincias do noroeste).
1838—1839 Secca na India (Bombaim).
1840 Terrivel inundação na França.
1841 Inundação na Inglaterra e França.
1842 Inundações no Ceará e Irlanda.
1844 Inundações na Irlanda.
1844—1845 Grande secca no Ceará.
1845 Inundação na China e fome na Irlanda.
1846 Inundação na França e fome na Belgica.
1846—1847 Grande fome na Irlanda.
1847 Fome na França.
1848 Inundações na Escossia.

- 1850 Inundações na Irlanda, Belgica e Egypto.
1851 Inundações na Irlanda.
1852 Inundações na Inglaterra, França, Belgica, Alemanha e Suissa.
1853 Inundações em Galles e na Irlanda.
1853—1854 Grande penuria na India (Madras).
1855 Inundação na Allemanha.
1856 Inundações na França e India.
1860—1861 Secca na India (Punjab).
1861 Secca no Canadá e inundação na Hollanda.
1861—1862 Penuria na India (Bombaim).
1862 Secca na Africa do Sul.
1863 Inundação na Australia.
1864 Inundação na França.
1865—1866 Secca na India (Orissa, Madras, Behar, etc.).
1866 Inundações no Ceará, França e Inglaterra.
1868 Inundações na America do Norte.
1868—1870 Secca na India (prov. do noroeste, Delhi, Meerut, etc.).
1869 Inundações na Irlanda e Italia.
1870 Inundações na Italia.
1871 Inundações na Inglaterra e India.
1871—1872 Grande secca na Persia.
1872 Inundações no Ceará, India, Italia e Inglaterra.
1873 Inundação no Ceará e secca na India (Bchar, Bengal).
1873—1874 Secca na India (Bengal).
1874 Inundações na Inglaterra e America do Norte, secca na India (Bengal).
1874—1875 Secca na Asia Menor.
1874—1876 Chuvã excessiva no Ceará.
1875 Inundações na Inglaterra, França, Hollanda, Allemanha, Italia, Hungria, Suissa, America do Norte, India e ilha de S. Vicente.
1876 Inundações na Grã Bretanha, França, Hespanha, Portugal, China, Turquia, India (Bengal) e secca em partes da India.
1877 Grandes seccas na India (Madras, Mysore, Bombaim), America do Norte (California), Africa do Sul, inundação na Inglaterra.

- 1877—1878 Grandes seccas no norte da Africa, na China e na Australia.
- 1877—1879 Grande secca no Ceará.
- 1878 Grande secca na Africa do Sul, calor excessivo na America do Norte, inundações na Inglaterra, França, Hungria, Italia, Hespanha, America do Norte (California), China, India (Casemira, Ceylão) e Australia.
- 1880 Chuvas excessivas no Ceará e Inglaterra.
- 1882 Inundações na Inglaterra, Escossia, França, Hungria, Italia, Allemanha, Austria e Mississippi.
- 1883 Inundação na India.
- 1884 Inundações na America do Norte e Hespanha.
- 1886 Inundações na America do Norte e India.
- 1887 Grandes inundações na America do Norte e na China, secca na Asia Menor.
- 1888 Secca no Ceará e inundações na Allemanha, Inglaterra, França, Suissa, America do Norte, Mexico e China.
- 1889 Secca no Ceará e na India, inundações na Inglaterra e America do Norte.
- 1890 Chuva excessiva no Ceará, inundações na Inglaterra, Europa Central, França, Dinamarca, Mississippi, Venezuela, China, Queensland e Nova Galles do Sul, secca no Japão.
- 1891 Secca no Ceará, India e Russia, inundações na Inglaterra, França, Allemanha, Italia, Hespanha, America do Norte e China.
- 1892 Inundações na Inglaterra, Italia, Hespanha, Mississippi e Venezuela, secca na India, Russia, America do Norte e Nova Galles do Sul.
- 1893 Inundações na Italia, Hespanha, Hungria, Rumania, Casemira, Queensland e Nova Galles do Sul; secca na França e em partes da Italia e Hespanha.
- 1894 Inundações no Ceará, America do Norte, Inglaterra, França, Hungria e India.
- 1895 Chuva excessiva no Ceará, inundações na Inglaterra, França e Hungria.

- 1896 Chuva excessiva no Ceará, inundações na Inglaterra, França, Suíça, Itália, Grécia, Açores, Mesopotâmia, Queensland e sul da Austrália, secca na Índia.
- 1897 Chuva excessiva no Ceará, inundações no Mississipi, Inglaterra, Hespanha e Alemanha, secca na Índia e Nova Gales do Sul.
- 1898 Secca no Ceará e na Índia, inundação na China.
- 1899 Chuvas excessivas no Ceará, inundações na America do Norte, Argentina, Hungria e Hespanha, secca na Índia e na Rússia.
- 1900 Secca no Ceará e na Índia, inundações na Inglaterra e no Japão.
- 1901 Secca na Índia e America do Norte, inundações no Canadá, Itália, Hespanha e Japão; chuvas escasas na Inglaterra.
- 1902 Chuvas escasas no Ceará, inundações na Inglaterra e Índia, secca na Rússia, sul da Austrália e Nova Gales do Sul.
- 1903 Chuvas escasas no Ceará, inundações na America do Norte, Mississipi, Canadá, Inglaterra, Rússia, Itália e Índia.
- 1904 Chuvas escasas no Ceará e inundações na America do Norte e Philippinas.
- 1905 Inundações na Inglaterra, Irlanda, Mississipi e Africa do Sul, secca na Rússia e na Índia.
- 1907 Secca no Ceará.
- 1915 Secca no Ceará.
- 1917 Inundação no Ceará.

Ha curiosas coincidencias das seccas do Ceará de 1744-46, 1790-93, 1804, 1824-25, 1827, 1888-89, 1891, 1898 e 1900 com as seccas da Índia de 1745-52, 1790-92, 1804-07, 1824-25, 1827-28, 1889, 1891, 1898 e 1900, mas por outro lado ha muitas e notaveis anomalias. Os annos de 1877 a 1879 foram de secca generalizada em todo globo, pois a escassez de chuvas foi assignalada em todos os continentes terrestres.

O inverno e o estio

As principaes riquezas do Ceará são a industria pastoril e a agricultura.

Durante o estio de seis mezes, julho a dezembro, está suspensa a vegetação, a semente, em lethargia profunda, jaz no seio da terra; a alimentação escasseia e o agricultor se vê obrigado a recorrer ao credito.

O gado faminto procura com voracidade o capim resequido, que aqui e ali ainda cobre a terra combusta.

Em janeiro, quando deve começar o inverno, é curioso vêr-se a sofreguidão com que o sertanejo fita a abobada celeste a lobrigar si vem chuva; é caracteristico o cuidado com que somma os millímetros de chuva cahida. Tudo denota a anciedade com que é esperadã a agua, da qual depende a vida e felicidade dos cearenses.

Com as primeiras pancadas de agua, as arvores se revestem de novas folhas, a rama brota por toda a parte, cobrindo o sertão de ricas pastagens de panasco, mimoso e milhã; o gado devora com avidez a verde forragem e em breve se reanima e recupera a gordura e as forças. O lavrador lança á terra as sementes de algodão, milho, feijão e mandioca. Na terra e nos ares ha vida e animação. Renasce a natureza... Dahi a mezes o sertanejo faz a colheita, paga satisfeito suas dividas e com sua familia gosa os fructos de seu labor.

Após annos de trabalho insano consegue o pobre cearense adquirir uma nesga de terra e levantar sua modesta choupana de taipa, coberta de palha; nella estabelece o seu lar, abençoado com viçosos rebentos. Em redor vicejam muitas arvores fructiferas, plantadas nos annos de fartura por suas mãos calosas. O gallinheiro é uma das preocupações da esposa querida; um pequeno curral com meia duzia de cabeças de gado representa a sua economia de annos.

Assim, entre o inverno e o estio, entre a fartura e a escassez, vive o sertanejo, até que uma secca venha transtornar a paz e a prosperidade de seu lar.

A secca

O mez de dezembro foi secco, em janeiro cahiram chuviscos, fevereiro nenhuma esperança trouxe; mas o sertanejo inquieto, olhos fitos no horizonte em direcção do Piauhy, ainda não desanimou...

Uma nuvem sequer não quebra a monotonia azul do firmamento; nenhum relampago, precursor da chuva bemfazeja, illumina o quadrante sul. As lavouras não medraram, o gado tristonho e magro busca ancioso o que comer.

Vem março. O mesmo sol abrazador deita seus raios dardejantes sobre a natureza morta.

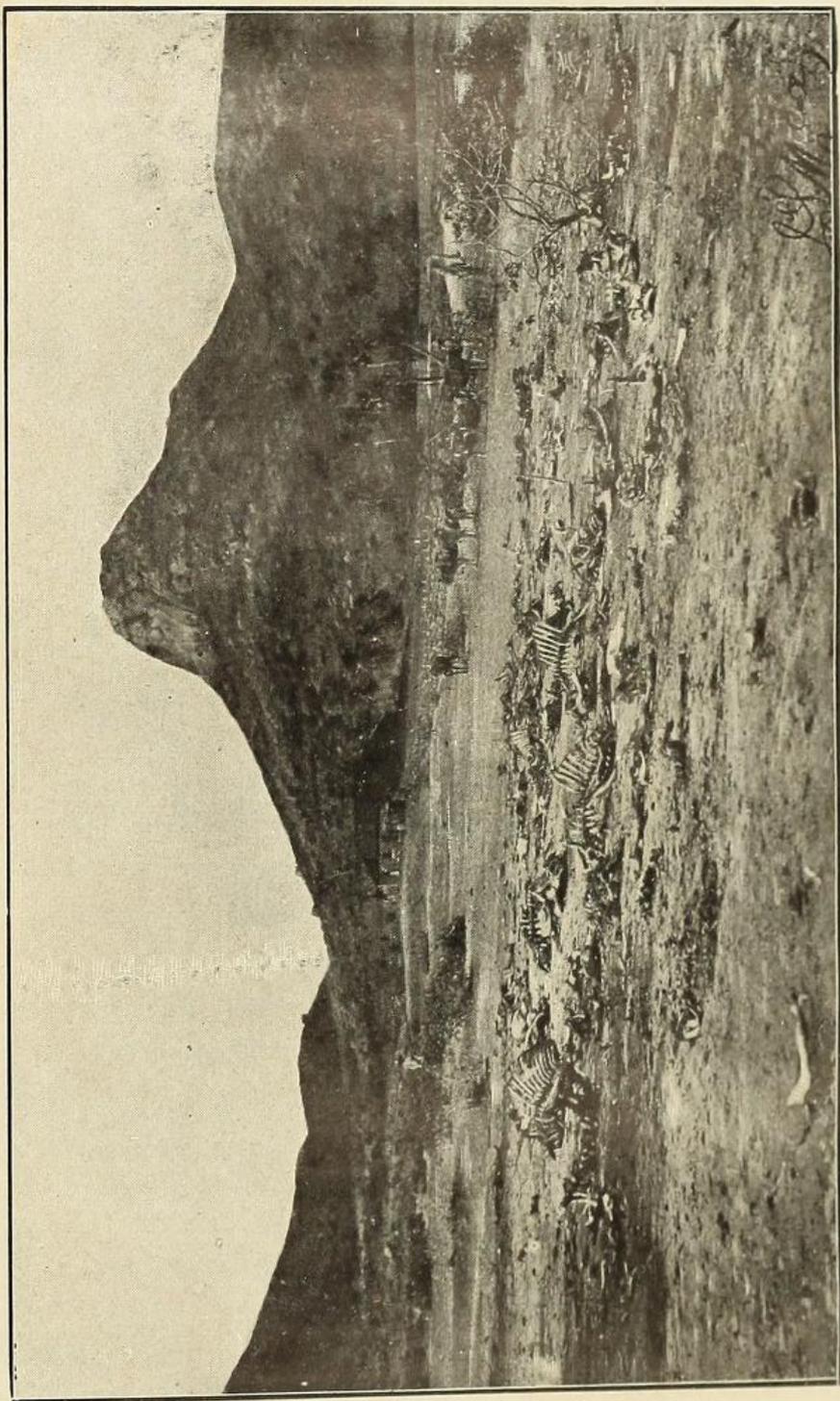
No dia 19, festa de S. José, não chove, «Alea jacta est».

Está declarada a secca... E toda esta zona, outr'ora exuberante de vida e fartura, se transforma em um scenario vasto de miserias indescritiveis. O cearense vae atravessar os mesmos dias de provações e dores, tantas vezes vividos pelos seus antepassados. Começa a luta entre o homem e a natureza, luta terrivel e desigual, em que os mais firmes baqueiam e os mais fortes são vencidos. A natureza, impiedosa e insaciavel, sempre triumphante, implanta a desgraça onde existia a abastança, trazendo o desespero e a morte.

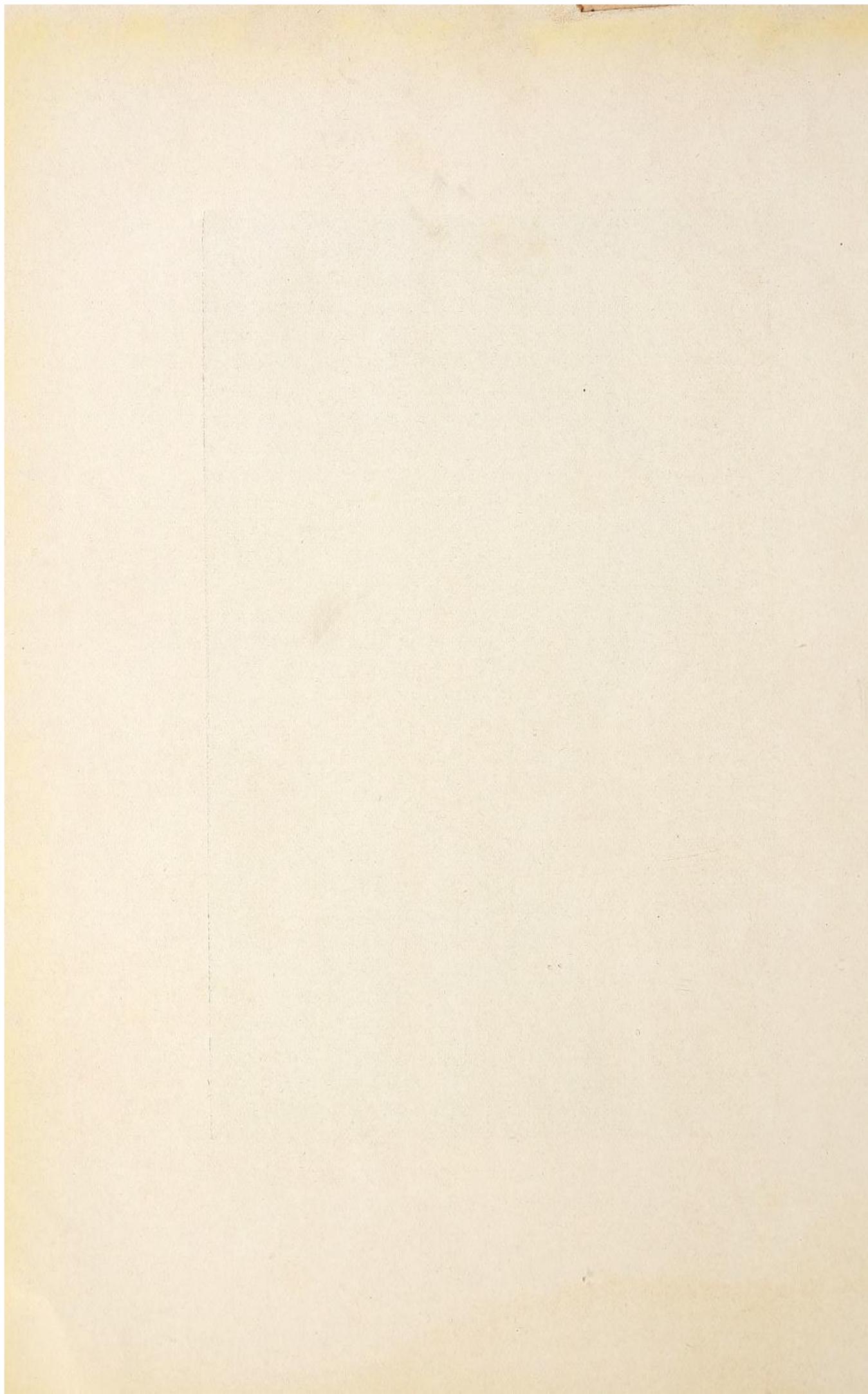
Pequenas chuvas cahidas em varios pontos do Estado mal deram para fazer correr alguns fios de agua pelo leito dos rios.

Mas, emquanto tem forças, o cearense resiste e trabalha. O gado é tratado com especiaes cuidados; o joazeiro, a unica arvore que se conserva verde durante a secca, é despojada de seus galhos para a salvação dos animaes; ao som do facão acorrem as rezes, tropegas e famintas. Uma ou outra, mais depauperada, cahe para não mais se levantar; levam-lhe uma solução de chlorureto de sodio, alimento, agua e sobre ella constróem uma barraca de palha para livral-a dos raios solares. Apesar de todos os cuidados, vão todas, enfraquecidas e magras, cahindo victimas das epizootias, que durante as seccoas se propagam com rapidez espantosa.

Desapparecem assim fazendas inteiras... E o fazendeiro, outr'ora abastado e independente, é obrigado a «bater a porteira» e emigrar.



O que a secca deixou de 500 cabeças de gado (pag. 21).



Tenho aqui uma photographia impressionante, que obtive na Inspectoria Veterinaria do Ceará. O veterinario dessa repartição, Domingos Vanzelotti, em seu relatorio apresentado ao inspector, assim descreve esta scena:

«Estivemos na fazenda «Santo Antonio», pertencente ao Sr. João Pinheiro de Souza, situada á estrada de Irauçuba á villa de S. Francisco, distante cerca de 1 1/2 legua; outr'ora era povoada esta fazenda por 500 cabeças bovinas. Em janeiro, porém, irromperam os ixodes e os gados, já definhados pela secca, começaram a morrer; o proprietario, apavorado com o crescente prejuizo, encurralou tudo que ainda lhe restava, e iniciou um tratamento com forragens, e baldadamente procurou expurgar os terriveis parasitas com lavagens diversas, em seu modo de vêr uteis; nada conseguiu; diariamente ao sahirem do curral para o campo, em que permaneciam durante as horas de maior sol, as rezes iam cahindo ás dezenas em frente ao pateo da casa, que demora junto ao curral, e não se levantavam mais. Em abril o prejuizo era total.

Aproveitamos o resto dos arcabouços, que ainda não tinham sido retirados do local do morticinio, para a photographia; esta é exactamente o natural, sem a minima alteração; as cinco rezes, que nella se vêem, são as unicas sobreviventes da catastrophe.»

Casos como esse são muito communs. Essa fazenda representava o trabalho honrado, a economia de cinco, 10 ou 15 annos; ameaçado de tudo perder, o fazendeiro durante quatro mezes mantem uma tremenda luta para salvar os seus haveres; gasta seu ultimo recurso e tudo perde. Reduzido á extrema miseria, endividado, sem meios de sustentar a familia, este infeliz é muitas vezes levado a um acto de desespero.

Nas proximidades dos açudes e lagoas, nos poços do leito dos rios os sertanejos ainda trabalham. As margens são semeadas de arroz, e á medida que a agua recúa, as plantas são transferidas mais para dentro das lagoas. Mas, devido á extrema aridez do ar, dá-se a rapida evaporação das aguas e as lagoas seccam por completo, pondo em risco toda a colheita.

Ainda na secca de 1915, isso se deu nas proximidades de S. Matheus. A lagôa da Motuca seccou em setembro e os agricultores, na imminencia de perder o fructo de seus esforços, recorreram a um negociante de S. Matheus, Sr. Francisco de Hollanda Montenegro, que contractou a irrigação do arrozal com agua dos poços do rio Jaguaribe, distante cerca de 400 metros da lagôa. Para lá transportaram um motor a lenha, montado em rodas, pesando 8.000 kilos, e uma bomba de 1.200 kilos de peso. A bomba, collocada a cerca de cinco metros acima do nivel do poço, elevava a agua a 12 metros por um cano de oito pollegadas e alimentava um rego, pelo qual escoava a agua até a lagôa. Assim, apezar da secca, salvaram a safra de arroz, que montou a 800 quartas, 25.600 litros, no valor de 16 contos de réis.

Por este e outros innumerados exemplos, que poderia referir, se vê que o cearense não se deixa immolar pacientemente como um cordeiro. Elle reage, pelega e se entrega sómente quando de todo extenuado. Morre lutando.

Por esse combate de dilatadas éras contra a natureza, tirocinio secular de soffrimento e reacção, o sertanejo do nórdeste brasileiro adquiriu a rija e extraordinaria resistencia que lhe valeu ser cognominado «rocha viva da nossa nacionalidade».

Em outros pontos do Estado, onde por falta de lagoas e açudes se esgotaram todos os recursos, já os urubús repastam na carniça, que empesta o ambiente.

A miseria e o exodo

A miseria já bateu á porta do sertanejo: os viveres estão acabados, a cacimba já seccou, o pequeno rebanho morreu; o credito da venda foi cortado, a mulher e as creanças definhavam dia a dia. Os filhinhos pedem pão e agua e o pae tem sómente lagrimas para lhes dar. Aggravam-se os soffrimentos, recrudescem as torturas, ao ponto de se ver ameaçado de morrer com toda a familia em negra e intoleravel miseria.

Nesse transe amargurado, quando tudo o abandonou, menos a esperanza em Deus, o cearense, alma de spartano, heroico desbravador do Amazonas, renega a hora, em que ahi nasceu, execrando a maldita terra madrastra, que recusa o

pão a seus filhos. Entrega seu lar aos ratos e morcegos e, desalentado, mas com esperança de melhores dias, inicia, em companhia de seus velhos paes, da mulher e filhinhos, uma nova phase de seu martyrio no caminho sangrento, inaugurado por Pero Coelho de Souza, palmilhado por todas as gerações cearenses e que para o futuro será ainda muitas vezes percorrido por bandos de famintos brasileiros, que por desgraça sua tenham de nascer nesse desprezado pedaço da Patria.

Ao longo da estrada toscas cruces, carcomidas pelo tempo, relembram a morte de infelizes retirantes das seccas passadas, morte miseravel, mas bem dita, que os libertou de tantos soffrimentos e infortunios. Pelo caminho árido e interminavel os retirantes se alimentam da carne apodrecida de rezes mortas, da raiz venenosa da mucunã e de outras plantas silvestres. Os mais fracos e doentes vão cahindo pela estrada e morrem estorcendo-se nos esgares da fome.

Abrigados nos açudes publicos

Os primeiros chegados se installam perto dos açudes publicos e ahi se entregam á agricultura.

O açude Acarahú-mirim, com a capacidade de 60 milhões de metros cubicos de agua, situado no municipio de Santa Anna do Acarahú, abrigou muitos retirantes na secca passada. A esse respeito o relatorio de 1915 da Inspectoria de Obras contra as Seccas diz o seguinte:

«Durante a secca de 1915, este açude prestou grandes beneficios não sómente ás populações das suas circumvizinhanças, mas, tambem, aos retirantes que, em elevado numero, se refugiaram nas suas immediações e aos quaes foram distribuidos, em lotes de 40 metros, os seus terrenos de vasante para cultivos diversos, vindo a proposito notar que, no fim do anno, existiam alli para mais de 200 familias, vivendo do producto das culturas de arroz, milho, feijão, batatas, melancias, melões, etc.

«Accresce que as aguas do açude, onde se dessendentavam para mais de 5.000 cabeças de gado, são abundantes em peixes, tanto que a pesca se fazia alli em toda a bacia do açude, calculando-se em 2.000 a média de peixes pescados diaria-

mente. Do producto da pesca uma parte era aproveitada para o sustento dos habitantes dos terrenos do açude e outra vendida pelos retirantes em Massapê, localidade vizinha ao açude.

« Nas vasantes desse reservatorio cultivou-se canna, de que se vendiam diariamente, durante os ultimos mezes do anno, cerca de 200 cargas, nos mercados vizinhos de Massapê, Santa Anna e Sobral, á razão de 5\$ cada uma.

« Finalmente, fizeram-se nellas grandes plantações de capim, que serviram para alimentar perto de 3.000 animaes, ou seja a maior parte do gado dos criadores vizinhos do açude e, ainda, abastecer o mercado de Massapê.

« Durante o anno de 1915 as aguas do Acarahú-Mirim baixaram 3,72 metros. »

O outro açude publico é o do Quixadá, o maior reservatorio do Ceará. Sua capacidade é de 125.000.000 de metros cubicos, mas no começo de 1915 havia nelle sómente 50.558.550 metros cubicos de agua.

Os terrenos á sua margem foram divididos em lotes de 40 metros de largura por 80 de fundo, sendo 30 metros de açude a dentro e 50 metros da linha de agua para fóra. Havia ao todo 559 lotes, occupados por igual numero de familias, ao todo 3.973 pessoas. A pesca nas aguas do açude foi tambem um importante recurso para os famintos: o relatorio da I. O. c. S. calcula a média de peixes apanhados diariamente em 2.700, sendo parte consumida pelos pescadores e o restante, depois de salgado, vendido para a redondeza em cargas e por via ferrea, tendo a exportação mensal pela estrada de ferro attingido á elevada cifra de 2.120 kilos.

« Admittindo-se o peso de 300 grammas por peixe, diz o mesmo relatorio, póde avaliar-se approximadamente que o açude forneceu 295.000 kilogrammas, durante o anno de 1915, os quaes, distribuidos pelas 4.000 pessoas ribeirinhas, deram para cada uma 76 kilogrammas. »

Na bacia irrigada foram localizados mais 1.665 retirantes, havendo o açude fornecido agua para a irrigação de 600 hectares de terra, pertencentes a 120 proprietarios.

Ha projectos para a construcção de canaes para a irrigação de 1.300 hectares de terra, mas até hoje foram abertos sómente os canaes para 600 hectares.

E' um facto indiscutivel que o local do açude do Quixadá foi mal escolhido: a bacia hydrographica é pequena em comparação com a bacia hydraulica, advindo dahi a probabilidade de nunca encher o açude; além disso as terras irrigaveis, muito salitrosas, são das peiores do Ceará.

Entretanto, o açude prestou inestimaveis serviços na secca, abrigando contra a fome e a sêde 5.638 pessoas e 5.000 animaes, na bacia de irrigação e na bacia hydraulica.

O açude de Aracahú-mirim não tem rêde de irrigação e por isso os retirantes se installaram sómente nas margens do mesmo.

Soccorridos pelas obras em construcção

Outros retirantes se empregaram: 1) nos açudes em construcção pela verba orçamentaria da Inspectoria de Obras contra a Secca; 2) nas obras de soccorro (açudes e estradas de rodagem) executadas pelas verbas extraordinarias de 55.000 contos para soccorro dos flagellados, e 3) no serviço do prolongamento da Rêde de Viação Cearense.

Vejamos agora quantos famintos foram soccorridos por esses serviços.

1) A I. O. c. S. continuou a construcção dos seguintes açudes:

Açude	1915 Operarios	Pessoal e material
Acarape do Meio.....	478	252:538\$134
Tucunduba.....	1.000	93:302\$363
Salão.....	700	46:941\$602
	<u>2.178</u>	<u>392:782\$101</u>

2) O total de creditos abertos até hoje por conta das verbas de soccorro aos flagellados foi de 11.500:000\$, sendo para o Ceará :

Em 1915.....	1.350:000\$000
Em 1916.....	1.020:000\$000
Em 1917.....	860:000\$000
	<u>3.430:000\$900</u>

Até hoje foram gastos no Ceará :

Em 1915 (tres mezes).....	669:436\$879
Em 1916.....	2.039:901\$401
Em 1917.....	251:523\$380
	<u>2.960:861\$660</u>

As obras do soccorro mandadas construir no Ceará e iniciadas em outubro de 1915 foram as seguintes:

	1915	1916
Açudes de terra:		
	Operarios	
Caio Prado.....	499	177
Parásinho.....	309	227
Patos.....	807	585
Guayuba.....	588	77
Velame.....	308	176
Riacho do Sangue.....	1.400	1.057
Bahú.....	—	203
Varzea da Volta.....	—	147
Mulungú.....	—	203
Estradas de rodagem:		
Sobral—Meruoca.....	—	505
Baturité—Guaramiranga.....	—	883
Quixadá—R. do Sangue.....	—	203
Total.....	3.911	4.441
Despezas:		
	1915	1916
Operarios.....	363:439\$962	1.580:525\$372
Pessoal tecnico.....	38:251\$547	214:391\$030
Material.....	267:745\$370	244:984\$990
Total.....	669:436\$962	2.039:901\$401

3) Ao mesmo tempo o Governo mandou, com o dinheiro depositado no Banco do Brazil para este fim, que então se elevava a réis 7.271:381\$726, prolongar a Rêde de Viação Cearense, cujo contracto de arrendamento e construcção com a South American Rlwy. Construction Co. Limited fôra annullado.

Os trabalhos do prolongamento da Estrada de Ferro de Baturité foram iniciados a 24 de novembro de 1915 e da Estrada de Ferro de Sobral a 15 de dezembro, sendo o seguinte o numero de trabalhadores dos referidos serviços e as despezas feitas:

	1915	1916
Estrada de ferro:		
	Operarios	
Baturité.....	3.000	2.700
Sobral.....	1.289	1.022
Total.....	4.289	3.722

	Despezas	
	1915	1916
Baturité:		
Material	366:177\$111	164:751\$533
Pessoal	148:007\$737	1.277:794\$774
Sobral:		
Material	13:230\$976	65:748\$776
Pessoal	24:069\$778	525:620\$916
	551:485\$602	2.033:915\$999

Recapitulando o numero de retirantes, que obtiveram socorro nas obras em construcção e abrigo nos açudes publicos já construidos, temos:

Retirantes soccorridos pelas obras em construcção, tomando-se por base sete pessoas de familia por operario:

Operarios Retirantes

1. Pela Inspectoria de Obras contra as

Seccas:

A contar de 1 de janeiro de 1915.....	478	3.346
A contar de novembro de 1915.....	1.700	11.900

2. Pela verba extraordinaria de soccorros:

A contar de 1 de outubro de 1915.....	3.911	27.377
---------------------------------------	-------	--------

3. Pela Rêde de Viação Cearense:

A contar de 24 de novembro e 15 de dezembro de 1915.....	4.289	30.023
	10.378	72.646

Retirantes abrigados pelos açudes:

Quixadá e Acarahú-mirim.....	7.039
	79.684

Os infelizes, que não conseguem trabalho nem abrigo, continuam sua via dolorosa.

Após percorrer leguas de caminhos pedregosos, expostos aos raios do sol abrazador, chegam ao ponto terminal da estrada de ferro, onde encontram milhares de irmãos de infortunio.

Pelas ruas da cidade vagam esqueleticas figuras esmolando; nos arredores, debaixo das arvores armaram suas rêdes

outras victimas do terrivel flagello. Andrajosos e mirrados, parecendo antès mortos, fugidos de suas tumbas, causa dó vèl-os: aqui, é um velho honrado, antigo fazendeiro abastado, de boa estirpe, que, rodeado de sua familia, se prepara para morrer; seus gemidos cruciantes indicam a sua proxima agonia; vae descansar das miserias soffridas, deixando no mundo, na mais extrema pobreza, entregues á sorte cruel, as suas filhas moças. Ali, é uma criancinha que morre, coberta de nojentas mescas; além, uma pobre mãe abandona os filhos para não vèl-os morrer de fome nos seus braços. Passa aqui uma louca, que a tantos infortunios não poude resistir. Ali, prevalecendo-se da fome e miseria de uma infeliz menina, um monstro de fôrma humana a seduz por uns miseraveis nickeis.

O SR. MOREIRA DA ROCHA — E' a fiel descripção do exodo dos retirantes.

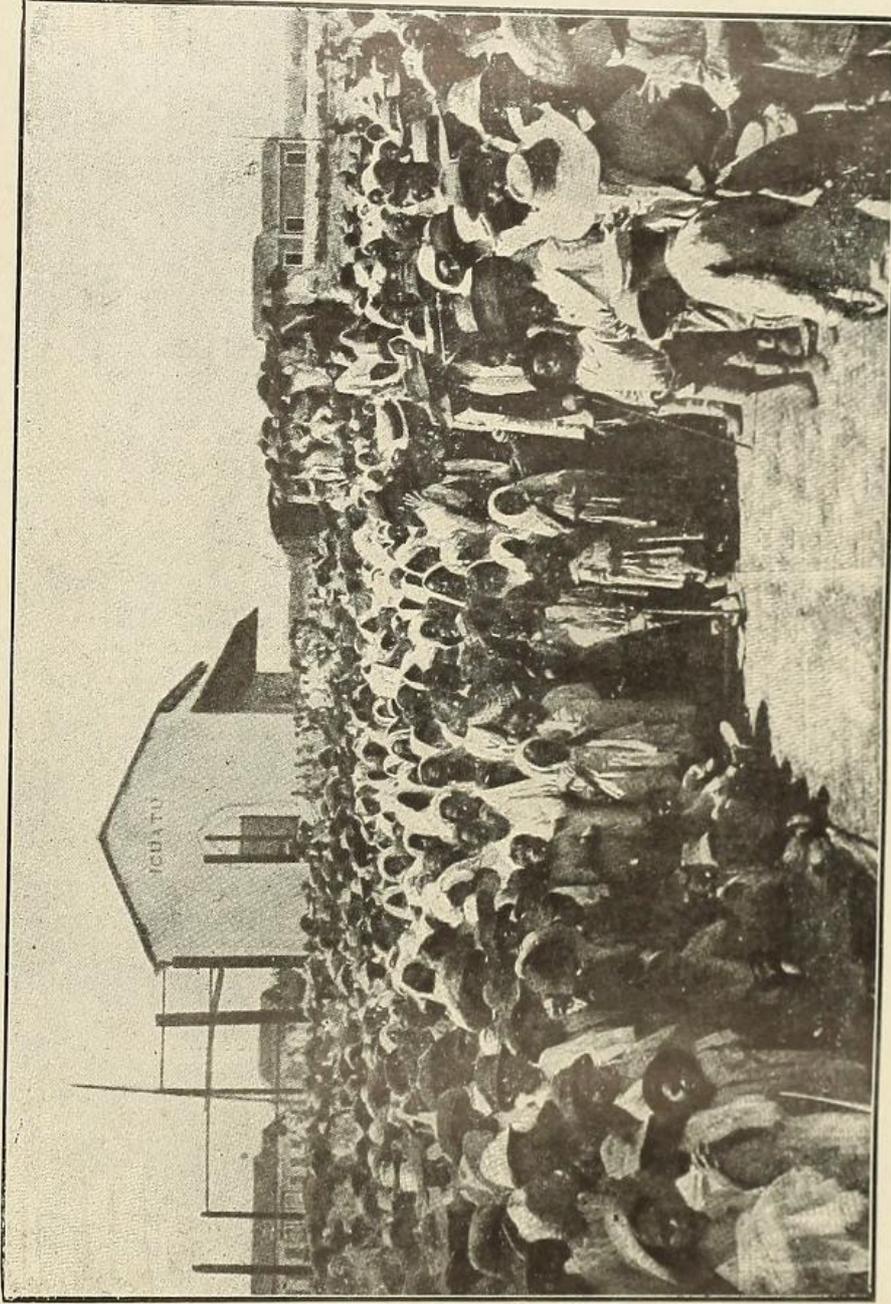
O SR. ILDEFONSO ALBANO — E' um quadro contristador de infamias e dores, presenciado em um paiz opulento como o nosso, onde colonos estrangeiros teem sua vida e bem estar garantidos, mas os brasileiros morrem de fome !

Esta photographia representa o povo agglomerado na estação do Iguatú, ponto terminal da estrada de ferro, por occasião da chegada ali de um trem de excursão. Um redactor da *Folha do Povo*, assim descreve esse spectaculo:

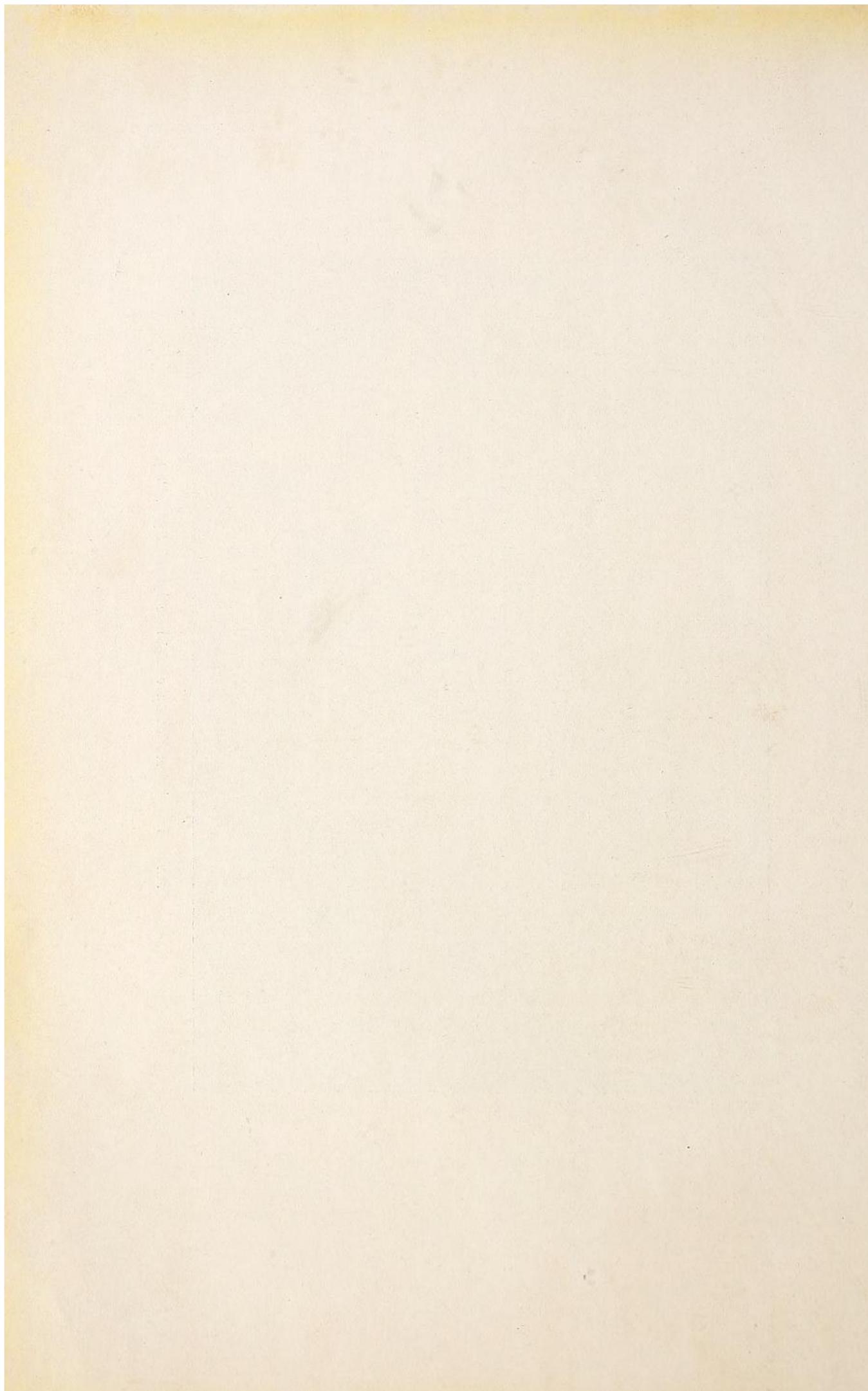
« Eram 11,50 da manhã de domingo, quando o trem de excursão entrou na cidade do Iguatú. Massa compacta de retirantes se apinhava na gare e suas immedições. Nas suas physionomias liam-se, ao primeiro golpe de vista, todos os dolorosos transes por que teem passado. Homens, mulheres, mocinhas e crianças, todos apresentavam o mesmo estado de penuria e inanição. Esta legião de desgraçados avançava de mãos supplices para todos nós, arrancando-nos, com as ultimas moedas, de que nos haviamos premunido, as phrases mais sinceras de nossa commiseração.

« Ante um quadro de tamanha miseria quem não desejaria possuir milhões para ir depositando naquellas mãos mirradas pela fome !

« Registramos aqui, como actos dignos de elogios, a lembrança da administração da Brazil N. Eastern Railways, enviando pelo seu distincto empregado Sr. Maciel a quantia de



Famintos agglomerados na estação de Iguatú (pag. 28).



500\$ e a Associação Commercial, dando a seu representante, nosso illustre companheiro Antonio Fiuza, a importancia de 300\$ para distribuirem pelos pobres retirantes.

«Foi uma scena impressionante essa distribuição. Difficilmente os dous esmoleres podiam se desempenhar da caridosa missão. As pobres victimas da miseria avançavam para o ponto de distribuição em um impeto, que sómente a fome produz. Atropellavam-se, cahiam, bradavam, procurando cada um chegar primeiro, com o receio bem fundado de que as esmolas se acabassem antes de chegar a sua vez.

«Foi nessa occasião que uma pobre mulher teve uma prolongada syncope, sabendo-se depois que fazia já tres dias que ella não comia.»

Rodolpho Theophilo e a variola

Na secca de 1915 só não nos foi dado assistir á irrupção da variola, até então a tetrica e fiel companheira da fome, que reduzia os famintos a ulceras de pús para então matal-os. Este beneficio incalculavel devemos unicamente ao benemerito cearense Rodolpho Theophilo, que ha 17 annos, com rara tenacidade e invejavel paciencia, vencendo immensas difficuldades e triumphando dos embarços creados por governos impatrioticos, tem preparado vaccina á sua custa, distribuindo-a gratuitamente para todo o Estado e vaccinando gratuitamente em Fortaleza.

O SR. MOREIRA DA ROCHA — E' um cearense benemerito. (Apoiados.)

O SR. ILDEFONSO ALBANO — Esta campanha é tanto mais meritoria, quando se sabe da prevenção que o povo ignorante tem pela vaccina e quando vemos que aqui no Rio de Janeiro, a capital saneada e civilizada do paiz, a Saude Publica, com o fim de combater a variola, manda affixar em todas as esquinas enormes cartazes convidando o povo a se fazer vacinar.

A respeito daquelle benemerito cearense, a quem o Estado deve esse beneficio, que jámais poderá pagar o Dr. Norberto Bachmann escreveu o seguinte em sua these, intitulada

«Variola e Estreptococco», defendida na Faculdade do Rio em 4 de abril de 1910:

«Nas grandes calamidades se apuram os caracteres e ressaltam os grandes e bons; um homem só, de encontro ás formidaveis barreiras da ignorancia do povo e da rotina dos governantes, pedindo, exhortando, convencendo, inabalavel em sua fé de cientista e de crente, conseguiu eliminar das plagas cearenses o mal cruelmente assassino. Não ha mais variola no Ceará; e nesta terra formosissima e boa, Esparta de antanho revivescida, terra de fortes, terra de heroes, nunca se olvide o nome puro de Rodolpho Theophilo, o mais benemerito de seus filhos.

«Ao lidimo representante desta raça vigorosa, nobre e pertinaz, ao grande trabalhador, ao cientista proficiente, cuja vida sem jaça é exemplo acrysolado do valor da virtude e do saber, neste meu pequeno trabalho, saudo reverente. Mostrem-se-lhe gratos os filhos do sul, si os do norte não o sabem ser bastante.

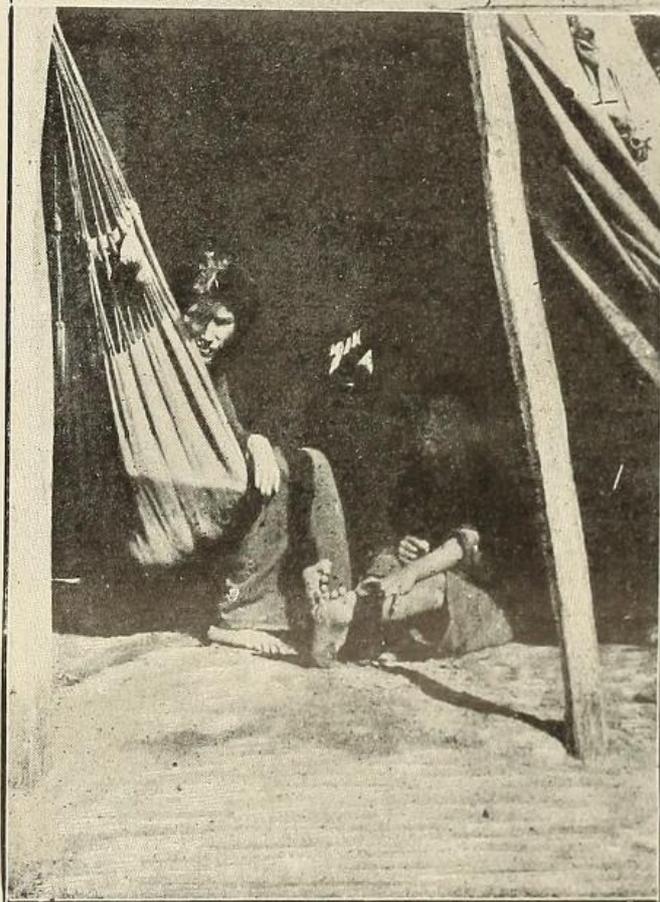
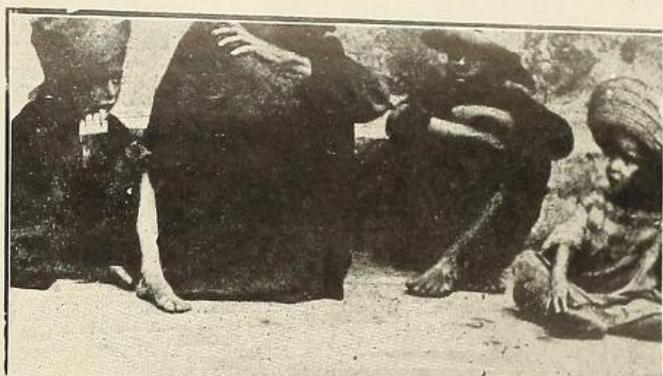
«E para que seja de facil avaliação a obra formidavel do intemerato cearense, volvamos até ao Rio de Janeiro. Na Capital dessa cultissima nação brasileira, os obituarios dos ultimos 45 annos (1865-1909), registram 32.597 fallecidos, em 11 epidemias de variola, que se succederam neste espaço de tempo, e desses nada menos do que 9.046 (nove mil e quarenta e seis) correspondem á ultima epidemia de 1908-1909.»

O « campo de concentração » em Fortaleza

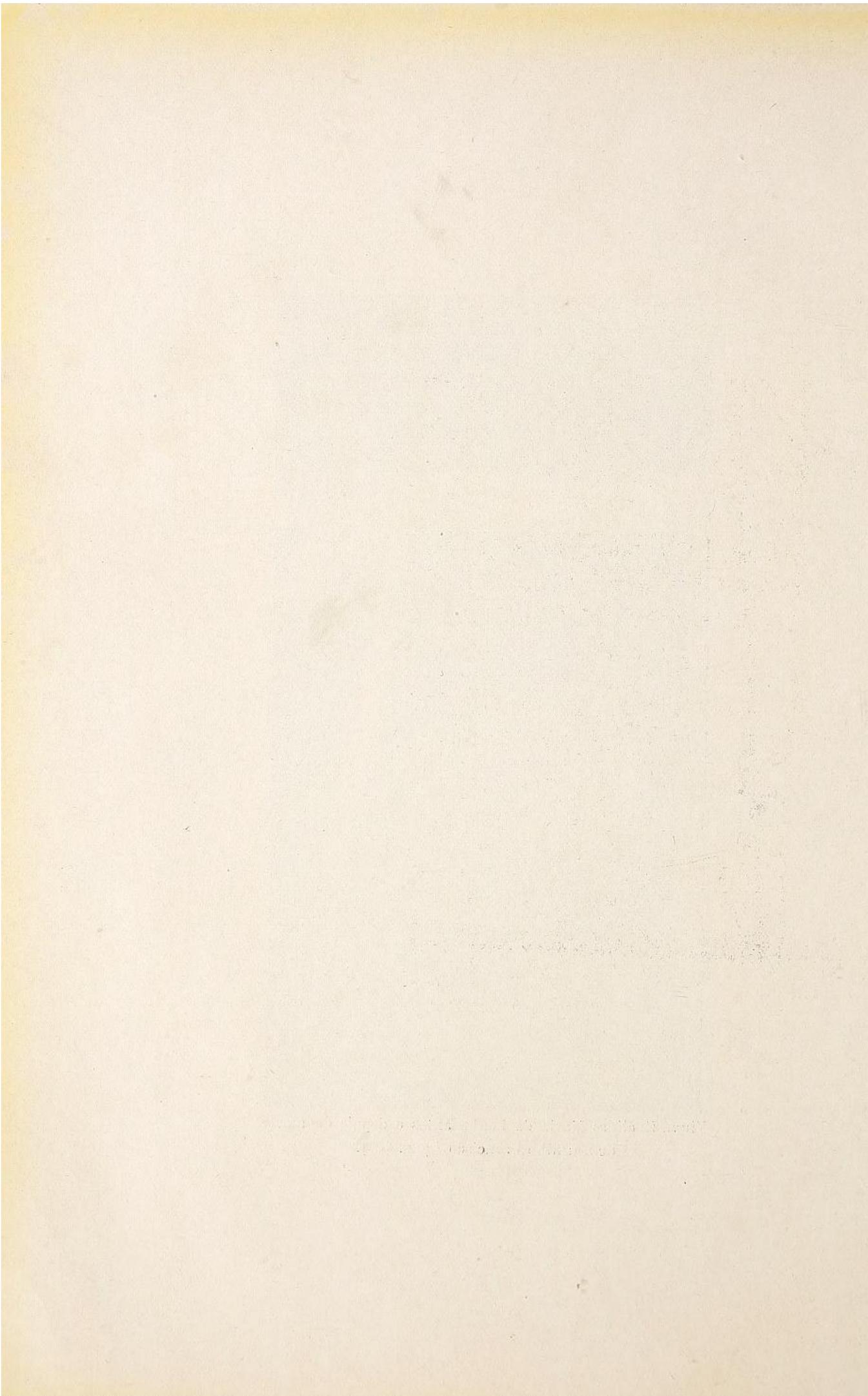
Do Iguatú seguem os retirantes para Fortaleza pela estrada de ferro em carros de passageiros, de mercadorias ou de animaes.

Na capital ainda não fiñda o martyrio desses infelizes brasileiros.

Na secca de 1915 foram elles, em numero que attingiu 35.000, encurralados em um grande cercado ás portas da cidade. Viviam debaixo de cajueiros sem folhas, expostos ao sol e á chuva, em completa promiscuidade; recebiam diariamente uma miseravel ração de comida e satisfiziam as suas necessidades «in loco». Nesse ambiente de immundicie ir-



Viuva Euclides Maria da Penha antes e depois da morte
de seu filho Francisco (pag. 31).



rompeu uma terrível epidemia de paratypho, fazendo innumeras victimas entre os retirantes e habitantes de Fortaleza.

Nesse curral de gado humano se repetiram as mesmas lancinantes scenas de miserias do Iguatú.

Talvez seja eu acoimado de exagerado e accusado de cargar nas côres das descripções, que venho fazendo. Nada mais natural, do que pensarem assim, pois, quem nunca teve a infelicidade de conhecer de perto os deploraveis supplicios que soffrem os meus desventurados patricios, quando acossados pela fome, quem do Brazil conhece sómente o Rio e os Estados mais ricos e prosperos, com suas estações regulares e seus rios perennes, não poderá fazer idéa do que seja uma secca.

Photographias de retirantes

Quero mostrar á Camara algumas photographias apanhadas por mim em Fortaleza, nos mezes de março e abril de 1916, quando, já finda a secca, quasi todos os flagellados haviam regressado para o interior do Estado.

A primeira photographia, apanhada no mercado, a 25 de março, representa a viuva Euclides Maria da Penha e seus tres filhos, naturaes do Riacho da Sella, termo do Arraial onde se entregavam á agricultura em terreno de sua propriedade. Com a morte de seu marido Quirino José de Salles, em consequencia da secca, a viuva abandonou sua terra e veiu com os filhos, a pé, percorrendo 90 kilometros, até Fortaleza, onde se achavam ha cerca de oito mezes. Notei que o pequeno Francisco, sentado á direita de sua mãe, estava tão magro e desfeito, que resolvi ir á sua barraca apanhar uma photographia melhor. Lá chegando, a 3 de abril, fui informado de que havia morrido de diarrhéa a 31 de março; e que o menino menor estava recolhido ao Instituto de Protecção á Infancia. Nessa occasião apanhei a segunda photographia da viuva Euclides Maria da Penha com seu filho maior; a pobre mulher se queixava de uma forte dor de cabeça e de uma fraqueza e desanimo extremos.

A seguinte photographia, apanhada a 25 de março, no mercado de Fortaleza, representa Maria Silvana, natural do Bahú, com seu filhinho, uma verdadeira múmia. A infeliz mulher chorava e escondia o rosto.

Esta photographia, apanhada a 27 de março, é da pequena Maria, de cinco annos de idade, com sua mãe Maria Francisca, casada com José Pereira, que ha cinco annos se achava no Amazonas, sem dar noticias de si. Entregavam-se á agricultura em Lagoinha, a sete leguas de Lavras. Com a secca e a miseria abandonaram suas terras e andaram a pé 80 kilometros, até Iguatú e dahi pela estrada de ferro até Fortaleza.

Esta outra photographia representa a pequena Anna, filha de Raymundo Pinheiro do Nascimento e sua mulher Antonia Nascimento, agricultores em S. José de Piranha, na Parahyba. E', como se vê, um pequeno cadaver ambulante.

A seguinte photographia é de Salustiano Alves Bezerra, sua mulher, cinco filhos, cunhada e sogro Antonio Moreira, velho encanecido na luta honrada e laboriosa. São naturaes de Pedra Branca, onde se dedicavam á agricultura. Quando a secca apertou, deixaram sua terra e percorreram a pé cerca de 240 kilometros, tendo levado na travessia uns quatro mezes. Em Baturité morreram dous meninos, em consequencia da anasarca e, com se vê dessa photographia, um terceiro está com o mal adeantado, e uma menina, com a pelle sobre os ossos, em breve será victimada pela mesma molestia.

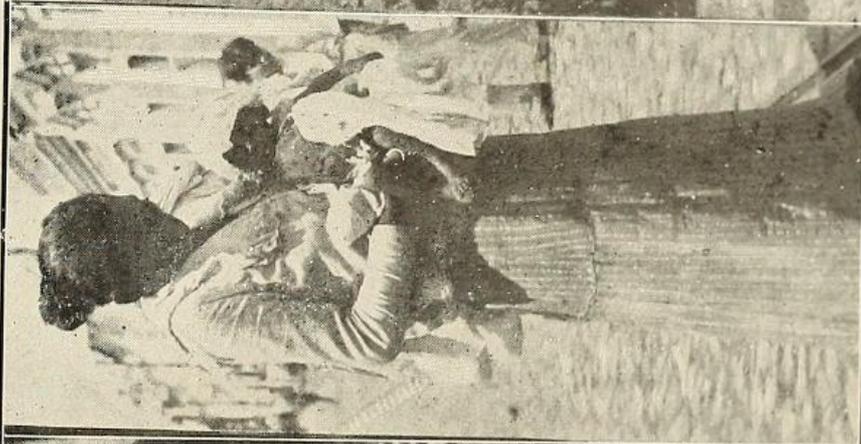
Esta ultima photographia representa uma mulher martyr, Umbelina do Nascimento, segurando ao cõllo sua filhinha Maria Celeste, doente de diarrhéa. Esta mulher, seu marido Vicente Lopes Ferreira, 11 filhos e um genro eram agricultores no Pacoty, na serra de Baturité. Em virtude da secca venderam suas terras por 80\$ e vieram para Fortaleza a pé. Ahi morreram de diarrhéa o marido della, dous filhos, uma filha e um neto e, como se está vendo pela photographia, estava prestes a succumbir a pequena Maria Celeste, que com sua physionomia de dor e seu corpo disforme é a figura do Ceará, depois de uma secca, alquebrado e reduzido a um feixe de ossos. Infeliz criança innocente, tiveste esse triste destino, porque nasceste no Ceará!

O SR. JOSÉ AUGUSTO — E' de cortar o coração a exposição destes factos. (Apoiados.)

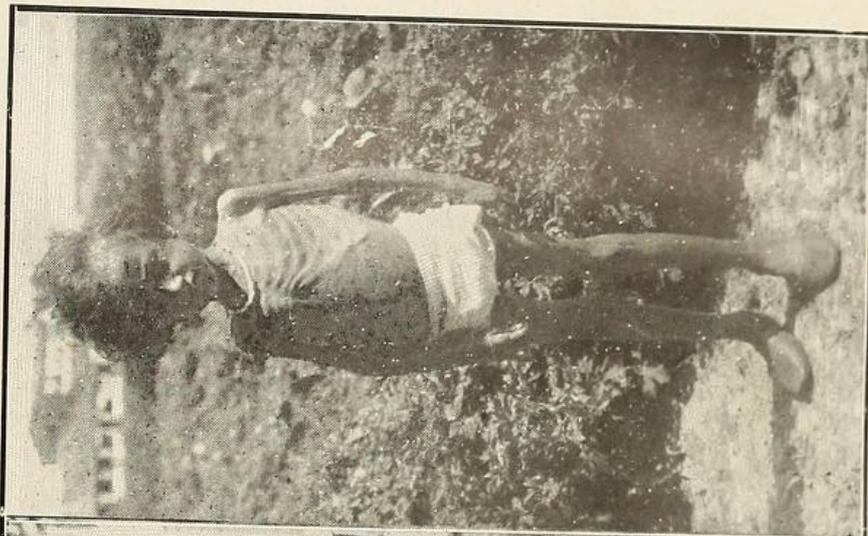
O SR. ILDEFONSO ALBANO — Estas photographias, apanhadas em março e abril de 1916, já depois do inverno de 1916 iniciado,



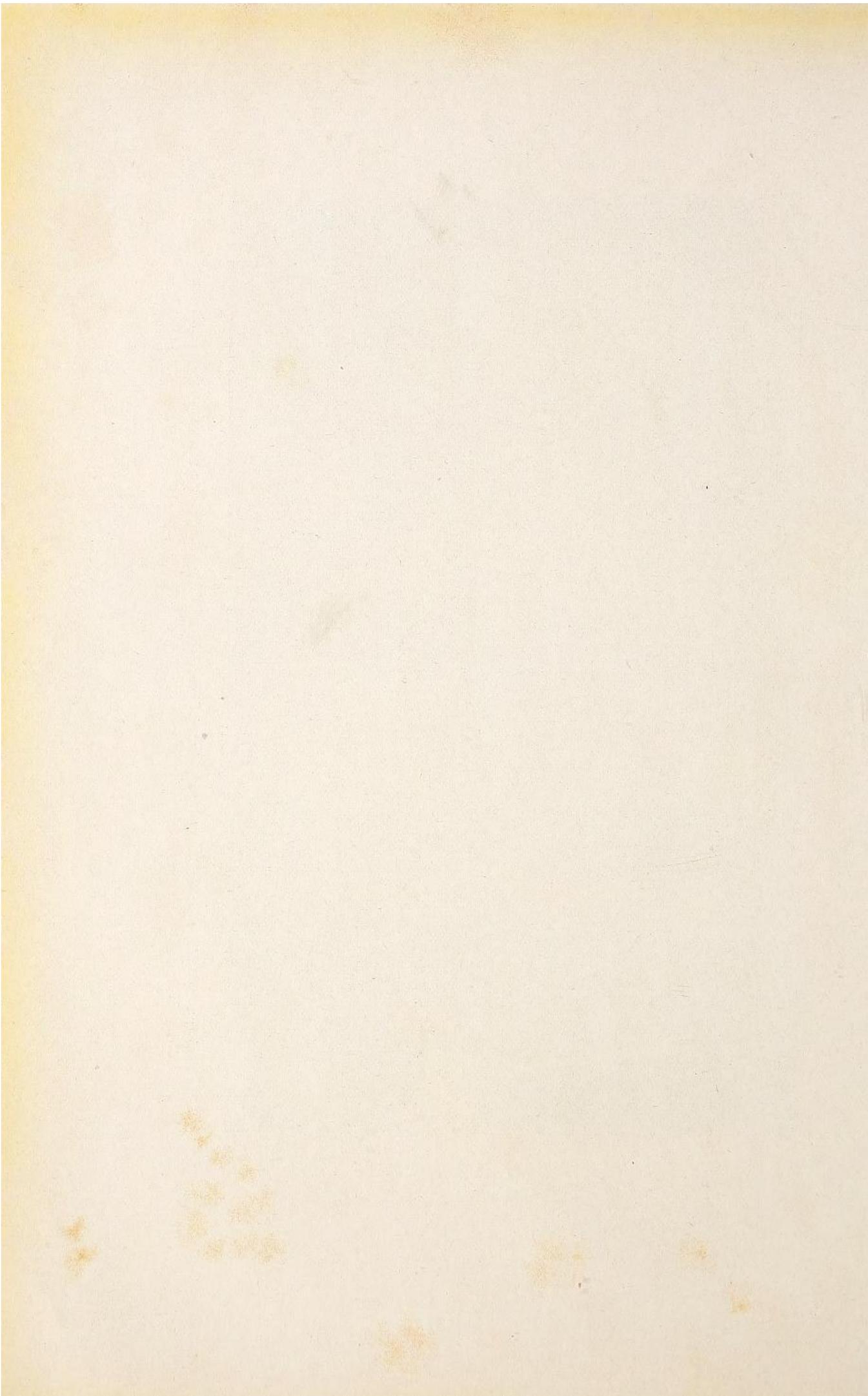
Maria, 5 anos de idade (pag. 32).



Maria Silvana (pag. 31).



Anna, 5 anos de idade (pag. 32).



dispensam quaesquer explicações ou commentarios, pois são provas eloquentes e insophismaveis da miseria e soffrimento dos cearenses em tempo de secca.

Infelizmente não me foi possivel obter photographias apanhadas no auge da secca, que seriam ainda mais horrorosas e tristes.

Testemunho insuspeito

Ainda em testemunho das minhas affirmações citarei o Dr. Ernesto Antonio Lassance Cunha, natural do Rio Grande do Sul, engenheiro distincto, que, em commissão na Estrada de Ferro de Baturité durante longos annos, assistiu ás seccas de 1877-79 e 1888 e viu de perto o soffrimento do Ceará. Este illustre engenheiro, a quem nosso Estado muito deve, escreveu em 1900, no *Correio do Povo*, de Porto Alegre, varios artigos sobre as seccas do Ceará. Seu testemunho, absolutamente insuspeito, é por isso muito valioso. São delle os seguintes trechos:

« Que é o exodo, a viagem dos longinquos sertões para o littoral durante uma secca?

« E' a fome, a sêde, a doença, o cansaço; a nudez; o abatimento moral e a sua perversão! E' o caminhar entre duas laminas de ferro em braza — o sol, dando ao ambiente uma temperatura superior a 40°, e o solo impedernido, concentrando-a e reflectindo-a! E' o constante espectaculo de esqueletos em marcha e o da morte do homem e do irracional! E' o atravessar uma atmospherá fartamente impregnada do cheiro nauseabundo do cadaver em putrefacção, orchestrada com as notas funebres e tetricas dos prantos e gemidos do viajor.

« E' o estalar dos labios do recém-nascido, lutando para sugar alimento do seio atrophiado da mulher-mãe e o soluçar desesperado desta por não poder fornecel-o!

« E' o homem, desalojando a ave de rapina, que desfructa o largo e variado banquete de carnes podres, para furtar ao corvo sua repugnante presa.

« E' a miseria indefesa e torturada sem treguas por tudo aquillo que póde ultrapassar a imaginação do genio mais feroz e cruel!

«E' a concretização do martyrio! E', finalmente o retirante cearense!

«Passemos a descrever como é feita a viagem. O abastado de hontem enceta a viagem a cavallo, para continual-a a pé, desde o momento em que o animal cáe extenuado ou morto. O proletario faz a pé toda a viagem, vencendo distancias de dezenas de leguas.

«O abastado leva como bagagem a roupa do corpo e a «maca» (sacco de couro de ovelha) pendida ás costas, guardando a rêde e o alimento. O hombro serve de apoio ao bordão em que traz dependurada a «borracha» (sacco de couro curtido para conduzir agua).

«Sua alimentação é a carne de vacca ou cabra, secca ao sol e pilada, com farinha de mandioca e rapadura. A bagagem do proletario é a sua vestimenta composta de camisa e ceroula de algodãozinho, alpercatas e chapéo de couro. Nada carrega comsigo, porque todo seu possuido abandonou antes de partir. Quando o corpo pede descanso, atira-se ao sólo quente.

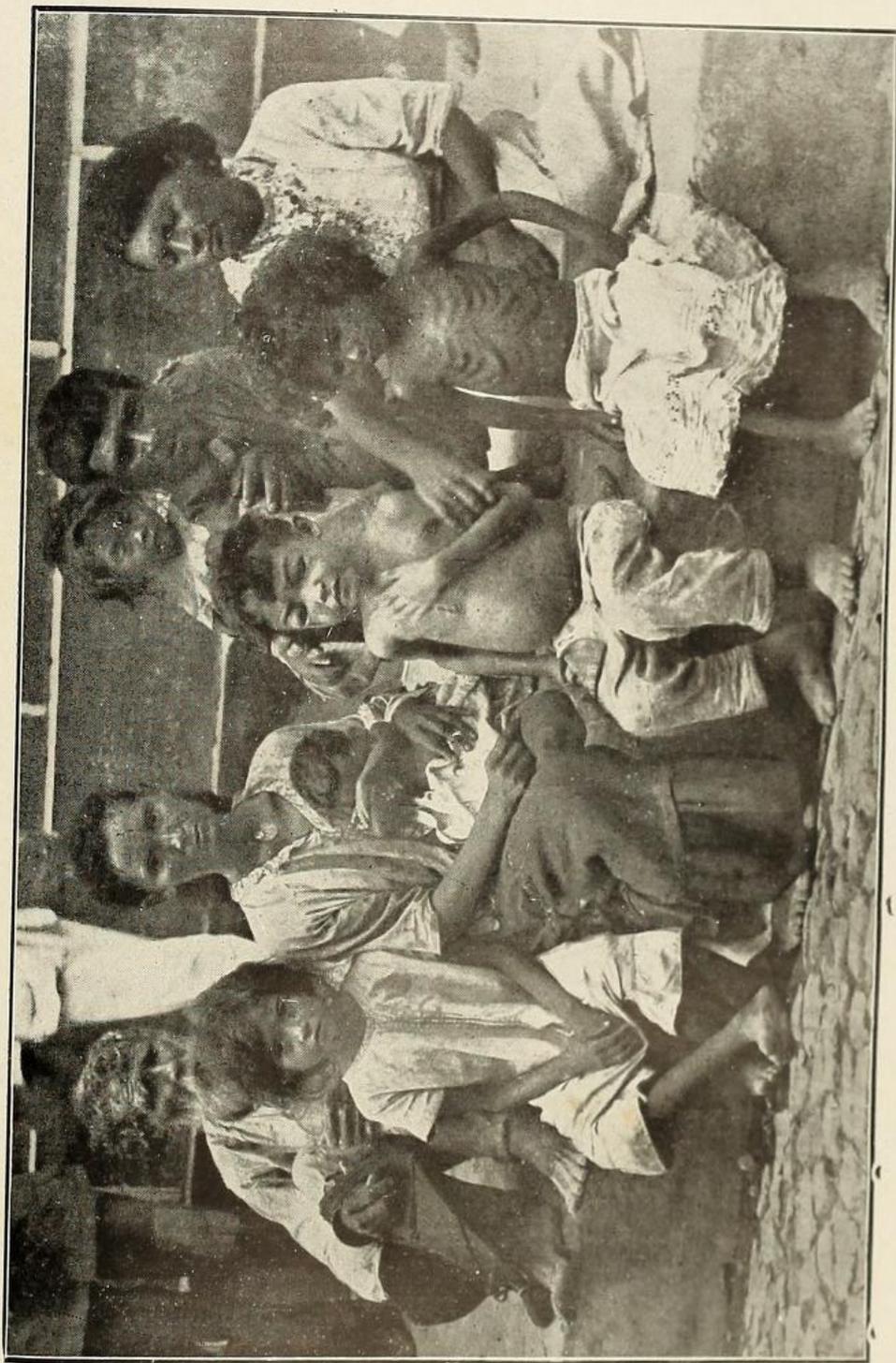
«Quando sente fome, alimenta-se com raizes toxicas, como a da «mucunã», do «xique-xique» e, si estes «alimentos» faltam, come a carne já putrefacta de qualquer boi que encontra morto!

«Busca sempre sestar no leito de alguma ravina, para beber agua. Ahi cava um buraco e ás vezes tem a fortuna de encontrar algumas gottas d'agua salgada. As alimentações citadas, que usam abastados e proletarios, produzem: nos primeiros, pela insufficiencia de elementos nutritivos, um depauperamento geral do physico, dando-lhes o aspecto de verdadeiros esqueletos; nos segundos a ingestão da substancia toxica da mucunã produz grande diarrhéa e uma infiltração geral no corpo, dando a este, principalmente ao abdomen, proporções as mais exaggeradas.

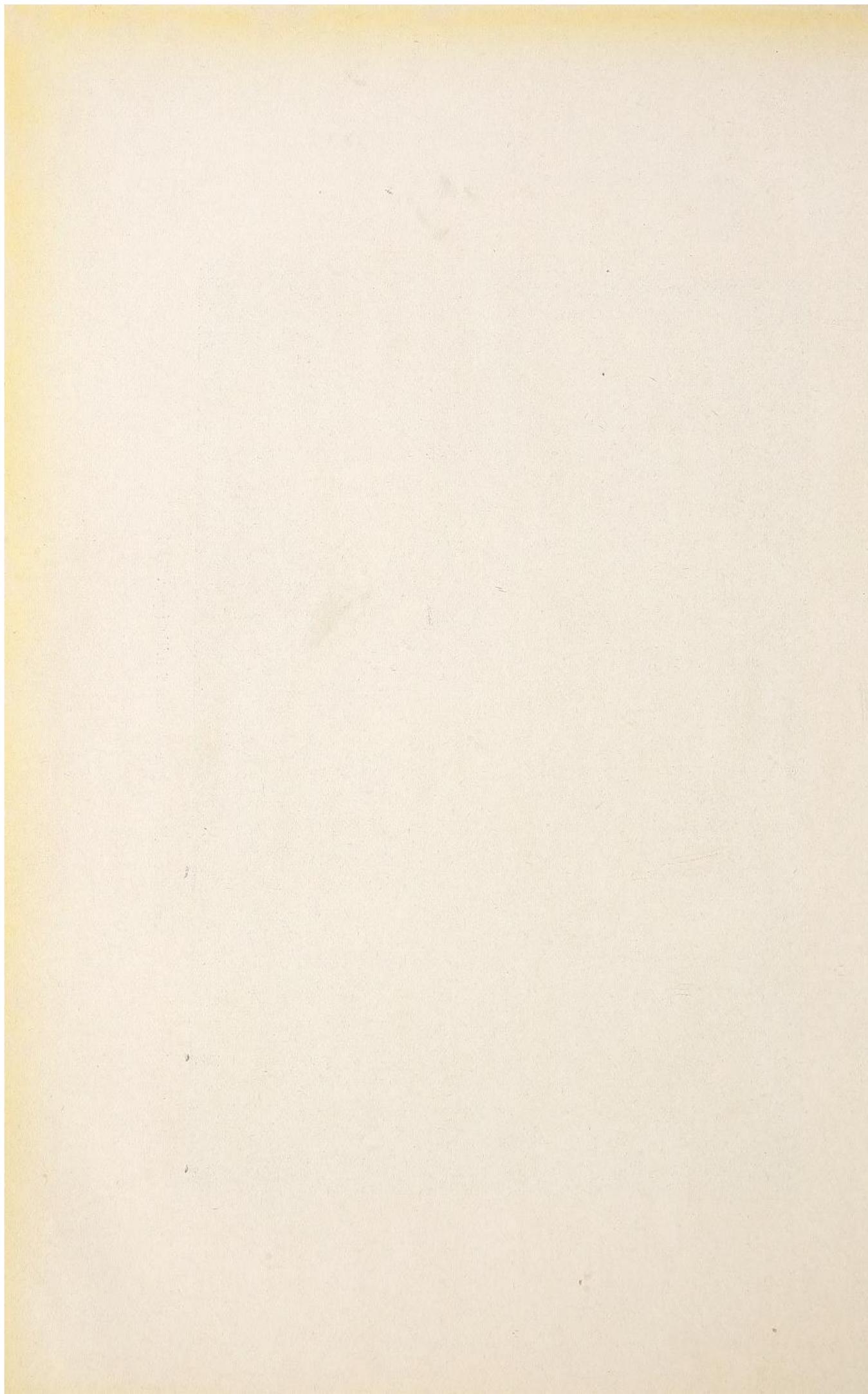
«Algumas turmas de retirantes deparam ás vezes com uma grande felicidade, qual a do encontro com um bando de «avoantes», pequenas pombas, do tamanho da rôla.

«Por occasião das seccas ellas emigram em bandos de muitos milhares, produzindo, quando voam, geralmente em pequena altura, um zumbido extraordinario.

«Repentinamente pousam no campo, onde muito pouco



Salustiano Alves Bezerra e sua familia (pag. 32).



se demoram, sendo nessa occasião facillima a caça de centenas, mesmo á pedra. Quando retomam o vôo, o campo fica alastrado de ovos.

«O retirante secca ao sol o producto da caçada e assim tem alimento por alguns dias.

«Pela fórma descripta proseguem a viagem, deixando no caminho a quem a morte ou o exgottamento de forças impede seguir jornada tão triste e lutuosa.

«Apesar de doentes e extenuados pela fadiga, suas marchas são acceleradas. Páram sómente o tempo preciso para se alimentarem, quando teem com que, e para poucas horas de somno. Assim é preciso, para poderem alcançar o primeiro povoado, onde talvez possam refazer as forças para proseguirem na viagem.»

As cidades na proximidade da capital, nas quaes se demoram os retirantes para reanimar o organismo, o Dr. Lasance Cunha descreve do seguinte modo:

«Penetremos nesse antro.

«A atmospherá vos suffoca e vos produz nauseas por mais privilegiado que tenhaes vosso estomago. Ella é constituida: pelos gazes exhalados das dejecções intestinaes e renaes de milhares de pessoas em sua maior parte enfermas, cimentando o sólo; pelos de dezenas de cadaveres de homens e animaes mal sepultados ou insepultos por muitas horas; pelo fumo desprendido de vasos cosendo alimentos impossiveis; finalmente, e talvez peor que tudo isso, pelo cheiro nauseabundo e peculiar ao retirante e que é intoleravel a dez metros de distancia. Collocae todas essas podridões sob a influencia dos raios solares e sentireis alguma cousa mais nojenta e repugnante, que as exhalções da cloaca mais immunda.

«E' essa a atmospherá que respira o retirante, e é esse o ambiente em que estão mergulhados.

«Já tendes, caro leitor, o olphato tristemente impressionado; tende, porém, paciencia; é preciso que olheis para a rua, afim de verdes como a natureza tem mais saber inventivo que o homem, no sentido de descobrir crueldades para torturar a humanidade. Principiae olhando para o conjuncto do quadro, para depois examinardes os grupos.

«O que vêdes? Dez, quinze, vinte mil pessoas, de ambos os sexos, de todas as idades e hontem de todas as condições sociaes. Uns vestidos, outros quasi vestidos, muitos cobrindo a nudez com uma tanga e ainda muitos, principalmente as crianças, completamente nús. A poeira argamassada com as secreções da pelle, empasta-lhes o corpo e os cabellos desgrenhados, dando-lhes aspectos os mais nojentos. Parte desse povo está reduzido pela fome a verdadeiros esqueletos e aptos a servirem com vantagem em estudos osteologicos; outros formam antithese completa com seus corpos exaggeradamente deformados pela anazarca. O mais robusto andando livremente ou servindo de bordão á velhice depauperada pela miseria e pela fome. Alguns arrastando-se com difficuldade, outros arrastados, por já não terem os membros inferiores a energia precisa para carregar-lhes o tronco do corpo. Muitos deitados pela molestia e não pequeno numero de cadaveres, tendo estes o sólo para eça, o ambiente para camara ardente, os raios do sol e das estrellas para brandões.

«As arvores desfolhadas servem de «abrigo» ás familias e a pequena área limitada pelos galhos desempenha os papeis de salão, refeitório, dormitório e latrina.

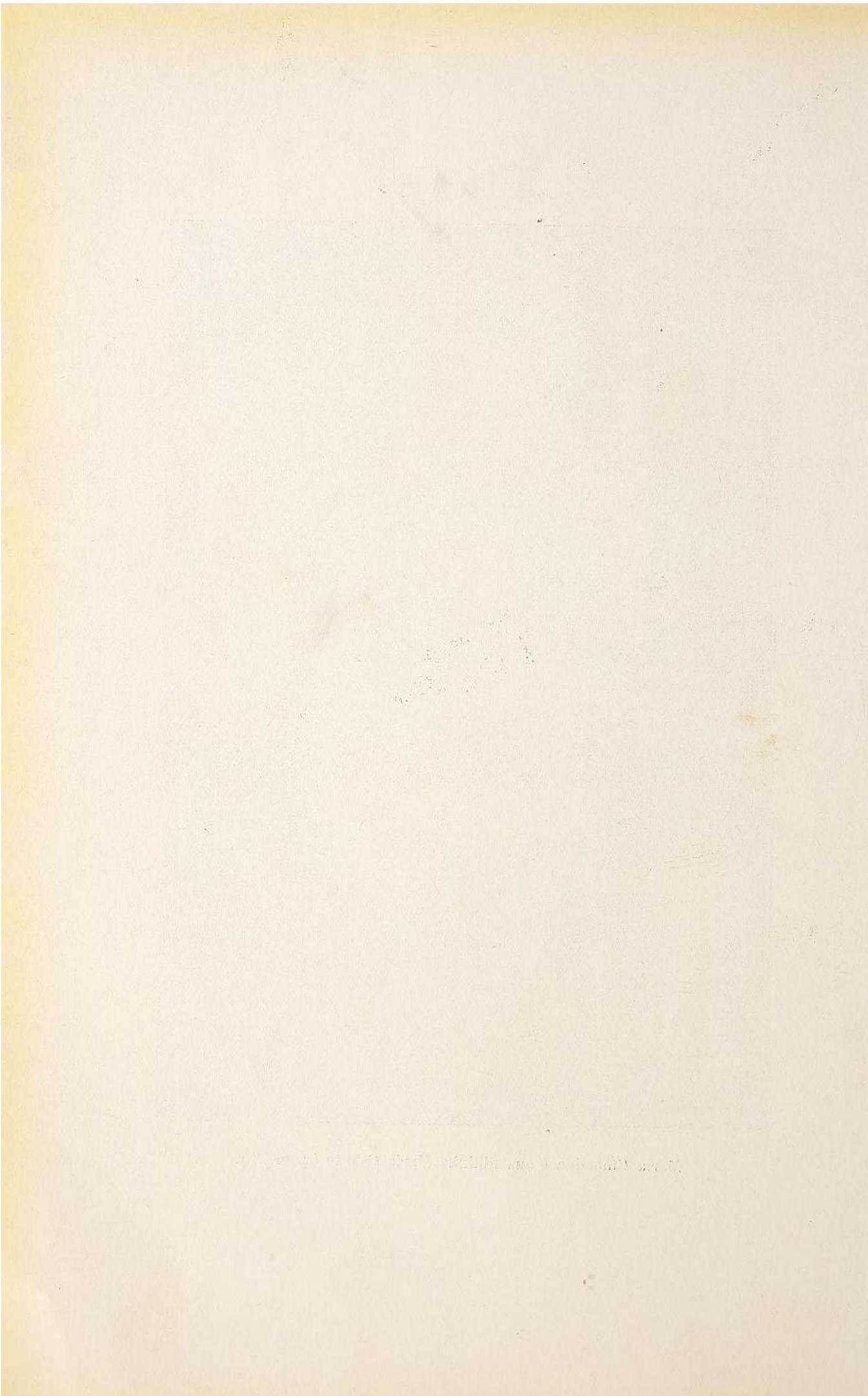
«Os solteiros teem aposentos mais vastos: qualquer ponto da rua é commoda habitação para a necessidade do momento.

«Ouve-se uma algazarra infernal. Alli é um grupo de ambos os sexos, geralmente cegos, que em côro plangente pedem esmola em nome de Deus; mais adeante, um outro grupo, de joelhos em torno do moribundo e que de vozes lugubres e ritual pedem ao Omnipotente que a alma do infeliz tenha logar na mansão celeste. Aqui, estão assentados grupos de dous ou tres individuos, tendo ao lado um sacco de farinha, estilhaços de carne velha (xarque) e um pote de mel, que gritam desabridamente apregoando a mercadoria exposta á venda. Alli, individuos esparsos offerecendo em altas vozes ao mercado os restos de sua fortuna, um cordão de ouro, um amuleto, um brinco, uma peça de roupa, retalhos de uma rêde ou o proprio chapéo de couro.

«Em um canto, ouve-se o estalar das palmas a dous trovadores, que ao som de uma viola duellam-se, tendo para armas as trovas alegres de uma canção popular do sertão.



Maria Umbelina e sua filhinha Maria Celeste (pag. 32).



Pouco além escuta-se o gemido do enfermo e o gemido do faminto. Repentinamente ha como que um turbilhão que abafa a todas essas vozes, que no mesmo palco cantam, em córos distinctos, a pobreza, a agonia, a morte, a alegria, a avareza, a miseria e a dôr physica: é a algazarra produzida pela gargalhada estridente, com entonações roubadas ás feras — da miseria animada em muitos — vaiando sob qualquer pretexto a mesma miseria encarnada em um só.

«Com a descripção que acabamos de fazer, podíamos nos dispensar de descrever o moral dessas infelizes creaturas, naturalmente e em absoluto abatido e deprimido pelo abandono do lar, pela perda dos meios de subsistencia, pela morte de pessoas caras e pelos horriveis soffrimentos do corpo. A deducção é facillima. Com effeito, o que esperar da vida obrigatoria e commum de milhares de pessoas, sem distincção de classe, nem de costumes, em estado quasi de nudez e nivelados pela miseria?

«Que sorte póde aguardar a orphandade da donzella e a viuvez prematura, ambas desamparadas e pedindo um pão para não morrer de fome, quando é certo que existem no mundo feras disfarçadas em homens e por conseguinte mais ferozes que ellas? Não queremos proseguir em tal assumpto; respeitemos e tenhamos compaixão dos que são martyrizados pela fome de mãos dadas com a peste. Lamentemos a sorte do retirante cearense.

«As levas de retirantes continuam, com a promiscuidade e soffrimentos descriptos, a arrastar-se para as cidades do littoral, affluindo a maior parte para Fortaleza em busca do soccorro publico, garantido pela Constituição e fornecido pela caridade particular.

«Não nos deteremos em descripções minuciosas sobre o que se passa nesses centros populosos. A synthese é infelizmente a seguinte: todos os soffrimentos physicos e moraes já descriptos, apenas modificados pela ração dada como esmola ou como salario.

«Isto não os salva, minora-lhes pouco os soffrimentos.

«A fatalidade quer que todo o Estado tenha quinhão na partilha dos soffrimentos.

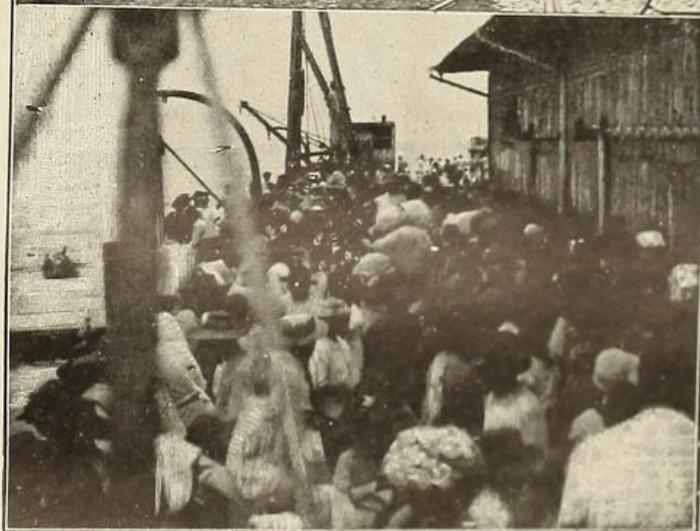
« As cidades do littoral não soffrem o martyrio da fome, porque o commercio, por via maritima, abastece-se de generos alimenticios; porém uma população adventicia de muitos milhares de pessoas nas condições descriptas, mal alimentadas, pessimamente abrigadas das intemperies, doentes, sem noção dos principios da mais elementar hygiene: entupindo as ruas e praças, são desgraçadamente portadoras fieis da peste, caracterizada por febres de differentes especies, predominando a biliosa, pela diarrhéa, variola hemorrhagica e outras, tendo origem microbiana em materias fermentaveis, notadamente nos escrementos humanos.

.....
« E' facil, pois, comprehender qual era naquella época o estado moral da população de Fortaleza e o que estava reservado para cada individuo ou familia no dia de amanhã.

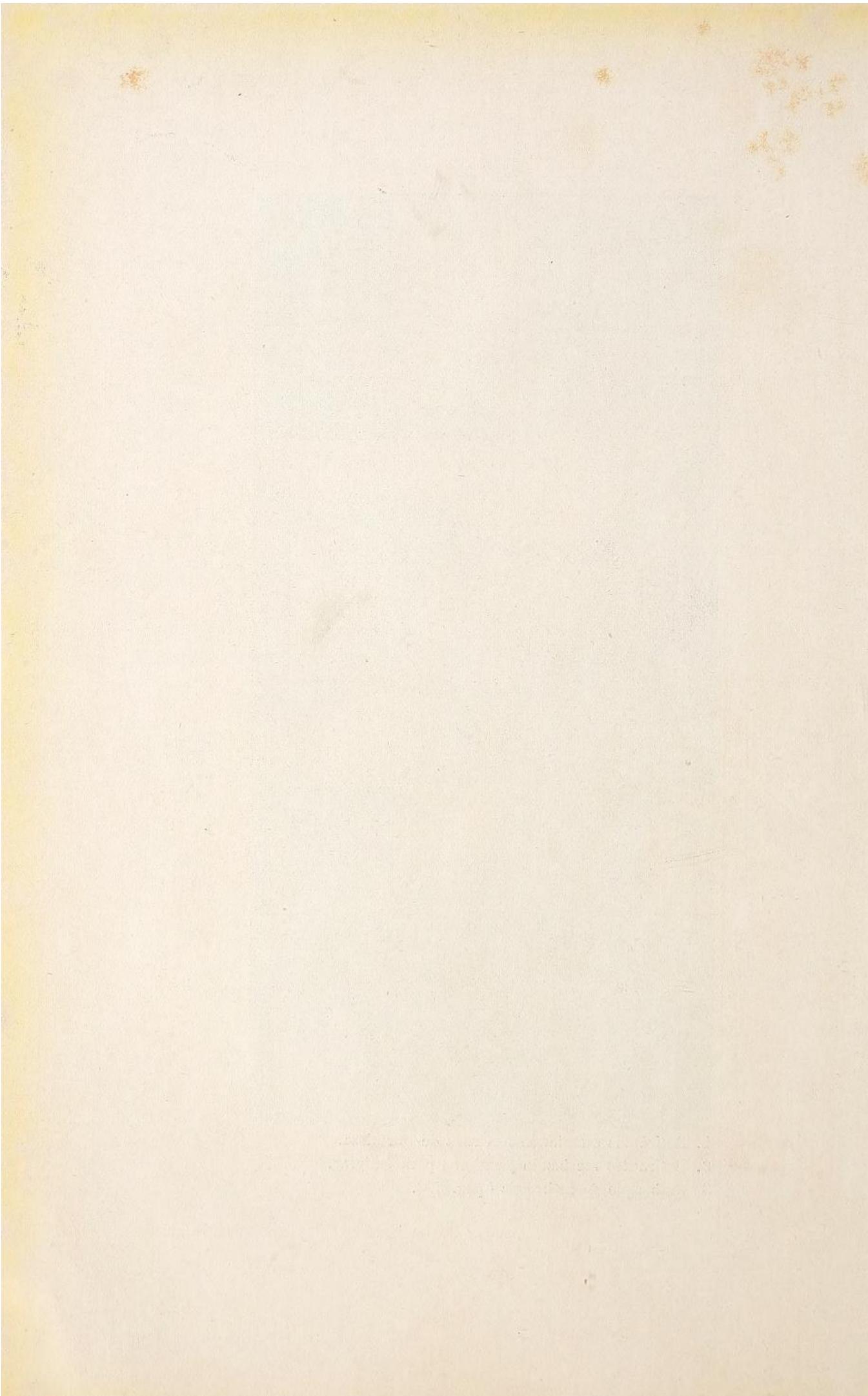
.....
« A tristeza, o panico, o terror, actuando como deprimentes no moral, unido á falta de recursos, pelo desbarato que soffreu a fortuna particular, impedia a população da capital a tomar a unica resolução salvadora: a fuga immediata por via maritima. Era, pois, uma cidade bloqueada. Era a miseria bloqueando a miseria, a fome e a peste.

« Não precisamos dizer mais nada sobre tão triste assumpto. Cada linha que escrevemos, a penna nos treme, e por dous motivos: martyrizar a imaginação relembrando tragedia tão dolorosa, e a ideia de que nosso caro Ceará está outra vez convertido em palco para uma nova representação. Muito receiamos que a nossa singela descripção seja taxada de exagerada e damos razão a quem assim o julgar. Quem vive em clima tão regular e ameno quanto o sul do Brazil, cujo sólo, por sua constituição geologica e por ser irrigado perennemente, tem qualidades e proporções para servir de celleiro a grande parte do mundo, difficilmente poderá admittir e tomar como veridicas nossas descrições.

« Felizmente — referindo-se a umas photographias, que estavam em exposição — temos uma prova material para convencer e demonstrar, quão longe da cruel realidade estão os nossos escriptos.»



1. Retirantes esmolando nas ruas de Fortaleza.
2. Retirantes recebendo passagens para emigrar.
- 3 Embarque de retirantes (pag. 39).



Essa fiel descripção do exodo dos flagellados mostra que o Dr. Lassance Cunha viu de perto e sentiu com os cearenses a desgraça soffrida durante as seccas, ficando-lhe della uma impressão tão nitida, que annos depois nos poude expor aquelle spectaculo de miserias e infamias em cores tão vivas.

Como muito bem diz o illustre engenheiro, seus escriptos estão longe da verdade, pois ninguem é capaz de exprimir em palavras as agruras atrozes, os infames soffrimentos da alma desses infelizes entes humanos, brazileiros de nascimento, acostumados a uma vida de trabalho honrado, relativo bem-estar e prosperidade, que de repente se vêem na mais profunda desgraça, arrastando suas esqualidas e maceradas figuras de peregrinos da fome pelos mirrados sertões cearenses, passando dias de provações e amarguras e assistindo ao descambar, ao aniquilamento physico e moral dos entes queridos, percebendo que, dia a dia, a miseria e o vicio se infiltram em seu meio, minando continua e surdamente o seu lar honrado. Fibra de heróes, querem reagir com energia, mas, finalmente, deante de tantos revezes e tamañhas angustias, esquecidos dos homens e como que abandonados de Deus, se entregam desvairados a um indifferentismo morbido e impassivel.

Essas tragedias formidaveis, que se teem desenrolado nos sertões do nordéste, debaixo da sombra hospitaleira do auri-verde pendão patrio, pennas não descrevem, phrases não conseguem pintar.

Emigrantes

Mas... a esses parias aviltados resta ainda uma esperanza: S. Paulo, Minas, Maranhão, Pará, Amazonas, o Eldorado, a patria dos rios, a terra da agua eterna e do ouro negro.

Com empenho conseguem passagens pelos vapores do Lloyd, arrumam suas trouxas e, rumo feito para o desconhecido, mas cheios de esperanças e illusões, lá se vão os cearenses, desterrados do Ceará.

A tripulação dos vapores geralmente recebe mal esse bando de flagellados, magros e andrajosos, verdadeiras mumias ambulantes, que lhe veem dar immenso trabalho e empestar o navio. A's vezes o vapor levanta ferro, sem levar as miseras trouxas daquelles infelizes, dividindo frequentemente as fa-

mílias, conduzindo uma parte e deixando o resto desamparado no Ceará.

A bordo continúa o martyrio: amontoados no immundo convez, em completa promiscuidade, ali passam o dia, ali vomitam, ali dormem. Os mais felizes vão morrendo durante a viagem e diariamente são lançados na agua os cadaveres mirrados desses desprotegidos da sorte.

Os que com vida chegavam ao Rio de Janeiro, em estado de verdadeira lastima, como o publico carioca teve occasião de ver, eram hospedados na ilha das Flores, de onde saham para as fazendas de S. Paulo, Minas e Estado do Rio.

Cheios de novos alentos e com esperanças de melhores dias, seguiam para seus destinos. Lá encontravam clima, comida, systema de trabalho, tudo, emfim, differente de sua terra natal. Difficilmente se adaptavam ás novas circumstancias e, com a nostalgia, as saudades e as noticias de bom inverno, vinha a vontade de tornar ao Ceará.

O SR. THOMAZ RODRIGUES — E' bem conhecido o apego do cearense á sua terra.

O SR. ILDEFONSO ALBANO — A *Noite* de 20 de janeiro de 1916 publicou esta photographia, que me foi gentilmente cedida pela redacção daquelle brilhante vespertino, representando uma familia de retirantes cearenses, encontrada nas ruas desta Capital, a cujo respeito diz o seguinte:

« Os dolorosos quadros da miseria repetem-se a cada passo.

« Ainda hoje presenciámos um caso verdadeiramente triste.

« Junto ao barracão da estação Central, que serve de necroterio, amontoadas todas a um canto, estavam trese pessoas, onze das quaes crianças, sendo a mais velha de 15 annos de idade. Tinham as vestes rôtas, os rostos pallidos, os cabellos em desalinho, offerecendo um conjuncto penalizador.

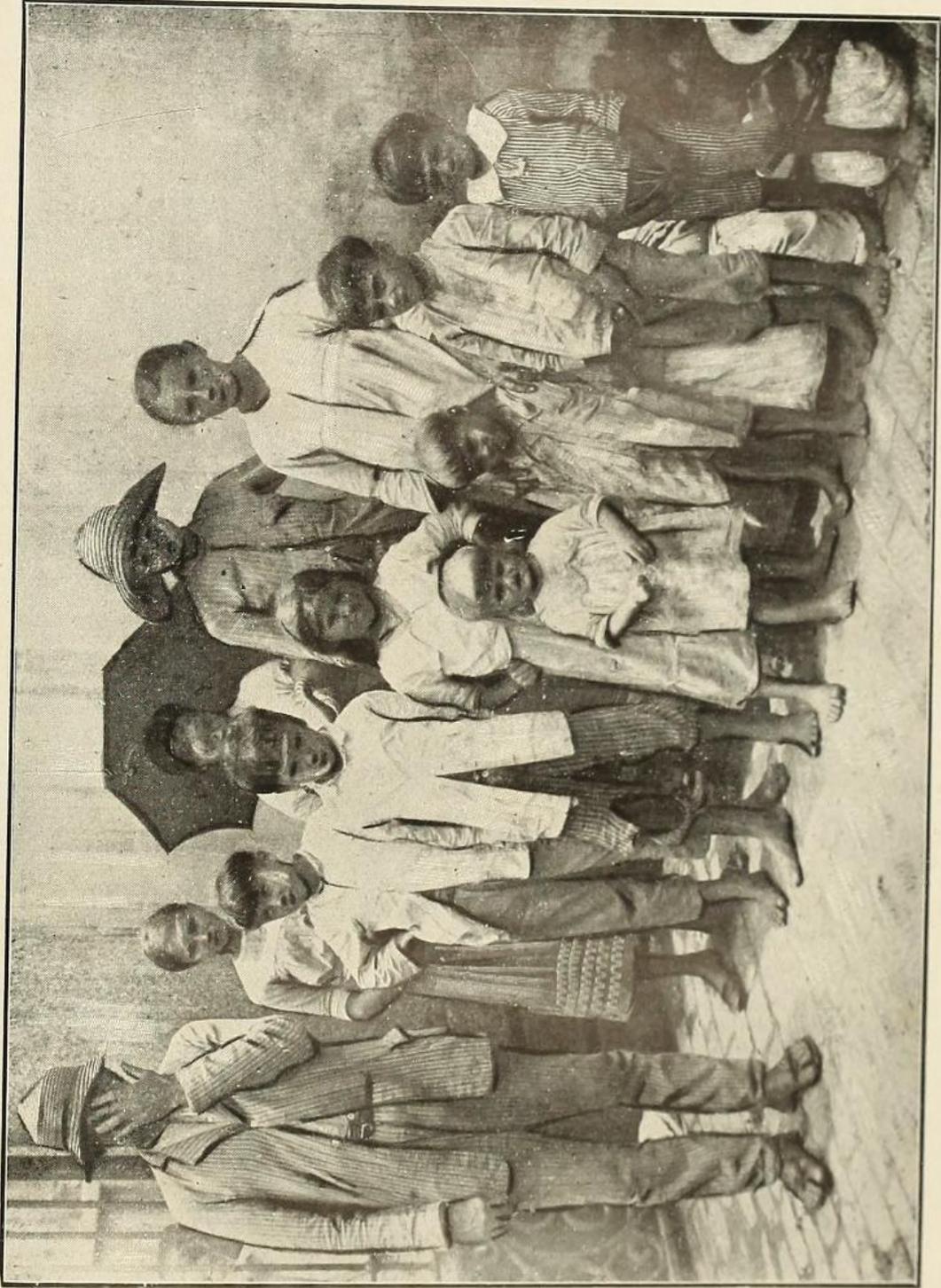
« Procurámos o chefe daquella familia, um velho alto, typo de cearense, que deixa perceber atravez de sua physionomia tostada e rude os dolorosos transes por que tem passado.

« Que fazem aqui? » interrogámos.

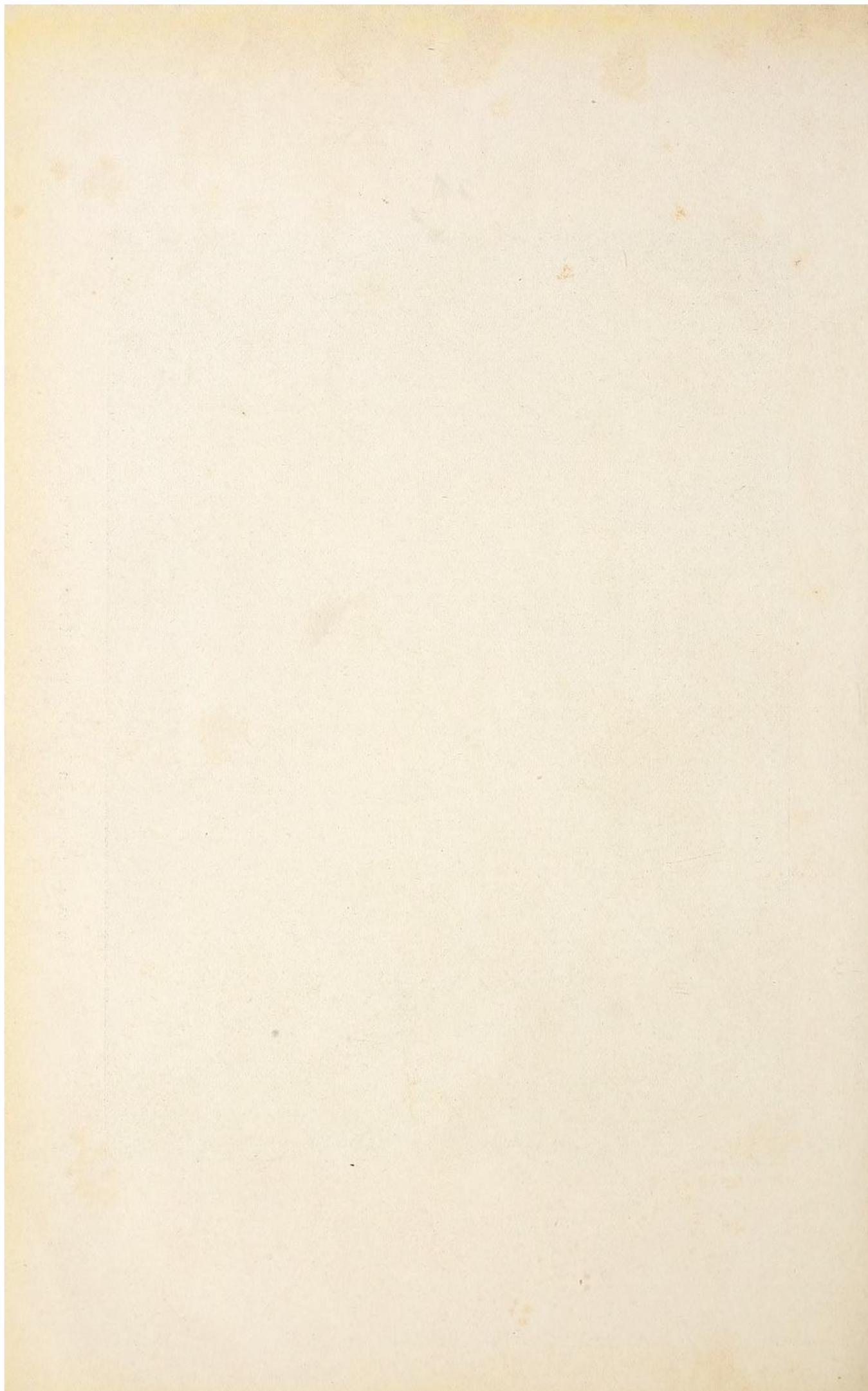
« Nem mesmo eu sei, senhor. »

« Não teem casa para onde ir? »

« Oh! si tivesse... »



Um retirante e sua família nas ruas do Rio de Janeiro (pag. 40).



«E o velho olhou-nos com uma expressão de dolorosa tristeza, contando-nos depois a seguinte historia:

«Ha quatro mezes elle, que se chama Antonio Arlindo da Silva, com sua mulher, doze filhos e sua velha mãe, acossado pela secca abandonou o Ceará, seu torrão natal. Chegando aqui, com mais 18 familias, foi contratado para trabalhar na fazenda do Sr. Eduardo de Andrade, na estação de Pedro Carmo, no Estado do Rio. Elle e seus filhos entregaram-se ao trabalho de apanhar café, durante mais de dous mezes. Dinheiro, porém, não recebiam; a comida tambem era muito escassa. As suas vestes, já velhas, tornaram-se inteiramente rôtas. Uma sua filha de dous annos, Fideralina, uma noite veiu a fallecer de inanição. Dous dias depois, do mesmo mal vinha a fallecer sua velha mãe.

«A sua situação era insustentavel. Resolveu, então, vir para aqui. Ha 20 dias partiu a pé com 11 filhos e sua mulher, chegando aqui 15 dias depois, tendo no trajecto soffrido por varios dias os horrores da fome. Depois de vagar pela cidade, foi ter á estação Central, onde um guarda o conduziu para o barracão do Necroterio. Hoje, porém, não o quizeram mais ali e expulsaram-no.»

«Penalizados, retirámo-nos, procurando o agente da Central, que nos disse haver telephonado para o Povoamento do Sólo, narrando que ali se achava aquella familia; si até á noite esta repartição não tomasse providencia, entregal-a-hia á policia.»

Factos penosos como esse, que eu acabo de referir, hão de se ter reproduzido ás dezenas, sem que delles se tenham occupado os jornaes. Muitos flagellados em identicas condições obtiveram do Ministerio da Agricultura passagens para sua repatriação.

Não foram mais felizes os cearenses, que desembarcaram no Maranhão. Recebidos gentilmente pelo Governador daquelle Estado, que tudo lhes facilitou, foram internados para diversos pontos.

Para a villa de Pinheiro foi uma leva de flagellados. Para lá foi tambem em dezembro de 1915 o Sr. Victor Nogueira de Abreu, meu conhecido, agricultor em Cannafistula, no Ceará, que comsigo levou 20 familias compostas de 130 pessoas. Lá chegando em janeiro de 1916, comprou a D. Alexandrina Durand, no logar Cantagallo, distante de Pinheiro

quatro leguas, um terreno de uma legua de frente por duas de fundo pela quantia de 300\$000. Ahi mandou fazer abaracamentos para o pessoal e, no intuito de plantar um roçado, apesar da pesada chuva, iniciou a derrubada da floresta, que era composta de enormes arvores de 50 e 60 palmos de altura, paparahunbas, páos d'arco, massarandubas, andirobas, piquys, palmeiras, etc.

Dentro de pouco tempo morreram de febres e sarampo perto de 40 pessoas, outras abandonaram o serviço, de sorte que em junho restavam sómente cinco familias. Nessa contingencia o Sr. Victor Nogueira, tambem doente de sezões, se viu obrigado a abandonar tudo e dar o terreno em pagamento de 1:500\$, que havia pedido emprestado para o sustento do pessoal. Voltou depois para sua terra, doente, tendo perdido seu tempo e dinheiro, mas dando graças a Deus por ter escapado com vida.

Uma entrevista do Sr. Lindolpho Barbosa Lima, concedida ao *Correio do Ceará* em 14 de agosto de 1916, confirma essa narrativa. O entrevistado, chegado havia pouco do Maranhão, disse que a colonia do Pinheiro chegara a contar 800 cearenses, mas que já estava reduzida a menos de 300, tendo muitos se retirado doentes e outros em busca de ganhos.

«A localização ali foi um desastre, por isto que, sendo o local muito insalubre, se encarregou de dizimar a colonia o impaludismo, auxiliado pelo sarampo.»

«Emfim qual a situação actual?»

«De muitos é deploravel o estado sanitario e o da falta absoluta de recursos, sendo de notar que querem voltar.»

Sabendo disso o illustre Presidente do Ceará, Dr. João Thomé mandou elle offerecer passagens aos cearenses, que quizessem voltar. Assim, foram repatriados muitos infelizes, que a secca havia expulso de seus lares.

Amazonas, o Eldorado

Mas o Estado, que mais attrae o emigrante cearense, que exerce sobre elle uma fascinação mysteriosa, é o Amazonas; para lá se dirige a maior parte dos que são desterrados pela secca.

Da sorte dos infelizes, que em 1915 buscaram aquellas regiões, dá-nos uma idéa o seguinte artigo do *Correio do Ceará*, de 21 de setembro de 1916:

«Pela mala do ultimo vapor, vindo do norte do paiz, recebemos uma carta, narrando-nos as fundas agruras por que passam nas insalubres paragens do interior do Amazonas, os pobres cearenses que, fugindo aos horrores da secca, foram lá encontrar, porventura, mais cruciantes padecimentos.

«Escreve estas linhas repassadas de um tom suggestivamente emocionante e grave um cearense que sabe sentir com toda a alma a desgraça irremediavel de seus desafortunados patricios.

«Dá-nos informações de que para o rio Aripuanã seguiu uma leva de 180 emigrantes, e lá se tem sepultado todo este grande numero de brasileiros desherdados, estando os que sobrevivem fatalmente condemnados á sorte da quasi totalidade, que já falleceu de impaludismo, pela razão de que não possuem recursos para empreehenderem uma retirada de tão remotas paragens.

«Como as victimas do Aripuanã, muitos emigrantes tem succumbido nos seringaes distantes, abandonados á miseria, á insalubridade, á absoluta falta de conforto.

«O *Jornal do Commercio*, de Manãos, conta-nos em seu numero do dia 11 do corrente umas scenas verdadeiramente dantescas, das quaes são protagonistas algumas familias cearenses, abandonadas nas selvas do interior daquelle Estado.

«E' o caso de 50 pessoas, contractadas pela firma Moura Brazil & Comp., de Manãos, para serem localizadas em seringaes do interior, as quaes padeceram toda sorte de aneçaram no serviço de extracção da borracha.

«Homens, mulheres e crianças foram transportados para o igarapé «Paxiuba», onde construíram abarracamento e começaram no serviço de extracção da borracha.

«As embarcações, que os haviam conduzido, regressaram e aquelles seringueiros improvizados ficaram naquellas agras paragens, distantes dos centros de abastecimento, sem o recurso de uma simples canôa!

«Escasseavam os viveres das suas poucas provisões. O tempo passava e ninguem lhes apparecia.

« Começou então o supplicio sem par.

« Não lhes bastavam os alimentos arrancados á matta féra, intrincada, impenetravel.

« Não dispunham de instrumentos sinão os utensilios para o fabrico da borracha; não estavam affeitos ás condições do meio hostile; seus organismos não podiam resistir, pois, aos accessos palustres e enfermidades que não podiam combater, porquanto não lhes tinha sido fornecido medicamento de ordem alguma.

« A acção da fome era concluida pelo assalto das molestias.

« Todo o desespero, em que se encontravam, abafava-se no silencio daquelles sitios ermos, desolados, impiedosos.

« Debatiam-se em uma revolta surda contra o máo destino, que os enclausurara naquelle dédalo inextricavel.

« Assim, aquelle punhado de infelizes se foi extinguindo aos poucos, em uma agonia vagarosa e sinistra.

« Um a um foram desaparecendo os martyres daquella tetrica aventura indescriptivel.

« Vinte e muitas pessoas já haviam fallecido, quando afinal, depois de tres mezes de crueis padecimentos, um dos socios da firma Moura Brazil & Comp. se abalançou a visitar os abandonados das selvas.

« No primeiro abarracamento a que tocou constatou os effeitos desoladores de sua inqualificavel imprevidencia.

« Os sobreviventes foram transportados de lá para outro igarapé, salvo dous enfermos, cujo estado era deploravel e que ficaram sósinhos, no meio da matta, aguardando a morte inevitavel.

« Como estes factos, outros da mesma natureza se tem realizado nas solidões vastissimas e doentias das mattas do Amazonas e do Pará, onde os flagellados eram atirados nas colonias, ao desamparo.

« O « Comité pró-flagellados » prestou relevantes serviços aos emigrantes, no Amazonas.

« Sua acção, porém, não se estendeu além da capital do Estado, ficando nullo o seu trabalho, em virtude da má distribuição desses infelizes, cuja sorte ficou á mercê dos mercenarios deshumanos e seringueiros gatunos.

«Tudo isso é o resultado da falta de patriotismo brasileiro, por isso que, só mesmo neste paiz, se abandona uma população faminta aos azares do destino, sem o menor conforto, nas praias dos portos onde tocam os navios encarregados de despovoar a zona alcançada pelo triste flagello.

«E, assim, vão ainda continuando as dores acerbadas de tantos filhos, que o tufão da desgraça arrojou fóra do ninho!»

A corrente immigratoria do Amazonas é alimentada por tres fontes: ha os miseraveis flagellados, homens, mulheres e crianças, que, abatidos pela fome, abandonam o Ceará e embarcam para lá com passagens dadas pelo Governo; ha os individuos, que, por falta de occupação em sua terra natal ou em busca de aventuras e riquezas, procuram espontaneamente o norte. A terceira corrente é promovida pelos agenciadores; são seringueiros cearenses, «paroáras», que voltam á terra natal com o fim de contractar braços para o Amazonas. São sempre homens insinuantes, conversadores, bem vestidos, com correntão de ouro e anel de brilhante; discorrem com verbosidade sobre a vida facil do Amazonas, o clima ameno e salubre, a grandeza das florestas, a fertilidade do solo e a riqueza piscosa das aguas; contam historias de onça, distribuem dinheiro a mancheias e com engodos e mentiras attrahem para as paragens inhospitas do Rio-mar os homens e rapazes mais fortes e robustos do Ceará, a nata de nossa população rural.

As familias destes ficam no Ceará, onde uma vez por outra recebem auxilios pecuniarios, até chegar a noticia do desaparecimento do ente querido, victima de um beri-beri gallopante, afogado num rio ou assassinado por um inimigo. Outros succumbem, sem que os parentes tenham aviso de sua morte. Outros nunca dão noticia de si, e a mãe carinhosa, a esposa adorada, os innocentes orphãosinhos, entre esperanças e desesperos, choram a derradeira despedida de seu unico arrimo para regiões incognitas, e nos seus ouvidos echoam sinistramente as palavras do velho relógio de Longfellow: «For ever, never! Never, for ever!»

Não ha familia cearense, que não tenha algum parente no Amazonas, vivo ou morto.

Opinião de Euclides da Cunha

Não posso me furtar ao desejo de ler alguns trechos impressionantes do vibrante escriptor Euclides da Cunha sobre o emigrante cearense, escravizado no Amazonas:

«Vêde esta conta de venda de um homem:

«No proprio dia em que parte do Ceará, o seringueiro principia a dever: deve a passagem de prôa até o Pará (35\$ e o dinheiro que recebeu para preparar-se (150\$000). Depois vem a importancia do transporte, num «gaiola» qualquer, de Belém ao barracão longinquo a que se destina, e que é na média, de 150\$000. Additem-se cerca de 800\$ para os seguintes utensilios invariaveis: um boião de furo, uma bacia, mil tigelinhas, uma machadinha de ferro, um machado, um terçado, um «rifle» (carabina Winchester) e duzentas balas, dous pratos, duas colheres, duas chicaras, duas panellas, uma cafeteira, dous carreteis de linha e um agulheiro. Nada mais. Ahi temos o nosso homem no «barracão» senhoril, antes de seguir para a barraca no centro, que o patrão lhe designará. Ainda é um «brabo» isto é, ainda não aprendeu o «côrte» da «madeira» e já deve 1:135\$000. Segue para o posto solitario encaçado de um comboio levando-lhe a bagagem e viveres, rigorosamente marcados, que lhe bastem para tres mezes: tres «paneiros» de farinha d'agua, um sacco de feijão, outro pequeno de sal, 20 kilos de arroz, 30 de xarque, 24 de café, 30 de assucar, seis latas de banha, oito libras de fumo e 20 grammas de quinino. Tudo isto lhe custa cerca de 750\$000. Ainda não deu um talho de machadinha, ainda é um «brabo» canhestro, de quem chasqueia o «manso» experimentado e já tem o compromisso sério de 2:090\$000.

«Admittamos agora uma série de condições favoraveis, que jamais concorrem: *a)* que seja solteiro; *b)* que chegue á barraca em maio, quando começa o «côrte»; *c)* que não adoega e seja conduzido ao barracão, subordinado a uma despesa de 10\$ diarios; *d)* que nada compre além daquelles viveres — e que seja sobrio, tenaz, incorruptivel; um stoico firmemente lançado no caminho da fortuna arrostando uma penitencia dolorosa e longa. Vamos além — admittamos que.

mau grado sua inexperiencia, consiga tirar logo 350 kilos de borracha fina e 100 de sernamby por anno, que é difficil, ao menos no Purús.

« Pois bem, ultimada a safra, este tenaz, este stoico, este individuo raro alli ainda deve. O patrão é, conforme o contracto mais geral, quem lhe diz o preço da fazenda e lhe escriptura as contas. Os 350 kilos remunerados hoje a 5\$ rendem-lhe 1:750\$; os 100 de sernamby, a 2\$500, 250\$000. Total: 2:000\$000.

« E' ainda devedor e raro deixa de o ser. No anno seguinte já é « manso »: conhece os segredos do serviço e pôde tirar de 600 a 700 kilos. Mas considere-se que permaneceu inactivo durante todo o periodo da enchente, de novembro a maio — sete mezes em que a simples subsistencia lhe acarreta um excesso superior ao duplo do que trouxe em viveres, ou seja, em numeros redondos, 1:500\$ — admittindo-se ainda que não precise renovar uma só peça de ferramenta ou de roupa e que não teve a mais passageira enfermidade. E' evidente que, mesmo neste caso especialissimo, raro é o seringueiro capaz de emancipar-se pela fortuna.

« Agora vêde o quadro real. Aquelle typo de lutador é excepcional. O homem de ordinario leva para aquelles logares a imprevidencia caracteristica de nossa raça; muitas vezes carrega a familia, que lhe multiplica os encargos, e quasi sempre adocece, mercê da incontidencia generalizada.

Os regulamentos leonino

« Addicionae a isto o desastroso contracto uni-lateral, que lhe impõe o patrão. Os « regulamentos » dos seringaes são a este proposito dolorosamente expressivos. Lendo-os, vê-se o renascer de um feudalismo acalanhado e bronco. O patrão inflexivel decreta, em um emperramento grammatical estupendo, causas assombrosas.

« Por exemplo: a pesada multa de 100\$ commina-se a estes crimes abominaveis: a) « fazer na arvore um córte inferior ao gume do machado »; b) « levantar o tampo da madeira na occasião de ser cortada »; c) « sangrar com machadinhas de cabo maior de quatro palmos ». Além disto o tra-

balhador só póde comprar no armazem do barracão, « não podendo comprar a qualquer outro, sob pena de passar pela multa de 50 % sobre a importancia comprada ».

« E arpeiem-se de aspás estes dizeres brutos. Ante elles é quasi harmoniosa a gagueira terrível de Caliban.

« E' natural que ao fim de alguns annos o « freguez » esteja irremediavelmente perdido. A sua divida avulta ameacadoramente: 3, 4, 5, 10 contos, ás vezes, que não pagará nunca. Queda, então, na morbida impassibilidade de um fellah desprotegido, dobrando toda a cerviz á servidão completa. O « regulamento » é impiedoso: « Qualquer « freguez » ou « aviado », não poderá retirar-se sem que liquide todas as suas transacções commerciaes... » Fugir? Nem cuida em tal. Aterra-o o desmarcado da distancia a percorrer. Buscar outro barracão? Ha entre os patrões accôrdo de não acceitarem uns os empregados dos outros, antes de saldadas as dividas, e ainda ha pouco tempo houve no Acre uma reunião para systematisar essa alliança, creando-se pesadas multas aos patrões recalitrantes.

« Agora, digei-me, que resta no fim de um quinquennio do aventureiro sertanejo que demanda aquellas paragens, ferretoado da ancia de riquezas?

« Não o ligam sequer á terra. Um artigo do famoso « regulamento » torna-o eterno hospede dentro da propria casa. Citemol-o com todo o brutesco de sua expressão imbecil e feroz: « Todas as bemfeitorias que o « liquidado » tiver feito nesta propriedade perderá totalmente o direito uma vez que retire-se ».

« Dahi o quadro doloroso que patenteiam, de ordinario, as pequenas barracas. O viajante procura-as e mal descobre, entre as sororócas, a estreitissima trilha que conduz á vivenda, meio afogada no matto. E' que o morador não depende o mais ligeiro esforço em melhorar o sitio de onde póde ser expedido, em uma hora, sem direito á reclamação mais breve.

« Esta resenha comportaria alguns exemplos bem dolorosos. Fôra inutil apontal-os. Della resalta impressionadamente a urgencia de medidas que salvem a sociedade obscura e abandonada: uma lei do trabalho que nobilite o es-

forço do homem, uma justiça austera que lhe cerceie os desmandos, e uma fôrma qualquer do «homestead» que o consorcie definitivamente á terra.»

Fallando ainda sobre a Amazonia, diz o illustre homem de letras:

«As gentes que a povoam talham-se-lhe pela braveza. Não a cultivam, aformoseando-a: domam-na. O cearense, o parahybano, os sertanejos nortistas, em geral, alli estacionam, cumprindo, sem o saberem, uma das maiores emprezas destes tempos. Estão amansando o deserto. E as suas almas simples, a um tempo ingenuas e heroicas, disciplinadas pelos revezes, garantem-lhes, mais que os organismos robustos, o triumpho na campanha formidavel.

«O recém-vindo do sul chega em pleno desdobrar-se daquella azafama tumultuaria, e, de ordinario, succumbe. Assombram-no, do mesmo lance, a face desconhecida da paizagem e o quadro daquella sociedade de caboclos titanicos que alli estão construindo um territorio.»

Mais adeante ainda diz Euclides da Cunha:

«Repitamos: o sertanejo emigrante realiza alli uma anomalia sobre a qual nunca é demasiado insistir: é o homem que trabalha para escravizar-se.

«Emquanto o colono italiano se desloca de Genova á mais remoia fazenda de S. Paulo, paternalmente assistido pelos nossos poderes publicos, o cearense effectua, á sua custa e de todo em todo desamparado, uma viagem mais difficil, em que os adeantamentos feitos pelos contractadores insaciaveis, inçados de parcelas fantasticas e de preços inauditos, os transformam as mais das vezes em devedor para sempre insolvente.

«A sua actividade, desde o primeiro golpe de machadinha, constringe-se para logo em um circulo vicioso inatural: o debater-se exhaustivo para saldar uma divida que se avoluma, ameaçadoramente, acompanhando-lhe os esforços e as fadigas para saldal-a.

«E vê-se completamente só na faina dolorosa. A exploração da seringa, neste ponto peor que a do caucho, impõe o isolamento. Ha um laivo siberiano naquelle trabalho. Dostoievski sombrearia as suas paginas mais lugubres com esta

tortura: a do homem constrangido a calcar durante a vida inteira a mesma « estrada », de que é elle o unico transeunte; trilha obscurecida, estreitissima e circulante, que o leva, intermittentemente e desesperadamente, ao mesmo ponto de partida. Nesta empreza de Sisypho, a rolar em vez de um bloco o seu proprio corpo — partindo, chegando e partindo — nas voltas contristadoras de um circulo demoniaco, no seu eterno giro de encarcerado em uma prisão sem muros, aggravada por um officio rudimentar que elle apprende em uma hora para exercel-o toda a vida, automaticamente, por simples movimentos reflexos — si não o enrija uma solida estructura moral, vão-se-lhe, com a intelligencia atropiada, todas as esperanças e as illusões ingenuas, e a tonificante alacridade que o arrebataram áquelle lance, á ventura, em busca da fortuna.

« Parallelamente, a decadencia organica.

« A alimentação, que é a base mais firme da hygiene tropical, não lhe a fornece, durante largos annos, a mais rudimentar cultura. Constitue-se, ao revez de todos preceitos, adstricta aos fornecimentos escassos de todas as conservas suspeitas e nocivas, com o derivativo aleatorio das caçadas.

« Sobre tudo isto, o abandono. O seringueiro é obrigatoriamente, profissionalmente, um solitario.

« Mesmo no Acre propriamente dito, onde a densidade maior das arvores de borracha permite a abertura de 16 estradas em uma legua quadrada, toda esta área capaz de sustentar, de accôrdo com a unidade agricola corrente, cincoenta familias de pequenos lavradores, requer a actividade de oito homens apenas, que lá se espalham e raramente se veem. Calcule-se um seringal médio, de 200 estradas: tem cerca de 15 leguas quadradas; e este latifundio, que se povoaria á larga com 3.000 habitantes activos, comporta apenas a população invisivel de 100 trabalhadores, exageradamente dispersos.

« E' a conservação systematica do deserto e a prisão celular do homem na amplitude difogada da terra. »

Nos tempos aureos do Amazonas

Outr'ora, quando a borracha alcançava preços elevados, quando o seringueiro recebia, como affirma Euclides da

Cunha, pela borracha que colhia 5\$ o kilo, os cearenses conseguiram por vezes liquidar seu debito e tirar algum saldo. Então desciam para o Estado natal com o fim de tratar de sua saude, sempre profundamente abalada.

Ao chegar em Manãos, recebiam em dinheiro o saldo a que tinham direito. Afastados havia annos do convivio dos homens, vivendo sem ver dinheiro, longe do bem-estar e prazeres, viam-se assim de repente com alguns contos de réis no bolso, em uma cidade moderna e alegre: não resistiam ás tentações e, esquecendo os sacrificios, com que ganharam aquelle dinheiro, pondo de lado a lembrança da familia, inadvertidos das molestias, que lhes corroiam o organismo, se entregavam a uma vida de orgias e facilmente se deixavam explorar; gastavam assim em poucos dias nos prostibulos de Manãos o que haviam ganho em annos de trabalho insano e paciente. Volviam então novamente ao seringal a recommençar o trabalho martyrizante e escravizante do seringueiro, enterrados vivos no «Inferno Verde».

Outros, mais sensatos, voltavam ao Ceará, onde, a par de suas figuras pallidas e cadavericas, exhibiam seus correntões de ouro e anneis de brilhante. Depois de pequena demora no seio da familia, buscavam novamente o Rio-mar, iman poderoso e irresistivel. Outros, mais felizes, traziam o sufficiente para viver com independencia no Ceará, mas vinham sempre atacados de impaludismo, que os inutilizava para toda a vida.

Naquella época o valor da borracha «fina Pará» em Manãos era o seguinte:

1903.....	6\$376
1904.....	7\$532
1905.....	6\$676
1906.....	6\$438
1907.....	6\$176
1908.....	5\$614
1909.....	8\$922
1910.....	11\$202
1911.....	6\$180
1912.....	5\$840

O preço médio dos 10 annos foi de 7\$095 o kilo em Ma-nãos e os seringueiros recebiam, no alto Amazonas, conforme affirma Eucllydes da Cunha, 5\$ por kilo de borracha fresca, que colhiam.

A baixa da borracha

Dahi para cá, o valor desse producto tem baixado, para os seguintes preços médios annuaes:

1913.....	4\$380
1914.....	3\$681
1915.....	4\$209
1916.....	5\$117
1917 (sete mezes).....	5\$051

O preço médio deste periodo baixou para 4\$489 o kilo; o seringueiro recebe agora talvez 3\$ por kilo de borracha fresca apanhada.

Si naquelles tempos o « paroára » levava a vida descripta por Eucllydes da Cunha, com extrema difficuldade se desembaraçando do seu credor, agora, que, emquanto tudo sóbe de preço, seus ganhos diminuem, é que elle fica reduzido á condição de verdadeiro escravo, sem poder nunca se libertar.

A emigração cearense para o Amazonas tem sido e continúa a ser desastrosissima para o Ceará. Em primeiro logar, contribue poderosamente para a dissolução dos laços de familia, base da sociedade; em segundo logar, tem-nos causado e continúa a causar prejuizo de numerosos braços sadios, nosso principal factor de riqueza, emquanto fica no Estado o elemento feminino, de menor valor economico, augmentado muitas vezes o numero de indigentes. Em terceiro logar, é grande, a mortandade entre os emigrados, que, quando doentes, voltam ao Ceará, onde contribuem para multiplicar o numero de invalidos; em quarto logar, o cearense, que emigra para o Amazonas, desce na escala social, passando do typo que se dedica ao cultivo da terra, para o typo primitivo da floresta. Segundo Demolins, as condições mesologicas do Amazonas reduzem o homem ao ultimo gráo de desorganização social, a que póde chegar a humanidade.

Mesmo os milhares de contos, que nos bons tempos da prosperidade amazonense entravam para o Ceará, longe estavam de compensar o pesado tributo de milhares de preciosas vidas cearenses, que por lá se perdiam; que diremos hoje, quando a emigração continúa e, devido á baixa da borracha, não vem mais dinheiro?

-Essa constante drenagem humana para o Amazonas é-nos, portanto, extremamente prejudicial, tanto sob o ponto de vista economico, como social e moral.

A secca de 1915

Ao contrario de seccas anteriores, a de 1915 despertou pelas victimas do triste flagello geraes sympathias em todo o Brazil e até além de nossas fronteiras.

O arcebispo de Fortaleza, D. Manoel da Silva Gomes, justamente cognominado pelo Deputado paulista Alfredo Pujol, «A Caridade itinerante», embarcou em junho daquelle anno para aqui com o fim de angariar soccorros para seus diocesanos, cruelmente provados pelo terrivel flagello, que promettia anniquillar o Ceará. S. Ex. aqui conferenciou com o Exmo. Sr. Presidente da Republica, reforçando a acção da bancada cearense, e seguiu — ainda em sua missão de caridade — até S. Paulo e Minas.

Uruguay, S. Paulo e outros Estados

A visinha Republica do Uruguay, em um gesto louvavel e desinteressado de fraternal caridade e sympathia, enviou aos flagellados do Ceará 8.000 pesos.

O importante orgão de imprensa «O Estado de S. Paulo», de propriedade do Dr. Julio de Mesquita, organizou uma subscrição entre todas as classes sociaes, que attingiu a elevada somma de 300 contos. Foi esta a maior dadiva enviada aos flagellados de 1915.

A Assembléa do Estado de S. Paulo, por proposta do Deputado João Sampaio, illustre «leader» da maioria, approvou sem discussão a concessão de um credito de 100 contos para o mesmo fim.

Minas Geraes, por proposta do Deputado Nelson de Senna, Rio Grande do Sul e o Conselho Municipal da Capital Federal concederam cada um 50 contos; o «Diario Allemão» de S. Paulo angariou cerca de 15 contos entre os seus assignantes; a colonia hespanhola de S. Paulo mandou cerca de 10 contos; as municipalidades de S. Paulo, Santos e outras enviaram igualmente soccorros.

Aqui, no Amazonas, em Minas Geraes, no Rio Grande do Sul, no Pará e varios outros Estados commissões de senhores e senhoritas fizeram subscripções, bandos precatorios, festas e concertos com o fim de angariar auxilios para os famintos. No Amazonas a sociedade «Renascença do Ceará» e no Pará a colonia cearense prestaram relevantes serviços aos famintos e emigrados.

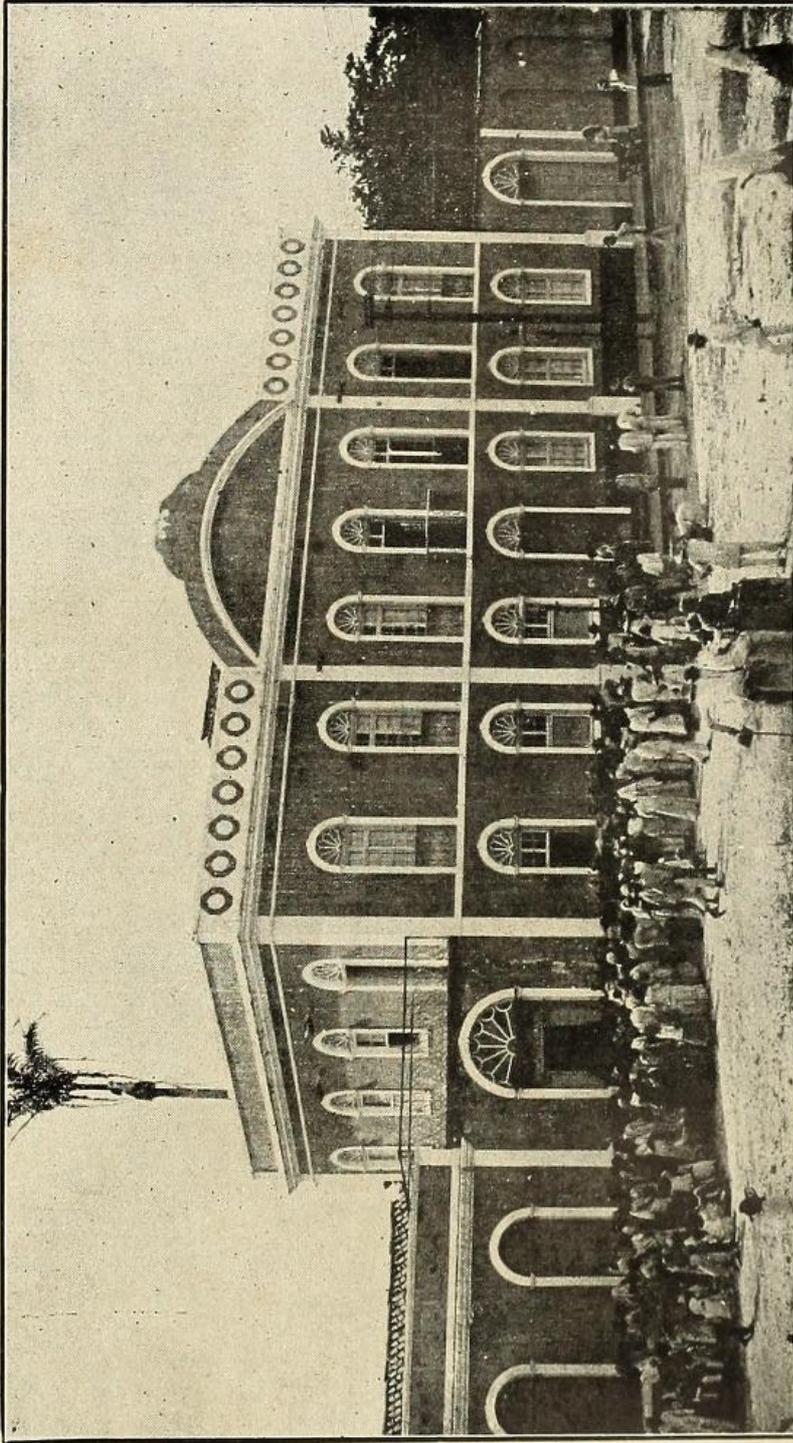
A acção de D. Manoel

D. Manoel, com sua viagem providencial, conseguiu angariar para o Ceará a elevada quantia de 573:032\$430, que S. Ex. distribuiu escrupulosamente com muita equidade e justiça, tendo feito publicar todos os balancetes parciaes no «Correio do Ceará» em diversas datas e os balancetes geraes nos numeros de 6, 7, 8 e 12 de julho de 1916.

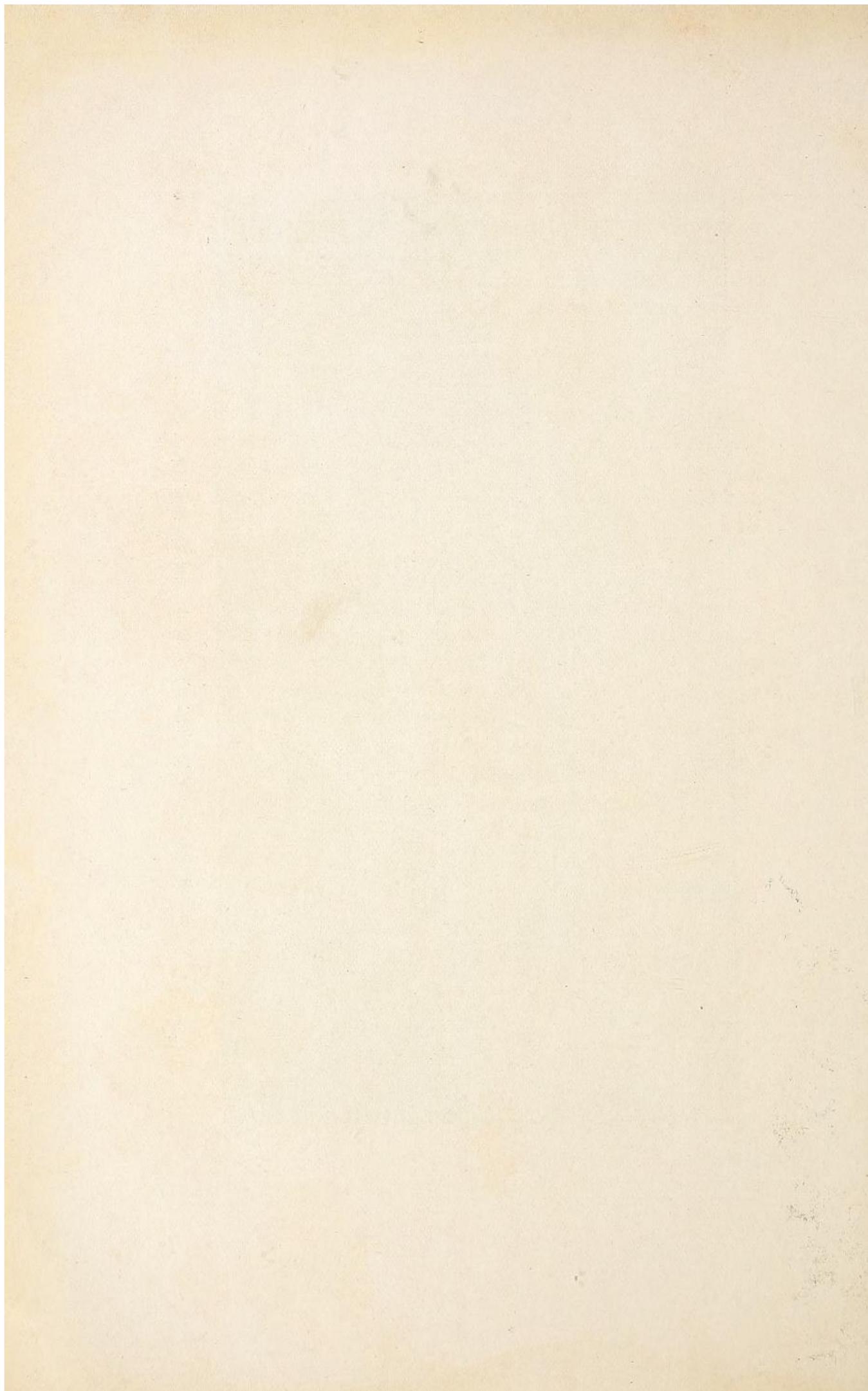
Na distribuição desses soccorros D. Manoel foi poderosamente auxiliado pelo clero da capital e do interior, pelas irmãs superiores do Collegio da I. Conceição e da Santa Casa, pelas senhoras de caridade, reitor do seminario, pela Sociedade de S. Vicente de Paulo, presidida pelo illustre barão de Studart, e muitas outras aggremações e pessoas da alta sociedade fortalexiense. Todos foram incansaveis durante os mezes em que Fortaleza esteve assediada pelos infelizes famintos.

O SR. OSORIO DE PAIVA E OUTROS SRS. DEPUTADOS — Muito bem.

O SR. ILDEFONSO ALBANO — As esmolas eram distribuidas nos domicilios dos famintos, no Collegio da I. Conceição, em dias determinados e diariamente no Palacio Archiepiscopal.



Distribuição diária de esmolas no Palácio Arcebispo (pag. 54).



E' de justiça citar o nome da Associação Commercial, a qual organizou entre seus socios uma subscrição para a compra de sementes, que foram distribuidas gratuitamente entre os agricultores do interior.

O SR. MOREIRA DA ROCHA — A Associação está sempre á frente das boas causas. (Apoiados.)

Cartas dos vigarios durante a secca de 1915

O SR. ILDEFONSO ALBANO — Foi incalculavel o bem que produziu em todo o Estado o dinheiro enviado aos vigarios pelo Exmo. Sr. Arcebispo. Que o digam os seguintes excerp-
ptos de cartas, dirigidas ao monsenhor Mello, vigario geral do Arcebispado:

Com data de 16 de julho de 1915 escreve de Boa Viagem o vigario padre J. C. de Queiroz Lima:

«Bem opportunamente me veiu este auxilio, pois já me ia vendo em apuros: esgotados os restos de minha parca economia, extinctas minhas ultimas provisões e sem recella actualmente para as despezas ordinarias, estava quasi na dura contingencia de não poder mais soccorrer a tanta miseria que me bate á porta quotidianamente.»

Com data de 22 de julho de 1915, o vigario padre Francisco de Hollanda Cavalcanti, vigario de Tamboril, agradecendo a remessa de 400\$, diz:

«Muita fome e muita nudez já existem nos habitantes desta parochia.»

A 28 do mesmo mez, o padre M. Carlos escreve de Independencia, agradecendo a remessa de 600\$000:

«Já dei começo á distribuição de generos e o mais preciso a esta pobreza que morre á fome aqui nos sertões. Grande numero de familias afflue ás distribuições, pois continuam a soffrer a secca e a fome, que assolam toda esta zona do norte do Estado, de um modo horrivel e de fazer compaixão.»

O vigario de Camocim, padre J. Augusto da Silva, com data de 25 de julho de 1915, diz o seguinte:

«Agradeço de coração a remessa de 500\$, tão generosamente feita, com a qual diminui por instantes a fome de alguns infelizes, cujo numero augmenta todos os dias.»

Com data de 23 de agosto de 1915, frei Cyrillo, vigario de Canindé, pede mais soccorros, accrescentando:

«A calamidade augmenta cada vez mais. Pelo jornal bem terá visto o avultado numero de 15.000 e mais pessoas, a que se deu esmola, além de 165 familias, que foram soccorridas, regulando cada uma seis pessoas em média. Sou perseguido de dia e de noite e o peor é que não tenho com que satisfazer a tanta indigencia e soffrimentos.»

O vigario de Ipueiras, padre J. de Lima Ferreira, em data de 26 de agosto de 1915, agradecendo a remessa de 300\$, escreve:

«Os famintos aqui se acham em extrema miseria. Muitos estão quasi completamente nús. Ipueiras sempre foi um municipio pobre; demais acha-se alojada aqui uma grande porção de emigrantes de outras freguezias.»

A 31 do mesmo mez, escreve o padre M. Carlos, de Cra-theús:

«Não avalia V. Revma. o bem que teem feito as esmolas. Tenho distribuido á pobreza, que está morrendo á fome. A' nossa porta teem affluido, de um modo extraordinario, famintos, alguns quasi nús.»

O vigario de Sant'Anna do Cariry, padre Emilio Cabral, com data de 12 de outubro de 1915, escreve:

«Vivo triste diante do horroroso quadro de nossa infeliz povo, a morrer de fome. A minha porta está sempre cheia de pedintes esfarrapados, magros e sujos, que já não podem quasi fallar. A caridade particular está esgotada. Daqui até haver legumes com as chuvas do inverno vindouro, imagine como vae ser doloroso o estado dessa pobre gente.»

Com data de 5 de outubro de 1915, escreve o padre J. de Lima Ferreira, coadjutor de Ipueiras:

«Cordialmente agradeço a remessa de 1:500\$000. O vigario tinha gasto o ultimo vintem e já estava devendo os cabellos da cabeça. Felizmente V. Revma. me autorizou a gastar dinheiro do patrimonio no serviço do cemiterio. Aca-bando-se este serviço, não haverá aqui absolutamente incio algum de salvar o povo.»

O vigario de Jaguaribe-merim, padre Raymundo Bezerra, com data de 2 de outubro de 1915, escreve:

«Cheguei aqui no dia 22 de setembro, encontrando a minha freguezia na maior e mais completa miseria, por falta absoluta de recurso. E' uma situação tristissima ver o povo morrer de fome.»

O padre Joaquim Rosa, vigario de Maranguape, distante da capital poucas leguas, com data de 15 de outubro de 1915, escreve:

«A miseria vae crescendo dia a dia, attingindo os meus parochianos de um modo atterrador. Agglomeram-se de todos os pontos emigrantes quasi nús, esqueleticos, pedindo pelo amor de Deus um serviço ou uma esmola, que «fazem tantos dias que eu não como». Iniciei um serviço no cemiterio da Matriz; de manhã á noite minha porta vive cheia de pessoas pedindo serviço «pelo amor de Deus». Não lhes resta mais recurso no matto, nem esperança de serviço publico e sahem, como em romaria, pelas ruas pedindo esmolas. Si ainda houver dinheiro, mande-me algum, que não posso abandonar estes pobres miseraveis, que não desejo ver cahirem de fome á nossa porta. Mande, seja quanto for, pois ha urgente necessidade.»

De S. Francisco de Uruburetama escreve com data de 26 de outubro de 1915 o vigario padre Catão Sampaio:

«Estou ajoelhado aos pés de nossos generosos irmãos do sul, agradecendo sua magnanima caridade para com os infelizes cearenses. Encontrei meu povo no auge da fome. Não posso nem preciso descrever o seu triste e lastimavel estado. Parece-me que a esperança era a unica força que o trazia de pé e agora, desilludido, clama recurso; pede soccorro a quem não o póde soccorrer. Vejo-me cercado dia e noite de necessitados sem poder dar allivio a todos. Avalie o que posso eu fazer com aquella importancia. Fomos inventar uma ponte sobre o leito do rio e o numero de operarios é tal, que liquidará a pequena importância em tres ou quatro dias, sendo mais homens para o pretendido trabalho do que o numero de páos precisos. Quando chegou o engenheiro encarregado do açude dos Patos, 12 leguas daqui, já vinha com uma espantosa multidão de operarios, que de Sobral o acompanhava, de fórma que está difficil a collocação para os nossos. Amanhã irei lá, ver si é possível qualquer arranjo para um certo nu-

mero de meus parochianos, já que não temos esperança de collocar a todos. Mande-me qualquer cousa da importancia, que foi ultimamente enviada para o Sr. Arcebispo.»

Com data de 4 de novembro de 1915, o padre M. Carlos, vigario de Independencia, avisa que já dispoz do dinheiro recebido e diz:

«Continúo a presenciar horrores, familias inteiras choram pelas ruas, pedindo não deixarem seus filhinhos morrer de fome. E' lamentavel. Secca a mais horrorosa que se possa imaginar.»

O padre Manoel Feitosa, vigario do Arraial, com data de 14 de novembro de 1915, escreve:

«Peço, si for possivel, mandar os 500\$ pelo primeiro correio, porque a fome aqui é tamanha, que não se póde mais supportar a affluencia de pedintes. Entram-nos pela casa a dentro e obrigam-nos, não pela força, mas pela supplica, a dividir com elles as refeições. E' um quadro desolador o que cada dia temos debaixo da vista aqui. Os famintos parecem verdadeiras mumias ambulantes. Os paes para não ver os filhos morrerem de fome, os dão a quem os queira. Causa dó este espectáculo. Os primeiros 500\$ para nada chegaram; rogo portanto a V. Revma. enviar a nova remessa o mais urgentemente possivel.»

Com data de 14 de novembro de 1915, escreve frei Cyrillo, vigario de Canindé:

«Quanta alegria me trouxe a esmola de 1:500\$000. Não póde imaginar a desolação que reina aqui. A noticia de serviço do açude «Salão» espalhou-se por toda freguezia e todos os dias chegam grupos de homens para se empregar; mas o serviço do Governo só começará depois de uma ou duas semanas. Imagine V. Revma. a desolação dessa pobre gente, sem casa, sem dinheiro, sem comida. Todos correm ao convento e pedem serviço no cemiterio, que não comporta este povo todo. Neste serviço teem trabalhado mais de 100 pessoas diariamente. Em dous dias as mulheres transportaram mais de 50.000 tijolos; era um verdadeiro formigueiro humano. Deus pagará com grande generosidade esta esmola, que alimentou e alimentará ainda por duas semanas tantas pessoas famintas. Estas esmolos teem evitado os roubos

Quando não havia os trabalhos do cemiterio, os famintos, por falta de recursos, roubavam gado, ovelhas e cabras, mas, depois de começado o serviço, desapareceram os roubos. Eu lhe agradeço do intimo do meu coração e commigo todo este povo infeliz. Encomende-me a Deus para me dar paciencia nesta quadra tão horrivel.»

O vigario de Pentecoste, padre Aureliano Mattos, em data de 21 de novembro de 1915, agradece a remessa de 600\$, e diz:

«Com a distribuição dessas esmolas affluiram muitos famintos, de tal modo que, com as difficuldades em que me acho, pela escassez de rendimento desta pobre freguezia, ser-me-ha impossivel continuar aqui, sem algum soccorro, que venha dahi. Cada dia que se passa, o thermometro da fome marca mais um gráo.»

Com data de 6 de dezembro de 1915 o padre Zacharias Ramalho, vigario de Russas, agradecendo a remessa de réis 4:000\$, diz:

«Cresce dia a dia o numero de pedintes, é grande a avalanche de retirantes, que mendigam ás portas, quotidianamente, e a caridade publica começa a cançar. As alimentações silvestres estão acabadas, não ha mais palmito nas varzeas e a pouca macambyra que existe é arrancada na chapada do Apody, com quatro leguas e mais de distancia desta cidade. E' immensa, indiscriptivel a miseria deste municipio!»

Com data de 8 de dezembro de 1915 escreve o vigario de Pacoty, padre Antonio Tabosa Braga:

«A situação aqui agrava-se dia a dia, já morre gente de fome, na serra.»

De Arraial escreve, com data de 10 de dezembro de 1915, o vigario padre Manoel Feitosa:

«O portador informará a V. Revma. o estado de miserabilidade a que se acha reduzida a população daqui; já se deram varios casos de morte á fome. Estou cansado de ver tanta miseria, sem poder dar remedio.»

As cartas dos primeiros mezes de 1916 não são mais animadoras. Com data de 13 de janeiro escreve D. Lucas Heuser O. S. B., agradecendo a remessa de 500\$000:

«Os pobres flagellados já começam a morrer de inanición.

Ainda hontem confessei quatro pessoas, das quaes hoje morreu uma, um verdadeiro esqueleto. Faz chorar ver essa pobre gente. Deus misereatur nostri!»

Com data de 19 de janeiro de 1916 escreve o padre J. Juvencio de Andrade, vigario de Cratheús:

«O estado de miseria do pobre povo aqui tem se aggravado ultimamente, devido á affluencia dos flagellados para o serviço da estrada de ferro. Muitissimo teem valido os recursos, que tenho recebido por vosso intermedio.»

O padre Miguel Xavier, vigario de Pereiro, agradecendo em data de 24 de janeiro de 1916 a remessa de 400\$, diz:

«A miseria aqui é grande, a caridade publica já está exhausta e a fome devora a pobreza de um modo assustador.»

Com data de 4 de fevereiro de 1916 o padre Zacharias Ramalho, vigario de Russas, agradece a remessa de 500\$ e escreve:

«Mandei incontinenti buscar referida quantia, que distribui com os famintos daqui e com as levas de retirantes, que diariamente transitam por esta cidade. Foi muita cousa, serviu-nos muito, mas durou muito pouco e de novo vejo-me cercado desses desherdados da sorte, sem ter alma para vêr tanta infelicidade e sem ter um vintem para dar! Emquanto houve «comida brava», a pobreza ia disfarçando a sua miseria, agora, porém, está tudo acabado; os terrenos estão litteralmente devastados, nos carnaubaes não ha mais palmitos, que foram todos devorados por uma terrivel praga de lagartas. e um ou outro, que existe, os proprietarios, porque estão precisando, não consentem tirar, resultando por vezes desta prohibição lutas e ferimentos em plena varzea entre famintos que roubam na extrema necessidade, e proprietarios, que não teem mais para dar.»

O padre José Barbosa de Magalhães, vigario de Coité, com data de 6 de feveriro de 1916 escreve:

«Começou o inverno, mas a miseria continúa de um modo pavoroso, aggravando-se cada vez mais a nossa situação. Toda semente, que distribui, perdeu-se, devorada pela lagarta e agora nos achamos sem recursos, contando certamente com uma grande miseria, preñenciando quadros dolorosos, de fazer cortar coração. Já não posso mais vêr tanto horror, sem poder

mais dar nem sequer uma esmolinha. O clamor é grande e nada posso fazer.»

Com data de 8 de fevereiro de 1916 escreve o padre J. Augusto da Silva, vigário de Camocim:

«Embarcaram pelo ultimo vapor 1.200 emigrantes, sem diminuir a enorme multidão estacionada nesta cidade.»

Em data de 16 de fevereiro de 1916 o padre Raymundo Bezerra, vigário de Jaguaribe-mirim, accusa a recepção de 400\$ e acrescenta:

«Como é grande a necessidade do povo, encontrando-se diversas pessoas cahidas de fome, resolvi socorrer-as e empregar o resto do dinheiro em sementes. O povo não pôde mais resistir e nesses dias morrerão muitos de fome.»

Com data de 21 de fevereiro de 1916 o vigário de Pereiro, padre Miguel Xavier, agradecendo a remessa de 800\$, diz:

«Estou acabando de distribuir esse dinheiro com uma imensa onda de famintos e andrajosos em uma confusão espantosa e insupportavel. Vivo com o animo completamente abatido pelas scenas commoventes e inevitaveis, que presencio diariamente nesta terra madrastra.»

O padre Antonio Tabosa Braga, vigário de Pacoty, em 18 de março de 1916, diz:

«O valioso auxilio tem-me servido muito. O povo está se acabando; aqui, donos de sitios estão passando fome tremenda. De domingo (12) até hoje (18) confessei quarenta e um moribundos. Reina tremenda miseria em todas as casas. Em cada uma casa não ha com que fazer um caldo, e arqueja uma creancinha ao lado do pae moribundo, quando não mais de uma. Neste mez já confessei 77 doentes. As creanças estão se acabando. Até quando irá a fome em nossa terra? Morrer de fome!... Que horror! Pobres dos meus patricios! «Deus super omnia!»

Com data de 12 de março de 1916 o padre J. Augusto da Silva, vigário de Camocim, agradece a remessa de 600\$ e escreve:

«Aqui a miseria é grande. Muitos já morreram de fome e outros terão igual sorte.»

O vigário de Beberibe, padre Saraiva Leão, em data de 8 de maio de 1916, agradecendo a remessa de 500\$, escreveu:

«Continúa o estado de pobreza, ou antes de miseria, deste infeliz povo, magro, sujo e rasgado. A população está se alimentando de melancia, pois a farinha ruim está a 400 réis o litro. Tem sido grande o numero de obitos nesses quatro mezes aqui, por causa de uma especie de cholerina, que appareceu. Nesta parochia occorrem annualmente uns 80 obitos e só nesses quatro mezes já se deram mais de 100.»

Esses escriptos, além de comprovarem a applicação esculpida dada aos dinheiros arrecadados pelo Exmo. Sr. Arcebispo, pintam, em sua linguagem franca e singela, as miserias e angústias soffridas pelo cearenses durante a secca passada e confirmam tudo quanto eu venho dizendo a esse respeito.

O SR. JOSÉ AUGUSTO — E que é, infelizmente, a reprodução do que se observa em todo o nordeste durante as seccas.

O SR. JUVENAL LAMARTINE—E' a triste verdade. (*Apoiados.*)

O SR. THOMAZ RODRIGUES — Obra de patriotismo e de humanidade é dar remedio a semelhante situação. (*Muito bem.*)

O SR. ILDEFONSO ALBANO — Dentre os varios Deputados que da tribuna da Camara defenderam os flagellados do nordeste, não posso deixar de mencionar o nome do illustrado orador Dr. Barbosa Lima, que em memoravel discurso propoz o augmento da verba de soccorros aos fragellados, accrescentando assim mais esse motivo de gratidão aos laços de sympathia que o Ceará já tem por S. Ex. (*Apoiados.*)

Wenceslau Braz

Quero por ultimo referir-me ao benemerito Presidente da Republica Dr. Wenceslau Braz Pereira Gomes, cujo nome e pronunciado por todos os cearenses com respeito e gratidão, pois S. Ex., apesar da melindrosa situação do paiz, mandou construir varias obras de importancia no nordeste brasileiro com o fim de dar trabalho aos retirantes.

A actual geração cearense não esquecerá os beneficios prestados a nosso Estado em um momento de temores e af-

flicções por esse illustre estadista e sua caridosa Esposa, e saberá tornar conhecido dos vindouros e nome benemerito de Wenceslau Braz, assim como ainda hoje é relembrado o nome do magnanimo D. Pedro II, o grande protector dos cearenses em 1877. Digo-o de coração e tenho a certeza plena, que assim fallando, exprimo o pensamento de todos os cearenses. (Apoiados.)

O SR. JUVENAL LAMARTINE — De todos os habitantes do nordeste.

O SR. ILDEFONSO ALBANO — Nessa sua attitude humanitaria e patriótica foi S. Ex. acompanhado pelo seu digno Ministro da Viação, Dr. Augusto Tavares de Lyra, e pelo honrado *leader* da Camara, Dr. Antonio Carlos R. Andrada, que sempre se mostraram solícitos e incansaveis em promover os soccorros aos retirantes. (Apoiados.)

A importação de cereaes

A crise passou, deixando o Ceará profundamente abalado, sua população errante e arruinada e sua vida em completa desorganização.

A lavoura, durante a secca, nada produziu e o Estado foi obrigado a importar todos os cereaes necessarios á vida de seus habitantes.

Durante os cinco annos de 1910 a 1914 foram importados, sómente pelo porto de Fortaleza, os seguintes cereaes:

Anno	Arroz	Farinha	Milho	Feijão
		<i>Saccas</i>		
1910.....	5.952	28.872	3.547	2.743
1911.....	8.273	5.232	8.541	3.184
1912.....	16.416	22.816	8.874	8.643
1913.....	12.674	25.011	5.522	4.372
1914.....	3.732	4.677	2.253	1.889
Média annual de cinco annos.....	9.409	17.321	5.747	4.166

A importação de cereaes no anno da secca foi a seguinte :

Anno	Arroz	Farinha	Milho	Feijão
		<i>Saccas</i>		
1915.....	100.436	265.443	102.251	128.041

Para sabermos o que foi importado em virtude da secca, precisamos deduzir desses totaes a média da importação em epochas normaes.

Assim teremos :

Arroz	Farinha	Milho	Feijão
<i>Saccas</i>			
91.027	248.122	96.504	123.875

Estas cifras representam sómente a importação pelo porto de Fortaleza, faltando-me dados sobre a importação dos portos de Camocim e Aracaty.

Camocim, estação inicial de uma estrada de ferro de 335 kilometros de comprimento, é o intermediario natural para a importação e exportação de todos os generos requeridos e produzidos por todo o norte do Estado ; Aracaty é o entreposto commercial da importante zona do Jaguaribe.

Podemos pois sem exagero calcular os cereaes importados por aquelles dous portos em 30 % das cifras acima.

Assim teremos:

1915	Arroz	Farinha	Milho	Feijão
	<i>Saccas</i>			
Fortaleza	91.027	248.122	96.504	123.875
Camocim e Aracaty 30 %.	27.308	74.436	28.931	37.162
	<u>118.335</u>	<u>322.558</u>	<u>125.435</u>	<u>161.037</u>

O SR. MOREIRA DA ROCHA — São algarismos eloquentes.

O SR. ILDEFONSO ALBANO—Mas as consequencias da secca se fizeram sentir ainda em 1916, cuja safra foi pequena e tardia devido ao sobresalto, em que ficara o povo, e devido aos grandes estragos causados á lavoura pelas pragas de ratos e lagartas, que appareceram em abundancia. Foi preciso novamente recorrer á importação de cereaes, que se elevou em 1916 ás seguintes cifras:

1916	Arroz	Farinha	Milho	Feijão
	<i>Saccas</i>			
Primeiro semestre.....	16.242	144.902	44.351	6.774
Segundo semestre.....	7.536	53.668	16.136	7.181
	<u>23.778</u>	<u>198.570</u>	<u>60.487</u>	<u>13.955</u>
Menos média annual.....	9.409	17.321	5.747	4.166
	<u>14.369</u>	<u>181.249</u>	<u>54.740</u>	<u>9.789</u>
Camocim Aracaty 30%...	4.310	54.384	16.422	2.936
	<u>18.679</u>	<u>235.633</u>	<u>71.162</u>	<u>12.725</u>

Recapitulando, temos ;

Importação de cereaes em 1915

118.335 saccas de arroz.....	25\$000	2.958:375\$000
322.558 saccas de farinha.....	16\$000	5.160:928\$000
124.455 saccas de milho.....	12\$000	1.493:460\$000
161.037 saccas de feijão.....	30\$000	4.831:110\$000
Total.....		<u>14.443:873\$000</u>

Importação de cereaes em 1916

18.679 saccas de arroz.....	25\$000	466:975\$000
235.633 saccas de farinha.....	16\$000	3.770:128\$000
71.162 saccas de milho.....	12\$000	853:944\$000
12.725 saccas de feijão.....	30\$000	381:750\$000
Total.....		<u>5.472:797\$000</u>

A exportação do Estado do Ceará nos annos de 1907, 1908, 1909, 1910 e 1912 elevou-se ás seguintes quantias :

1907.....	11.036:638\$107
1908.....	12.204:659\$531
1909.....	18.860:320\$806
1910.....	19.492:109\$392
1912.....	20.544:824\$549
Total.....	<u>82.138:552\$385</u>

Media annual dos cinco annos, 16.427:710\$477.

O Ceará é, pois, um Estado, cuja exportação se eleva em media a 16.427:710\$477 e que para a manutenção de seus habitantes foi obrigado a importar em 1915 cereaes no valor de 14.443:873\$ e em 1916 no valor de 5.472:797\$000.

E' evidente o desequilibrio, que estes factos causaram á nossa economia.

Si computassemos as entradas de outros generos, como xarque, farinha de trigo, assucar, etc., pelos portos do Estado, si avaliássemos os cereaes e generos entrados pelas fronteiras, o contraste seria ainda mais penalizador ; chegaríamos talvez á evidencia de que o valor dos generos de primeira necessidade, importados no anno da secca foi superior ao valor de toda a exportação do Estado.

Mortandade do gado

Muito mais impressionantes foram os estragos causados pela secca á industria pastoril do Ceará.

As numerosas manadas, que pastavam nos sertões cearenses, representavam o trabalho de annos, capitaes accumulados com paciencia e economia, eram uma das principaes riquezas do Estado.

Nos annos de 1907, 1908, 1909, 1910 e 1912 a exportação de couros de boi pelos portos de Fortaleza, Camocim e Aracaty foi a seguinte:

	Couros	Espichados	Salgados	Sola	Total
1907.....		1.302	50.444	17.845	69.591
1908.....		7.008	52.311	13.043	72.362
1909.....		17.945	67.012	16.825	101.782
1910.....		10.424	65.504	16.008	91.936
1912.....		32.433	77.838	7.750	118.021

(Não foi possível obter a exportação de 1911, 1913 e 1914).

A media annual foi de 90.738 couros.

Em 1915, em virtude da grande mortandade de gado causada pela secca, a exportação elevou-se ás seguintes cifras:

	Couros	Espichados	Salgados	Sola	Total
1915.....		478.383	90.821	24.055	593.259

Mas como muitos animaes morrem no matto, sem que os vaqueiros o saibam e sem que os couros sejam aproveitados, podemos accrescentar 30 % ao numero acima para termos uma idéa approximada do gado morto e abatido no anno de 1915 ; teremos assim 771.236 rezes. Deduzindo desse total a media de couros exportados, annualmente, em épocas normaes, restam-nos 680.498, numero de rezes bovinas mortas no anno de 1915 em consequencia da secca.

A exportação de pelles de cabra, de carneiro e pelles curtidas pelos portos de Fortaleza, Camocim e Aracaty nos annos de 1907, 1908, 1909, 1910 e 1912 foi a seguinte:

	Pelles de cabra	carneiro	curtidas	total
1907.....	548.845	169.201	615	718.661
1908.....	800.884	293.512	3.205	1.097.601
1909.....	1.010.312	330.880	—	1.341.192
1910.....	689.458	212.258	1.034	902.750
1912.....	794.554	569.763	256	1.364.573

sendo a média annual de 1.084.955 pelles.

Em 1915 a exportação elevou-se ás seguintes cifras:

	Pelles	de cabra	carneiro	curtidas	total
1915.....	2.386.868	431.884	1.246	2.819.998	

Si a esta cifra acrescentarmos 25 % das pelles não aproveitadas, deduzindo-lhe a média de pelles exportadas em annos normaes, teremos o total de 2.440.042 cabeças de gado caprino e ovino, mortas em consequencia da secca de 1915.

Faltam-nos dados tão positivos, quanto estes, para avaliar a mortandade do gado cavallar, asinino, muar e suino. Entretanto, pelas informações prestadas pelos fazendeiros do interior, podemos calcular sem receio de exagero, um prejuizo de 50 % em media para o cavallar e suino e 40 % para gado asinino e muar, Assim teremos:

Cabeças	Existencia antes da secca	Prejuizo com a secca	
Cavallar.....	421.230	50 %	210.615
Suino.....	486.030	50 %	243.015
Asinino e muar.....	280.670	40 %	112.268

Recapitulando temos no quadro seguinte a somma total dos prejuizos causados á pecuaria pela secca de 1915:

680.498 bovinos.....	70\$000	47.634:860\$000
2.440.042 capr. e ovinos.....	7\$000	17.080:294\$000
210.615 cavallares.....	70\$000	14.743:050\$000
243.015 suinos.....	25\$000	6.075:375\$000
112.268 asininos e muares.....	80\$000	8.981:440\$000
		94.517:029\$000

O SR. THOMAZ RODRIGUES — A observação de V. Ex. cresce de importancia no momento actual, em que tanto interesse vae despertando a pecuaria.

O SR. ILDEFONSO ALBANO — Os rebanhos cearenses ficaram tão reduzidos, que o governo do Estado dispensou os dizimos do anno passado. Quixeramobim, o municipio criador de maior importancia, cujo dizimo se elevava annualmente a 15:000\$ ou 17:000\$, em 1916 não teria rendido 3:000\$000.

A mortalidade da população

A mortalidade da população tambem augmentou assustadoramente em todo o Estado, em consequencia da secca.

A fome fez numerosas victimas, perturbações intestinaes causadas por envenenamentos, diarrhéas, paratyphos e outras molestias do apparelho digestivo causaram milhares de mortes, principalmente entre as creanças.

Em Fortaleza o obituario entre os retirantes foi o seguinte ;

1915	Mortes
Julho.....	4
Agosto.....	45
Setembro.....	72
Outubro.....	158
Novembro.....	317
Dezembro.....	717
1916	
Janeiro.....	491
Fevereiro.....	340
Março.....	410
Abril.....	153
Maió.....	43
Junho.....	6
Total.....	2.756

O numero de mortes se elevava á proporção que augmentava o numero de retirantes na capital. Avalia-se em 33.000 o numero desses em dezembro, mez em que morreram 717.

Podemos, pois, calcular em 20 % o fallecimento mensal de retirantes em Fortaleza.

Em fevereiro o numero de mortes baixou, porque muitos retirantes haviam seguido para os campos; devido á enorme praga de ratos e lagartas, que devoraram as sementes plantadas e as plantiugas nascidas, muitos voltaram a Fortaleza, facto este, que elevou a mortandade em março; de abril em diante diminuiu novamente á proporção que os flagellados abandonavam a capital.

Mas sem pagar seu tributo, Fortaleza não podia hospedar aquelle grande numero de flagellados, famintos, doentes e sem hygiene. A

mortandade da população da cidade elevou-se em 1915 a 1.822 e em 1916 a 2.702.

	1915	1916
Habitantes.....	1.822	2.702
Retirantes	1.313	1.443
Total.....	3.135	4.145

O coeﬃciente de mortalidade por 1.000 habitantes, que em 1913 foi de 19,63 e em 1914 de 18,74, elevou-se em 1915 a 33,35 e em 1916 a 46,69.

O SR. MOREIRA DA ROCHA — Foram tristes dias para aquella capital.

O SR. ILDEFONSO ALBANO — O obituario de todo o Estado em épocas normaes é de cerca de 12.700 per anno. Em consequencia da secca elevou-se o numero de mortes em muitas localidades a cinco vezes o normal; nas cidades menos attingidas apenas duplicou. Si tomarmos a média, teremos um total de 38.400 mortes, sendo 12.700 por causas normaes e 25.400 em consequencia da secca.

As pessoas, que adquiriram doenças chronicas e incuraveis, inutilizadas e alienadas, cujo numero sempre augmenta nas calamidades, foram cerca de 5.000.

A natalidade de todo o Estado, que era de 48.000 por anno, cahiu em 1915 por causa da secca.

Ignora-se o numero de retirantes que sahiram pelas fronteiras para os Estados vizinhos; pelos portos de Fortaleza e Camocim emigraram de 28 de junho de 1915 a abril de 1916:

	Pessoas
Para o norte.....	30.802
Para o sul.....	8.511
	39.313

A população do Estado é avaliada em 1.200.000 habitantes, dos quaes, no minimo, 800.000 vivem da agricultura e industria pastoril; desses foram cerca de 400.000 attingidos directamente pela secca e, sem recursos, obrigados a abandonar suas terras.

Já vimos que nas obras executadas pelo Governo Federal obtiveram soccorro 72.646 retirantes; á margem dos açudes publicos se abrigaram 7.038; o numero de emigrados foi de 39.313; si calcularmos em 100.000 o numero dos que tenham obtido soccorro com trabalho dos particulares, teremos um total de 218.997 pessoas.

181.003 famintos

Ficaram, pois, 181.003 cearenses, mais de 20.000 por municipio, sem occupação e sem meio de vida, vagando pelo Estado, esmolando, curtindo fome e soffrendo as maiores miserias.

Vimos tambem que, em consequencia da secca, entraram no Ceará durante o anno de 1915 cereaes no valor de 14.443:873\$ e que as perdas causadas á industria pastoril montaram a 94.517:029\$000.

Os prejudicados não foram unicamente os agricultores e fazendeiros; estes factos causaram uma perturbação geral na vida economica do Estado, á qual ninguem escapou.

A população agricola, reduzida á miseria, não pagou suas dividas aos negociantes do interior; estes, por sua vez, devedores do commercio de Fortaleza, não puderam solver seus compromissos, em vista dos prejuizos soffridos com a insolvencia dos agricultores e fazendeiros; si procuraram vender uma casa ou propriedade agricola, não acharam preço em virtude da crise; si recorreram á fazenda de gado, pouco ou nada encontraram, pois a secca já o havia dizimado.

Nestas condições perdeu o commercio de Fortaleza muitos contos de réis. Os capitalistas, proprietarios, emfim todas as classes são, de um modo ou de outro, attingidas pela secca. Os menos prejudicados, além de obrigados a assistir diariamente aos dolorosos quadros de miseria á porta de sua residencia, tiveram de augmentar a verba de esmolos, emprestimos e soccorros. A vida encareceu extraordinariamente; a farinha de mandioca, base da alimentação do pobre, que no interior do Estado custa 2\$ a quarta em épocas normaes, passou a ser vendida durante a secca a 25\$ a quarta; o custo dos demais generos de primeira necessidade subiu na mesma ou maior proporção.

Quanto aos effeitos moraes exercidos pela secca sobre a população, não me é dado descrevel-os; os que me ouvem saberão avaliar a que gráo de miserias, dissolução de costumes, perversões e degradações de toda sorte foram levados esses infelizes, visitados por tamanha e tão triste calamidade, com suas terras barbaramente devastadas, seus campos cobertos de ossadas, os lares em abandono, creanças innocentes immoladas, e elles, os cearenses, errantes, em mulambos, povo sem patria, arrastando seu infortunio por todo o Brazil, e xpostos ao escarneo, desprezo e vilipendio.

O SR. OSORIO DE PAIVA — E' facil avaliar a miseria a que ficam reduzidos esses infelizes. (*Muito bem.*)

O SR. JUVENAL LAMARTINE. — E' facil de avaliar tambem o resultado deploravel para o futuro da nossa raça. (*Apoiados.*)

A crise passou

O SR. ILDEFONSO ALBANO—A crise passou, porém o mal ficou!

O Ceará renasce, os sertanejos voltam ao trabalho, recomeçamos a accumular bens, até que surja uma nova secca para convulsionar a nossa vida e tudo novamente anniquilar.

Assim foi nos seculos XVII e XVIII, assim tem sido no seculo XIX, assim é no seculo XX e assim será para o futuro, até que o Governo tenha vontade de resolver esse problema da secca e o encare com coragem e patriotismo, dando-lhe solução definitiva.

Até hoje temos combatido as crises, que são passageiras, com palliativos, quando deveriamos combater as seccas, que são periodicas, por um trabalho continuo e ininterrupto.

Não vejo, em todo Brasil, problema de tanta relevancia, quanto este; de maior, não ha, nem póde haver, pois este diz directamente com a vida do elemento genuinamente brasileiro.

As opiniões a respeito das seccas

As opiniões acerca do flagello da secca, da acção do Governo Central deante desse phenomeno e dos meios de combatel-o, são extremamente variadas.

A maior parte dos criticos julga sem conhecimento de causa, outros fallam com má vontade e de má fé.

Alguns, de passagem pelo Ceará, olham para as enormes dunas de areia, que se avistam ao longo de nossas praias, e exclamam: «Esta terra é um deserto; digam-me si naquelle areial póde nascer alguma cousa»! Outros, que desembarcam e vêem os jardins publicos de Fortaleza verdes e floridos, algum movimento no mercado, voltam para bordo dizendo que no Ceará não ha secca; ha chuva, riqueza e bem estar. Alguns lamentam nossa sorte, sympathizam com a nossa causa e verberam o indifferentismo dos poderes publicos.

Outros, ciosos do bom nome do Brazil no estrangeiro, nos censuram por fallarmos em secca. Em uma viagem a meu Es-

tado natal um passageiro, com quem eu me entretinha sobre esse assumpto, disse-me:

«Você, como brasileiro, nem deve fallar sobre seccas e essas photographias, que são um tremendo libello contra os governos, você deve inutilizar, pois a sua publicação muito virá prejudicar a propaganda, que se vem fazendo do Brazil como paiz prospero, rico e adeantado, que tem gasto quantias elevadas em embellezamentos e melhoramentos materiaes. A secca é um cancro, que nos envergonha e que ha muito deveria ter sido extirpado; mas, já que não o foi, você, como brasileiro, tem obrigação de encobrir essas nossas miserias».

Respondi-lhe: «Como legitimo representante do Ceará tenho o dever de consciencia de pugnar pelos interesses de meus patricios e como brasileiro sou obrigado a chamar a attenção do governo para este problema nacional, que está pedindo immediata solução. Si, assim fazendo, prejudico á fama, que o Brazil tem adquirido no estrangeiro, a mim não cabe a culpa, e sim aos proprios Governos, que, em vez de se preocuparem com o bem-estar dos brasileiros e o progresso do paiz, teem procurado antes dourar a pilula e crear em torno do Brazil um renome immerecido e ficticio. Quando fallo sobre as seccas de minha terra, as infamias e vergonhas, a que estão sujeitos os meus patricios, minha intenção não é censurar os Governos passados. O meu intuito principal, unico, direi, é chamar a attenção dos Governos futuros para esta chaga nacional e mostrar a meus collegas, representantes dos ricos e prosperos Estados brasileiros, qual a verdadeira e triste situação do Ceará. Não tenho a falsa noção do patriotismo, que procura encobrir as faltas do paiz; pelo contrario, estou convencido de estar cumprindo um dever de patriotismo mostrando-as aos nossos dirigentes, para que possam ser sanadas.

Si assim eu não procedesse, seria taxado, e com razão, de covarde e não cumpridor de meus deveres.»

O SR. MOREIRA DA ROCHA — V. Ex. disse muito bem. (*Apoiados.*)

O SR. ILDEFONSO ALBANO — Outros, com sorriso sarcastico, chegam a dizer :

«Isso de secca é cousa inventada pelos Estados do norte, quando querem sangrar a Nação».

Prefiro não dar a resposta merecida a esses individuos, que, por escarneo ou outro sentimento menos digno, nos emprestam taes conceitos.

O abandono do nordeste

Ha outros ainda que querem resolver esse problema pelo completo abandono do nordeste e a emigração em massa de suas populações para colonizar o sul do Brazil.

O *Jornal do Commercio* de 17 de março de 1916 publica um artigo sem assignatura, intitulado *A volta aos campos*, que com entusiasmo e energia combate a construcção de açudes e prega aquella solução.

Eis alguns trechos do artigo do illustre anonymo :

«Suspendamos, pois, esta lucta ingloria, inutil, louca com que os nossos mirrados braços pretendem armazenar nos sertões do Ceará agua sufficiente para desalterar o sol tropical e deixar ainda sobras para a bocca do homem.

«Não enterremos mais um vintem nesse deserto americano quasi tão branco, como as areias do Sahara, pelas alvas ossadas que já o cobrem. Si das primeiras vezes que o terrivel flagello da secca açoitou as nossas provincias do norte tinhamos o direito de nos queixar da natureza, agora já não o temos.

«A periodicidade das seccas daquellas regiões ja não está por demonstrar ; persistir em conservar ali uma opulação é um crime identico ao que se commetteria na Suissa reedificando uma aldeia em logar provadamente escolhido pelas avalanches para suas correrias.

«Feliz o paiz em que aos males que affligem os homens do norte offerece remedio a propria terra do sul.

«S. Paulo, Minas, Rio de Janeiro lutam com a falta de braços e com a carestia do trabalho rural para a exploração das suas riquezas.

«Para fornecer os braços de que necessita o sul, não é de certo sufficiente a região assolada do norte, justificadas estão as despesas feitas e que se farão para installar o colono europeu nas nossas terras. Mas esse contingente de homens que nos póde vir do Ceará, alliviando aquelle Estado de uma população que elle não consegue nutrir, não deve ser desprezado como boa immigração que será para os Estados do sul. O exodo dos reservistas italianos para as fileiras do exercito da civilização mais opportuna torna ainda a emigração dos cearenses para o sul.

«Ha, pois, uma solução para o problema das seccas do norte, que de um só golpe cura dous males, e, entretanto, os politicos brasileiros

passam ao lado della, para ir buscar em complicadas e custosas obras de engenharia o remedio que umas simples viagens em paquetes do Lloyd forneceriam.

«Que venham os flagellados do Ceará para S. Paulo, Minas e Rio de Janeiro, como vaç de sua casa para a de um parente o enfermo que não tem recursos e necessita mudar de ares.

«Deixemos as regiões precarias do Ceará, como reserva de terras para quando o nosso paiz tiver seus 500 milhões de habitantes. Demos as terras fecundas e as fartas aguas do sul aos famintos e sedentos do norte.

«O gesto é caridoso como os que mais o sejam, e sua projecção no futuro dilatada e bemfazeja como a sombra de uma pyramide no deserto.

«Aos intermediarios dos infelizes cearenses flagellados que não se contentam com esse soccorro actual, efficaz e definitivo, lembramos que merece desconfiança o pobre que pede esmola e recusa um pão; e recordemos tambem que é eternamente applicavel o processo que usou Salomão para descobrir a verdadeira mãe de uma criança em litigio.»

As idéas aqui expressas não são uma opinião isolada; ellas tem nfelizmente muitos e influentes adeptos e por isso precisam ser combatidas com energia. (*Muitos apoiados.*)

Ha brazileiros para os quaes o Brazil se resume na capital do paiz, S. Paulo, Minas e Rio de Janeiro; o horizonte visual desses patricios chega sómente até a Europa; o Ceará, como bem disse o nosso illustre homem de lettras Antonio Salles, fica tão longe!

E' evidentemente um desses brazileiros o illustre escriptor daquellas linhas, que, imbuído de bairrismo estreito, chega a chamar uma loucura a pretensão de «armazenar nos sertões do Ceará agua sufficiente para desalterar o sol tropical e deixar ainda as sobras para a bocca do homem».

A irrigação na antiguidade

Bem mostra o illustre patricio que desconhece o valor da irrigação, pratica antiquissima, já adoptada pelos chinezes muito antes da era christã. A inscripção de Hammurabi, um dos maiores reis da Babilonia, inscripção que data do anno 2200 antes de Christo, diz o seguinte a respeito da irrigação da Mesopotamia, antiga Chaldéa, cujos vestigios ainda hoje existem:

«Construi o canal de Hammurabi, beneficio para as populações de Shumir e Accad. Distribui as aguas por canacs lateraes pelas

planicies do deserto. Fiz a agua correr nos canaes seccos e della dei ao povo um abastecimento ininterrupto... Transformei as planicies do deserto em terras bem irrigadas. Dei-lhes fertilidade e fartura e dellas fiz a mansão da felicidade.»

A irrigação do Egipto data de remotas óras e a Biblia refere que no tempo de José do Egipto todas as nações lá foram comprar trigo.

A Africa Romana, que, no dizer de Sallustio, soffria de *caelo terraque penuria aquarum* e onde, conforme Spartiano, uma vez deixou de chover durante cinco annos seguidos, foi transformada pelos Romanos com a irrigação, a ponto de se tornar o celeiro de Roma.

A este respeito escreve Gaston Boissier no seu interessante livro *l'Afrique Romaine*:

«Penso emfim que, por falta de outra prova, esses grandes trabalhos hydraulicos comprehendidos pelos Romanos, dos quaes restam ruinas tão admiraveis, são a demonstração mais clara que o paiz devia ser naquelle tempo tão secco, quanto hoje o vemos: um povo, que enxergava longe, não teria tido tanto trabalho, nem gasto tanto dinheiro para arranjar agua, si do céo tivesse cahido bastante para as suas necessidades.

«Foram essas obras maravilhosas que em parte suppriram o que a natureza havia negado á Africa.

«Os rios africanos são apenas ravinas; depois de uma tempestade extravasam e devastam o paiz; em seguida ficam quasi seccos e ás vezes desapparecem na areia. Para reter essas aguas passageiras e impedir que se perdessem no mar sem proveito, os Romanos construíam diques e immensos reservatorios. Ainda existem muitas dessas obras, pelas quaes podemos admirar a competencia dos engenheiros, que as construíram. A agua assim represada nesses grandes açudes, descia das alturas para a planicie, onde pequenos canaes a conduziam através dos campos. A distribuição era feita com muita precisão e de accôrdo com a lei; cada proprietario tinha direito á agua durante um certo numero de horas, como ainda hoje se faz nos oasis».

Por isso chegou a Africa Romana a ser o celeiro de Roma; Juvenal em versos pedia que fossem tratados com consideração os lavradores africanos, que trabalhavam para o sustento dos Romanos, que assim podiam se entregar sem preocupações ás festas e ao circo.

Annona, a deusa do abastecimento de Roma, foi objecto de um culto especial e a Africa foi cognominada a «Alma da Republica».

O SR. ELIAS MARTINS—Exemplo digno de imitação.

O SR. ILDEFONSO ALBANO—As importantes obras de irrigação, construídas pelos mouros na Espanha, ainda hoje prestam relevantes serviços a uma grande zona arida no sul daquelle paiz.

A irrigação nos tempos modernos

Na época moderna tem sido grandiosas as conquistas da irrigação em todas as partes do mundo: ao norte da Italia, na Argentina, no Perú, no Mexico, no Canadá, na Africa do Sul, na Australia ha enormes tractos de terras irrigadas.

Os numerosos reservatorios construídos na India, irrigando cerca de 6.000.000 hectares de terra, muito tem contribuído para o augmento da producção agricola, garantindo, ao mesmo tempo a vida de milhões de indigenas.

A riqueza do Egypto é o algodão, cuja producção annual era de £ 7.500.000; com uma despeza de £ 4.000.000 em obras de irrigação a producção foi elevada a £ 15.000.000. Posteriormente tem sido emprendidas obras de maior vulto, como seja a elevação da parede do reservatorio do Assouan, que permittirá um augmento consideravel na irrigação.

O que os americanos tem feito na America do Norte é prodigioso, verdadeiramente gigantesco. Falle por mim Henrique Semmler, autor de importante obra sobre agricultura tropical:

«Ha muitos annos, em dia de sol estival, estavamos em um dos mais altos cumes da parte meridional da Serra Nevada, olhando para oéste, para a California, e voltámo-nos depois para o levante, onde os montes da Nevada, com matizes azulados, limitavam o horizonte. Não se avistava um só ponto, onde o olhar pudesse regosijar com a verdura, e involuntariamente nos vieram aos labios as palavras: *Deserto! Deserto triste e inutil! Eternamente os homens fugirão de ti!*

«Quem hoje subir áquelle cume, em que nos achavamos então, não verá mais um deserto desolador. Verá oasis risonhos, laranjaes, jardins em flor que embellezam a paizagem e cada anno mais e mais se multiplicam, até que em futuro proximo todo o terreno estará transformado em campos fertéis e pomares.

«Agora cultivam alfafa, que, com o auxilio da irrigação artificial, dá por anno oito colheitas e a mesma superficie, que outr'ora apenas nutria uma ovelha, hoje alimenta, com toda fartura, vinte.

Isso não será um triumpho magnifico da energia e do espirito empreendedor dos homens ?

«Chama-se agora Arizona o paiz mysterioso de Cibola, que os Azteques indicavam, quando os conquistadores hespanhóes, rudes e grosseiros, perguntavam pela fonte de seus thesouros. Cortez mesmo sahiu para procural-o, e embora regressasse desenganado, o seu exemplo foi, todavia, imitado por ousados aventureiros, até que descobriram a região procurada. Comtudo os hespanhóes nunca puderam manter-se em Cibola, não obstante sua ambição e ganancia de prata, a intrepidez e coragem em soffrer privações. Duas palavras os justificam : deserto e indios. Desertos alcalinos, poeirentos, queimados pelo sol ; terra montanhosa, solitaria, núa, sem agua, e os apaches, indios nomades e sanguisedentos.

«Quando atravessámos pela primeira vez o paiz, já tinham conseguido alguma cousa, todavia não hesitamos nem um momento em negar qualquer futuro a Arizona: aqui homens brancos nunca estabelecerão civilização persistente, fundando-a na agricultura, pensavamos nós. Nas margens de dous ou tres rios, que ha e que seccam durante a estação calmosa, poderia, porventura, realizar-se, por meio de irrigação artificial, uma cultura limitada do solo ? Pouco distante delles a natureza apresentava o verdadeiro character do deserto : cada planta estava armada de espinhos, cada animal de garras. Com a areia solta brincava o vento ; os olhos doloridos fechavam-se ante o reflexo do sol batendo na areia e nas paredes das rochas núas.

«Dez annos mais tarde, lembravamo-nos envergonhados da nossa prophecia. Uma ferro-via, que ligava dous oceanos, já atravessava o paiz, os indios eram mansos, mineiros ousados fundaram cidades, em seguida vieram pastores e depois agricultores. Procuraram a agua que faltava e a acharam no seio da terra; debellaram a falta das chuvas pela construcção de açudes e represas nos rios. Verificamos que Arizona, com seus pecegos e uvas magnificas, rivalizava vantajosamente com a California e, onde esperavamos ver um deserto eterno, ondulavam searas de trigo dourado.

«Perguntamos si esses exemplos não dão direito a concluir que os homens podem extinguir qualquer deserto ? A duvida e pusillanidade podem arriar bandeira perante as razões que aqui apresentamos. Energia e actividade são os primeiros requisitos absolutamente indispensaveis para dominar o deserto.

«Vimos transformar-se ante nossos olhos tantos desertos em campos florescentes, vimos tantos homens, que si melhor pensavam, mais energeticamente agiam, vencerem e dominarem ondas de areia e terrenos rochosos, que aprendemos a nos inclinar perante o facto, entoando o hymno do novo evangelho : Não ha deserto !

«Não ! No sentido vulgar da palavra, não ha deserto. Digam o que quizerem a superstição e a ignorancia. Neste mundo, creado por Deus, não ha logar condemnado á eterna esterilidade. Qualquer ponto da terra póde ser utilizado, si não o for, a culpa é da myopia humana.»

E dessa myopia, concluo eu, certamente, não soffrem os americanos, que, em 15 annos, conquistaram mais de um milhão de hectares de deserto para a agricultura.

O illustre autor do artigo *Volta aos Campos* mostra completa ignorancia do que seja o Ceará, chamando-o de *deserto americano* e e suas terras *regiões precarias*.

O SR. MOREIRA DA ROCHA — E' muita ignorancia.

O SR. ILDEFONSO ALBANO — O valle do Cariry, por exemplo, é um valle fertilissimo. E' todo cercado de montanhas e as aguas pluvias, que ahi cahem, teem de passar todas por uma estreita garganta na serra do Boqueirão, ao norte de Lavras, que forma assim uma grande barragem submersa. Nesse valle, que nunca foi adubado pelos agricultores, se planta canna de assucar, desde sua introdução no Brazil. E' a zona agricola mais fertil e mais rica do Ceará.

Além disso temos campos magnificos para nosso gado, que fornece um couro excellente, muito estimado nos mercados consumidores, onde alcança sempre cotação superior aos outros couros; temos terras fertilissimas para a agricultura, onde, se plantando um, colhem-se duzentos ; temos braços fortes e sadios para o trabalho e temos agua. Só nos faltam os reservatorios, que retenham essa agua para irrigar as nossas lavouras em caso de secca.

Nos annos chuvosos cahem milhões de metros cubicos d'agua, que se escoam pelas ravinas em carreira vertiginosa, causando por vezes desastrosas inundações, e se perdem no mar ; nos annos seccos em vão se procura uma gotta daquelle precioso liquido.

No Ceará ha innumerous boqueirões, logares indicados pela natureza para oppormos barreiras aos rios caudalosos, cujas aguas preciosas represadas serão a salvação do Ceará contra as seccas e contra as inundações.

O valle do Jaguaribe

Milhares de hectares de terras feracissimas jazem incultas á margem do Jaguaribe, aguardando unicamente a irrigação para tudo produzir.

Em annos regulares os Estados do Ceará, Rio Grande do Norte e Parahyba produzem 50 % do algodão consumido no Brazil. E são justamente estes tres Estados que possuem, na opinião de um entendido, as melhores terras, o melhor clima e a melhor gente para a cultura algodoeira.

Com a emigração em massa desses Estados onde iriamos buscar a materia prima para a nossa industria fabril? Os demais Estados brasileiros não produzem algodão em tão grande quantidade, nem de qualidade tão boa quanto aquelles.

O melhor algodão do mundo

Com a irrigação do valle do Jaguaribe teremos annualmente duas safras e poderemos produzir algodão superior ao *sea-island* e ao egypcio, cujo cultivo tem merecido dos governos americano e egypcio todo amparo e protecção.

O algodão *sea-island*, producto de longos annos de adaptação, estudos laboriosos e paciente trabalho de selecção, é hoje o melhor e mais apreciado algodão do mundo; sua cultura, feita de accôrdo com todos os preceitos scientificos, é dispendiosa e sua producção pequena. O comprimento de sua fibra é no maximo de 43^{mm}, em média de 40^{mm}.

O algodão, produzido no Egypto com auxilio da irrigação e oriundo de sementes do *sea-island*, é o melhor algodão depois deste; sua fibra attinge 38^{mm} e tem em média 35^{mm}.

O melhor algodão exhibido na Conferencia Algodoeira de 1916 foi o «Mocó» e media 46^{mm}.

Tenho aqui, Sr. Presidente, uma fibra de algodão medindo 55^{mm}. proveniente do valle do Jaguaribe e encontrada em um lote de algodão vindo do Aracaty pelo Sr. Cunha Vasco, gerente da Fabrica Confiança, que forneceu esta amostra ao Dr. Trajano de Medeiros.

O SR. JOSÉ AUGUSTO — E' realmente notavel.

O SR. JUVENAL LAMARTINE — E fibra resistente.

O SR. ILDEFONSO ALBANO — Este facto extraordinario, por si só, é uma prova incontestavel da excellencia daquella zona para o cultivo

do algodão, digo mais, da superioridade daquella a qualquer outra do mundo, pois apesar de nossos processos rotineiros de cultura e descaçoadores improprios, apesar de não praticarmos a selecção das sementes, conseguimos, apenas com o auxilio da natureza e sem esforço, o que os americanos, com prolongados estudos de muitos annos, aperfeiçoados processos culturaes e beneficiamento cuidadoso, não conseguiram e talvez nunca conseguirão.

E ha brasileiros que querem seja abandonada essa terra, abençoada pela Providencia com tamanha riqueza, que nós não temos sabido apreciar, nem aproveitar.

Exportamos a cêra de carnaúba, de exclusiva producção do nordeste brasileiro, artigo muito procurado para fins industriaes.

Temos a nossa historia, cheia de feitos gloriosos, que nos ennobrecem, nossos grandes homens, que em todos os ramos da actividade humana tem honrado o Ceará, conquistamos entre as unidades brasileiras um logar de destaque, que não podemos nem queremos perder.

Si as terriveis calamidades das seccas não conseguem nos aniquilar, como querem decretar o desaparecimento do cearense para incorporal-o anonymo ao publico de S. Paulo, Minas ou Rio de Janeiro?

Essa idéa, pois, de decretar o abandono dos Estados flagellados pela secca é uma idéa infeliz, iniqua, impatriotica e anti-economica, fructo do bairrismo estreito do illustre autor daquellas linhas e de outros partidarios egoistas dessa idéa, que procuram favorecer a sua zona natal em detrimento de uma parte do Brazil, que não conhecem.

Immigração estrangeira

Ainda para beneficiar sua região, o illustre incognito, autor do referido artigo, diz que «para fornecer os braços de que necessita o sul, não é de certo sufficiente a região assolada do norte, justificadas estão as despesas feitas e que se farão para installar o colono europeu nas nossas terras».

Ora, como sabemos, a Europa toma tanto interesse pelos seus subditos, a ponto de zelar pelo bem estar mesmo daquelles, que emigram, fazendo severas exigencias aos paizes, que se propõem a recebê-los como colonos.

O Brazil tem promovido a introducção de colonos europeus, cercando-os de todas as garantias. Essa corrente foi iniciada por

D. João VI, com o decreto de 16 de maio de 1818, pelo qual foram introduzidas 100 familias suissas do cantão de Friburgo para a fundação do nucleo colonial de Nova Friburgo.

Dahi para cá, sempre debaixo de leis paternaes, se tem desenvolvido, com maior ou menor intensidade, a corrente emigratoria para nosso paiz.

Abster-me-hei de fallar sobre abusos havidos na introdução de vagabundos, gatunos e criminosos de peiores especies sob a capa de colonos.

Mas para a Camara poder comparar a triste situação do colono cearense no Amazonas com a situação privilegiada do colono estrangeiro, vou respigar alguns artigos do regulamento do Povoamento do Solo, baseado nas exigencias feitas pelos paizes europeus e approvedo pelo decreto n. 9.081, de 3 de novembro de 1911.

Em consequencia da guerra uma disposição do orçamento de 1915 suspendeu a introdução de colonos, mas os artigos, que não dizem directamente respeito á introdução de immigrants, estão em vigor.

Pelo art. 5º o Governo fornecia gratuitamente aos immigrants passagens até o porto de desembarque, hospedagem em grandes casas hygienicas, alimentação sadia e, em caso de doença, medicos e pharmacia, emquanto ella durasse. De accôrdo com o art. 32 a passagem até o nucleo colonial era tambem paga pelo Governo.

O art. 40 descreve o nucleo colonial nos seguintes termos: «Nucleo colonial é a reunião de lotes, medidos e demarcados, de terras escolhidas, ferteis e apropriadas á agricultura ou á industria agro-pecuaria, em boas condições de salubridade, com agua potavel sufficiente para os diversos misteres da população, contendo cada um delles a area precisa para o desenvolvimento do trabalho do adquirente, servidos por viação capaz de permittir transporte commodo e facil, em favoravel situação economica e preparados para o estabelecimento de immigrants como seus proprietarios.»

De accôrdo com o art. 54 deve haver em cada nucleo uma ou mais escolas agricolas primarias, um campo de demonstração para culturas e pequenas officinas de ferro e madeira para os alumnos do curso agricola.

As casas eram construidas nos lotes ruraes (art. 66) em boas condições hygienicas e os terrenos preparados para as primeiras culturas; pelos arts. 67 e 79 os lotes e as casas eram vendidos a dinheiro ou a prazo de cinco a oito annos, em prestações annuaes a contar do primeiro dia do terceiro anno do estabelecimento do co-

lono, sendo as prestações, em caso de não pagamento, accrescidas de juros de 3 % (tres por cento) ao anno.

O preço dos lotes (art. 91) variam de 8\$ a 20\$ o hectare para os colonos, que tenham familia, podendo as casas (art. 94) ser vendidas por preço abaixo do custo.

Si um immigrante, que tiver pago pelo menos tres prestações, fallecer (art. 82) deixando viuva e filhos, as demais prestações são dispensadas em favor destes ou (art. 35) podem estes vender a outrem o direito sobre o lote e obter sua repatriação por conta da União.

Pelo art. 56, os colonos teem em caso de molestia medicamentos e dieta gratuitamente no primeiro anno, e assistencia medica gratuita enquanto o nucleo não fôr emancipado.

O art. 78 manda que os nucleos tenham armazem de generos de primeira necessidade para a «garantia do abastecimento da população a preços modicos».

Aos chamados immigrantes espontaneos, que são os que veem ao Brazil á sua custa, o Governo offerece tambem todos estes favores e (art. 12) lhes restitue, dentro de dous annos de sua chegada, o dinheiro de suas passagens para o Brazil.

Ainda não vimos tudo: o Governo, como bom pae de familia, dota as filhas, que fazem bom casamento.

Vou ler este interessante art. 74 na integra :

« Ao immigrante estrangeiro, que, sendo agricultor e contando menos de dous annos de entrada no paiz, contrahir casamento com brasileira ou filha de brasileiro nato, ou ao agricultor nacional que se casar com estrangeira chegada no paiz a menos de dous annos como immigrante, será concedido um lote de terras com titulo provisorio, que se substituirá por um definitivo de propriedade, sem onus algum para o casal, si este tiver, durante o primeiro anno, a contar da data do titulo provisorio, convivido em boa harmonia e desenvolvido a cultura e o aproveitamento regular do lote. »

Este privilegio de receber dote do Governo é gosado nas monarchias unicamente pelos principes e princezas.

Para se avaliar a injustiça, de que o cearense é victima, basta comparar estas providencias paternaes, tomadas pelo Governo para os colonos estrangeiros, com os regulamentos leoninos, a que estão sujeitos os colonizadores no Amazonas, e com as miserias soffridas por estes brasileiros durante as seccas.

O SR. MOREIRA DA ROCHA — E' de facto um contraste doloroso. (Apoiados.)

O SR. ILDEFONSO ALBANO — O Governo monarchico despendeu com a immigração cerca de 80.000 contos e o republicano mais de 32.000.

« Alma de colono »

Ainda que um certo numero de colonos se adapte á nossa vida e adopte de coração a segunda patria, muitos voltam para a terra natal e muitos outros, que aqui ficam, conservam a sua « alma de colono » e tem seu pensamento constantemente voltado para a patria do berço; remetem todos os annos para a Europa milhares de contos de réis e do nosso Paiz querem sómente a excellencia de nosso clima, a garantia de nossas leis paternaes e as riquezas de nosso solo.

Esta situação de privilegio, de que gosa o colonô estrangeiro, não tem razão de ser. Emquanto a Nação não puder garantir a subsistencia de sua população, ella não tem o direito de introduzir colonos estrangeiros em seu territorio.

Antes de tudo deveria o Governo da União construir as obras de irrigação no nordéste brasileiro, dividir as terras irrigadas em lotes, vendendo-os a brasileiros nas condições em que são os lotes dos nucleos cedidos aos immigrants.

As economias destes nossos patricios não irão para a Europa, ficarão no paiz, augmentando a riqueza patria.

Nos momentos perigosos a Patriã contará sempre com a lealdade incondicional e o patriotismo nunca desmentido do Ceará e Estados visinhos. (*Muito bem.*)

Não é possivel que os nossos dirigentes considerem o desenvolvimento economico do sul de mais vantagem ao Paiz, que a garantia da vida dos brasileiros. (*Muito bem.*)

Emquanto não estiver resolvido este problema primordial de salvação publica, emquanto não podermos dizer que o nordéste brasileiro conseguiu sua independencia economica, produzindo, quer com chuva, quer com secca, o sufficiente para o sustento de seus habitantes, a immigração estrangeira é uma affronta aos Estados, sujeitos á secca, cujas populações empobrecidas vivem condemnadas a uma existencia torturante.

Não pedimos esmolos !

O illustre autor daquelle artigo, « em um gesto caridoso, como os que mais o sejam, offerece aos famintos e sedentos do norte as terras

fecundas e as fartas aguas do sul e aos intermediarios dos infelizes cearenses flagellados, que não se contentam com esse soccorro actual, efficaz e definitivo, lembra que merece desconfiança o pobre que pede esmola e recusa um pão.»

Não! Não pedimos esmola! Queremos simplesmente ser tratados como brasileiros! (*Muito bem.*)

As seccas nos envergonham e nos aviltam, obrigando-nos a viver de mãos estiradas implorando a caridade e expondo-nos a criticas injustas e crueis.

Queremos nos libertar dessa triste situação, queremos reservatorios para as nossas terras, para que, livres das seccas e das inunções, possamos, pelo trabalho honrado garantir nossa vida e bem-estar. (*Muito bem.*)

Sabemos que a cidade de Campinas, a bella «Princeza do Oéste», foi entre 1889 e 1897 visitada por terriveis epidemias de febre amarella; o porto de Santos era igualmente um fóco desse terrivel morbus, que muitas vezes dizimava as tripolações dos navios ali ancorados; a Baixada Fluminense foi um immenso encharcado, que por toda a redondeza espalhava o impaludismo e a morte; na capital do paiz campeava outr'ora livremente a *stegomya*, transmittindo a febre amarella, espantallo dos viajantes estrangeiros e do corpo diplomatico.

Entretanto, nunca se aconselhou a fugida de Campinas e de Santos, a emigração da Baixada Fluminense, nem o abandono do Rio de Janeiro.

A municipalidade de Campinas emprehendeu importantes melhoramentos hygienicos. Santos, saneado por uma commissão do governo paulista, é hoje um porto abordado sem receios; a Baixada Fluminense foi drenada e a conquista dos magnificos terrenos agricolas, hoje cobertos, a perder de vista, de extensos arrosaes, ahi estão para attestar o tino administrativo do illustre Dr. Nilo Peçanha, executor daquelle importante melhoramento; o Rio de Janeiro passou por uma completa transformação, tornando-se uma cidade moderna e saudavel, relembrando para sempre a acção benemerita de Rodrigues Alves, Lauro Müller, Oswaldo Cruz e Pereira Passos. (*Apoiados geraes.*)

Por que razão, pois, deverá o Ceará ser abandonado?

Não! O Ceará é dos cearenses e é no Ceará que devem elles ficar!
(*Apoiados da bancada cearense.*)

Valiosas opiniões sobre o valle do Jaguaribe

O engenheiro inglez P. O' Meara, quando deixou a empreza do porto de Fortaleza, percorreu todo valle do Jaguaribe de Lavras até Aracaty; a impressão, que lhe ficou dessas terras foi tão boa, que teve a idéa de organizar em Londres uma empreza com capitaes inglezes para construir o grande reservatorio de Lavras e irrigar todo o valle do Jaguaribe.

O seu relatorio sobre este assumpto diz o seguinte:

«Cerca de 10 milhas rio acima, na sua margem direita, ha uma cidade de bom tamanho denominada Aracaty, situada na extremidade inferior das ricas e extensas planicies alluviaes do valle do Jaguaribe, que se estendem pelo interior em uma distancia de cerca de 80 milhas em ambas as margens do rio, com uma largura média de quasi 4 1/2 milhas e tão raza que, em toda distancia referida de Aracaty, a terra apenas se eleva a 50 metros acima do nivel do mar.»

«E' evidente que, si houvesse um bom e regular supprimento de agua ao longo deste valle, em niveis apropriados á irrigação, poder-se-hia convertel-o rapidamente em um centro de producção muito importante e proveitoso, que teria a seu favor grandes vantagens, taes como um solo rico, um bom clima, uma grande população laboriosa e pequena distancia de um conveniente porto de sahida.»

Infelizmente o engenheiro O'Meara não poude levar a effeito sua idéa, porque foi surprehendido pela morte.

A excellencia das terras alluviaes das margens do Jaguaribe é reconhecida e apregoada por todos os scientistas, que as conheçam, seja elle Revy, Crandall ou Arrojado Lisboa.

O SR. JUVENAL LAMARTINE — Sobre isso não ha mais duvida.

O SR. ILDEFONSO ALBANO — Ha dias o illustre Dr. Alberto Löfgren, scientista abalizado e acatado, disse-me textualmente: «Eu não conheço em todo o Brazil terra que possa rivalizar em fertilidade com grande parte do valle do Jaguaribe. Si ha mais de um Nilo, este é o segundo, que nada tem a invejar de seu collega do Egypto.»

O capital despendido será reproductivo

O capital exigido para a construcção dos grandes açudes daquelle valle com as respectivas rêdes de irrigação estará garantido pelas proprias obras. Como na Hespanha, podemos dizer que no Ceará a agua vale mais do que a terra. Irrigadas pelos açudes, as margens

do Jaguaribe produzirão safras excepcionalmente abundantes. A renda da taxa de agua dará francamente para o custeio das obras hydraulicas, pagamento dos juros e amortização. O capital, que a Nação gastar será um capital productivo e voltará totalmente aos cofres publicos, trazendo ainda maiores beneficios, como sejam o augmento da producção nacional e a garantia de vida e prosperidade, quer com chuva, quer com secca, da decima parte da população do Brazil.

Si para a construcção de portos e estradas de ferro, saneamento e embellezamento do Rio e valorização de productos agricolas temos lançado emprestimos, emittido papel-moeda e gasto sommas elevadas, é um dever sagrado da União salvar da morte e da secca aquelles infelizes brazileiros.

E' um problema de tamanho vulto, que só pôde ser emprehendido pelo Governo Federal, pois um orçamento de tres a quatro mil contos, como o do Ceará, não o comporta.

O SR. OSORIO DE PAIVA — Demais, trata-se de um problema nacional, e não regional. (*Apoiados.*)

Projecto Eloy de Souza

O SR. ILDEFONSO ALBANO—Ha um projecto tendente a resolver este problema, apresentado á consideração da Camara a 30 de agosto de 1911 pelo então Deputado Eloy de Souza, hoje digno Senador pelo Rio Grande do Norte. Este excellent projecto, moldado na legislação estrangeira sobre irrigação, si fosse approvedo, viria resolver o magno problema do nordéste. Infelizmente não mereceu a attenção da Camara, pois foi remettido a alguma Commissão desta Casa e está sem duvida esquecido e entregue á traça e á poeira.

O SR. THOMAZ RODRIGUES — Conheço este projecto que é realmente valioso. (*Apoiado.*)

O SR. ILDEFONSO ALBANO—A Nação, si não quizer construir as obras de irrigação, poderá conceder vantagens a alguma empresa que se proponha a construil-as.

Dizem que os cearenses são indolentes...

Si porventura o são no Ceará, é porque sabem que na lucta ingloria contra a natureza sahem sempre vencidos; certos de que, mais cedo ou mais tarde, virá uma secca tudo anniquilar, convencem-se da inutilidade de seus esforços e naturalmente se entregam ao desanimo e á indolencia.

Entretanto, em um meio diferente, no Amazonas, onde a natureza não é madrasta, esses indolentes são os indomitos bandeirantes, os incansáveis pioneiros a desbravar as florestas virgens e terras insalubres daquelle longinquo pedaço da Patria.

O SR. MOREIRA DA ROCHA—Vanguarda de nossa fronteira septentrional.

Superioridade do trabalhador nacional

O SR. ILDEFONSO ALBANO — O relatório do Sr. J. Papaterra Limongi sobre o *Trabalhador Nacional*, monumental trabalho de reparação á nossa, por nós mesmos, tão calumniada raça, chegou á honrosa conclusão de que o nosso trabalhador rural, com direcção bem orientada, é superior ao europeu pela resistencia, pela fidelidade aos compromissos, pela capacidade de aprender e pelo espirito de ordem.

Penso que a superioridade dos europeus existe sómente na educação, que suas patrias lhes deram e continuam a dar e que nós não temos sabido ministrar ao nosso homem do campo.

Mudemos as condições do Ceará, garantindo a vida dos cearenses contra os effeitos da secca, fornecendo-lhes na irrigação os meios de salvar sua vida e suas economias. Dê-se-lhes educação para que saiam do semi-barbarismo, em que vivem, e saibam melhor dirigir suas actividades, para que tenham ambição e convicção de seu valor. Veremos então o indolente, o infeliz paria, que periodicamente veem arrastar sua miseria pelo Brazil, se transformar, na propria terra natal, em arroteador dos campos e producteur de algodão superior; será o cidadão brasileiro, conscio de seus direitos, trabalhando para o progresso e grandeza da Patria. (*Muito bem.*)

Conclusão

Procurei, Sr. Presidente, mostrar o que é a secca, que em cyclos indeterminados, mas infalliveis, que a historia registra, assola o Ceará e os Estados visinhos do nordéste brasileiro, obrigando-nos a recommear constantemente a nossa vida e embaraçando o nosso evoluir.

Apontei os incalculaveis prejuizos sociaes della decorrentes, trazendo ao conhecimento da Camara as avultadas perdas de vidas humanas, causadas pela secca, os elevados damnos materiaes inflingidos pelo flagello. Procurei demonstrar os inconvenientes da emigração cearense. Assignalei os meios de remediar todos esses males, garantindo a vida e a prosperidade de 2.500.000 habitantes do nordéste brasileiro, contribuindo para a riqueza e o engrandecimento de nossa Patria.

Agora, Sr. Presidente, resta-me sómente pedir aos homens de responsabilidade do Paiz sua urgente attenção para esta questão, a qual interessa á decima parte da população patria.

Não é possível que esse problema economico-social, o mais grave e mais relevante do Brazil, continue preterido por tantos outros de somenos importancia, que passam a ser considerados problemas de maxima urgencia para a vida da Nação, unicamente pelo valor que lhes emprestam seus advogados influentes e poderosos. (*Muitos apoiados.*)

Dizia Barère de Vieuzac : « Os infelizes são as potencias da terra; elles teem o direito de fallar como senhores aos governos que os abandonam ».

Não queremos fallar como senhores. Como representante do Estado do Ceará, em defesa do direito da vida dos meus patricios, que teem sido um joguete das inclemencias, venho pedir, implorar, appellando para o patriotismo, para o sentimento de humanidade e justiça da Camara dos Deputados.

Lembrem-se meus honrados collegas de que as seccas teem causado a morte a grande numero de brazileiros e que nas seccas futuras morrerão ainda milhares de patricios nossos.

Si a triste responsabilidade dessas mortes cabe em parte a nós como representantes da Nação, cujo dever primordial é a defesa da vida de nossos patricios, livre-mo-nos das responsabilidades futuras, dando ao problema das seccas uma solução immediata e definitiva. (*Muito bem.*)

O centenario da Independencia

Vamos em breve completar o centenario de nossa Independencia. O Brazil todo se prepara para festejar com pompa excepcional o dia 7 de setembro de 1922.

O Ceará, como muito bem disse o chronista das seccas, Rodolpho Theophilo, vive sempre entre uma secca, que se foi, e outra, que já vem. Vivemos em uma constante inquietação, em uma excessiva tensão de espirito, sempre ameaçados da calamidade, acorrentados ao secular flagello, que embaraça nosso progresso e impede nossa independencia.

Quando a 7 de setembro de 1922 todo o Brazil estiver no parque do Ypiranga, festejando essa gloriosa data e as memoraveis palavras de Pedro I: «Independencia ou Morte!» talvez, por uma ironia do destino, esteja o Ceará mais uma vez em luta contra uma calamitosa

secca, com seus campos talados, cobertos de ossadas, e sua população faminta e errante. Nestas condições não poderá o Ceará tomar parte nas festas projectadas, que deverão ser festas de confraternização brasileira. E' preciso, pois, que naquella data esteja resolvido o problema do nordéste e possamos dizer: «No Brazil não se morre mais de fome.» (*Muito bem.*)

O illustre Deputado João Sampaio, *leader* da Assembléa Paulista, por ocasião de apresentar á apreciação da mesma o projecto autorizando o Estado a socorrer com 100 contos de réis os flagellados da secca, proferiu as seguintes palavras, que, por sua belleza e generosidade, não posso deixar de registrar:

«Sr. Presidente, não venho justificar o projecto que tenho em mãos; venho simplesmente fazer a sua apresentação desta tribuna.

«Para justificá-lo, não era preciso ir além de sua leitura, e mesmo a sua aprovação está previamente assegurada nesta Casa do Congresso Paulista, pois que elle vem prestigiado pelas assignaturas que lhe foram appostas, espontanea e pressurosamente, por todos os Srs. Deputados presentes á sessão.

«Effectivamente, não se trata de palavras, mas de actos. O projecto autoriza o Governo do Estado a concorrer com a quantia de cem contos de réis, para auxiliar as victimas da secca dos Estados do norte do Paiz.

«E' muito, é pouco. Para resolver o problema grave, complexo, da correcção de falhas da natureza operando na região flagellada a mesma transformação que o genio francez operou na Algeria, é nada.

Não está no limite de nossas attribuições

«Mas essa não é a nossa intenção, nem isso está no limite de nossas attribuições.

«Para socorrer as legiões de famintos que abandonam os seus lares vazios, nos campos resequidos; para socorrer as populações que se contam por centenas de milhares, é pouco, mas como uma contribuição official do nosso Estado á obra de verdadeira caridade christã —dar alimento aos que teem fome—é o que na actualidade podemos fazer e o que devemos fazer, para acompanhar o movimento generoso de todas as classes da sociedade paulista.

«Não é muito, Sr. presidente, em comparação com a immensa calamidade que afflige aos resignados e infelizes filhos do norte do Brazil, mas é o testemunho de nossa solidariedade, na hora de amargura que ensombra uma vasta zona na nossa patria commum.

«Acceitem-n'a os nossos infelizes patricios ; exigua embora pela sua importancia material, mas avolumada pelas nossas sympathias e pela sinceridade da prece que o coração do povo paulista eleva neste momento á Providencia, para que, em sua infinita bondade, receba em seu seio os que perecem, se compadeça dos que soffrem e restitua a fertilidade á região agora devastada e esteril e a tranquillidade do espirito aos seus habitantes, agora experimentados por tão dura provação.»

Fructo do generoso coração daquelle illustre Deputado, estas carinhosas palavras, que foram capeando a esmola enviada por S. Paulo aos meus conterraneos, muito nos desvanecem; ha, entretanto, a seguinte passagem no seu discurso, com a qual não posso concordar *in totum*:

«Para resolver o problema grave, complexo, da correcção de falhas da natureza, operando na região flagellada a mesma transformação que o genio francez operou na Algeria, é nada.

«Mas essa não é a nossa intenção, *nem isso está no limite de nossas attribuições.*»

Si, de facto, não está no limite das attribuições do Governo estadual de S. Paulo transformar o nordéste brasileiro como os francezes transformaram a Algeria, o mesmo não se poderá dizer dos politicos daquelle importante Estado.

O SR. MOREIRA DA ROCHA—Cuja acção póde ser preponderante na resolução desse problema. (*Apoiados.*)

Appello a S. Paulo e Minas

O SR. ILDEFONSO ALBANO—To los nós reconhecemos a preponderancia e a influencia exercidas pelos Estados de S. Paulo e Minas na politica nacional. Por isso eu ousou affirmar que a mortandade pela fome cessará no nordéste, que o problema das seccas se resolverá no dia em que os politicos de S. Paulo e Minas o quizerem. Para tal projecto terão elles, estou certo, o apoio dos representantes de todos os Estados, os applausos de toda a Nação. (*Apoiados.*)

Por isso faço um appello solemne ao benemerito Senador Rodrigues Alves, estadista de descortino, a quem o Brazil deve relevantes e inestimaveis melhoramentos, e a seu digno companheiro de chapa, Dr. Delphim Moreira, que por uma administração honesta e fecunda na presidencia de Minas se tem imposto á consideração da Nação. A estes dous illustres brasileiros, que, como representantes das poli-

ticas mais influentes em nosso Paiz, vão com os applausos geraes occupar os cargos de Presidente e Vice-Presidente da Republica no futuro quatriennio, eu dirijo este appello em nome dos meus desafortunados patricios, que pedem unicamente a garantia de suas vidas e propriedades contra as devastações periodicas da secca.

O SR. MOREIRA DA ROCHA — Appello que de certo será attendido. (*Muito bem.*)

A verdadeira defesa nacional

O SR. ILDEFONSO ALBANO — Esta politica será o primeiro passo para a verdadeira defesa nacional, será o alicerce mais solido para uma Patria brazileira, una, grandiosa, prospera e forte. (*Muito bem.*)

Que Deus os illumine e os guie, para que, além dos beneficios, que a Nação espera de SS. EEx., resolvam em breve este problema secular com a irrigação do valle do Jaguaribe ; para que nas paredes dos açudes daquelle valle possamos fazer a seguinte inscripção, á semelhança da inscripção de Hammurabi:

«Construimos o canal do Jaguaribe, beneficio para as populações do nordéste brazileiro. Distribuimos as aguas por canaes lateraes pelas varzeas do valle. Fizemos as aguas correr nos canaes seccos e della demos ao povo um abastecimento ininterrupto... Transformámos as planicieis abandonadas em terras bem irrigadas. Demo-lhes fertilidade e fartura e dellas fizemos a mansão da felicidade. Rodrigues Alves-Delphim Moreira.»

E' o pedido, que, por meu intermedio, lhes faz o Ceará. (*Muito bem ; muito bem. O orador é vivamente cumprimentado.*)

Depois de proferir este discurso, procurei pessoalmente as figuras mais salientes da politica nacional com o fim de lhes pedir apoio para a solução do problema das seccas.

O Exmo. Sr. Dr. Wenceslau Braz, benemerito Presidente da Republica, disse-me que toda iniciativa para aquelle fim terá sua plena approvação.

O Exmo. Sr. conselheiro Rodrigues Alves, então candidato da Nação á Presidencia da Republica, após longa conferencia commigo sobre aquelle assumpto, prometeu-me estudar o meio mais rapido para a solução radical do momentoso problema, logo que a situação do Paiz o permittisse.

De todos os demais homens publicos recebi provas de sympathia pela causa do Ceará e promessas formaes de apoio ás medidas, que forem propostas para a realização daquella aspiração do nordeste.

O benemerito Senador Alcindo Guanabara foi além: impossibilitado de apresentar, como era seu desejo, uma emenda ao orçamento autorizando o Governo a levantar um emprestimo para a construcção das obras de irrigação do valle do Jaguaribe, S. Ex. offereceu uma emenda concedendo autorização ao Executivo para contractar aquellas obras sem onus para a Nação. Este dispositivo orçamentario não é, como muitos affirmam, inocuo: penso que, depois de um trabalho de propaganda, se poderá conseguir aquella construcção, sem onus para o Thesouro, mediante favores e concessões á empresa contractante. O Senador Alcindo Guanabara quiz, em todo caso, mostrar que attendeu ao appello do Ceará, agúardando entretanto occasião para fazer uma demonstração mais clara de suas sympathias para com o nordeste soffredor.

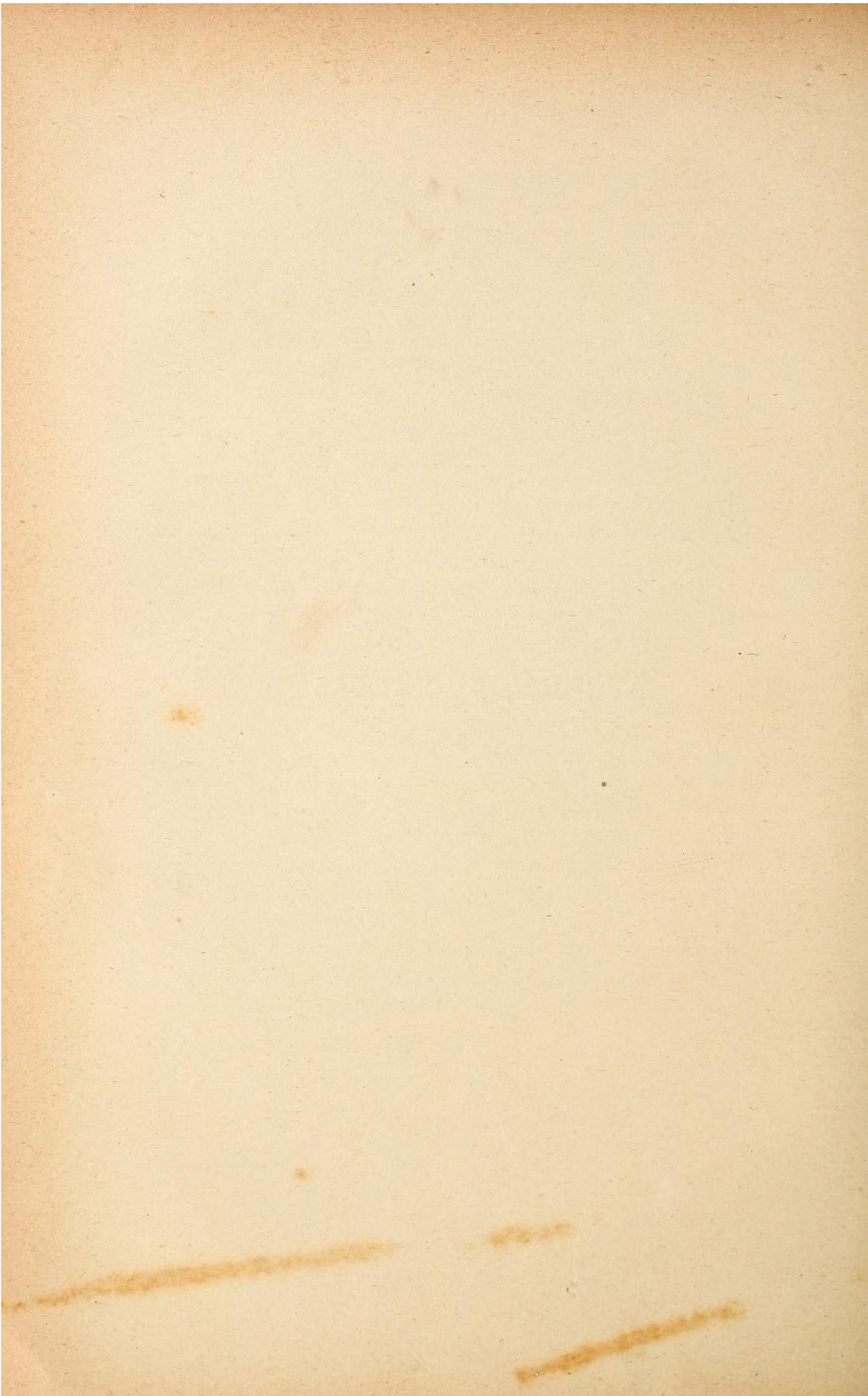
Pelas criticas, que chegaram a meu conhecimento, e cartas transcriptas em ordem chronologica nas paginas seguintes, ver-se-ha que de todos os recantos do Brazil, desde o Amazonas ao Rio Grande, tenho recebido palavras animadoras em apoio ás minhas idéas, echos do meu appello e applausos á aspiração, mais que justa, das populações do nordeste; os homens publicos, reconhecendo a necessidade de resolver o problema em fóco, não fazem sinão interpretar o sentir de todos os brasileiros em favor de uma medida, que já se tornou uma aspiração nacional.

Assim amparado por este apoio unanime, espontaneo e desinteressado, proseguirei na campanha iniciada em defesa dos direitos de vida dos meus conterraneos.

Rio, junho de 1918.

ILDEFONSO ALBANO.

APRECIACÕES CRÍTICAS





TÉLA CEARENSE

Ao Exmo. Sr. Ildefonso Albano —
pela gentilíssima dedicatória de seu livro
— “O secular problema do Nordeste”.

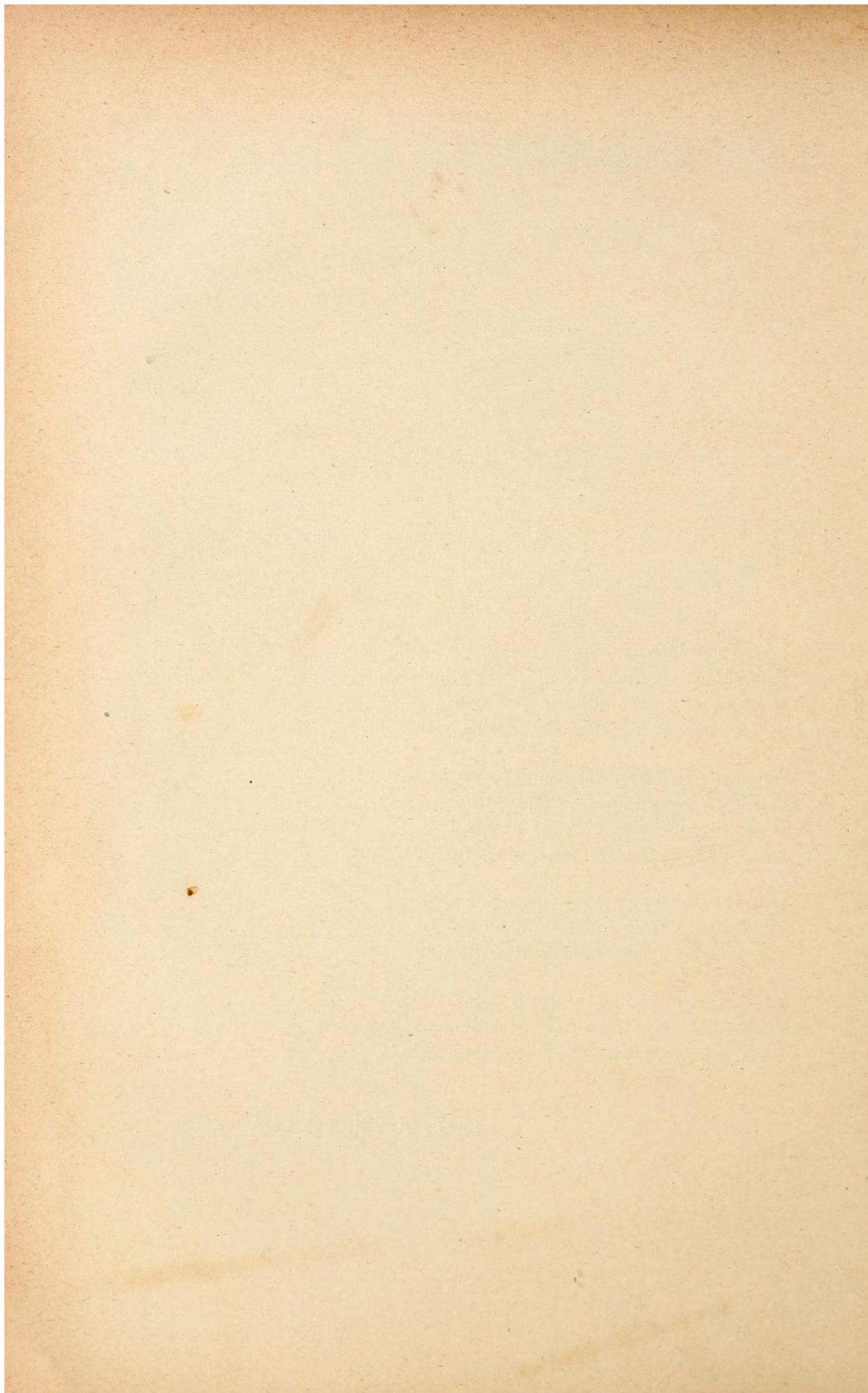
Longe a perder de vista a erva sêca e queimada,
pela ardência de um sol impiedoso e inclemente,
como se ali passára a flâmula abrazada
de uma imensa fornalha escandecida e ardente.

Nenhum sôpro de vida, aqui ou além na estrada,
sempre a mesma aridez, um estertor somente...
O paciente mujir de uma rez tresmalhada...
as cantigas de alguém que a dor tornou demente...

Levando preso ao colo o filho pequenino,
quasi nú a morrer do flagélo medonho,
vão as mães a chorar o seu triste destino.

Ai! por certo não ha tormento mais dorido,
que assistir impotente o derrocar de um sonho,
e vêr morrer de fome um filho estremecido!

Leonete OLIVEIRA ROCHA





O SECULAR PROBLEMA DO NORDESTE

O *Correio Paulistano*, um dos mais importantes órgãos da imprensa nacional, honrou o autor com a transcrição integral deste trabalho, precedendo-a das seguintes palavras:

« Na sessão de hontem da Camara Federal dos Deputados, o Sr. Ildefonso Albano, representante do Ceará, occupou a tribuna para tratar da tristissima situação em que se acha o seu Estado, a debater-se contra os horrores da fome, decorrente das grandes seccas, que periodicamente flagellam o nordeste brasileiro.

« O orador fallou longamente sobre o assumpto, revelando em termos impressionantes a miseria que se alastra por todo o sertão cearense, descrevendo a lucta desigual travada entre o homem e a natureza impiedosa, que o aniquila.

« O Sr. Deputado pelo Ceará illustrou a sua exposição com varias photographias tiradas em varios pontos do Estado: são quadros desoladores de pobreza e desalento, scenas lancinantes de miseria, infelizmente tornados communs em toda a região attingida pela calamidade da secca.

« Iniciamos hoje a publicação do discurso do Sr. Ildefonso Albano, acompanhado das photographias a que nos referimos. »

NO PARLAMENTO NACIONAL

O discurso do Deputado Ildefonso Albano

Estas considerações me são suggeridas por um dever de cearense.

Não ficaria bem com a minha consciencia lendo o notavel discurso do illustre representante do Ceará, pronunciado no Congresso Nacional, em sessão de 15 de outubro do corrente anno, si não viesse publicamente dar-lhe o meu aperto de mão e com elle o meu sincero e enthusiastico applauso pelo modo brilhante e patriotico, por que o desenvolveu, abordando com proficiencia esse assumpto magno e social, que é o problema das seccas.

O operoso deputado fez obra de valor, digna de ser lida por todos os nossos conterraneos, que veem acompanhando de

perto e com interesse tudo que diz respeito ao bem estar e ao progresso da terra cearense.

Muito embora seja uma questão debatida, conhecida nos seus detalhes, tratada com amplo desenvolvimento por talentosos patricios e até conhecidos mesmo os meios que devem ser adoptados para melhor a resolver, certo, que o mui distincto amigo nesse discurso com que honrou a tribuna parlamentar se abeirou de muitas outras minuciosidades, tratando-as com vantagem, esclarecendo-as á luz de documentos os mais fieis, citando a opinião de sabios conhecedores da materia, mostrando ao Governo da Republica a necessidade inadiavel de ser semelhante questão estudada e resolvida de maneira constante, sem nenhuma solução de continuidade, pois que na falta de continuidade é que está o mal para toda a zona brazileira onde se manifesta mais intensamente o phenomeno meteorologico. O presado amigo fez obra de valor, repito ainda uma vez, porque querendo dar maxima latitude ao assumpto, foi buscar as opiniões e pareceres mais correntes para explical-o scientificamente, enumerando ao depois a serie de phenomenos identicos apparecidos no planeta desde a mais remota antiguidade, dezenas de annos antes de Christo, para depois mostrar um quadro o mais minucioso de innumerous exemplos de seccas e inundações, que hão-se dado na Terra desde o seculo XVII aos nossos dias, para afflicções da Humanidade, accarretando assim desgraças e mais desgraças.

Enumerando as diversas riquezas do Ceará, que são provenientes das industrias pastoril e agricola, mostra o operoso deputado as dependencias em que vivemos das invernias regulares, para que aquellas industrias não definham e pereçam ao sopro escaldante dos aliseos, que fustigam o sector do nordeste continuamente até arrancar-lhe as ultimas gottas d'agua accumuladas nos poços, nas cacimbas, nos açudes disseminados na vasta região tão rica e tão soffredora. E ahi descreve os nossos terrenos, mostra os açudes construidos, o numero de operarios nelles empregados, os gastos dispendidos nesse periodo tristissimo que foi a secca de 1915, assolando a nossa boa terra, desmoronando fortunas sertanejas com trabalho accumuladas, desviando o braço cearense, quando aqui elle podia ser applicado no interesse immediato de nosso adiantamento, de nosso progresso e prosperidade material. Descrevendo com as cores vivas o que seja o exodo, o abandono do sertão, a retirada do infeliz cearense em busca de outros lares, transcreve do engenheiro Lassance Cunha paginas selectas da descripção perfeita, que fez esse distincto profissional dessa odysseá da fome, transformando a terra farta num cemiterio, onde cruces pelas estradas e pelos caminhos assignalam soffrimentos e dôres, prantos e saudades.

Longe iriamos si procurassemos dar pallido resumo dos assumptos estudados. O infatigavel conterraneo, para desenvolver-os como o fez, percorreu os sertões cearenses, conversou com os nossos intelligentes matutos, photographou pontos varios da terra flagiciada e bandos diversos de famintos chegando aos seus tristes e desolados penates já de volta desse terrivel golgotha percorrido, sol em brazas, campos sem arbustos, lavouras ressequidas. Essas photographias impressionaram muito aos seus pares no Parlamento, aos homens que guiam os nossos destinos de Nação. E talvez por isso mesmo, o eminente paulistano a quem vae caber a suprema direcção do Brasil no futuro quatriennio tivesse lido com particular attenção semelhante trabalho, promettendo aproveitar muitas idéas nelle contidas.

Esse trabalho é uma especie de manual das seccas, uma anthologia completa contendo as melhores cousas escriptas sobre o momentoso assumpto.

Longe de fazer um discurso incrustado de phrases elegantes, bello pelo colorido da expressão e ornamentado todo elle de palavras farfalhantes de uma rhetorica barata, S. S. adornou-o de uma linguagem simples, modesta, accessivel a todas as intelligencias, mas onde se vê o cunho pratico pela documentação copiosa, pelos informes officiaes, pelos elementos estatisticos, com que deu autoridade aos seus dizeres e affirmações.

Li-o com prazer e recommendo aos meus patricios que o leiam tambem para poder apreciar vantajosamente o que seja a operosidade desse nosso jovem representante ao Congresso Nacional.

Já ouvi dizer alhures — a primeira condição para um representante do Ceará é ter visto com os proprios olhos uma secca, porque assim o emissario do povo cearense será um agente importuno junto aos poderes publicos, pedindo-lhes supplicando-lhes — não esqueçam a terra nortista; evitem uma nova desgraça; não é sómente salvar os seus habitantes com o alento, com o conselho, com a esperança; é subtrahir e poupar o Brasil de uma calamidade que, si mata e anniquila um povo, torna impatriotico os governos que o despresam e abandonam.

Isto é a verdadeira obra da defesa nacional — diffundindo-se com largueza a instrucção primaria, preparando-se as regiões brasileiras para o desenvolvimento das industrias, e entre essas regiões o pobre Ceará que por uma fatalidade cosmica está sujeito a tantos vexames e infortunios.

E o proprio Sr. Ildefonso Albano comprehendeu assim a cousa, porque perorando a sua oração parlamentar, que é um appello o mais patriotico aos futuros magistrados da Nação, Rodrigues Alves e Delphim Moreira, pediu-lhes em nome dos patricios: — lancem as suas vistas para o valle do Jaguaribe, irriguem com as suas aguas a extensa zona sertaneja, façam a locomotiva sobre as suas linhas de aço galgar serras e ladear ravinas em busca de oasis esparsos no nordeste flagellado; dêem á Fortaleza um porto, necessidade palpitante para o seu desenvolvimento, e o Ceará terá o seu coração enternecido por essa acção auxiliadora, gesto o mais liberal dos dignos e eminentes filhos de S. Paulo e Minas, os dois Estados ricos, prosperos, grandes pelo progresso, fortes pelo seu povo, harmonicos pelo trabalho, unidos para um grandioso porvir, a darem sempre a orientação politica do Brasil e cooperando assim para a grandeza nacional.

ANTONIO THEODORICO DA COSTA.

Do *Correio do Ceará* de 3 de novembro de 1917.

O Deputado cearense Ildefonso Albano acaba de reproduzir numa brochura, que está sendo distribuída largamente, o seu discurso pronunciado na Camara, ha pouco, sobre as seccas do nordeste, accrescendo-o de uma vasta documentação photographica. E' um trabalho digno da attenção do governo e de quantos se interessam a esta hora pelo resurgimento da nação, por fixar com um relevo incontrastavel o gravissimo problema, cujo abandono é uma das causas principaes do nosso desequilibrio economico.

Assumptos dessa ordem, nunca despertaram o olhar nem mesmo dos estudiosos cá deste lado do Brasil. Ninguem sabe precisamente, por aqui, em que consistem essas estações de fogo e desolação que, quando muito, têm pretextado na metropole alegres festas de caridade, bandos precatorios esfusiantes e a criação das sinecuras caras chamadas de combate ao flagello. E assim o proprio governo central, depois das incalculaveis miserias periodicas que vêm secularmente desangrando e exaurindo o nordeste, por falta do remedio pratico, natural, preventivo, ainda hoje ignora a importancia da calamidade, de onde resulta a inutilização, quasi completa, de uma grande parte do territorio nacional, transformado constantemente em necropole.

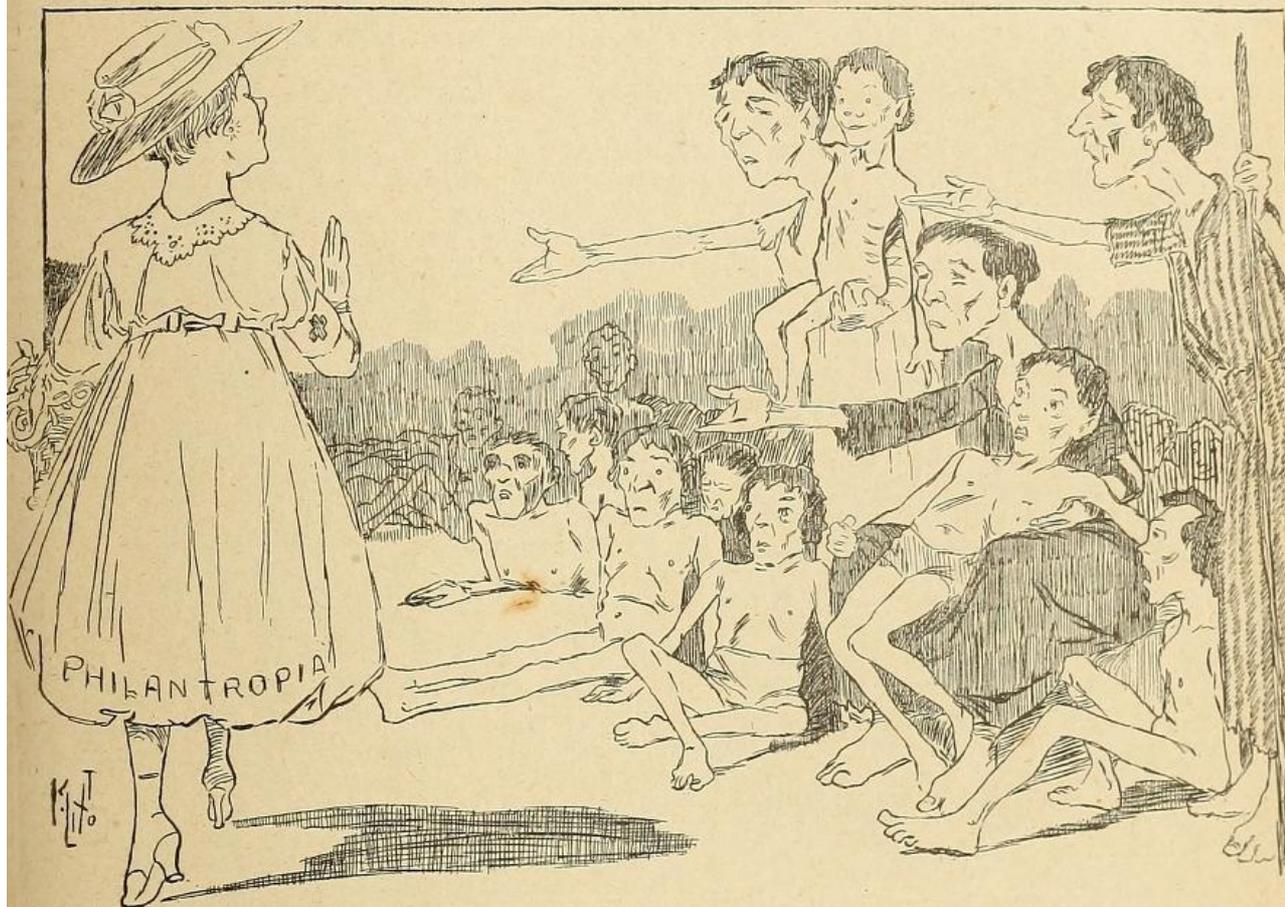
Os dados estatisticos offerecidos a exame pelo Sr. Ildefonso Albano são alarmantes. Por elles, os poderes publicos ficam habilitados a verificar o desfalque da producção naquellas paragens abandonadas, toda vez em que o phenomeno meteorologico se deflagra. Regiões que nas epocas normaes são centros criadores e agricolas da mais notavel abastança, perdem numa semana o trabalho de annos. Ao lado disto, vêm as gerações incapazes, inutilizadas logo no berço pela penuria physiologica, que os dias de fome extremam, compondo quadros de tragedia sobrehumana.

Por que havemos de ser menos do que o Egypto que ha tanto tempo resolveu esse problema?

Do *Correio da Manhã* de 18 de novembro de 1917.

QUESTÃO DE FÉ

O deputado Ildefonso Albano fez um sensacional discurso sobre as seccas no Ceará. Referindo-se á ultima, provou que, apesar dos soccorros, «ficaram 181 mil cearenses sem occupação, sem meio de vida, vagando pelo Estado, esmolando, curtindo fome e soffrendo as maiores miserias.»



OS CEARENSES: — Pelo amor de Deus...

A PHILANTROPIA: — Esperem ahi um pouco. Deixem-me attender ás *cruzes vermelhas*... Depois lhes arranjarei uma cruz de páu...

D'O Malho de 20 de outubro de 1917.

EM DEFESA DA AMAZONIA CALUMNIADA

Estava fóra da Capital, e, ao chegar hoje, me foi mostrado por um amigo o discurso que pronunciou ha dias na Camara o illustre Deputado Ildefonso Albano; discurso tardio, como bem disse o grande orgão o *Correio da Manhã*. Li o magistral discurso de S. Ex., e, apezar da belleza da fóрма e do magno assumpto que nelle tratou, nem assim me arredou de contestar pela imprensa a parte referente a conceitos pouco lisongeiros para os creditos da Amazonia. S. Ex., descrevendo os horrores da secca, preferio-os para os nossos patricios a que elles emigrassem para a Amazonia; e terminou dizendo: — «que condemnava a emigração do Cearense para a Amazonia porque o Cearense na Amazonia é escravizado e sujeito a contratos leoninos, concluindo desses factos que a emigração para a Amazonia, do Cearense, é prejudicial, tanto sob o ponto de vista economico, como social e moral»; e remata assim as suas accusações: «na ultima secca os emigrantes que se destinaram para a Amazonia soffreram muito e morreram quasi todos».

Pelo soffrimento dos nossos patricios occasionado no seu transporte para a Amazonia, não cabe a esta culpabilidade. Accuse S. Ex. o Governo Federal que os mandara transportar. Que elles morreram quasi todos os que se destinaram á Amazonia, penso S. Ex. foi mal informado, porquanto, dos 39.313 que emigraram para todos os Estados brasileiros, os que hospedamos no Pará ficaram assim organizados: 15.810, nas margens da Estrada de Ferro Bragantina, com trabalho de lavoura, córtes de lenha e outros trabalhos de jornaleiros, e lá, não nos consta e nem o obituario registrou mortalidade desses emigrantes, a não ser de algum infante de oito annos a baixo. Dado o primeiro brado de alarme da secca no Ceará, nós no Pará organizámo-nos e, debaixo do titulo: «Obra de combate á miséria», angariamos meios para amparar as primeiras levas que aportaram a Belém. Nessa occasião, nem mesmo o Governo cearense ainda cogitava de amparar os seus jurisdicionados e conterraneos. Depois o Governo do Estado com o auxilio ainda do commercio paraense hospedou superior a 16.000 emigrantes e a hospedaria, que registrava a melhor hygiene possivel, com um magnifico tratamento, policiamento moral perfeito, com assistencia medica, por habil e humanitario facultativo, registrou durante tres mezes apenas 10 obitos em crianças removidas anteriormente para os hospitaes. Devemos dizer que todos os emigrantes foram vaccinados contra a variola, e nem um caso se registrou deste mal. Logo que soubemos no Pará que o flagello da secca acossava os sertões cearenses, todos os armadores fluviaes offereceram passagens gratuitamente a quantos quizessem seguir para o interior do Estado, e mais de dous mil acceitaram essa offerta e lá se foram, tratados o melhor possivel, encontrando no interior serviço immediato, conforto e carinho para suas familias. Affirmamos que, dos emigrantes idos para a Amazonia, não morreram 10 %.

V. Ex., Sr. Deputado, bem sabe pelo quadro que mostrou de crianças esqueleticas, em que condições o emigrante cearense segue rumo da Amazonia. Euclides da Cunha, escrevendo sobre a climatologia do Amazonia, «um clima calumniado», referindo-se ás seccas de 1879, 1889 e 1900, disse:

«quando as grandes seccas flammejavam sobre os sertões adustos, e as cidades do littoral se enchiam em poucas semanas de uma população adventicia de famintos assombrosos, devorados das febres e das bexigas, a preocupação exclusiva dos poderes publicos consistia no libertal-as quanto antes daquellas invasões de barbaros moribundos que infestavam o Brasil. Abarrotavam-se, ás carreiras, os vapores com aquelles fardos agitantes, consignados á Amazonia, e feita a tarefa expurgatoria não se curava mais della. Nunca as levas foram acompanhadas de um só agente official ou medico. Os banidos levavam a missão unica de desaparecerem... E não desapareceram. No emtanto, as populações transplantadas se fixaram, vinculadas ao solo; o progresso demographico é sorprendente — e das cabeceiras do Juruá á confluencia do Abunã, alonga-se cada vez mais procurada a terra da promessa do norte do Brasil. O paralelo é expressivo. Não se comprehende a reputação de insalubridade de um tal clima.»

Já vê, pois, o illustre Deputado cearense em que condições chegam os emigrantes na Amazonia. Preferirá S. Ex. que nas ruas de Fortaleza e nas margens das estradas nos sertões morram milhares dos nossos patricios esqualiticos e famintos a irem para a Amazonia, onde vão encontrar conforto, meio facil de subsistencia, e, não poucas vezes, accumular rapidamente fortunas liquidas e transportal-as para o seu Ceará, para seus famosos sitios em Baturité, Quixeramobim, Quixadá, Aracaty e outros? V. Ex. diz, e é bem certo, que os Cearenses não se aclimatam com os trabalhos do sul, e para ondê emigrarem? Pobre Amazonia calumniada. Tu que devolves em ouro para os sertões do meio norte a seiva do trabalho dos teus bravos exploradores, tu que os recebes com alegrias, tu que divides o teu conforto com os que aportam ás tuas plagas, és assim malsinada! Posições invejaveis tem hoje, e sempre teve, o Cearense, e todo Brasileiro nos sertões amazonicos; onde, pois, a perda social e moral do emigrante?

Não falle o Sr. Deputado Albano por informações, talvez de despeitados; faça uma viagem aos sertões amazonicos, estude o criterio do verdadeiro e nativo amazonico e verá que os outros Brasileiros não perderão nada com o seu contacto.

Estude V. Ex., Sr. Deputado, as condições economicas da Amazonia, e organize uma resenha della como factora na vida da nossa nacionalidade, e verá que foi injusto com quem tem sido por demais amiga do Cearense.

RAYMUNDO P. BRAZIL.

Dos *A pedidos* do Jornal do Commercio de 22 de Outubro de 1917.

AMAZONIA CALUMNIADA?

O Sr. Raymundo P. Brazil veio pelas columnas deste jornal em defesa da Amazonia, que, diz S. S., fôra por mim calumniada.

Apoiando a opinião do *Correio da Manhã*, S. S. achou tardio o meu discurso sobre seccas, generosamente classificado de magistral. Em resposta tenho a dizer que, para nós cearenses, a secca é sempre um assumpto palpitante, pois, como muito bem disse Rodolpho Theophilo, o Ceará vive constantemente entre uma secca, que se foi, e outra, que já vem. Além disso fui levado a sómente agora pronunciar este discurso pelos seguintes motivos: 1º, as cifras, por mim apresentadas á apreciação da Camara só podiam ser obtidas depois da secca; 2º, durante a secca todos cogitam della, quando é justamente no intervalo de uma para outra, que deveriamos pensar nessa calamidade e com calma prevenir as seccas futuras; 3º, eu queria, nas vespèras da eleição presidencial, chamar a attenção dos futuros dirigentes da Nação para aquelle problema, o mais grave e mais relevante do Brasil. Penso, pois, que meu discurso não podia ser mais opportuno.

Quanto á salubridade da Amazonia, não duvido que, em theoria, o Sr. Raymundo P. Brazil tenha razão; mas, na realidade, vemos o contrario, pois aquella região tem sido um sorvedoiro de vidas cearenses. Isto é um facto mais que provado e do dominio publico. Quantas colonias de cearenses têm sido fundadas e depois abandonadas por causa da grande mortandade? Quantas vezes acontece, que um *gaiola* sobe o rio e lá fica por causa da doença de toda a tripulação? Quantos milhares de familias existem no Ceará na mais completa indigencia por causa da morte prematura na Amazonia de seu unico arrimo?

Ha ouro amazonense que nos pague essas miserias?...

O Sr. Raymundo P. Brazil, se percorresse o Ceará, facilmente se certificaria desses tristes factos.

O Dr. Torquato Tapajós, com o fim de attrahir immigrants, escreveu um interessante livro sobre o clima do Amazonas, em que chega á conclusão que aquelle clima é excellente; entretanto, mesmo nesse livro de propaganda, elle é obrigado a confessar «que as febres intermittentes quando affectam character mais grave têm como causa productora deste, não condições especiaes do clima, mas as deploraveis condições de vida em que se encontra, no interior, a população ignorante ou descuidada».

Este testemunho insuspeito combina perfeitamente com a opinião de Euclides da Cunha, que podemos resumir nas seguintes palavras: «O calumniado clima do Amazonas é excellente, mas as condições de vida dos escravizados cearenses é deploravel».

E' o mesmo que me dizem cearenses insuspeitos, que lá estiveram ou que têm ligações com aquella região.

São essas as posições invejaveis do cearense no Amazonas?...

A mim, pouco se me dá, que a mortandade seja causada pela insalubridade do Amazonas ou pelas pessimas condições de vida dos colonizadores cearenses; combato a emigração dos cearenses para o Amazonas, porque ella é desastrosissima para o Ceará, moral, social e economicamente: 1º, porque contribue para a dissolução da familia; 2º, porque rouba os braços do

Ceará; 3º, porque é grande a mortandade dos emigrantes cearenses; 4º, porque o cearense emigrante desce na escala social.

O Sr. Raymundo P. Brazil quer a emigração dos cearenses para o Amazonas, os quaes vão desenvolver a riqueza daquella região; eu combato a emigração do cearense e quero que o Governo Federal garanta com a irrigação a vida e subsistencia do cearense no Ceará.

Não chegaremos nunca a um accôrdo, porque nossos pontos de vista são inteiramente oppostos: o Sr. Raymundo P. Brazil defendendo a Amazonia e eu defendendo os meus conterraneos.

ILDEFONSO ALBANO.

Dos *A pedidos do Jornal do Commercio* de 24 de outubro de 1917.

Paulistanas !

Nós, paulistas, como quasi todos nós, brasileiros do sul, muito devemos aos estrangeiros, que nos vêm auxiliar, ora com o seu capital, ora com o seu trabalho.

Justificam-se assim as não poucas vezes que temos occorrido, pressurosos, contentes, ás innumeradas e agora já interminaveis festas de beneficencia que, a favor dos estrangeiros aqui têm sido promovidas, e ás quaes comparecemos sempre, gastando fartamente.

No entanto, si nós, paulistas, lessemos o eloquente e mui impressionante discurso que o Deputado federal Sr. Ildefonso Albano proferiu ha poucos dias no Parlamento Nacional, continuariamos como até aqui comparecendo a essas festas de beneficencia, gastando nellas fartamente, mas, tambem em prol dos nossos proprios irmãos, dos brasileiros do norte, dos pobres cearenses !

Porque não publicar esse discurso em folhetos e distribuil-os em S. Paulo, pelo sul do Brasil, por toda essa região opulenta e feliz, em todos os centros ricos, em todos os lares de brasileiros abastados?

Haveria em S. Paulo algum paulista que se negasse a dar mais uma pequenina esmola a favor dos seus irmãos, quando a dá, tão prodigamente, a estrangeiros? Não, não ha !

Portanto, ahi está mais um dever que cabe á Nação executar.

JOÃO DE SÃO PAULO.

Do *Fon Fon* de 3 de novembro de 1917.

O Secular Problema do Nordeste — Pelo Deputado Ildefonso Albano — *Imprensa Nacional*

Na sessão legislativa deste anno, a 15 de outubro, o Sr Deputado Ildefonso Albano pronunciou na Camara um longo e excellentes discurso sobre o sempre momentoso problema da secca no Ceará, problema que, apesar de todos os

esforços expendidos pelos governos daquelle Estado e pelo da União, ainda não teve, até hoje, solução definitiva.

Não é necessario que se avultem os prejuizos, não só sob o ponto de vista populacionistico, como tambem economico, provindos do flagello periodico das seccas, que assolam o pequeno, mas heroico Estado nortista.

As publicações a este respeito são innumeradas e a questão já foi encarada por todos os seus aspectos.

Engenheiros notaveis, como Euclides da Cunha, politicos, jornalistas, publicistas e impressionistas têm estudado o phenomeno com descortino e com abundancia de detalhes e de informações.

De toda esta literatura os resultados — diga-se a verdade — não têm sido os que seriam para desejar.

O mesmo vem acontecendo com as medidas postas em pratica.

As seccas zombam de todos esses esforços um pouco; desencontrados e — periodicamente — maltratam o sólo cearense, dizimam as plantações, enxotam os pobres habitantes da terra-martyr.

Esta impiedade, no emtanto, revigora o amor que o cearense vota ao seu Estado e é por isso que, terminado o supplicio, as populações regressam ao sertão, cheias desta pertinacia e desta formidavel resignação que singularisam o cearense.

O discurso proferido este anno, na Camara, pelo illustre Deputado Ildefonso Albano, põe em destaque, com descrições flagrantes, o quadro verdadeiramente dramatico dos soffrimentos dos habitantes do seu Estado.

E', como diz bem o seu autor, mais um relatorio circumstanciado do que propriamente um discurso.

O Sr. Ildefonso Albano faz um pormenorizado historico das seccas, descrevendo, com conhecimento de causa, os estragos produzidos por ellas no interior e explicando como se verifica o exodo doloroso das populações sertanejas.

Dando maior amplitude ao assumpto, evoca as seccas e as inundações mundiaes, desde os tempos immemoriaes da Biblia.

Quanto ao Ceará, pormenorisa os epiphenomenos que denunciam ao cearense a proximidade da época terrivel, quaes os signaes inconfundiveis por que se verifica a periodicidade da estiagem.

Explica o motivo da emigração do cearense para o Amazonas e descreve a triste realidade a que ficam reduzidas as herdades e as fazendas do seu Estado naquellas épocas.

E', sem contestação nenhuma, um trabalho digno de leitura e de meditação e que deve alcançar o fim a que foi destinado, isto é, chamar a attenção dos homens de responsabilidade na administração do paiz para o problema das seccas.

O governador do Ceará, Dr. João Thomé, reconhecendo o valor do discurso do Sr. Deputado Ildefonso Albano, ordenou que elle fosse editado na Imprensa Nacional.

Escripto sem preocupações litterarias, a sua leitura é, no emtanto, muito attractiva, pois o estylo é seguro, claro e preciso, como convém a trabalhos desta natureza.

Da *Gazeta de Noticias* de 21 de novembro de 1917.

O PROBLEMA DO NORDESTE

Um discurso que é uma monographia perfeita sobre a secca

Acaba de ser publicado em volume o ultimo discurso proferido da tribuna da Camara dos Srs. Deputados pelo Sr. Ildefonso Albano, representante do Ceará, sobre o assumpto das seccas.

Este trabalho do operoso congressista foi mandado editar pelo governo do seu Estado, que demonstra, assim, interessar-se, por sua vez, pelos assumptos que, como este das seccas, tão de perto affectam realmente os destinos do Ceará e quiçá do Brasil. Foi um acto feliz do Sr. João Thomé — diga-se de passagem — pois se póde affirmar sem receios que se trata, não de um estudo vulgar, feito nos moldes do dilettantismo theorico, que assorbeba a tribuna do nosso Parlamento, mas de um estudo serio, tratado com especial carinho, desenvolvido com essa segurança de elucidação, de methodo e de critica que nasce, sobretudo, do conhecimento perfeito da materia. Póde-se mesmo avançar que pela cópia dos dados ahi compendiados, das observações ahi contidas, o trabalho do Sr. Ildefonso Albano é uma monographia completa do vastissimo problema do nordeste do Brasil, do nefastissimo problema climaterico das seccas.

Depois de estudar, á luz dos ensinamentos da sciencia, a genese do phenomeno em si, e de traçar nas estatisticas o diagramma do seu periodismo nos diversos paizes assolados por elle, fazendo-lhe a historia desde os mais afastados dias, o talentoso e digno representante cearense, em prosa simples e correcta, passa a descrevel-o na sua terra natal, estudando as suas consequencias e os seus effeitos sociaes lastimabilissimos para os proprios destinos do Brasil.

Mas não se detem ahi, como era natural. Assim, exposto o problema do nordeste brasileiro, com uma precisão de termos admiravel, o operoso e digno representante cearense volta-se a invocar o nosso bom senso e o patriotismo do governo, mostrando quão grande é o nosso descaso, quanto esse abandono em que se encontra o nordeste é criminoso, injusto e deshumano.

E, como para reforçar os seus assertos, demonstral-os, illustra o trabalho com uma série de photographias contristadoras dos dolorosos padecimentos, da miseria chocante que padecem as populações flagiciadas pelo azorrague candente com que um destino desgraçado as açoita impiedosamente dentro de um circulo de horrores, que muitas vezes excedem em torturas e penas ás creações dantescas...

Tudo isto pelo descaso impolitico e criminoso que os nossos governos sem visão e consciencia das suas responsabilidades, têm tratado, dando preferencia a outros de somenos importancia, mercê das sollicitações desleaes da politicagem, o maior e o mais vital dos problemas do Brasil!

Sabido é de toda a gente possuida de leituras, mesmo superficiaes, leituras que sejam de jornaes e revistas, que não é este das seccas um problema de solução desconhecida e que desafiar possa a sciencia, em muitos pontos, precaria dos homens. Ahi estão fartos exemplos, como o dos Estados Unidos, o do Indostão, Egypto e outros para demonstral-o á sociedade e á maior das eloquencias.

Regiões e regiões sabidamente adustas, terras de todo safaras, inhabitaveis, converte-as o esforço dos poderes publicos em terrenos fertilissimos, em verdadeiros campos de colheita das suas necessidades economicas, da sua riqueza.

Para tanto houve mister modificar apenas, nuns, o seu systema potamographico, pelo desvio dos seus cursos d'agua e respectiva canalização irrigatoria da terras assoladas.

Dir-se-á que entre nós a providencia é impraticavel e outra deve ser a solução. Mas, ainda assim, felizmente ha outros, si bem que, não nos esqueçamos de accentuar, muito ajudariam a resolução do problema com esta suscitada irrigação, nas zonas mais proximas e marginaes da grande bacia do S. Francisco, e pelo outro lado aproveitando-se a do Jaguaribe.

Noutros Estados tudo se reduzirá pela açudagem e arborização dos campos devastados e desunidos; ás vezes inconscientemente, pelas nossas proprias mãos, como bem nota o genio de Euclydes da Cunha neste capitulo soberbo dos «fazedores do deserto»... As barragens! por que não as fazemos?

Por que não ajudamos esses maravilhosos titans, esses formidandos prototypos de resistencia e bravura, que são os nossos irmãos dos sertões do norte, empenhados na luta sem tregua e desigualissima que sustentam com a natureza bruta, esmagadora e revel?

Não tivemos a felicidade de vel-os dotados com uma terra erigada de montanhas sobranceiras e profundos valles, coeffericientes naturaes da abundancia das chuvas; estimulemos-os, porém por outros meios, sejam ainda os do artificio, já hoje empregados pelo sciencia.

Abandonal-os á sua propria sorte é que se não deve, nem se póde fazer. Não têm, pelo menos, ao que nos conste, outra função os governos, além desta de encaminhar e defender, mercê das forças e das virtudes da sciencia do Estado os destinos dos povos.

Agir de modo contrario é negar a sua utilidade pratica da maneira mais dolorosa, quando se não queira levar á conta de um crime digno da mais severa punição!

J. F.

D'A *Epoca* de 26 de novembro de 1917.

NOTA

O Ceará, seu povo e o seu papel nos outros Estados do Brasil

QUAL DEVE SER A SUA ATTITUDE

O trabalho notabilissimo do Deputado Federal pelo Ceará, o Sr. Ildefonso Albano, lido no Congresso a 15 de outubro findo, trata das periodicas seccas do Nordeste do Brasil e que o seu autor denomina: *O Secular Problema do Nordeste*.

Lendo com a precisa attenção e especial carinho que sempre nos mereceram as cousas serias e sobre tudo as desta Patria querida, deste povo, cujas qualidades moraes apezar desta triste epoca de decomposição de caracteres, o destacam de todos os outros como seja, o da maxima caridade, que con-

siste não só em beneficiar o corpo dos que soffrem, matar a fome dos sacrificados na guerra, como o de esclarecel-os e preparal-os para a luta; esse utilissimo trabalho, alegrou-nos a alma por vêmos que ainda ha politicos que trabalham e que procuram cumprir o seu dever.

Ao mesmo tempo se nos alegrou a alma com esse trabalho, em bem dos creditos scientificos, politicos e patrioticos do Brasil, á medida que liamos todos os quadros demonstrativos da vida do Ceará, das suas torturas, dos seus soffrimentos e da sua heroicidade nessa luta tremenda contra os horrores da secca, lembravamo-nos do quanto ao Ceará, a esse povo resignado, valoroso, ponderado e justiceiro, á esse povo verdadeiramente heroico, deve todo o Brasil desde o Amazonas até ao Prata.

Conhecedores da sua genealogia, dos seus usos e costumes, da sua litteratura, verdadeiramente brasileira; do seu viver no campo e nas cidades, dos seus cantares, dos seus terriveis soffrimentos, da sua resignação e de toda a sua psychologia, quer no ninho, seu sempre muito amado, quer fóra d'elle, pelos Estados do Norte e Sul do Brasil, a espalhar moderação, actividade, noção do dever, da honra, do patriotismo, sentimo-nos sempre muito á vontade, muito bem com a nossa consciencia e com o nosso espirito de justiça, quando temos de tratar em publico dessa nossa gente, sangue do nosso sangue, alma da nossa alma.

Em todos os recantos do Brasil, como os seus irmãos portuguezes outr'ora, e ainda hoje em todos os recantos cearenses, a impulsionar o progresso da Patria e a suspirar sempre pelo ninho seu amado.

O que sempre calou na nossa alma, foi a nostalgia da sua terra que o retirante cearense, ou o grande jurista, sagaz commerciante, notavel escriptor, valente soldado e heroico erudito demonstravam, em qualquer parte que estivessem.

Era e continúa a ser para nós, a prova provada da grandeza d'alma dessa nossa gente, desses nossos irmãos, que apesar das desgraças do seu querido Ceará, não se pódem olvidar que nasceram debaixo daquelle lindo céu e envoltos na atmospherá mais limpida, mais pura, mais diaphana, de quantas se conhecem, e que remediadas as terriveis seccas, será o paraizo não só do Brasil como do mundo.

Além desses bens que lhe deu Deus, existe no cearense a lembrança bem nitida desse viver patriarchal, desse viver christão, herdado dos seus antepassados e conservado com esmero e carinho especial por esse povo que de tão fórte lutar, tão resignado no soffrer, tão convicto do seu viver na terra e de que gosos duradouros para a alma nella não podem existir, que de tão humano no gesto e no peito, chega affirmar que: *desgraça pouca é bobagem.*

Neste dizer simplés e sertanejo, desta resposta dada aos que se espantam ao ver a sua prole e os seus soffrimentos, nota-se bem a grandeza d'alma, as qualidades de altissimo valor psychico, que possui este povo a quem o politiqueiro paulista chama *de colono, de retirante, de nortista*, que para tal gente é synonymo de desprezível, quando é certo que *a esses retirantes, a esses nortistas*, deve o Estado de S. Paulo o que de bom possui na sua parte intellectual, juridica, moral e até na industria e commercio.

E' lastimavel pois, que o notavel e erudito deputado cearense Sr. Ildefonso Albano, tivesse de supplicar dessa gente

sulista, protecção para o seu Ceará, quando altiva e nobremente devia exigir de paulistas, mineiros e de todo o paiz mais attenção, mais respeito e até mais amor e carinho com o povo do Ceará, que tanto concorreu e está concorrendo para a riqueza moral e material de todos os Estados do Brasil.

Povo que tanto soube e sabe amar a sua terra e a sua Patria como o cearense, como todo o norte do paiz, não implora, ordena que cada um cumpra o seu dever para com aquelle, povo de heróes, e santos no soffrer, como elle tem cumprido o seu em todos os tempos, em todos os terrenos, desde os campos de batalha até aos diversos ramos de actividade humana.

Basta de prepotencia, de supremacia territoriaes como a dos politiqueiros paulistas e mineiros; acima dessas miserias está outro poder que é o patriotismo, que quer um por todos e todos por um.

Não se póde sujeitar a regulos cretinizados, quem nasceu livre e pela liberdade se tem batido sempre, como o Ceará.

Quando um povo altivo, honrado e nobre não é attendido pelos que devem ser seus irmãos e seus iguaes, deve é exigir o que lhe pertence; e pertence-lhe toda a attenção, todo o respeito, todas as providencias aos seus males, filhos da secca e todo o real amor e carinho que até aos inimigos da Patria sabem tributar esses fidalgos da época, esses escravos do vicio e inimigos das virtudes do nosso povo.

Que esse importante trabalho do Sr. Ildefonso Albano, em bem do Ceará, não fique em theoria, são os nossos votos; e não ficará se S. S. e todos os cearenses se lembrarem que o Brasil não é de regulos paulistas ou mineiros, instrumentos de principes caricatos e tambem como agora o estão sendo dos inimigos do Brasil e de todos os povos.

D'A *Razão* de 27 de novembro de 1917.

NOTAS LITERARIAS

« O Secular Problema do Nordeste »

A PROPOSITO DO DISCURSO DO DEPUTADO FEDERAL PELO CEARÁ
ILDEFONSO ALBANO

A um tempo a esta parte tomámos a resolução de não ler o que se passa no Congresso Nacional, principalmente na parte que diz respeito á oratoria dos nossos paes da Patria, pelo motivo de termos visto que uma dellas tinha convertido a tribuna do parlamento em vasadouro de seus odios, de suas paixões, não guardando o minimo respeito nem a menor compostura, pois as questões pessoaes, sem interesse algum para o regimen e para a collectividade, só trazem o menosprezo, o máo conceito para aquelles que não sabem refrear o seu temperamento.

Ultimamente o parlamento nacional tornou-se o ponto de reunião dos que apreciam os escandalos, os bate-boccas dos oradores truculentos, neurasthenicos, que procuram notoriedade e popularidade, embora venha ella do seu modo brutal, da sua acção demolidora...

Por esse motivo, por prezarmos demasiadamente a Republica, envergonhados pelo que se passava no parlamento nacional, foi que deixámos de lêr nos jornaes e principalmente no *Diario do Congresso*, appenso ao orgão official, o que se passava no seio da Camara...

Hoje, tendo nos vindo ás mãos um folheto de 91 paginas contendo o discurso do Deputado Federal pelo Ceará, Senhor Ildefonso Albano, proferido na sessão de 15 de outubro do anno vigente, vimos que perdemos um bello ensejo de conhecer o espirito culto de um representante do povo, que se revelou, naquella memoravel sessão, conhecedor profundo dos males que assola e tem assolado o nordéste da nossa Patria.

Esse discurso, que não lemos depois de proferido no parlamento, e que agora o fizemos, com prazer e admiração, é um trabalho que recommenda quem o produziu, pois nas suas paginas se fica conhecendo uma exposição clara e empolgante dos «martyrios e soffrimentos dos cearenses e os prejuizos á nossa expansão causados pela secca.»

Realmente pelo discurso do illustre cearense Sr. Ildefonso Albano «o quadro da triste situação do Ceará» precisa de ter promptos, efficazes e immediatos remedios dos poderes legislativo e executivo.

E' desolador, é compungente, parece incrivel, que em o nosso paiz compatricios nossos morram á fome, soffram os horrores da secca, vivam num desalento atroz, por falta de recursos materiaes !

O brado d'alma que o nosso compatricio soltou em pról dos seus conterraneos deve ter echoado nos corações dos seus collegas, porque S. Ex. narrou, sem carregar as tintas, todas as miserias, os crueis infortunios, as infinitas torturas que produz a secca na gloriosa terra cearense tão digna de ser soccorrida, tão merecedora do amparo dos poderes publicos.

Por que se deixa a terra do nosso primeiró romancista ser flagellada tão cruelmente? Por que padecem fome e sêde esses nossos irmãos e morrem á mingua de recursos, de providencias immediatas? E por que se cuida mais da politica de campanario, de beneficiar amigos eleitos e compadres cabos eleitoraes e se esquece, criminosamente, uma terra que parece amaldiçoada?

Além de deshumano, é uma covardia innominavel !

O discurso do Deputado Ildefonso Albano, que acaba de ser publicado em folheto, precisa ser lido por todos os brasileiros para conhecerem das miserias, das atrocidades que soffrem os nossos inditosos irmãos nos confins do Ceará.

A grande Terra da Luz soffre as miserias mais horrosas desde o seculo XVII. A primeira secca que torturou aquelle povo heroico foi em 1603 e assim padecendo, jámais lhe veio o soccorro efficaz e prompto, que se impõe e que é preciso que se dê.

O digno representante do Ceará divulgando, como o fez no seu discurso memoravel, os padecimentos dos seus conterraneos, expondo aos seus pares e ao povo o que se passa e tem passado em o nordeste do Brasil, do nosso caro Brasil, prestou relevantissimo serviço, pois é de se esperar que o parlamento providencie no sentido de dar forças, elementos precisos para ser resolvido, o mais breve possivel, sem detença «este problema secular com a irrigação do valle de Jaguaribe; a construcção do canal desse valle; a distribuição de aguas por canaes lateraes pelas varzeas do mesmo valle e o serviço

de dar agua corrente aos canaes seccos afim de que o povo tenha um abastecimento ininterrupto e a transformação das planicies abandonadas em terras bem irrigadas», porque S. Ex. o disse — com essa fertilidade e fartura virá a mansão da felicidade para o povo.

Os Estados felizes, que nada soffrem, que se congreguem e façam alguma cousa pelo nordeste do Brasil, pela grande e infeliz terra.

O illustre Deputado da tribuna disse convictamente — que a mortandade pela fome cessará no nordeste, que o problema das seccas se resolverá no dia em que os politicos de S. Paulo e Minas o quizerem.

E por que Minas e S. Paulo não hão de vir em soccorro do Ceará?

Acreditamos que o appello que S. Ex. fez, com o coração nas mãos, com a eloquencia da sua palavra emocionante, sincera e amiga, aos Srs. Rodrigues Alves e Delphim Moreira, os successores dos Srs. Wenceslau Braz e Urbano Santos, será ouvido e attendido, porque, como bem o disse o representante da terra da jandaia, della virá « o primeiro passo para a verdadeira defesa nacional, será o alicerce mais solido para uma Patria brasileira, una, grandiosa, prospera e forte ».

A imprensa deve se unir ao Deputado Ildefonso Albano e a seu lado cooperar para que essa aspiração se realize, se torne nacional e venha glorificar o governo do proximo quadriennio.

Felicitando o preclaro cearense, que tão bem comprehende o seu mandato, damos parabens ao governo do Ceará por ter divulgado, em avulso, o brilhante trabalho, *O Secular Problema do Nordeste*.

XAVIER PINHEIRO.

D'O Norte de 27 de novembro de 1917.

O PROBLEMA DO NORDESTE

Quando se manifestam as grandes seccas no nordeste brasileiro, os politicos, os jornalistas, os entendidos no grave problema nacional, expõem theorias, apresentam estatisticas, gizam planos e offerecem conselhos, que se perdem, entretanto, na agitação do momento. Passados os effeitos terriveis da calamidade, ninguem se occupa mais da materia. O assumpto fica de lado, até que venha outra secca, com os mesmos horrores, a mesma grita, a mesma afflicção sem remedio.

O Sr. Ildefonso Albano, representante do Ceará na Camara dos Deputados, teve, ha pouco, um gesto que divergiu dessa tradição de imprevidencia; reuniu em tempo de prosperidade e de calma, os dados esparsos relativos ao problema das seccas, e pediu ao Governo Federal, em um discurso interessante e documentado, que meditasse sobre aquelle cortejo de miserias. E para que a questão preoccupasse mais vivamente os que governam, illustrou a sua exposição com a documentação photographica desse spectaculo horrendo, que é a terra do Ceará em tempo de fome e de sede.

O governo cearense mandou imprimir esse discurso em folhetos para maior divulgação. E' um excellente serviço

prestado ao Ceará, pois esse trabalho é um grito que deve chegar ao ouvido de todos os brasileiros, para que se apiedem dos seus irmãos, evitando a reprodução periodica dos horrores, de que é scenario frequente, essa desgraçada e maravilhosa porção do Brasil.

Do *Imparcial* de 27 de novembro de 1917.

LIVROS NOVOS

Um trabalho que precisa ser meditado

O SECULAR PROBLEMA DO NORDESTE, PELO SR. ILDEFONSO ALBANO

Por ordem do Sr. Dr. João Thomé de Saboia e Silva, Presidente do Estado do Ceará, foi publicado em folheto o discurso que o Sr. Ildefonso Albano, Deputado Federal por aquelle Estado pronunciou a 15 de outubro deste anno, na Camara dos Deputados, sobre o problema do Nordeste brasileiro.

Bem avisado andou o Sr. Presidente do Ceará mandando publicar esse trabalho que devia ter profusa divulgação entre os dirigentes do paiz, aos quaes compete resolver o problema premente do Nordeste do Brasil.

«Não é possível, diz muito bem o Sr. Ildefonso Albano, que esse problema economico-social, o mais grave e relevante de todo o Brasil, continue preterido por tantos outros de somenos importancia, que passam a ser considerados problemas de maxima urgencia para a vida da Nação, unicamente pelo valor que lhes emprestam seus advogados influentes e poderosos.»

E o Deputado cearense, firmado em estatisticas e photographias impressionantes e mais valendo-se de sua observação pessoal, pinta em traços sombrios e profundos a paizagem secca e crepitante do Ceará assolado. E' a eterna tragedia, continua e periodica do sertanejo que ergue a sua choupana, planta, cria e progride, attinge a um certo gráo de prosperidade e num momento vê a familia desolada e o gado mirrando, a terra chupando-se, as plantações seccando, e, desprotegido da terra, parte, ao acaso, num desperdiço formidavel de energia e vitalidade, desfazendo a familia morta pelo caminho: «Ao longo das estradas tosecas cruces, carcomidas, pelo tempo, relembram a morte de infelizes retirantes das seccas passadas, morte miseravel, mas bemdita, que os livrou de tantos soffrimentos e infortunios. Pelo caminho arido e interminavel os retirantes se alimentam da carne apodrecida de rezes mortas, da raiz venenosa da mucunã e de outras plantas silvestres. Os mais fracos e doentes vão cahindo pela estrada e morrem estorcendo-se no esgares da fome.»

Começa então a segunda parte da afflicção dos emigrantes. Abandonadas pelos poderes publicos, familias inteiras vagam esmolando ou partem á aventura para todos os pontos do Brasil, para a escravização do seringueiro do Amazonas. Mas «no proprio dia em que parte do Ceará, o seringueiro principia a dever: deve a passagem de prôa até o Pará (35\$) e o dinheiro que recebeu para preparar-se (150\$000)». Depois vem a passagem num gaiola e 800\$ para ferramentas. E' o inicio da segunda tortura do Cearense.

O orador descreve as fontes de riqueza do Ceará e a sua capacidade de produção, ahí perdidas pela incuria dos governos; e mostra o que em idênticas circumstancias fizeram outros paizes, a Italia, o Canadá, a Australia, a Africa do Sul, ganhando fecundas regiões para a riqueza de seu povo. Cita Henrique Semmler, autor de uma importante obra sobre agricultura tropical. — « Ha muitos annos, em dia de sol estival, estavamos em um dos mais altos cumes da parte meridional da Serra Nevada, olhando para oeste, para a California, e voltámo-nos depois para o levante, onde os montes da Nevada, com matizes azulados, limitavam o horizonte. Não se avistava um só ponto onde o olhar pudesse regosijar com a verdura, e involuntariamente nos vieram aos labios as palavras: *Deserto! Deserto triste e inutil! Eternamente os homens fugirão de ti!* »

« Quem hoje subir áquelle cume, em que nos achavamos então, não verá mais um deserto desolador. Verá oasis risonhos, laranjaes, jardins em flôr que embellezam a paizagem e cada anno mais e mais se multiplicam, até que em futuro proximo todo o terreno estará transformado em campos fertes e pomares. »

No emtanto, ha muito adormece na Camara, um projecto tendente a resolver o problema do Nordeste, apresentado a 30 de agosto de 1911, pelo então Deputado, hoje Senador, Dr. Eloy de Souza !

E o Sr. Ildefonso Albano, lembrando providencias que se tomaram para acudir outros pontos do paiz, maltratados por epidemias, reclama-as igualmente para seu Estado natal.

Como se vê, o Deputado cearense se esforça num grande trabalho patriótico, que bem merece repercussão, e assim possa elle desviar as atenções para o grito de misericordia que lançam as pobres populações do Nordeste assolado.

Do *Jornal do Commercio*, edição da tarde, de 29 de novembro de 1917.

O Secular Problema do Nordeste

Não ha problema nacional mais grave, mais relevante e imponente, porque é tambem um problema social e humanitario, do que esse vulgarmente chamado « das seccas do Ceará », ultimamente mais latamente denominado o problema do nordeste brasileiro.

Muito se tem escripto a respeito delle em livros e revistas, jornaes e documentos officiaes. Raramente, porém, com a precisão e clareza com que o Sr. Ildefonso Albano no discurso que pronunciou na Camara Federal, como Deputado pelo Ceará, em outubro ultimo, e agora publicado em bello folheto de 91 paginas.

Não sabemos qual mais emocionante nesse trabalho do talentoso representante do Ceará, si a eloquencia de sua palavra sentida e vibrante de patriotismo, ou a photogravura de algumas scenas do terrivel flagello, com que illustrou o seu discurso, ou, finalmente, o alinhamento das cifras que servem de apoio á sua argumentação em favor desse infeliz pedaço da patria brasileira.

Da *Brasil Agricola* de novembro de 1917.

CÓTAS AOS CASOS

1991

O problema do nordeste — Memoravel discurso — Verdadeira defesa nacional

O Sr. Ildefonso Albano, Deputado Federal pelo Ceará, proferiu, a 15 de outubro ultimo, na Camara de que é ornamento, um discurso realmente memoravel, digno da maior divulgação, e da meditada leitura de todos quantos se interessarem pelas questões vitaes da nossa patria.

Trata do secular problema do nordeste, do qual diz S. Ex. synthetizando as suas observações:

«Não é possivel que esse problema economico-social, o mais grave e mais relevante do Brasil, continue preterido por tantos outros de somenos importancia que passam a ser considerados problemas de maxima urgencia para a vida da Nação, unicamente pelo valor que lhes emprestam seus advogados influentes e poderosos.»

Tão valioso é o trabalho em questão, que o actual presidente do Ceará, Dr. João Thomé, o mandou imprimir em folhetos, por conta do Estado, com *clichés* e photographias illustrativas.

O folheto forma um volume de cerca de cem paginas, magnificamente impresso na Imprensa Nacional, e a illustração nada deixa a desejar, quanto á nitidez da execução, impressionando vivamente, pois são quadros da secca do Ceará.

O trabalho do Sr. Ildefonso Albano é, como diz o Sr. João Thomé, uma descripção fiel e erudita do terrivel phenomeno que periodicamente assóla aquella região.

O phenomeno, na phrase do autor do discurso, ou, melhor, da substanciosa monographia, impede a evolução e retarda o progresso da vasta e futura zona brasileira...

O Sr. Ildefonso Albano quiz dar idéa exacta da calamidade, expondo com clareza os martyrios de seus conterraneos, os prejuizos de toda sorte advindos do flagello.

Sem preocupação litteraria, conseguiu o maior dos effeitos litterarios, graças á simplicidade, verdade e sinceridade do seu relatorio: commover vivamente a quem o lê, despertando sentimentos de commiseración para com as victimas e de sympathia para com o seu dedicado patrono.

Nos corações bem formados, nas intelligencias lucidas, nas consciencias rectas, nasce assim o desejo de auxiliar o illustre cearense na sua benemerita campanha, em prol da sua, por multiplos titulos, admiravel terra natal.

Começa o Sr. Ildefonso Albano assignalando que o Ceará, sempre o mais attingido pela secca, tem sido testemunha das lutas titanicas entre os seus destemidos filhos e a natureza.

Data de 1603 a sua primeira grande provação, em consequencia da falta de chuvas.

De ahi para cá, o terrivel phenomeno se tem reproduzido com cruel periodicidade, determinando males formidaveis.

Estuda o Sr. Ildefonso Albano as razões por que o Ceará soffre da secca, emquanto o Maranhão fica indemne; o regimen das chuvas nos tropicos; as fomes, seccas e inundações mundiaes; o inverno e o estio cearenses, a secca, enfim, com todos os seus horrores.

«Toda a zona, outr'ora exuberante de vida e fartura, se transforma em um scenario de miserias indescriptiveis...

Começa a luta entre o homem e a natureza, luta terrível e desigual, em que os mais firmes baqueiam e os mais fortes são vencidos.

A natureza impiedosa e insaciável, sempre triunphante, implanta desgraças onde existe a abundância, trazendo o desespero e a morte.»

Referindo episodios da luta, diante da qual empallidecem as proprias scenas pavorosas da guerra, tem o Sr. Ildefonso Albano paginas tragicas, merecedoras de figurarem em anthologias, quaes as relativas ao exodo da população, que tudo abandona, menos a esperança em Deus, essa população de alma espartana, a epica desbravadora do Amazonas.

Examina em seguida, as providencias adoptadas, os socorros concedidos, as obras postas em execução para remediar a immensa desgraça.

Para aquilatal-a, basta reconhecer que a população do Ceará é calculada em 1.200.000 almas, das quaes, no minimo, 800.000 vivem da agricultura e industria pastoril; destas perto de 400.000 foram atingidas directamente pela ultima secca, a de 1915, e, sem recursos, obrigadas a deixar as suas terras.

Manda a verdade reconhecer, que muito em beneficio de taes infelizes se tem feito, mas esse muito é nada ante o que resta e cumpre fazer.

Trata-se, como diz o Sr. Ildefonso Albano, da verdadeira defesa nacional.

A. C.

Do *Jornal do Brasil* de 8 de dezembro de 1917.

COLONIZEMO-NOS

Poucas vezes terá tanto repercutido na alma nacional um brado de alarma e de dôr, como desta vez o que Sr. Ildefonso Albano ergueu, em nome do Ceará faminto e cadaverico, da tribuna do Parlamento. Não assistimos ao discurso do Deputado nortista. Lemol-o, agora, editado pelo Governo de Fortaleza, e a simples leitura, por si, só encontra, pela plasticidade tragica das emoções que desperta, algo de comparavel ao seu *pathos* profundo nas paginas sertanejas de Euclides da Cunha e nas *catastrophes chromatiques* de Goya.

É uma leitura povoada pelo phantasma colectivo de uma plebe de agonisantes. Agonisantes no estio, como a flora e como a fauna, que a secca victima, triumphando sobre a frescura misericordiosa e inutilmente heroica dos joazeiros; agonisantes ao longo das estradas agrestes, que demandam as capitaes longinquoas e a miragem do littoral; agonisantes nos campos de concentração, onde as epidemias completam a obra catastrophica, ao termo da *via crucis* dos retirantes; agonisantes, emfim, nos seringaes acreanos, em cujas selvas mortíferas os raros sobreviventes vão buscar a escravidão, preza predestinada da cobiça de negreiros modernos, macabra colonização de esqueletos ensaiada na alta bacia do Amazonas.

O Sr. João Thomé Saboya não podia, homem de governo que é, cumprir um mais previdente programma de administração, do que resumindo, como fez, numa *plaquette* e num appello, o problema da terra e do habitante cearense. Essa *plaquette* e esse appello, si houver no Brasil almas sensiveis

e si os brios nacionaes não forem apenas uma expressão rhetorica, devem já estar gravados, pensamos nós, como um remorso, na consciencia social do paiz.

Immenso plano inclinado, e geologicamente, pela sua conformação, refractario á fertilidade compensadora do esforço do homem, o sólo cearense está condemnado pelas proprias leis da natureza: condemnado a alternativas periodicas de alluviões e de seccas. As aguas não permeabilizam a terra; não se infiltram no seio profundo da gleba; a hydrographia da região é uma hydrographia *sui generis*, não canalizavel e pantanosa.

Os açudes, é certo, poderiam remediar em parte tão infeliz configuração physica. Mas o remedio, elle mesmo, exige, para tornar-se efficaz, um esforço que os resultados mal remuneram. E' o esforço titanico, secular da raça, disciplinado pela adaptação, *in situ*, da engenharia egypcia e romana. Palliativo grandioso, que exgota num trabalho de Sisypho as gerações.

Uma simples deslocação das correntes emigratorias do Ceará alcançaria, entretanto, resultados que o nobre discurso, que a memoravel monographia do Sr. Ildefonso Albano não contempla. Não contempla e não quer contemplar. O exodo dos retirantes — a estyrpe mais vigorosa, mais uniforme, mais differenciada que o caldeamento ethnico produziu no Brasil — o exodo dos retirantes manifesta-se tradicionalmente, em direcção ao extremo norte. O Alaska amazonico, o El-Dorado fluvial é todo elle uma colonia — e um cemiterio — de sertanejos que o flagello das seccas transformou, na região dos grandes rios, em desbravadores de florestas virgens, em bandeirantes e em pioneiros. Leiam Euclydes da Cunha. Acompanhem a plasmção criminosa das fortunas do Acre. Perguntem á firma Moura Brazil, de Manáos, quantas vidas de seringueiros localizados traioeiradamente no *Inferno Verde* lhe custa cada klio de borracha.

O escól dos trabalhadores que, emigrando de Fortaleza e não se dedicando com exito á pequena lavoura no Maranhão e no Rio Grande do Norte, accede á seducção capciosa dos alliciadores de escravos brancos e desaparece no mysterio do Alto Purús, marcha para a hecatombe. Desses predestinados ao holocausto, alguns, nos tempos já agora fabulosos em que a *hevea* domestica não soffria a concurrencia das Indias, salvavam-se e regressavam, — espectralmente, mas regressavam — ao torrão natal. Hoje, porém, a crise da borracha nivelou na desventura os refractarios ás epidemias e os que a ellas succumbem. O holocausto não comporta excepções. E' inutilmente macabro para todos.

E o exilio não seria nem macabro nem vão para os retirantes, si estes, em vez, de demandarem as plagas do Norte estabelecessem, á semelhança do que acontece entre a Italia e a Argentina, correntes methodicas de emigração para o sul do Brasil. A fartura do sólo, os pactos sociaes que regulamentam ahi o emprego da mão de obra, proporcionariam aos obscuros heróes do sertão os mesmos privilegios de que com patente injustiça, gozam os colonos exóticos.

Não esqueçamos que a nacionalização do sólo depende unicamente da nacionalização do trabalho. Não esqueçamos que, emquanto as concessões de terrenos forem outorgadas a filhos de outras patrias, o *habitat* permanecerá paradoxalmente hostile ao habitante autoctone.

A guerra mundial já determinou, para nós, uma serie de phenomenos dêmicos que se caracterizam, syntheticamente, por uma osmóse inter-estadual dos braços. Camponezes mineiros abandonam a Zona da Matta e disputam, nas fazendas paulistas, as melhores colheitas e os mais altos salarios. Ha escassez de mão de obra importada: a reassimilação dos colonos, causada pela conflagração, e a certeza de que, pelo menos nos proximos decennios, a reconstrucção economica do velho mundo impedirá fatalmente a sahida do braço europeu para as lavouras do novo, offerece um recurso providencial á reintegração da mão de obra indigena no territorio de que o *gringo* benefico fazia emigrar em grande parte as riquezas além fronteiras.

A phase nova da nossa autonomia economica, de que o quadriennio Wenceslau Braz assignalará na historia o surto creador, póde e deve ser, tambem, a phase nova da nossa autonomia dêmica.

Escrevemos estas linhas sob a suggestão empolgante duma palestra que, ha poucos dias, entretivera connosco um precursor sagaz do georgismo actual do Brasil: o Dr. Fidelis Reis, vice-presidente da Sociedade Mineira de Agricultura, e, com Francisco Salles, com Delphim Moreira, com Theodomiro Santiago, fautor dessa energia alacre e silenciosa que vem, ha alguns annos, dynamizando a politica de Minas, e transformando-lhe o caipirismo partidario em um austeró, elevado, consciante nacionalismo pragmatico.

O echo do discurso do Sr. Ildfonso Albano transpuzera a Serra da Mantiqueira e chegara até Bello Horizonte. E como Bello Horizonte possua, em virtude da iniciativa e da pertinacia desses homens-typos da democracia rural, uma Sociedade de Agricultura que dictatorializa sem espalhafatos, sob os auspicios do Presidente, a produccão e a exportação, submettendo-as a um *contrôle* racional e firmando as directrizes reformadoras do cultivo empirico dos campos, assim as idéas patrioticas, em 1912 formuladas por Nilo Peçanha sobre a redempção do trabalhador indigena, e consubstanciadas numa entrevista que a *Gazeta de Noticias* teve a honra de publicar, adquiriram, através da palestra do Dr. Fidelis Reis, uma morphologia technica que nos induz a reputal-as, sem restricções, idéas basicas de um systema de intercambio domestico, de colonização interna, de valorização do sólo brasileiro, com o braço e pelo braço dos brasileiros. Estipule-se um accordo entre a Sociedade Mineira de Agricultura, a Paulista, a Paranaense agora resurgida, e a instituição benemerita que Lauro Müller, Miguel Calmon, Eduardo Cotrim e Hannibal Porto superintendem no Rio. Estipule-se esse accôrdo, e o Ceará, e com o Ceará todas as regiões proletarias do norte, poderão nos Estados centraes e meridionaes escoar vantajosamente a propria super-produccão demographica, substituindo assim, aos poucos, o braço adventicio, e poupando ao patrimonio collectivo as sangrias periodicas dos capitaes que o immigrante estrangeiro canaliza para a sua patria de origem.

Reflicta o Sr. Ildfonso Albano, reflicta o Sr. João Thomé sobre as possibilidades que a exasperação do poder productor do paiz offerece aos *retirantes*. E não espose o lucido autor da monographia sobre as seccas as prevenções regionalistas que o fazem clamar contra a hegemonia do Sul. O maior esforço deve ser empregado na conquista do maior provento. Tudo indica que a mobilização do trabalho deverá effectuar-se,

de preferencia, nos Estados do centro e nos Estados meridionaes, mais aptos ao desenvolvimento das culturas e á acclimação do homem. O Brasil unitario não deve atrophiar, além fronteiras, os órgãos da sua grandeza por preferir hypertrophiar, aquem fronteiras, as suas ficções provincianas. A função do Estado é a função tempestiva e agil dum exercito de manobras. Omnimoda, omnipresente, mas concentradora. Um exercito de manobras que espalhasse os seus pelotões ao longo duma linha de frente perderia a iniciativa tactica. Como as metaphoras marciaes são um producto da epocha, nenhuma exprime melhor o anachronismo em que nos obstinamos, fragmentando em idiosyncrasias pequeninas a vontade e o querer communs.

FERDINANDO BORLA.

Do A B C de 8 de dezembro de 1917.

LIVROS NOVOS

O Sr. Ildefonso Albano, Deputado Federal pelo Ceará, publicou em volume o longo e importante discurso que proferiu na Camara em 15 de outubro proximo passado sobre *O Secular Problema do Nordeste*, isto é, a questão da secca e dos meios de lhe remediar os desastrosos effeitos. Em prefacio diz S. S.: «Quando em conversa com meus collegas da Camara dos Deputados, representantes dos prosperos Estados brazileiros sobre o flagello da secca, que impede nossa evolução e retarda nosso progresso, tenho notado que muitos não fazem uma idéa exacta daquella calamidade.

Neste discurso, que é antes um relatorio, feito sem pretensões a litteratura e eloquencia, procurei, estribado conscienciosamente na verdade, expôr com clareza os soffrimentos e martyrios de meus conterraneos, os prejuizos á nossa expansão causados pela secca, adduzindo para isso provas irrefutaveis e testemunhos insuspeitos.

Si assim fazendo, consegui dar aos homens de responsabilidade do paiz o quadro verdadeiro da triste situação do Ceará, si destas minhas palavras advier algum beneficio para meu Estado natal, dar-me-hei por sobejamente recompensado.

Si, entretanto, este meu trabalho for condemnado á traça, á poeira e ao esquecimento, restar-me-ha a satisfação de um dever cumprido, unico movel das acções do homem recto».

O discurso do Sr. Ildefonso Albano é um trabalho consciencioso, representando o mais convincente e o mais ardoroso brado de alerta que se poderia dar em favor de uma larga região do nosso paiz, sujeita a tremendas calamidades periodicas, que além de serem o martyrio horripilante das populações flagelladas, acarretam incalculaveis danos para a prosperidade e o futuro do Brasil.

Oxalá essas paginas pungentes consigam despertar o interesse dos nossos homens de responsabilidade, sem distincção de zona, por tão grande problema nacional.

Do *Estado de São Paulo*, S. Paulo, de 9 de dezembro de 1917.

O Sr. Ildefonso Albano pronunciou na Camara Federal um longo e detalhado discurso acerca da situação do nordeste brasileiro, constantemente assolado por intemperies crueis, — ora são as invernias destruidoras, ora as seccas que devastam

os campos, extinguindo as culturas e matando gente e criações.

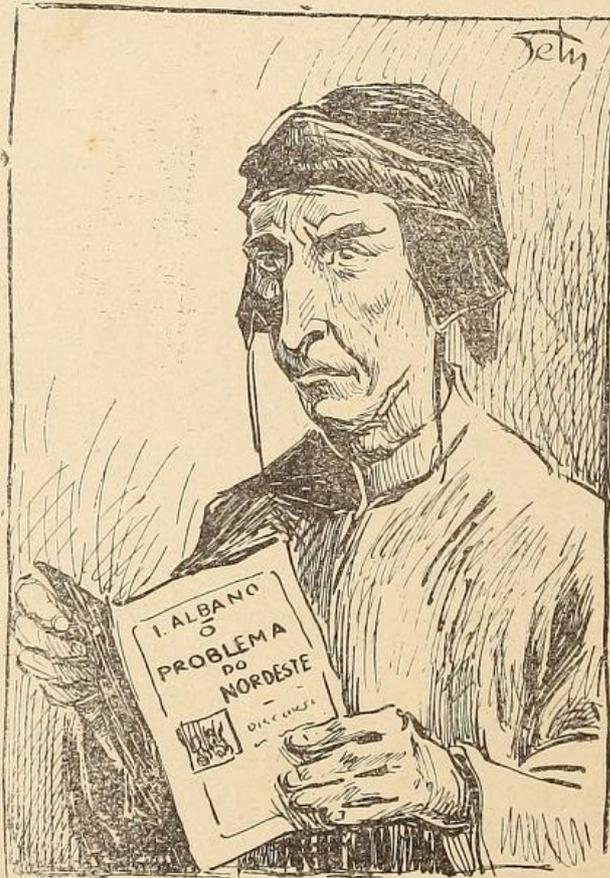
Esse discurso que acaba de ser reproduzido em folhetos, vem acompanhado de innumeradas e impressionantes photographias, por onde é facil avaliar o soffrimento que passam os povos naquella ingrata região.

O Sr. Albano, que é Deputado pelo Ceará, prestou por esta fórma um relevante serviço ao seu Estado, mostrando ao vivo, com illustrações que não mentem, a intensidade da lucta que ali é preciso sustentar contra a Natureza, para evitar a morte pela fome, procurando ainda, assim, um meio pratico de despertar o governo e os dirigentes do Paiz para que melhor promovam a defesa dos interesses do nordeste brasileiro, onde as populações minguam pelo soffrimento, mas que nem por isso deixam de prestar espontaneamente o seu auxilio valido á patria commum, sempre que seus serviços são reclamados na defesa dos grandes interesses.

Da *Gazeta do Povo*, Santos, 14 de dezembro de 1917.

O FLAGELLO DO NORDESTE

(A proposito de um opusculo sobre as seccas do norte.)



Dante — Eis um capitulo que eu teria incluido em meu "Inferno"...

D'A Noite de 15 de dezembro de 1917.

A SECCA DO CEARÁ

Quem ha que se não tenha commovido ante a pintura tragica da secca nos versos immortaes de Guerra Junqueira:

« Lançae o olhar em torno... jaz a terra abrazada
Debaixo da candente abobada de um forno,
Já não chora sobre ella orvalho a madrugada
.....»

Mais commovente que as scenas traçadas pelo inimitavel estro do poeta, é a descripção das miserias presenciadas e descriptas no patriotico discurso do Deputado Ildefonso Albano, de que nos mimoseou com um exemplar nitidamente impresso e ornado de photogravuras, de que se deveria fazer larga distribuição pelo nosso publico leitor.

O Deputado pelo Ceará traz de novo, e desta vez tratado com um cuidado, um trabalho, um estudo digno do assumpto e da magnanimidade, digo melhor, da caridade christã de quem o desenvolve, o velho assumpto das devastações phisicas e moraes, que na bella e importante região do norte produz o tremendo cataclismo da secca.

Bella e importante região, região feracissima que em condições normaes bem remunera o labor assiduo e tenaz de seus filhos, que bem puderam ser cognominados os *yankees* do norte. O Ceará é em verdade uma terra abençoada para a cultura e criação, quando as chuvas beneficas chegam a tempo, quando as estações correm regularmente.

Desde os dias da infancia ouvimos proclamar esta verdade, a justa fama de que gosa a patria de Alencar: a abundancia dos grãos, da mandioca, dos generos de primeira necessidade é proverbial no Ceará, a fartura de suas fazendas de criar, o animo inexcedivel de seus habitantes para o trabalho; mas, tambem, em sobrevindo a secca, o Ceará transforma-se em vasto areal, onde o sol dardeja impiedoso, esgotam-se as fontes, cortam os rios caudalosos, desapparece a vegetação e o sólo branqueia com as ossadas de homens e de animaes.

Começa o exodo em procura d'agua e de alimentos: e os chamados *retirantes*, familias ha pouco abastadas ou, ao menos, de medianos recursos, lá se vão abandonando tudo, ás vezes para regiões remotas, o Acre pestilento ou as abençoadas regiões do sul.

O Sr. Ildefonso Albano instrue-nos sufficientemente, e o seu discurso não carrega as côres do quadro da desolação: ninguem o lê que se não sinta logo commovido lançando as vistas para o procurado remedio.

Mas, não será possivel obviar a tanta miseria? Nem foi para outra cousa que se fez a publicação e diffusão do discurso. Ao Estado, com seus immensos recursos, cabe primeiramente providenciar.

E tem providenciado? Sim, mas de modo incompleto, imperfecto, como tudo entre nós.

« Até hoje — diz o illustre Deputado cearense — temos combatido crises, que são passageiras, com palliativos, quando deveriamos combater as sêccas, que são periodicas, com trabalho continuo, ininterrupto.»

A sêcca é realmente um mal que volta, uma calamidade periodica; não vale acudir ás desgraças que occasiona no mo-

mento, e deixar a raiz do mal, prompta a renascer e reproduzir-se indefinidamente. E' sabido que as condições meteorologicas e a disposição, conformação e direcção das camadas do sub-sólo, favorecem sobremodo a intermittencia do phenomeno.

Como neutralizar, sinão remediar efficazmente esta situação afflictiva, despendendo de vez e efficazmente quantias e esforços que se dispersam de cada vez que acontece a calamidade?

O problema foi estudado desde a monarchia, e é desse regimen a construcção do açude de Quixadá; mas essa obra, estudada de carreira, resente-se de defeitos, apesar da magnitude da concepção, o açude não recebe a quantidade d'agua que deveriam comportar as proporções colossaes de sua estrutura. Divergem os entendidos sôbre o que mais convem, si pequenos açudes em numero consideravel, si um enorme reservatorio d'agua em condições de favorecer a evaporação que provoca as chuvas, e dar logar á irrigação de terrenos aridos, como se tem praticado, convertendo em verdadeiros edens de verdura e abundancia regiões que pareciam condemnadas a eterna esterilidade.

Não precisamos sahir do trabalho eruditissimo e completo do Deputado Ildefonso Albano, para vermos a realização do milagre, tão antigo, que data de 2.200 annos, ou mais, antes de Christo, em que os chinezes e os babylonios irrigavam artificialmente as suas terras aridas. A inscripção de Hammurabi, que tão largos subsidios tem ministrado ás sciencias, mostra-nos este meio usado naquelles remotissimos tempos.

A Africa Romana foi tão irrigada mediante os prodigios da arte antiga, que chegou a tornar-se o celleiro de Roma, e o illustre Deputado cita a este respeito trechos de Gaston Boissier, tão conhecido pelos seus estudos de Roma antiga, seus homens e suas cousas.

Não só isso; a engenharia moderna, aproveitando os pristinios ensinamentos da civilização que se foi, tem realizado eguaes prodigios em terras seccas do Egypto, do Canadá, da Africa do Sul, dos Estados Unidos. Henrique Semmler, trazido á colleção no discurso do Deputado cearense, mostra-nos como as regiões do levante da Serra Nevada passaram do deserto esteril, arenoso ou de rochas escalvadas sob um sol ardente, ás lindas varzeas do Arizona, com seus pecegos e uvas magnificas, rivalizando com a California e ostentandó as douradas messes de trigo!

A irrigação artificial acabou com os desertos! E porque não havemos enfrentar de vez com o magno problema da secca que transforma o fertil Ceará em deserto árido e desolador? Houve quem lembrasse o abandono dessas terras do Brasil nordeste á sua dura e inclemente sorte; que se facilitasse a emigração daquella gente assim ameaçada para as terras do Sul, onde a fertilidade e abundancia de agua pede só população laboriosa, que aproveite os beneficios da natureza! Como si o Brasil fosse sómente S. Paulo, Minas e Rio de Janeiro! Como si o cearense não tivesse amor, amor entranhado áquelle sólo ingrato, qual filho que fecha os olhos aos defeitos maternos, e abre-lhe o coração abundante de affectos! A prova disso é que, ameaçados da secca, mal passa a crise, voltam elles, os filhos das regiões devastadas, aos seus lares, áquelles mesmos campos onde o *verde* faz renascer esperanças e donde não lhes é grato sahir.

Colonização estrangeira, quando os nossos compatriotas estão sob a imminencia de desgraças tamanhas ! E' um ponto que o Deputado cearense tambem toca... e que admiravelmente condiz com idéas aventadas destas columnas. Enchemos de regalias e de regalos o colono estrangeiro e deixamos morrer na patria o filho do paiz ! Muitos daquelles, vindos á custa de grossas sommas do thesouro, conservam a « alma de colono », como bem a qualifica o Sr. Ildefonso Albano, têm o pensamento na Europa, para onde remettem capitaes aqui accumulados — a alma, o coração deixaram lá; aqui, terra de labor e de exilio para elles, é apenas o ubre cheio, donde tiram o leite da subsistencia e o alento para, quem sabe? de-trahir como muitos o paiz que lhes matou a fome !

Olhemos para o norte. « Quando a 7.º de setembro de 1922 todo o Brasil estiver no parque do Ypiranga festejando a data gloriosa e as memoraveis palavras *Independencia ou Morte*, talvez esteja o Ceará, por ironia da sorte, mais uma vez em lucta contra a calamitosa secca, com seus campos talados, cobertos de ossadas e sua população faminta e errante. Não, nestas condições não poderá o Ceará tomar parte nas festas projectadas ». Mãos á obra, previnamos um acontecimento calamitoso e possível, para que com Guerra Junqueiro mostremos ás nações

« Que é impossivel já hoje, isto consola,
Morrer de fome alguem pedindo esmola
Na mesma lingua em que a pediu Camões ! »

LACERDA DE ALMEIDA.

D'A *União* de 20 de dezembro de 1917.

O SECULAR PROBLEMA DO NORDESTE

Temos sobre a nossa mesa de trabalho a importante monographia, cujo nome epigrapha esta noticia. O seu illustre autor, Exmo. Sr. Ildefonso Albano, D. D. Deputado pelo Ceará, vem de nol-a offerecer, com uma dedicatoria do seu proprio punho: — « A' illustrada Redacção da *Evolução* homenagem do autor ».

Nada mais poderemos dizer sobre tão importante e meticoloso trabalho, illustrado com diversas e suggestivas gravuras e quadros comparativos das inexoraveis seccas do Ceará, as quaes continuam infelizmente « a ser esse problema economico-social, o mais grave e mais relevante do Brasil e continúa preterido por tantos outros de somenos importancia, que passam a ser considerados problemas de maxima urgencia para a vida da Nação, unicamente pelo valor que lhes emprestam seus advogados influentes e poderosos », nada mais poderíamos dizer do que disse nas « Cotas aos casos » do *Jornal do Brasil* o illustre escriptor e pensador brasileiro Conde de Affonso Celso, sobre o mesmo trabalho:

« E' um trabalho digno de ser lido e meditado » e o pomos na nossa redacção á disposição dos que quizerem lel-o e averiguar da sua importancia.

D'A *Evolução*, Jacutinga, Minas, 20 de dezembro de 1917.

O Deputado Federal pelo Ceará, Sr. Ildefonso Albano, pronunciou na Camara um discurso que provoca a geral atenção porque recapitulava toda a historia das seccas no nordeste nacional. Esse discurso estava fadado a ser esquecido nas paginas espessas do *Diario Official*, se o Sr. Dr. João Thomé presidente do Ceará não tivesse resolvido mandar edital-o em opusculo. E' a este opusculo que se refere a nossa critica.

O Sr. Ildefonso Albano fugiu á rhetorica ao expôr um problema que reclama pela sua magnitude um maior carinho que o de meras phrases oratorias. O autor versando o assumpto cingiu-se a methodizar argumentos que convencessem os espiritos a cuidar seriamente do problema.

Lendo o discurso, encontra-se ali a compilação generica das causas e dos effeitos, dos males e dos remedios das seccas no Ceará. Em apoio dos raciocinios vêm os algarismos e as opiniões technicas de melhor autoridade na questão.

O secular problema do Nordeste constitue uma excellente monographia synthetica e precisa, sobre o que respeita a esse assumpto. E' uma obra que convence, elucida e explana.

O Sr. Ildefonso Albano teve assim um gesto de filial dedicação pela terra de que é representante e terçou armas por um problema que se apresenta merecedor de resolução efficaz e cabal.

Agradecemos-lhe a gentileza de nos offerecer um exemplar do seu bello trabalho parlamentar, escripto em linguagem serena, concisa, justa e nobre.

Do *Diario Mercantil*, Juiz de Fóra, 21 de dezembro de 1917.

PELO CEARÁ

Ildefonso Albano, Deputado Federal pelo Ceará, sob o titulo — *O secular problema do Nordeste* — acaba de publicar em volume o seu notavel discurso pronunciado na Camara dos Deputados, em 15 de outubro deste anno.

Esse discurso causou profunda impressão pelo completo conhecimento do assumpto, pelos dados historicos e sobretudo pela clareza empolgante da exposição documentada com episodios tragicos e commoventes colhidos pacientemente atravez da longa e pavorosa agonia que foi a ultima secca do Ceará.

Posto agora em livro adquiriu ainda maior valor a notavel peça oratoria do illustre Deputado, que, além de cuidadosamente concatenada e enriquecida com preciosa estatistica, apresenta numerosas e nitidas photographias de retirantes famintos e outros aspectos da lugubre epopéa da dôr.

Damos aqui uma das gravuras desse volume precioso, representando Maria Umbelina e sua filhinha Maria Celeste, que, após seu pae e trez irmãosinhos, morreu tambem victimada pelas consequencias da secca.

«Essa creança — diz o eloquente Deputado — com sua physionomia de dôr e seu corpo disforme, é a figura do Ceará, depois de uma secca, alquebrado e reduzido a um feixe de ossos.»

D'O *Malho* de 22 de dezembro de 1917.



QUASI PEIOR QUE NA BELGICA

... As crianças do Ceará, segundo as pungentes descrições do deputado Ildefonso Albano.

Desenho de Julião Machado d'A Noite de 23 de dezembro de 1917.

Ildefonso Albano — O secular problema do Nordeste — Imprensa Nacional — 1917

E' um livro impressionante, na dolorosa expressão de suas gravuras e de suas estatísticas, o que acaba de publicar o Sr. Ildefonso Albano sobre as seccas do Ceará.

A grande terra irmã, de onde primeiro partiu, numa onda de generosidade, o abolicionismo pratico, a grande «Terra do Sol», que é ao mesmo tempo a filha maldita do sol e da secca, bem merece esse clamor em prol de sua regeneração, a saltar das paginas documentadas e vivas do Sr. Ildefonso Albano.

O volume, que ora temos sob os olhos, enfeixa, em 91 paginas, o discurso pronunciado pelo autor, como Deputado Federal, em sessão de 15 de outubro do corrente anno.

E' um brado energico, um brado incoercivel em favor do Ceará.

O mote que escolheu bem demonstra o seu intuito: « Não é possível que esse problema economico-social, o mais grave e mais relevante do Brasil, continue preterido por tantos outros de somenos importancia, que passam a ser considerados de maxima urgencia para a vida da Nação, unicamente pelo valor que lhes emprestam seus advogados influentes e poderosos ».

O estudo, feito sob elevada orientação scientifica, convince dessas duas verdades: — a miseria das classes sertanejas do Ceará, a necessidade de amparal-as.

Emquanto se não faz alguma cousa por parte do legislativo federal, bem se poderia em S. Paulo promover a localização dos nossos irmãos cearenses.

Ainda ha pouco alludiamos ao *home-stead* como instrumento poderoso de progresso agricola. Por que não attrahir os cearenses? Por que não os localizar, mediante concessões de terras e instrumentos agrarios, em nossas extensas e deshabitadas regiões?

Por que não promover com elles, que são habilissimos, a industria pecuaria?

S. Paulo pode concorrer para uma solução provisoria do problema cearense. E, estamos certos, não lucrariamos menos que o Ceará.

SPENCER VAMPRÉ.

Do *Jornal do Commercio*, S. Paulo, 25 de dezembro de 1917.

A revista *Selecta* transcreveu, em seu numero de 29 de dezembro de 1917, parte do discurso, precedida das seguintes palavras:

O que é a secca do Ceará — Uma tragedia que excede todos os horrores imaginaveis

O Deputado Federal Sr. Ildefonso Albano proferiu na Camara, a 15 de outubro, e fez editar em volume, um discurso que é o trabalho mais perfeito e mais impressionante que já se fez sobre a secca do Norte, essa calamidade que periodicamente assola quatro ou cinco Estados, e que sobretudo affecta, de modo espantoso, todo o territorio cearense.

Sendo apenas simples e verdadeira, a descripção do Deputado Albano excede todos os horrores imaginaveis. E' um quadro dantesco. E' um grito de revolta que punge o coração. E' um appello, que retrata todo o desespero secular da raça em luta com a natureza. A nosso pedido, o illustre parlamentar que vem prestando com devotamento e amor os mais assignalados serviços á causa da sua terra, fez para *Selecta* o resumo de algumas passagens do seu livro, descrevendo o aspecto da vida cearense sob o peso da formidavel calamidade; e este resumo, que publicamos, dará aos leitores um idéa viva, apresentada com grande talento e absoluta veracidade do que é a secca no Ceará:

.....

Da *Selecta* de 29 de dezembro de 1917.

O SECULAR PROBLEMA DO NORDESTE

Uma monographia de valor

Já nos principios do seculo dezesete, quando o Brasil se encontrava sob o dominio da bandeira das quinas, do velho Portugal, era memoria triste e dolorosa a que lembrava a grande secca que em 1603 assolou o nordeste da famosa colonia de Santa Cruz.

Já desses tempos o aguilhão da desgraça penetrára o amago daquellas paragens, como que lhe preparando, e isto desde antes, a via de amarguras que, logo depois, a civilização abriu mais, com as suas reformas e com ellas illuminou-a em todos os recantos, pondo em destaque as modalidades dessa desgraça nova, maior talvez que as guerras e maior que as epidemias, porque sem ser umas e sem ser as outras, acarreta entretanto os males destas, como daquellas.

As intemperies que crearam para o nordeste brasileiro uma vida de instabilidade aos seus povos erradios na constante procura do poiso, onde sua felicidade pudesse assegurar-lhes a condição de prosperidade que noutros logares certo teriam adquirido, vieram rendilhando a historia daquelles lutadores, dos feitos mais brilhantes de resistencia e de tenacidade nessa lucta titanica travada contra a propria natureza.

Foi, pois, occupando-se desses phenomenos meteorologicos, e encarando-os pelos seus effeitos no ponto de vista social e economico, que o Sr. Idefonso Albano, talvez o mais operoso e mais util dos Deputados cearenses, fez na Camara Federal, um extenso e magistral estudo, verdadeira monographia traçada sobre *O secular problema do Nordeste*.

Do muito que se tem escripto sobre o assumpto e do muito que sobre elle conhecemos, é positivamente um dos trabalhos mais completos. De informes minuciosos e de dados historicos e estatisticos de grande valor, a monographia do illustre representante cearense revela um dos mais completos estudos sobre a indellada crise que periodicamente avassala os Estados nortistas.

E' doloroso ver-se quanto ali se soffre e quanto se morre ao desamparo, — isto desde as epocas que se perdem com os tempos e que, apesar do stoicismo daquelles povos da nova Sparta, ainda não teve, por parte dos governantes do paiz, o cuidado e o carinho que são de reclamar.

Soccorros occasionaes equivalem pela esmola que não sana o mal. Um trabalho systematizado, que possa, daquellas terras resequidas derrancar os rudes effeitos das pavorosas seccas, seria o que naturalmente se impõe para derimir os horrores da fome que as populações nortistas tem de enfrentar periodicamente, desde os invios sertões do nordeste, ás areias brancas do littoral.

Milhares de contos de réis se derramam ali em soccorros, milhares de contos que se não aproveitam convenientemente porque a captação das aguas que se escapam pelas ravinas, que se infiltram pelo solo de permeabilidade inexcedivel e que desaparecem, nas evaporações provocadas pelas correntes aereas que sopram aquecidas por um sol abrazador, é que viria, conforme se conclue de uma infinidade de estudos scientificos já realizados por autoridades de competencia reconhecida, a ser o remedio para a debellação do mal.

Entretanto crea-se uma repartição para promover trabalhos contra os efeitos das seccas, mas lhe restringem a acção que a priva de desenvolver o maximo de esforço, necessario á realização da grandiosa obra emprehendida. Prefere-se estagnar os interesses de extensa e riquissima zona, estabelecendo o exodo quando chegam as seccas; expatriar o nortista para os mortiferos pantanaes da Amazonia; canalizal-o para os sertões do sul, desfalcando as uberrimas terras do braço trabalhador, a promover a medida indicada pelos scientistas.

E' sobre isto que moldou o Sr. Ildefonso Albano o seu valioso trabalho. E' um brado vibrante que se inspira no amor que tem á sua terra — o Ceará, por cujo progresso trabalha, e trabalha denodadamente.

Gratos, pelo exemplar que nos enviou.

A. C.

Da *Gazeta do Povo*, Santos, 29 de dezembro de 1917.

A' margem d'« O secular problema do Nordeste »

(DISCURSO DE ILDEFONSO ALBANO)

Graças a Deus, o Brasil começa a sua vida nacional. A reacção á *indolencia manifesta* do brasileiro e ao preconceito de raça surte já os mais salutaes effeitos. O Brasil grande e colorido, feito de retalhos, os mais diversos; a grande harmonia bizarra de variedades berrantes acabou no *cosmopolitismo dissolvente*, na desnacionalização perigosa de provincias do sul, entregues ao braço estrangeiro que mendigámos, offerecendo-lhe as mais vantajosas condições: a passagem, o tecto, a terra desbravada e saneada pelos nossos patricios, os instrumentos de lavoura e a semente. Agora, o Brasil resurge numa primavera eterna e fecunda.

Ao cearense, desbravador das terras inhospitas da Amazonia; ao bandeirante que deixou o Brasil onde tirou a esmeralda; ao brasileiro que fincou a choupana e espalhou a semente: revolvendo aqui o chapadão sáfaro das esplanadas bahianas, mergulhando-se lá nos paúes do Maranhão e de Alagoas para cortar o arroz, ora levando o carro ao pico dos montes esboroados por onde abriam a coveta de canna, ora, sol em pino, pelo sertão combusto a palmilhar as catingas resequidas, levando o barbatão pequirá á nascente pingue, só depois de dois decenios de vida republicana lhes reconhecemos o valor e os chamamos a collaborar na formação da grande nacionalidade. Aos meus olhos arrazados nunca, deslumbrado, vi desdobrar-se tão immensa a minha Patria. O Sr. Ildefonso Albano alliou a sua grande alma de brasileiro e uma formosa intelligencia, a serviço do Brasil. O seu livro é grandioso. Choca e vibra a alma da gente. Fére mas enrija. Magôa mas resona. E, gravados em minha alma sertaneja e nortista, eu, no Brasil futuro, quando a inscripção de Hamurabi se achar em todos os açudes do Ceará, lerei aos meus filhos os trechos do *O secular problema do Nordeste* que arrazaram os meus olhos de lagrima...

Porque, assombrosamente nitido, eu vi alli todo meu sertão querido, os chapadões desertos e resequidos, o cadaver

dissecado da minha terra, numa exhibição dantesca de arvores estertogadas e espectraes, alevantadas do chão escaldante, sem agua, sem folha e, na restinga entorroadada, o joazeiro, a arvore bemdita, núa, completamente núa...

Era em 1915.

Cahia o sol despregando brasas pelos montes perdidos na bruma. Na baixada secca acamparam os retirantes espectraes, creanças núas mostrando, em relevo na pelle esturrada, as ossadas longas, roendo famintos a raiz venenosa da mucunã. Na estrada, os meus olhos, turvos de hemerolopia, pasmaram-se num grupo de retirantes. Em torno ao barbatão apodrecido, exhalando a carniça o mau cheiro da decomposição, expostos os ossos descarnados, o fato esverdinhado pelo sol, num coalho de pús, os retirantes, acorados, procuravam, a dedo pelas entranhas do animal, a carne morna para, tostada á soalheira, lhes mitigar a fome devoradora. Emquanto de longe, o sussuro da sentinella e a litania de soluços vinham ajoelhar minha alma no deserto, á calada da bocca da noite... A dôr encontrei-a onde fui feliz um dia. A secca não abaterá nunca a crença do sertanejo em Deus e o amor accendrado á terra que o viu nascer e onde amou. E, desde a hora em que elle bate a porteira, a nostalgia se lhe desencandeia na alma, luta com a fome para ficar em cada passo que o arreda, e vae andando impellido, coagido, inconsciente, levado, mas lutando sempre, olhando a choupana perdida no taboleiro, olhos ás vezes extaticos no Céu a implorar a clemencia de Deus e a Bom Jesus do Monte uma chuva de trovoadas. Mas vae andando... andando... Com as primeiras chuvas volta refeito para o sertão que já se rebenta em grêlos novos.

O joazeiro brotou ao primeiro pé d'agua. Os riachos já murmuriam e escachôam alagando as baixadas e as restingas. Formam-se as ipueiras. Grasnam no céu escampo os papagaios e as avoadoras poisam nos terreiros limpos. Resurge o sertão aberto em flôr e em paina. E' a vida nova. O sertanejo feliz, já esquecido dos tempos velhos, abre ao sol as covetas para o algodão; á tarde, sem trastejar no campeão, aboia a boiada, e, á noite, lua branca no Céu, descanta no terreiro as trovas estonteantes de belleza rude, longe da corrupção do mundo, na felicidade de sua pobresa honesta, com a tarefa tirada honradamente...

A essas horas o Rio de Janeiro accorda-se para a vida nocturna. São as horas felizes para o Deputado João da Silva que passou a mocidade bohemia no Montmartre, após um curso apagado de Direito e um casamento felicissimo com uma das Souza Lampeiro, «ornamento precioso da nossa *haute-gôme*», como o disse o «Binoculo» elegante. E Deputado Federal, e espirituoso chronista, o Dr. João da Silva vae annualmente a Paris porque não tolera o Rio em Dezembro... A essas horas, S. Ex. refestelado no divan, com o Havana trincado nos caninos, ruma uma phrase de Wilde ou de Musset, para dizer á Madame na recepção de amanhã, ou procura no Larousse «garça arisca» em francez porque, verdade, a nossa lingua é insupportavel... O redactor da *Columna Elegante* é o typo mais perfeito de parlamentar brasileiro, dizem os jornaes. Em questões de finanças dá entrevistas, que elle chama «mes enquêtes», e manda edital-as em Bruxellas, com o titulo «Le problème de la colonisation au Brèsil». Sua esposa organisa festas de caridade em beneficio das nações em guerra:

tombolas rendosissimas, concertos no Municipal, onde canta Gounod e recita, *com a graça de perfeita diseuse*, François Coppée... Em 1915, o patriota parlamentar disse á Camara estarrecida que a «a secca do Ceará é uma scena dantesca...»

Pois bem. Foi, de certo, o Deputado João da Silva quem disse ao Sr. Ildefonso Albano não publicasse o seu *Secular problema do Nordeste*, porque, coisas como as que o Deputado cearense disse, não devem ser sabidas fóra daqui. E tinha razão o autor das «Enquêtes». O livro do Sr. Ildefonso falla bem fundo ao coração humano. E, quando as gerações vindouras analyzarem a obra dos seus antepassados, quando o Brasil futuro jogar a interrogação aos idos, vós, Srs. Deputados brasileiros, que vêdes em cada brasileiro o ferrete da indolencia, que apregoaes a vinda do braço estrangeiro e elevastes o portuguez, irracional, a factor necessario ao nosso progresso, vós tereis a responsabilidade dos seis mil mortos de 1915, do pranto e da dôr, da miseria e da tortura da mulher cearense, esfarrapada e faminta, exposta á deshonra dos ricos bestiaes !...

⊙ O livro grandioso do Deputado cearense deve ser lido por todo moço do Brasil... Porque meus olhos, depois de o lerem, perderam-se no infinito... e minha alma, voltada para a grandeza de Deus, anciava a luz do Cruzeiro do Sul: Cruz redemptora do Brasil immenso, sem um rio seccado na floresta uberrima, sem uma arvore núa, os terreiros coalhados de espigas, abundantes; o Brasil unido na felicidade e na bravura de seus filhos, com manhãs douradas pelo sol e tardes crystallizadas de aroma, na primavera eterna: Cruz redemptora de minha Patria que resurgiu da belleza da lagrima e da tortura, purificadoras da alma grande de seus filhos...

ALBERTO DEODATO.

Da *Brazileia* de dezembro de 1917.

As seccas do Nordeste e a Agricultura

O grande problema das seccas do nordeste brasileiro tem fãõ estreita relação com a vida agricola daquella immensa e importante região do nosso paiz, que com muita propriedade podemos denominal-o o maior problema rural do Brasil.

Como para os grandes males são, de lado a feição social que elle tem, precisos os grandes remedios, applicados não nos momentos de accessos, mas nos intervallos da molestia, achamos se não poderia offerecer melhor oportunidade para o estudo e solução do assumpto do que este instante.

Ainda estão na memoria de todos os horrores da ultima secca de 1915. A miseria, a fome e a sêde matando milhares de brasileiros. O Ceará, o Rio Grande do Norte, a Parahyba, o Piauhy, parte dos Estados, a braços durante um anno, com o exodo das suas populações do interior, para o littoral. A vida preciosa de brasileiros queridos roubada por toda aquella região, que tem sido theatro ha mais de um seculo ! dessas mesmas scenas horriveis que se repetem periodicamente, sem que no emtanto os governos comprehendam o dever de promover medidas systematizadas...

E' por isso que vimos concorrer ao lado do Sr. Deputado Ildefonso Albano, para a obra de verdadeiro patriotismo por elle encetada no seio da Camara Federal, com o seu brilhante estudo já editado em folheto sob o titulo *O secular problema do Nordeste*, ao qual tambem tivemos occasião de fazer referencias.

Para mostrar o valor e o vulto da questão que aborda, aliás, com grande copia de factos, aquelle representante do Ceará no Congresso Nacional, alinha algarismos e dados que bem merecem ser repetidos para que os nossos patricios não ignorem a enormidade dos prejuizos causados pelas seccas e fiquem sabendo que todos os gastos que se venham a fazer para solucionar o problema são muito bem applicados.

Porque negar auxilios e assistencia governamentaes a problemas de tamanha magnitude, quando gastamos, ás vezes, centenas de milhares de contos com a defesa do café, e outros que valem muito, mas que não valem a vida dos nossos patricios que periodicamente morrem á fome nos sertões do Ceará, Parahyba, Rio Grande do Norte, Piauhy, Pernambuco, etc? Na ultima secca, só no Ceará, morreram de fome 25.400 brasileiros. Para o Estado a vida dos seus habitantes está acima de todo e qualquer interesse. Mas não é só a vida, são as culturas, os animaes, a propriedade rural do habitante do nordeste, tudo a secca anniquila, estiola e mata.

Voltemos aos dados e algarismos citados pelo Sr. Deputado Ildefonso Albano, os quaes apezar de só se referirem ao Ceará, dão bem uma idéa perfeita do colossal prejuizo que causam á agricultura e á criação os effeitos das seccas nos Estados flagellados.

Diz o Sr. Ildefonso Albano:

«A população do Estado do Ceará é avaliada em 1.200.000 habitantes, dos quaes, no minimo, 800.000 vivem da agricultura e industria pastoril; desses cerca de 400.000 foram atingidos directamente pela secca de 1915 e, sem recursos, obrigados a abandonar ás suas terras.

Nas obras executadas pelo Governo Federal obtiverem soccorro 72.646 retirantes; á margem dos açudes publicos se abrigaram 7.038; o numero de emigrados foi de 39.313; e si calcularmos em 100.000 o numero dos que obtiveram soccorros com trabalho dos particulares, teremos um total de 218.997 pessoas.

Ficaram, pois, 181.003 cearenses, mais de 20.000 por municipio, sem occupação e sem meio de vida, vagando pelo Estado, esmolando, curtindo fome e soffrendo as maiores misérias.

Vimos tambem que, em consequencia da secca, entraram no Ceará durante o anno de 1915 cereaes no valor de réis 14.443:873\$000 e que as perdas causadas á industria pastoril montaram a 94.517:029\$000 !!

Os prejudicados não foram unicamente os agricultores e fazendeiros; estes factos causaram uma perturbação geral na vida economica do Estado, á qual ninguem escapou.

A população agricola, reduzida á miseria, não pagou suas dividas aos negociantes do interior; estes, por sua vez, devedores do commercio de Fortaleza, não puderam solver seus compromissos, em vista dos prejuizos soffridos com a insolvencia dos agricultores e fazendeiros; si procuraram vender uma casa ou propriedade agricola, não acharam preço em

virtude da crise; si recorreram á fazenda de gado, pouco ou nada encontraram, pois a secca já o havia dizimado.

Nestas condições perdeu o commercio de Fortaleza muitos contos de réis. Os capitalistas, proprietarios, emfim, todas as classes são, de um modo ou de outro, attingidas pela secca. Os menos prejudicados, além de obrigados a assistir diariamente aos dolorosos quadros de miseria á porta de sua residencia, tiveram de augmentar a verba de esmolos, emprestimos e soccorros. A vida encareceu extraordinariamente; a farinha de mandioca, base da alimentação do pobre, que no interior do Estado custa 2\$ a quarta em épocas normaes, passou a ser vendida durante a secca a 25\$ a quarta; o custo dos demais generos de primeira necessidade subiu na mesma ou maior proporção.

Quanto aos effeitos moraes exercidos pela secca sobre a população, não me é dado descrevel-os; os que me ouvem saberão avaliar a que gráu de miserias, dissolução de costumes, perversões e degradações de toda sorte foram levados esses infelizes, visitados por tamanha e tão triste calamidade, com suas terras barbaramente devastadas, seus campos cobertos de ossadas, os lares em abandono, creanças innocentes immoladas, e elles, os cearenses, errantes, em mulambos, povo sem patria, arrastando seu infortunio por todo o Brasil, expostos ao escarneo, desprezo e vilipendio.

A crise passou, porém o mal ficou !

O Ceará renasce, os sertanejos voltam ao trabalho, re-começamos a accumular bens, até que surja uma nova secca para convulsionar a nossa vida e tudo novamente anniquilar.

Assim foi nos seculos XVII e XVIII, assim tem sido no seculo XIX, assim é no seculo XX e assim será para o futuro, até que o Governo tenha vontade de resolver esse problema da secca e o encare com coragem e patriotismo, dando-lhe solução definitiva.

Até hoje temos combatido as crises, que são passageiras, com palliativos, quando deveríamos combater as seccas, que são periodicas, por um trabalho continuo e ininterrupto.

Não vejo, em todo Brasil, problema de tanta relevancia, quanto este; de maior, não ha, nem póde haver, pois este diz directamente com a vida do elemento genuinamente brasileiro.»

Realmente, o problema das seccas do nordeste sobrepuja a todos os outros, só sendo egualado ao da guerra, que, apesar disso ainda é mais facil de resolver, pois sabemos onde está o inimigo para atacal-o, emquanto que os phenomenos que produzem as seccas são desconhecidos, apparecendo á traição, em occasiões ás vezes, em que o homem está inteiramente desprevenido.

E si neste momento, o Governo Federal está mesmo disposto a dar solução ás questões de character agricola, como tem querido, não vemos melhor oportunidade para tratar do assumpto. Porque, digam o que disserem, as seccas do Ceará e outros Estados, são um problema agricola social. E serão inuteis todas as medidas adoptadas de afogadilho. Serão palliativos, como muito bem disse o Sr. Ildefonso Albano. E' preciso atacar de frente a questão. Adoptar um programma para ser executado durante 10 ou 20 annos. As obras a serem feitas são muitas e algumas de grande vulto. A sua acção tem de ser lenta, mas continua. Os resultados poderão ser morosos, porém sempre beneficos e seguros.

O programma é complexo, pois além das obras de irrigação pelas barragens, açudes, e poços, será urgente e necessario que o governo localize nas terras beneficiadas os brasileiros daquella zona, porque o essencial nesse assumpto é ligar o homem á terra, sem deslocar-o, cercando-o para isso de certas garantias contra as seccas. E' fazer o que S. Paulo e o proprio Governo da União faz com o estrangeiro que manda buscar lá na Europa, ou na China...

Porque essa injustiça para com o brasileiro?

Não é mais possivel admittir a superioridade do colono sobre o nosso caboclo, que sob muitos pontos de vista é superior áquelle, que póde continuar a merecer a nossa hospitalidade, mas que seria um crime neste momento, olhal-o e tratá-lo com mais interesse do que o filho do Paiz.

O Governo Federal e o de alguns Estados têm tratado carinhosamente da colonização estrangeira das suas terras, consignando nos seus orçamentos avultadas verbas para a fundação e funcionamento de nucleos coloniaes. E' verdade tambem que os resultados têm sido excellentes, pois esses nucleos, ás vezes, em 20 annos, transformam-se em cidades, com agricultura, industria e commercio proprios.

Mas si a mesma cousa não tem acontecido com os «Centros Agricolas» que o Ministerio da Agricultura tentou fazer funcionar para localização de trabalhadores nacionaes, a culpa não é dos brasileiros nelles localizados, sim do governo que a esses centros não tem dispensado a menor attenção. Além de não terem sido consignadas verbas sufficientes para a fundação dos mesmos — a direcção delles tem sido invariavelmente confiada a leigos em agricultura. S. Paulo tem todos os seus nucleos coloniaes entregues á direcção de agronomos, vindo talvez dahi o grande successo que têm tido.

Mas si é uma necessidade o Governo Federal crear os «Centros Agricolas, por toda a parte, para ensinar o brasileiro a ser bom agricultor», não é menor o dever que elle tem neste momento de vir em auxilio dos desejos das populações do nordeste brasileiro para que se trace um programma de acção para o combate systematico aos effeitos das seccas naquella vasta região.

Porque não adoptar o projecto da Camara dos Deputados, do Sr. Eloy de Souza, que manda applicar 2 % da receita geral da Republica, durante 10 annos, e 5 % da receita ordinaria dos Estados interessados, além de outras disposições dignas de approvação, nas grandes e pequenas obras contra as seccas?

Si o governo póde no momento gastar dois e mais mil contos de réis com aquisição de sementes de plantas exóticas, cujos resultados são duvidosos, porque com muito maior razão não quer consignar no orçamento federal verbas para a continuação das obras contra as seccas e para localização dos brasileiros em centros agricolas-

Sim, porque esse modo é tambem um systema intelligente de se intensificarem as culturas, com a grande vantagem de se fazer obra patriótica e duradoura.

Eis porque estamos ao lado daquelles que têm a visão exacta da situação do nordeste brasileiro, como o Sr. Deputado Ildefonso Albano, que levantou a bandeira da liberdade das populações do nordeste brasileiro que só soffrem os horrores da secca por culpa dos nossos governos.

As obras contra as seccas precisam tem melhores verbas e maior pessoal e material.

Por outro lado o serviço de Protecção aos Indios e Localização dos Trabalhadores Nacionaes, deveria neste momento lançar a sua acção no intuito de fundar centros agricolas, principalmente nas zonas assoladas pelas seccas.

Da *Brasil Agricola* de dezembro de 1917.

UN PROBLEMA SECOLARE ANCORA INSOLUTO

E' questo il titolo del discorso pronunziato dal deputato Ildefonso Albano alla Camera Federale dei Deputati nella tornata del 15 ottobre scorso.

E' poi stato stampato su carta di lusso nell' « *Imprensa Nacional* » di Rio Janeiro a cura del Dr. João Thomé de Saboya e Silva — attuale presidente dello Stato del Ceará.

Il signor Ildefonso Albano ha avuto la gentilezza di rimeitercene un esemplare.

La pubblicazione in parola, tratta dettagliatamente della triste situazione in cui versa la popolazione del Ceará, causa precipua la siccità.

E' un lavoro di merito tanto dal punto di vista scientifico, quanto dal punto di vista storico e statistico.

Circa la causa che egli difende — causa dopotutto umana — merita tutta la considerazione degli uomini indicati a provvedere.

Noi di buon grado ne riassumiamo i punti sostanziali.

L'autore si accinge sin da principio ad esporre le cause che da gran tempo trascinano lo Stato del Ceará nella situazione la più miseranda d'inferiorità di fronte agli altri Stati dell'Unione.

Lo Stato del Ceará, dovuto alla sua configurazione topografica e costituzione geologica é sottoposto alla continua scarsezza delle piogge. Il terreno di piccolo spessore aderisce sopra roccia sensibilmente inclinata verso il mare. Le acque pluviali che raramente cadono su quel suolo, scorrono rapidamente e lasciano il letto dei fiumi all'asciutto. Quindi é che i fiumi del Ceará rivivono solamente nell'epoca delle piogge, cio é tre o quattro mesi dell' anno.

Tratta del fenomeno delle piogge che avviene nei tropici.

Cita con dati generici, le varie siccità e inondazioni realizzatesi nel globo a traverso le età, iniziando le sue ricerche dall'epoca del diluvio.

E' certamente questa una parte interessante anche per lo studioso alieno dall'argomento.

E' noto come la ricchezza del Ceará sia riposta solamente nella industria pastorile e nell'agricoltura.

Durante il periodo della siccità (luglio-dicembre) è pertanto sospesa la vegetazione, la semente non si sviluppa, l'alimentazione scarseggia e l'agricoltore si vede costretto a ricorrere al prestito.

Al riguardo riportiamo un brano per esteso di una relazione del veterinario Domenico Vanzelloti all' Ispettorato del Ceará.

« Ci siamo recati nella *Fazenda Santo Antonio*, di pertinenza del signor João Pinheiro de Souza, sita nella frazione di S. Francisco. Prima d'ora, quella *fazenda* era occupata da 500 capi bovini. Nel gennaio scorso però irruppe una ma-

lattia, ed i buoi già malmenati dall'arsura, incominciarono a morire. Il proprietario intimorito per quel crescente pregiudizio, iniziò subito un trattamento e una energica cura per combattere anche i terribili parassiti con diversi lavaggi, ritenuti da lui efficaci. Però nulla poté ottenere. La morte ne falciava ogni giorno; in aprile il pregiudizio fu totale.»

Casi come questi, anzichè essere isolati in quelle regioni, sono assai comuni.

Ammesse queste circostanze, è necessario riflettere sulla miseria che inaridisce e decima quelle popolazioni segnatamente meno abbienti.

La commozione del deputato del Ceará rigurgita nelle frasi che riproduciamo e che sono tante stimate:

«I viveri sono esauriti; il credito nelle rivendite viene tolto; le donne e i bambini si estinguono di giorno in giorno. I teneri bambini chiedono pane e acqua ed il padre ha solamente lacrime per dar loro. Ma in questa spaventosa situazione, il cearense — anima di spartano — non tollera più a lungo. Rinnega l'ora che l'ha visto nascere in quelle desolate plaghe ed impreca alla terra che ricusa di offrire il pane ai suoi figli. Abbandona il suo lare ai topi ed ai pipistrelli e disanimato, ma con la speranza di giorni migliori, inizia in compagnia dei suoi vecchi genitori, della moglie e dei figli una nuova vita, forse di nuove sventure.

«Lungo le strade che menano quí e là, croci rose dal tempo, ricordano la morte di infelici esuli, che erano sfuggiti alle scorse siccità; morte miserabile, ma benedetta, che li ha liberati delle sofferenze e delle acerbe privazioni.

«Durante il cammino, i fuggitivi si alimentano della carne putrefatta di animali vaccini morti, di radici velenose e di altre piante silvestri. Quelli più fiacchi ed ammalati cadono lungo la strada e muoiono contorcendosi nelle strette crudeli ed ironiche della fame.»

Dopo avere accennato a queste e ad altre sciagure che colpiscono senza posa da varii secoli le popolazioni dello Stato del Ceará, il deputato Albano accenna anche ai rimedi che dovrebbero essere impiegati per por fine ad una situazione deplorevole ed inumana.

Si dilunga quindi sulle irrigazioni adottate nell'antichità dai vari paesi, specialmente nella Mesopotamia (antica Caldea) le cui vestigia ancora oggi esistono.

Cita l'Egitto e l'Africa Romana, che al detto di Salustio soffriva *coelo terraque penuria aquarum*, e, secondo Spartiano, si ricorda un'epoca nella quale la siccità si prolungò per circa cinque anni ininterrottamente. Malgrado ciò i romani fecero di quelle regioni il *granaio* di Roma.

Viene quindi a trattare delle irrigazioni messe in pratica nei tempi moderni.

Nell'epoca moderna — egli così si esprime — le potenti e ammirevoli opere idrauliche, compiute per ogni dove: al nord d'Italia, nell'Argentina, nel Perú, nel Messico, nel Canadá, nell'Africa del Sud, nell'Australia, hanno dato e danno sorprendenti risultati.

Gl'innumerevoli serbatoi costrutti nell'India, irrigando circa 6.000.000 di ettari di terra hanno contribuito sorprendentemente per l'aumento della produzione agricola, garantendo allo stesso tempo la vita di milioni di indigeni.

La ricchezza dell'Egitto è il cotone, la cui produzione annuale era di Lire 7.500.000. Con una spesa di Lire 4.000.000

in opere d'irrigazione la produzione fu elevata a Lire.....
15.000.000.

Ciò che i nord americani hanno fatto nei riguardi è veramente strabiliante. Si consulti pure Enrico Semmler, autore di importanti pubblicazioni intorno all'agricoltura tropicale.

Dal suesposto risulta che irrigando la vallata de Jaguaribe si avrebbe annualmente doppia produzione non solo, ma superiore alla stessa qualità denominata *sea-island*, e a quella egiziana.

Il cotone *sea-island*, prodotto di lunghi anni di adattamento, di studi accurati e di paziente lavoro di selezione è oggi il migliore e più apprezzato cotone del mondo. La lunghezza della sua fibra è nel massimo di 45 mm. e in media di 40 mm.

Il cotone, prodotto in Egitto per mezzo dell'irrigazione e sviluppato con la semente *sea-island*, è appena inferiore al primo citato.

Il miglior cotone esposto nella Conferenza Cotoniera del 1916 fu il «mocó» di 46 mm.

Ebbene si possono esibire delle fibre di cotone della misura di 55 mm., provenienti dalla vallata del Jaguaribe, estratte nelle adiacenze di Aracaty dal gerente di quella fabbrica denominata *Confiança*.

Quindi si dovrebbe dedurre che le vaste proprietà *cearensi* potrebbero produrre del cotone insuperabile per qualità, se non per quantità, qualora si ponesse mano alla irrigazione.

E' consaputo, afferma l'autore, che il capitale impiegato sarà di molto remunerativo.

Il capitale richiesto per le costruzioni dei grandi serbatoi è un nonnulla al confronto dei risultati attesi.

Del pari che nella Spagna, nel Ceará l'acqua vale di più della terra.

Irrigate a mezzo, si serbatoi, le estensioni fiancheggianti il Jaguaribe produrrebbero raccolti eccezionalmente abbondanti. Di guisa che la rendita delle tasse d'acqua sarebbe sufficiente per le spese occorse nei lavori idraulici, pagamento d'interessi e ammortamento.

Il capitale impiegato dalla Nazione, sarà un capitale produttivo che ridonderà a suo totale beneficio.

PETROVAZZI.

Da *Varietas*, S. Paulo, dezembro de 1917.

« O secular problema do nordeste », pelo Deputado
Ildefonso Albano

« Não é possível que esse problema economico-social, o mais grave e mais relevante do Brasil, continue preterido por tantos outros de somenos importancia, que passam a ser considerados problemas de maxima urgencia para a vida da nação, unicamente pelo valor que lhes emprestam seus advogados influentes e poderosos. »

Com o topico acima, cujas palavras cheias de verdade devem cair como pesados calhãos no vacuo da indifferença governamental em face de um assumpto de excepcional importancia, é que o Deputado pelo Ceará, Sr. Ildefonso Albano,

abre o opusculo no qual se enfeixa o seu discurso sobre o problema das seccas dos sertões do norte, pronunciado na Camara dos Deputados em 15 de outubro de 1917.

O autor do «Secular problema do nordeste», em conversa com seus collegas da Camara dos Deputados, conforme elle declara no prefacio com que abre o seu livro, descobriu que a maior parte dos representantes dos Estados não fazia uma idéa exacta do flagello pavoroso da secca, que impede a evolução e retarda o progresso do norte do nosso paiz, constituindo uma verdadeira calamidade nacional. O seu discurso sobre o assumpto é um relatorio feito conscienciosamente sob a luz radiosa da verdade e expõe com clareza os soffrimentos e martyrios de seus conterraneos, os prejuizos á nossa expansão causados pela secca, tendo o seu autor adduzido, para isso, provas irrefutaveis e testemunhos insuspeitos.

Em summa o «O secular problema do nordeste» é uma publicação que deve ser lida pelos homens de responsabilidade do nosso paiz, pois é um reflexo nitido do quadro verdadeiro da triste situação do Ceará, em prol do qual o Sr. Ildefonso Albano produziu o seu esplendido trabalho, confessando-se, si de suas «palavras advier algum beneficio para seu Estado Natal», sobejamente feliz.

D'A *Noite* de 1 de janeiro de 1918.

Voltemos ao norte, ao desolado e heroico Ceará ! Sobre elle publicou o Sr. Ildefonso Albano, Deputado Federal por aquelle Estado, o seu magistral discurso, pronunciado na Camara dos Deputados, em 15 de outubro de 1917. E' um trabalho documentado, com cartas e photographias. Nelle se põe bem a descoberto toda a extraordinaria dedicação do clero cearense, alto e baixo clero, durante os mezes de duras privações porque passaram os infelizes habitantes do sertão cearense. Por vezes tem o autor duras palavras de revolta contra o abandono em que os governos têm deixado aquelle momentosissimo problema, e noutras descreve com côres fortes e vivas algumas scenas horribes e patheticas provocadas pela fome, pelo exodo dos flagellados, atravez dos sertões adustos, que o sol castiga implacavelmente, e pela mortandade, pelo espectaculo dantesco dos campos juncados de esqueletos de animaes. As photographias fazem cortar o coração, de piedade.

Foi muito feliz o illustre Deputado, publicando e fazendo correr mundo o seu excellente discurso, que talvez arranque dos governos alguma solução efficaz á desgraça que assola aquelle infeliz e heroico Estado.

SOARES D'AZEVEDO.

D'A *União*, de 3 de janeiro de 1918.

« O SECULAR PROBLEMA DO NORDESTE »

O illustre Deputado Federal pelo Ceará, Sr. Ildefonso Albano, offereceu-nos, com gentil dedicatória, um exemplar do livro que enfeixa o seu memoravel discurso pronunciado na

Camara dos Deputados, na sessão do dia 15 de outubro do anno proximo findo, sobre o flagello da secca no seu Estado.

Discorrendo com pleno conhecimento da situação de sua terra, o representante cearense pintou o quadro verdadeiro da miseria reinante naquelle infeliz departamento da União.

Traz o interessante livro photogravuras no texto, que dão uma idéa exacta da calamidade que attinge de tempos a tempos, a terra de José de Alencar.

Agradecendo a gentileza do illustre parlamentar, fazemos votos para que o seu trabalho não seja «condemnado á traça, á poeira e ao esquecimento» e que consiga o fim a que é destinado pelo seu autor.

D'O Paraná, Curityba, 3 de janeiro de 1918.

LIVROS NOVOS

Ildefonso Albano — « O secular problema do nordeste »

Deputado Federal pelo Estado do Ceará, director e membro de associações nortistas, que buscam o progresso, a prosperidade e o desenvolvimento do vasto territorio que se estende por toda uma longa parte do Brasil, situada em uma zona que a fome e a sede flagellam, o Sr. Ildefonso Albano, pronunciando na Camara dos Deputados o discurso que publicou em livro, fallou pela voz da mais clamorosa verdade.

Problema que demanda com a maxima urgencia, uma solução prompta, especialmente nesta hora de angustia, em que os olhares dos nossos alliados estão voltados para nós; neste momento, em que Alcindo Guanabara, com toda a verdade pondera ser nosso dever, e estar reservado ao Brasil, um dos papeis mais em destaque nesta tragedia universal, como celheiro dos que combatem pela justiça, reclama o nosso patriotismo, façamos das plagas amaldiçoadas do norte, onde, sem pão e sem carinho, morrem torturados, irmãos nossos, em campos a perder de vista, um immenso trigal, que seja o pão do sertanejo, o nosso pão e o pão dos nossos alliados.

O autor, que se revela um escriptor dolorosamente amante dos traços fortes, incisivos, sabe narrar com verdade e realismo o martyrio daquellas populações.

No capitulo «A secca», começa o trabalho do escriptor.

«O mez de dezembro foi secco, em janeiro cahiram chuviscos, fevereiro nenhuma esperança trouxe; mas o sertanejo inquieto, olhos fitos no horizonte em direcção do Piahy, ainda não desanimou...

Uma nuvem sequer não quebra a monotonia azul do firmamento; nenhum relampago precursor da chuva bemfazeja illumina o quadrante sul. As lavouras não medraram, o gado tristonho e magro busca ancioso o que comer.

Vem março. O mesmo sol abrazador deita seus raios dardejantes sobre a natureza morta.

No dia 19, festa de S. José, não chove, *Alea jacta est*.

Está declarada a secca... E toda esta zona, outrora exuberante de vida e fartura, se transforma em um scenario vasto de miserias indescritiveis. O cearense vae atravessar os mesmos dias de provações e dores, tantas vezes vividos pelos

seus antepassados. Começa a lucta entre o homem e a natureza, lucta terrível e desigual, em que os mais firmes baqueiam e os mais fortes são vencidos. A natureza, impiedosa e insaciavel, sempre triumphante, implanta a desgraça onde existia a abastança, trazendo o desespero e a morte.

Pequenas chuvas cahidas em varios pontos do Estado mal deram para fazer correr alguns fios de agua pelo leito dos rios.

Mas, emquanto tem forças, o cearense resiste e trabalha. O gado é tratado com especiaes cuidados; o joazeiro, a unica arvore que se conserva verde durante a secca, é despojada dos seus galhos para a salvação dos animaes, ao som do facão accorrem as rezes tropegas e famintas. Uma ou outra mais depauperada, cahe para não mais se levantar; levam-lhe uma solução de chlorureto de sodio, alimento, agua e sobre ella constroem uma barraca de palha para livral-a dos raios solares. Apesar de todos os cuidados, vão todas, enfraquecidas e magras cahindo victimas das epizootias, que durante a secca se propagam com rapidez espantosa.

Desapparecem assim fazendas inteiras. E o fazendeiro, outrora abastado e independente, é obrigado a «bater a porteira» e emigrar.»

Todo o livro é assim, profundamente, tristemente realista.

Ao lado, horrível gravura illustra a pagina sobre a secca. E' um vasto campo branco de ossadas, uma dessas espantosas visões de Edgard Pöe.

Mas, o Sr. Ildefonso Albano, não se contenta em apontar o mal, em enunciar o problema. Depois de, com a penna de Eschylo, traças paginas de angustia que lembram o poema immortal do poeta florentino, contra as maldições do destino appella para as conquistas da civilização.

Desenvolvendo o capitulo «A irrigação nos tempos modernos», demonstra a possibilidade de transformar por completo o tetrico scenario das regiões flagelladas.

E diz:

«No Ceará ha innumerous boqueirões, logares indicados pela natureza para oppormos barreiras aos rios caudalosos, cujas aguas preciosas represadas serão a salvação do Ceará contra a secca e contra as inundações.»

E' um livro que merece ser lido e meditado.

D'A *Federação*, Porto Alegre, 5 de janeiro de 1918.

« O SECULAR PROBLEMA DO NORDESTE »

O Sr. Ildefonso Albano, Deputado Federal pelo Ceará, publicou em volume o longo e importante discurso que proferiu na Camara em 15 de outubro proximo passado sobre *O secular problema do nordeste*, isto é, a questão da secca e dos meios de lhe remediar os desastrosos effeitos.

Em prefacio, diz S. S. «Quando em conversa com meus collegas da Camara dos Deputados, representantes dos prosperos Estados brasileiros, sobre o flagello da secca, que impede nossa evolução e retarda nosso progresso, tenho notado que muitos não fazem uma idéa exacta daquella calamidade.

Neste discurso, que é antes um relatorio, feito sem pretenções a litteratura e eloquencia, procurei, estribado conscien-

ciosamente na verdade, expor com clareza os soffrimentos e martyrios de meus conterraneos, os prejuizos á nossa expansão causados pela secca, adduzindo para isso provas irrefutaveis e testemunhos insuspeitos.

Si, assim fazendo, consegui dar aos homens de responsabilidade do Paiz o quadro verdadeiro da triste situação do Ceará, si destas minhas palavras advier algum beneficio para meu Estado natal, dar-me-hei por sobejamente recompensado.

Si, entretanto, este meu trabalho for condemnado á traça, á poeira e ao esquecimento, restar-me-ha a satisfação de um dever cumprido, unico movel das accões do homem recto.»

O discurso do Sr. Ildefonso Albano é um trabalho consciencioso, representando o mais convincente e o mais ardoroso brado de alerta que se poderia dar em favor de uma larga região do nosso paiz, sujeita a tremendas calamidades periodicas, que além de serem o martyrio horripilante das populações flagelladas acarretam incalculaveis danos para a prosperidade e o futuro do Brasil. Oxalá essas paginas pungentes consigam despertar o interesse dos-nossos homens de responsabilidade, sem distincção de zona, por esse grande problema nacional.

Das *Chacaras e Quintaes*, S. Paulo, 15 de janeiro de 1918.

E' extraordinario! Nunca suppuz que attingissem a tão elevado gráo as miserias do povo cearense, por occasião dessas scenas periodicas que o flagellam. Ali, ha de tudo: o luto e a orphandade, o sacrificio e a dôr, a viuvez e a imprecação, a alma resignada e o estoicismo, o amor patrio e a coragem. O Sr. Ildefonso Albano, neste discurso, pronunciado na Camara dos Deputados em 15 de outubro do anno findo, deve ter commovido profundamente o coração de seus pares. E, com que emoção, com que tristeza e arrebatamento, sabe S. Ex. pintar as scenas horrorosas e dantescas a que deu logar aquelle longo, tenaz, implacavel flagello.

Não se póde desejar descripção mais minuciosa, estatística mais fiel, tanto espirito de justiça ao clero, que naquella emergencia foi sublime.

O benemerito Deputado, além de descrever todos os soffrimentos e todas as privações daquelle povo infeliz ainda teve antes de contar todas as obras de caridade, todos os serviços, todo o mitigamento daquellas dores e o lenitivo daquelle males. Faz alvitres, lembra medidas urgentes, recorda flagellos semelhantes, em outras épocas e outros logares, transcreve impressões de coestadoanos, louva a acção benemerita de muitos que se distinguiram na obra de protecção aos refugiados, e conta-nos, em estylo simples e por isso commovedor, todas as scenas lancinantes a que assistiu ou de que tem conhecimento, no pavoroso exodo das gentes do sertão.

Grande numero de photographias surprehendem em flagrante toda a desgraça dos campos assolados, de creanças esqueleticas e semi-nuas, das velhas mães abatidas pela fome e pela dor.

Este trabalho bem merece a mais ampla divulgacão para que o povo se compenetre dos males nacionaes e não queira

minorar precisamente os estrangeiros. Permitta-nos o Deputado Ildefonso Albano que lhe tributemos a mais viva admiração, pelo desassombro com que fallou, pelas verdades que soube dizer, tão claras, e pela justiça com que reconhece e premeia benemerencias.

S. D'A.

Das *Vozes de Petropolis*, Petropolis, 16 de janeiro de 1918.

« O SECULAR PROBLEMA DO NORDESTE »

O Ceará é a terra das soalheiras inclementes. Todos os annos, é o mesmo aspecto desolador: os campos aridos, as arvores mirradas e os valles dos rios completamente seccos... E' a maior das calamidades que assolam a gleba infeliz de José de Alencar.

Milhares e milhares de brasileiros deixam aquella terra em demanda de outras zonas mais ditosas.

São os desventurados retirantes que fogem á acção canicular de um sol impiedoso e destruidor...

Emquanto possuem forças, os bravos cearenses resistem ao fogo abrazador das soalheiras e trabalham cheios de uma fé alentadora.

Mas de tanto luctar, o desanimo pouco a pouco invade-lhes a alma valorosa e o exodo começa...

Levas e levaras de familias deixam a terra ingrata, de onde a felicidade foge com a ultima gotta dagua.

Encarar de frente tão angustiosa situação, procurando amparar efficazmente os nossos infelizes patricios, dando-lhes recursos indispensaveis, é obra patriótica.

Coube ao talento do illustre Deputado Federal cearense Sr. Ildefonso Albano a nobilitante tarefa de ventilar no seio do Congresso Nacional, num brilhante discurso, as medidas, que deve tomar o Governo da Republica no soluçionamento do problema da secca do Ceará.

Nesse discurso, enfeixado num livro intitulado *O secular problema do nordeste*, o Sr. Deputado Ildefonso Albano mostra, á luz de dados insophismaveis e de innumerous *clichés* illustrativos o que é a existencia afflictiva de um povo assolado pela secca.

Em vivas e impressionantes côres, assim descreve: « A miseria já bateu á porta do sertanejo: os viveres estão acabados, a cacimba já seccou, o pequeno rebanho morreu; o credito da venda foi cortado, a mulher e as creanças definham dia a dia. Os filhinhos pedem pão e agua e o pae tem sómente lagrimas para lhes dar. Aggravam-se os soffrimentos, recrudesce as torturas, ao ponto de se ver ameaçado de morrer com toda a familia em negra e intoleravel miseria.

Nesse transe amargurado, quando tudo o abandonou, menos a esperanza em Deus, o cearense, alma de spartano, heroico desbravador do Amazonas, renega a hora em que ahí nasceu, execrando a maldita terra madastra, que recusa o pão a seus filhos.

Entrega seu lar aos ratos e morcegos e, desalentado, mas cheio de esperanza de melhores dias, inicia em companhia de

seus velhos paes, da mulher e filhinhos, uma nova phase de seu martyrio no caminho sangrento, inaugurado por Pero Coelho de Souza, palmilhado por todas as gerações cearenses e que para o futuro será ainda muitas vezes percorrido por bandos de famintos brasileiros, que por desgraça sua tenham de nascer nesse desprezado pedaço da Patria.»

Tal é a vida do cearense.

Com muita elevação de vistas, o illustre parlamentar trata da construcção dos açudes, cujos resultados praticos são os mais positivos. Estuda a natureza forte e resistente da população do Ceará, considerando-a digna do trabalho que faz a riqueza dos povos.

Apontando medidas inadiaveis, affirma: «Antes de tudo deveria o Governo da União construir as obras de irrigação no nordeste brasileiro, dividir as terras irrigadas em lotes, vendendo-as a brasileiros nas condições em que são os lotes dos nucleos cedidos aos immigrants.»

A leitura do excellente trabalho do Sr. Ildefonso Albano nos deixou a mais funda impressão.

O Dia agradece a remessa de um exemplar.

D'O Dia, Florianopolis, 20 de janeiro de 1918.

« O SECULAR PROBLEMA DO NORDESTE »

O Deputado Ildefonso Albano, um dos mais operosos representantes do Ceará na Camara Federal e director da Associação Commercial de Fortaleza, vem de enfeixar em volume o notavel discurso que, sobre *O secular problema do nordeste*, pronunciou na Camara na sessão de 15 de outubro de 1917.

De maneira simples porém eloquente e sobremodo convincente o Deputado Ildefonso Albano mostrou perante seus pares o que é o medonho flagello da secca que periodicamente assola a terra martyr que é o Ceará.

O discurso do referido Deputado é um dos mais perfeitos documentos que temos visto sobre o inenarravel cataclysmo que cahindo sobre a terra que tantos filhos illustres possui, faz com que a massa anonyma e soffredora se converta em heróes a luctarem contra a natureza deshumana.

O referido discurso foi muito bem acolhido em toda parte, sendo-lhe feito os mais encomiasticos elogios, pois, como linhas acima dissemos, é um documento vivo, flagrante da agonia que soffrem quasi que annualmente os povos filhos da terra que viu nascer Alencar.

Somos gratos ao Sr. Ildefonso Albano pela gentileza da offerta que nos fez de um exemplar de seu discurso.

Do *Jornal do Recife* de 21 de janeiro de 1918.

O secular problema do nordeste, discurso proferido na Camara dos Deputados pelo Sr. Ildefonso Albano, é uma verdadeira monographia sobre a secca e por sua suggestiva documentação impressionou os espiritos mais desattentos a essa questão de geographia humana em nosso paiz.

Além dos factos numerosamente citados referentes á demographia e economia das seccas que periodicamente nos visitam, illustrou S. Ex. o seu trabalho estampando suggestivas photographias de famintos agglomerados nas ruas de Fortaleza, por occasião da calamidade de 1915.

Esse soffrimento colectivo encontrou assim no jovem Deputado cearense mais um lucido e intelligente espirito que veiu na melhor oportunidade enfileirar-se aos propugnadores das mesmas medidas por elle agora defendidas com a visão clara de quem conhece o assumpto, não apenas nos livros, mas na experiencia dolorosa de algumas calamidades pessoalmente testemunhadas.

E' de esperar que o Governo actual e principalmente o conselheiro Rodrigues Alves, meditando na grave lição ali recordada em tantos capitulos emocionantes, encaminhem a solução desse eterno problema, segundo a orientação alli imparcialmente suggerida.

D'A *Republica*, Natal, 23 de janeiro de 1918.

« O SECULAR PROBLEMA DO NORDESTE »

Sob este titulo sobremodo suggestivo offereceu-nos o talentoso parlamentar Sr. Ildefonso Albano, um volume de cem paginas enfeixando o discurso pronunciado por S. Ex. na Camara dos Deputados, concernente ao problema das seccas no nordeste brasileiro.

E' uma peça de relevante valor, assim pelo trabalho paciente na escolha de apontamentos e dados importantes sob o ponto de vista historico, como pelo dom de observação que revela o autor e pela maneira de argumentar o assumpto, de que se mostra perfeito conhecedor.

A brochura referida, cuja impressão foi mandada fazer por conta do Estado, veio illustrada com muitas gravuras, todas bem nitidas e interessantes, attestadoras do gráo de penuria e miseria de nossos conterraneos, durante o largo periodo da terrivel crise climaterica de que, por ultimo, foi açoitado o Ceará.

E' como se vê, um trabalho de folego, sobre o qual se pronunciou com alvoroço a imprensa nacional, crescendo muito de ponto, para isso, na estima e gratidão de seus conterraneos o seu autor.

Somos gratos á gentileza do exemplar com que fomos distinguidos.

D'O *Imparcial*, Fortaleza, 26 de janeiro de 1918.

« O SECULAR PROBLEMA DO NORDESTE »

Os Estados do Brasil precisam de representantes que lhes tutelem, effectivamente os interesses e procurem de modo efficiente curar-lhes as necessidades.

O Sr. Ildefonso Albano, representante federal do Estado do Ceará, entra na categoria daquelles que não preferem a

commodidade do mutismo ao cumprimento arduo de suas obrigações de mandatario do povo.

Na Camara Federal S. Ex. já teve occasião de manifestar essa perfeita comprehensão de taes deveres, e o volume, cujo titulo serve de epigraphe a estas linhas, é testemunho pleno do que affirmámos.

Nelle S. Ex. deu a lume o discurso que, em sessão de 15 de outubro do anno proximo passado, proferiu na Camara dos Deputados, versando mais uma vez a momentosa questão climatica do nordeste e principalmente do Ceará.

Não nos furtamos a reconhecer que o trabalho do representante cearense é dos mais completos que ácerca se têm escripto e dos mais abundantes em considerações de varias naturezas, elucidantes do ponto que S. Ex. teve em mira explanar.

Acompanham-no, ao referido trabalho, diversos dados estatisticos de interesse, photographias corroborantes do que o Sr. Ildefonso Albano allegou, opiniões insuspeitas sobre os efeitos do terrivel flagello climaterico que, vez por outra, nos visita, e um estudo minucioso de quanto se relaciona ao thema escolhido.

Logo ao inicio, S. Ex. attribue as seccas á configuração topographica e constituição geologica, — escassez de vegetação, falta de vapor d'agua e sensível inclinação do terreno, propicia ao escoamento — causas a que S. Ex. poderia tambem additar a natureza dos ventos que sopram na região cearense, conforme, se nos não enganamos, o engenheiro Beaurepaire Rohan.

Em seguida, o Sr. Ildefonso Albano se reporta ás fomes, seccas e inundações mundiaes e a outras informações a respeito do inverno, estio e regimen das chuvas na zona tropical, passando a narrar o exodo e a miseria consequentes ao flagello e o seu cortejo de desgraças.

Confrangem-nos as descripções dessas penosas travessias, a que se veem sujeitos os filhos do nordeste, descripções que não é demasiado repetir, a fim de que possam fazer imagem do flagello os mimosiados e opulentos Estados do Sul.

Aqui mesmo, em o norte do paiz, não é raro encontrar quem ignore e desconheça a horrivel situação dos bravos filhos do Ceará e não saiba ao certo o que por ahi vaé em épocas de secca, a começar pela mortandade quasi fantastica.

O Sr. Ildefonso Albano fala na attracção que no espirito do retirante ingenuo exerce a voragem do Amazonas, pintando ao vivo a situação verdadeira dos que para ali seguem e lembra os lenitivos que em 1915 foram levados aos cearenses, inclusive os da vizinha Republica do Uruguay, que lhes enviou o obulo de 8.000 pesos.

A irrigação, que S. Ex. estuda nos tempos modernos e nos antigos, se lhe antolha excellenté solução, para o problema do nordeste, sendo feita no valle do Jaguaribe, cuja feracidade é incontestavel.

Salienta depois o direito que nos assiste, aos do nordeste, ás providencias que pedimos allegando além do mais, que « em annos regulares os Estados do Ceará, Rio Grande do Norte e Parahyba produzem 50 % do algodão consumido no Brasil.

E são justamente esses tres Estados que possuem, na opinião de um entendido, as melhores terras, o melhor clima e a melhor gente para a cultura algodoeira.

Com a emigração em massa desses Estados onde iriamos buscar a materia prima para a nossa industria fabril?»

« Os demais Estados — continúa o Sr. Ildefonso Albano — não produzem algodão em tão grande quantidade, nem de qualidade tão boa quanto aquelles. »

Termina S. Ex. appellando para os Estados de S. Paulo e Minas, representados nos vindouros dirigentes da Republica, lembrando que a igualdade do norte ao sul do paiz, perante o Governo da Nação, é verdadeira medida de defesa nacional.

Applaudindo o gesto do Deputado cearense e agradecendo a gentileza da offerta a esta redacção de um exemplar de seu livro, exaramos aqui o nosso pensar de que não se justifica o ter o sul primazia nos favores da União, cabendo-lhe mais direitos, quando a ambos impendem os mesmos deveres e ambos juridica e constitucionalmente não iguaes.

Do *Correio da Manhã*, Parahyba, 31 de janeiro de 1918.

« O SECULAR PROBLEMA DO NORDESTE »

Por Ildefonso Albano

O assumpto ora em volume foi em sua origem um discurso feito pelo autor, que é Deputado Federal, na sessão da Camara, de 15 de outubro de 1917, e por deliberação do presidente do Ceará compaginado no presente opusculo.

O trabalho do illustre Deputado cearense é um estudo sobre as seccas do nordeste brasileiro, especialmente no ponto de vista dos tristissimos martyrios que affligem aquellas infelizes populações e bem assim das consequencias funestas para o progresso daquellas excellentes regiões.

Os quadros cheios de verdade traçados pelo autor deixam-nos uma impressão verdadeiramente dolorosa e deviam ter calado fundamente no animo dos que escutaram aquellas accusadoras palavras.

Era tempo já de se cuidar seriamente das seccas que assolam o nordeste brasileiro. « Não é possivel, repetimos as palavras do autor, que esse problema economico-social, o mais grave e mais relevante do Brasil, continue preterido por tantos outros de somenos importancia... »

Na solução deste problema está empenhado, além dos interesses economicos de alta importancia para o progresso da Patria, o sentimento de humanidade para com os nossos irmãos localizados em região ingrata, mas susceptivel de se transformar num paraíso.

O trabalho do illustre cearense é, além de valioso e cheio de ensinamentos, eminentemente patriotico.

D'A *Fazenda*, de janeiro-fevereiro de 1918.

« O SECULAR PROBLEMA DO NORDESTE »

Com este titulo vem ha mezes a imprensa de quasi todos os pontos do paiz, com palavras de elogios, noticiando o apparecimento de um livro com titulo identico, enfeixando o brilhante discurso, com que o Sr. Ildefonso Albano, na tribuna

da Camara Federal, a 15 de outubro do anno passado, sollicitou aos poderes competentes o remedio contra os phenomenos climatericos que assolam o nordeste brasileiro. A insistencia destes elogios e a noticia que o Sr. presidente do Estado, num telegramma de felicitação ao illustrado representante cearense, affirmava que por conta do Estado iria mandar imprimir em folheto o seu brilhante e utilissimo trabalho, despertou-nos a curiosidade de lermos *O secular problema do nordeste*. Pegando de um exemplar, que nos enviou o esforçado Deputado cearense, devoramos com interesse a sua arida leitura e ao virarmos a ultima pagina, vimo-nos obrigados a fazer côro com o resto da imprensa nos applausos ao Sr. Ildefonso e a reconhecer a justiça do acto do Sr. Presidente do Estado em dar a maior publicidade a tão interessante trabalho. Neste volumoso folheto, de 91 paginas, o esforçado espirito de investigação do Deputado Albano, com dados estatisticos, photographias e estudos, rompe a catarata da conveniencia, que cerra a vista dos chefes da Nação, para verem ali reproduzido todo o horror de uma secca do Ceará.

Compilando estudos climatericos, o Sr. Ildefonso mostra que a primeira secca no Ceará, de que ha noticia, foi em 1603, e que dahi para cá contam-se innumeradas nos annos de 1692, 1721, 1723, 1736-37, 1744, 1754, 1772, 1790, 1804, 1809-10, 1816-17, 1830, 1844-45, 1877-79, 1888-89, 1891, 1898, 1900, 1907 e 1915. Descrevendo esta, demonstra que 400.000 pessoas foram deslocadas dos seus lares, das quaes salvaram-se: nos serviços publicos 79.684, na emigração 39.313, nos serviços particulares 100.000, morreram 25.400 e o restante ficou sem occupação, sem meio de vida, vagando pelo Estado, esmolando, curtindo fome e soffrendo as maiores miserias. Continuando nos difficeis dados estatisticos, o autor do interessante trabalho mostra com dados positivos, que em consequencia da secca os nossos rebanhos foram assim dizimados, morrendo 2.440.042 caprinos e ovinos, 680.492 bovinos, 210.615 cavalares, 243.015 suinos, 112.268 asininos e muares, montando tudo, ao preço minimo daquelle tempo á fabulosa somma de 94.517:029\$, que, sommados aos 19.916:670\$, em quanto estima elle o producto da importação dos cereaes, eleva o prejuizo da fortuna publica á assombrosa quantia de..... 114.436:900\$000.

Na importação estão incluidos apenas os generos de primeira necessidade entrados pelos portos de Fortaleza, Aracaty e Camocim e que foram os seguintes: 137.014 saccos de arroz, 558.191 de farinha, 195.617 de milho e 173.762 de feijão.

Descrevendo depois os inestimaveis serviços prestados pelos açudes Quixadá, Acarahú-mirim e Exmo. Sr. D. Manoel, appella para S. Paulo e Minas, Rodrigues Alves e Delphim Moreira, e termina pedindo a irrigação do valle do Jaguaribe, como a mais pratica solução ao decantado problema das seccas.

Agradecendo a gentileza da offerta, que nos foi feita, de um exemplar do *Secular problema do nordeste*, felicitamos ao seu talentoso e esforçado autor.

D'A Lucta, Sobral, Ceará, 6 de fevereiro de 1918.

« O SECULAR PROBLEMA DO NORDESTE »

O secular problema do nordeste é o titulo de uma excellente brochura, que nos foi gentilmente offertada pelo seu illustre autor, Deputado Ildefonso Albano, digno representante da bancada cearense na Camara Federal.

E' um livro, por todos os titulos, precioso. Nelle o seu autor, amigo incansavel de sua terra, conhecedor profundo de suas necessidades, aborda com amplitude o terrivel flagello, que assola de quando em quando o seio uberrimo das regiões do nordeste brasileiro.

Uma cópia abundante de factos tenebrantes illustram a narrativa — narrativa por vezes tão dolorosa que faz o leitor fremir de indignação, não podendo comprehender o descaso com que são tratados, neste paiz, problemas relevantes como este.

O Deputado Ildefonso Albano, chamando a attenção do Governo e do Congresso Federal para o problema do nordeste e concitando-os a resolvel-o sem dilação, fez uma obra magnifica de patriotismo.

Todas as despezas que se fizerem nesse sentido resultarão compensadoras; lucrará o norte e o sul tambem, porque lucrará a União Brasileira, que é feita dos sulistas intrepididos e dos nortistas perseverantes, raça maravilhosa creada desde o berço numa escola rude, ininterrupta de adversidades...

Da *Industria e Commercio*, de 20 de fevereiro de 1918.

« O SECULAR PROBLEMA DO NORDESTE »

O Sr. Ildefonso Albano não quiz felizmente fazer litteratura sobre o terrivel problema do nordeste, mas com simplicidade de alma e forças do coração, alinhando factos, reunindo documentos, expondo com desassombro toda a magoa, toda a revolta em que mergulha o seu espirito quando imagina o que tem visto naquelle esquecido pedaço da Patria brasileira, deu-nos um dos livros mais preciosos de 1917, pagina dolorosa, pagina que poderia pezar como uma maldição na consciencia dos responsaveis pelo destino deste paiz, desde que elle chamou a si deveres que correspondem á liberdade.

Mas a consciencia dos responsaveis não está no Brasil, passeiou sempre e passeia...

O livro, reflectindo a tragedia em que se debate o brasileiro do nordeste, mostrando o horrer do exodo, augmentando os rigores da natureza, protestando contra a indiferença dos que só se lembram do norte, quando o Brasil precisa de soldados, não é só um livro verdadeiro: pelo desmesurado sofrimento que arrasta á scena deslemburada e longinqua dos nossos sertões, e, por sua vez, arrastando-nos o espirito até aquellas paragens feridas de morte, é mais alguma cousa que simplesmente verdadeiro, é empolgante, tem toda a belleza da Verdade, da Verdade que aterra os homens incapazes de sacrificio, incapazes de amor.

O governo do Ceará devia mandar distribuir este livro por todo o Brasil, e, aqui no Rio, fazer uma distribuição se-

manal na avenida Rio Branco... Talvez fossem grandes os resultados... Gasta-se muito entre nós em attenção á vaidade, e pode ser que a piedade mesma não falte a muitos desses corações vaidosos... Ora, si a piedade sincera, a caridade verdadeira, levar a melhor a força do exhibicionismo, pode ser que vejamos canalizados para o Ceará os protestos de solidariedade que damos a todo mundo, e os auxilios reaes que vão tanto para a China como para a Patagonia, cheguem, mais de uma vez, a esta região ainda mais afastada e ignorada, onde o cearense soffre e cresce para ir depois conquistar o Amazonas e povoar o interior do Brasil. Os jornaes, que não dispensam o noticiario das festas elegantes, farão o barulho necessario para accordar o Governo do somnambulismo das eleições, e ao quarto poder, todos sabem, devemos quanto somos, quanto realizamos, tudo o que nos envergonha, mas tambem todos os remedios com que nos curamos do desamor a nós mesmos.

Da *Revista Americana* de fevereiro-março de 1918.

« O SECULAR PROBLEMA DO NORDESTE »

O operoso representante do Ceará na Camara Federal, Deputado Ildefonso Albano, teve a nimia gentileza de offertar-nos um exemplar do seu applaudido trabalho — *O secular problema do nordeste*, lido naquella Casa do Congresso Nacional em 15 de outubro do anno passado.

Parece-nos superfluo o frizarmos aqui o merecimento desse trabalho e o interesse que despertará em todo cearense a sua leitura.

Sobre elle muito já se tem manifestado a imprensa indigena, exalçando-lhe o valor como obra, que é, inspirada no verdadeiro patriotismo, dictada por um espirito investigador e pratico, que poz a serviço da terra que tão dignamente representa o seu melhor esforço e a sua intelligente operosidade.

O discurso do Deputado cearense, que foi publicado na integra, no *Diario Official* de 16 de outubro de 1917, constitue um dos melhores repositórios de dados interessantes colhidos até hoje, sobre as grandes seccas que assolam o nordeste brasileiro, em particular o Ceará, e que são o entrave maximo que difficulta e impede os surtos da nossa expansão economica.

Propondo-se cooperar, na altura das suas forças, na solução desse momentoso problema economico-social « o mais grave e o mais relevante do Brasil », o representante cearense faz obra de verdadeiro patriotismo, pois aquelle melindroso problema, pela sua extensão e gravidade, está, de facto, incluído no numero dos que exigem prompta, immediata e seria assistencia dos poderes publicos, porquanto abrange elle condições mesmas da vitalidade de populações laboriosissimas, de uma fertil e grande zona da Federação, as quaes tem prestado sempre, assim na paz como na guerra, o mais precioso concurso á defesa dos patrios interesses.

E' lamentavel, porém, que problema de tamanha relevancia e urgencia permaneça de pé ha tantos annos, ameaçando a economia publica, sem que se lhe procure dar a necessaria solução, dirimindo a pouco e pouco os desastrados effeitos resultantes das crises climatericas que pairam sob os céos do

nordeste brasileiro como aves de mau agoiro a desfallecer os estímulos mais pertinazes, as esperanças mais fortemente acalentadas.

E, no entanto, o nordeste é a zona do Brasil fadada ao mais largo desenvolvimento economico, aberta á maior riqueza, desde que, por um trabalho continuado, orientado conforme as exigencias e necessidades da sua agricultura, se conseguisse dar á terra o que lhe nega o céo — agua com sufficiencia.

Talvez agora, com a nova orientação que vão imprimindo ás necessidades publicas, ao mecanismo administrativo do paiz, as autoridades competentes — o problema das seccas seja tomado na devida consideração.

Esperemos um pouco mais e, não desfalleçam os esforçados cearenses que, como Ildefonso Albano, vão, no Congresso da Nação, batalhando em bem do Ceará, procurando solucionar o seu problema maximo — esse que já tem custado a vida a milhares de conterraneos, esse que nos expatria desde o berço, desviando da terra natal os melhores braços, as mais aproveitaveis intelligencias.

Da *Revista Commercial*, Fortaleza, 9 de março de 1918.

« O SECULAR PROBLEMA DO NORDESTE »

O historiador politico do Brasil sentir-se-ha em aperturas ao falar do Parlamento Nacional, nas ultimas decadas republicanas.

Os membros das duas casas do Poder Legislativo Federal longe estão, na sua quasi totalidade, de exprimir o gráo de nossa cultura, de ser expoentes da intellectualidade patricia. Productos da filhotagem politica, embaixadores dos mandarinatos estaduaes, creações do favoritismo governamental, portavozes de grupelhos sem idéas e sem programmas — taes senhores só raramente podem ser tidos como lidimos representantes do povo, como reaes mandatarios da aspirada soberania popular.

Com rigorosas excepções — o Congresso é um cenaculo de incompetencias arrojadas, de palanços enfatuados.

Os assumptos mais ao gosto dos que se repotrêam nas curus do Monrôe e da Camara alta do paiz são os de interesse da politicagem aldeã, os que envolvem contendas pessoaes, os que dizem respeito ás situações dominantes nos Estados.

Quebram a praxe, inveterada, arredam-se do ramerrão, serão talvez tidos como exhibicionistas — os que como Ildefonso Albano erguem a voz para tratar de problemas nacionaes, para attentar sobre questões complexas e irresolvidas como a das — seccas.

Em vez de parolar, de fazer de demagogo, o deputado cearense preferiu compor — benedictina e documentadamente — a historia de um doloridissimo transe da vida de seus eleitores.

O *secular problema do nordeste* é um brado aos poderes da Republica para que humana e misericordiosamente — resolvam a quadri-secular questão. Nenhuma das peculiaridades do phenomeno cosmico — passaram despercebidos ao engenho investigador de Ildefonso Albano.

Perdendo-se em a noite distanciada da phase biblica, voltando aos tempos diluvianos, á época predecessora do apparecimento de Christo, a secca septennal; revistando desde a grande calamidade ha dois annos verificada no Ceará — o monographo sómente não nos deu um perfeito quadro synoptico de todas as fomes, seccas e inundações mundiaes — porque especificou uma perturbação climaterica em 1907 — neste Estado — quando não houve na era indicada uma secca generalizada ou parcial e sim o que os nossos sertanejos chistosamente denominam de *repiquete*.

Ildefonso Albano não pretendeu impressionar com as photographias das scenas ugolinescas desenroladas na Fortaleza em 1915 e donde ecoaram os gemidos dos suppliciados nos sertões do nordeste, appensadas a seu livro — mostrou como se poderá diminuir a intensidade dos effeitos maleficos de cada uma das crises que periodicamente têm affligido os filhos desta zona.

O orador parlamentar não se restringiu a prescrever medidas attenuadoras ou preventivas do cataclysmo: pulverizara as objecções de quantos se teem proposto a solver erroneamente o magno problema.

Cortez, porém energicamente, o congressista merecidamente reeleito combate os que tencionam remediar a falta de braços das fazendas sulistas com o despovoamento do Ceará; propugna pela irrigação dos nossos campos — pratica de onde se originou a grandeza da Australia, o desenvolvimento economico do Canadá e a productividade da Africa do Sul; compara o trabalho da colonia estrangeira com o afan dos nossos compatricios; enaltece a feracidade das terras que marginam o valle do Jaguaribe; proclama a reconhecida superioridade do algodão cearense; resalta, alfim, o pujante valor das cifras a quanto póde attingir a importação dos nossos cereaes em periodos de normalidade climatologica.

O opusculo de Ildefonso Albano encerra mais alguma cousa do que um discurso, do que um vibrante reclamo patriotico, não falla á sentimentalidade brasiliense: desperta raciocinios na mente curiosa de quantos se interessam pelas cousas nacionaes. Não é um trabalho para agradar ouvidos: é um repositório de informações preciosas para os que estudam e reflectem sobre a natureza e o homem do norte e do leste do Brasil.

ANTONIO DRUMMOND.

Do *Correio do Ceará*, Fortaleza, 3 de abril de 1918.

.....
Noto, no entanto, que os cearenses parece que não se preocupam muito de ter um porto.

Quando eu disse a alguém que me parecia ser essa a primeira necessidade do Ceará, rebateu-me prompto e seguro o interlocutor que — a primeira necessidade do Ceará é acabar com a secca... Livre-se o Ceará daquelle cruel flagello, e não de ver o que será o Estado dentro de cinco annos.

Pode-se dizer que é o problema obsidente para aquellas populações.

Ainda agora, depois que cheguei ao Rio, de volta do norte, tive ensejo de ler, em folheto, o discurso que na Camara pro-

nunciou, em outubro do anno proximo passado, o Deputado Ildefonso Albano, illustre representante do Ceará naquella Casa do Congresso. E' a pintura mais viva e mais completa dos horrores a que estão sujeitos os habitantes do sertão cearense; e é ao mesmo tempo um grito commovente de misericordia dirigido á nação inteira.

Realmente é preciso que se resolva, de uma vez para sempre, a sorte daquelles miseros irmãos !

ROCHA POMBO — *Notas de Viagem.*

.....
O Sr. José Augusto, como o seu distincto collega Sr. Ildefonso Albano, preferiu pôr de parte as questiunculas que enfadam as sessões parlamentares e buscou tratar de uma questão basica, de innegavel benemerencia.

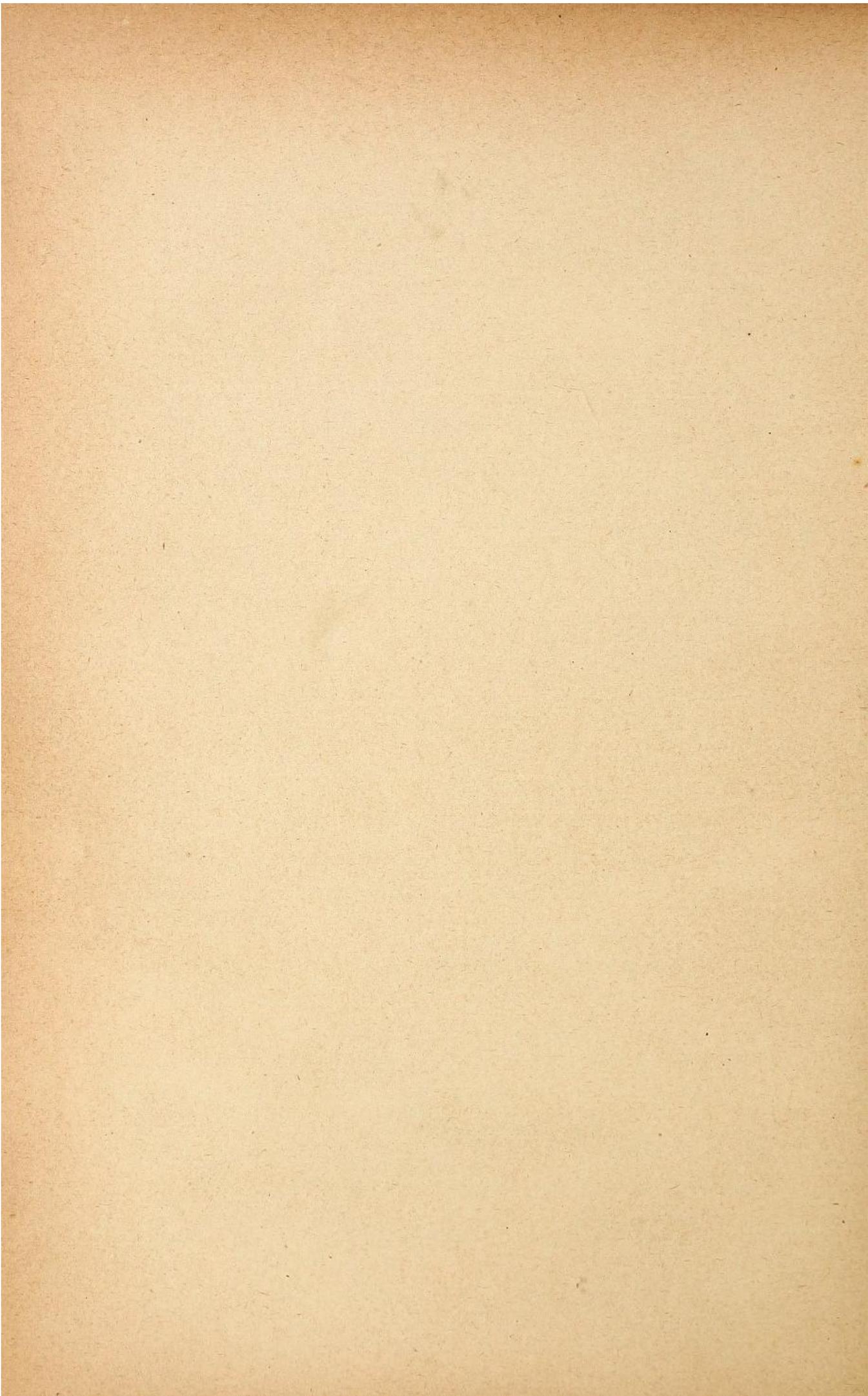
O Sr. Ildefonso Albano cuidou, em paginas magistraes, do secular problema do nordeste. O Sr. José Augusto encarou o problema da nossa educação.

Honra aos dous representantes que, por esses titulos, o são de facto do povo brasileiro.

.....

M. F.

D'A *Tribuna* de 10 de maio de 1918.





RETIRANTES CEARENSES

Para o deputado Ildfonso Albano.

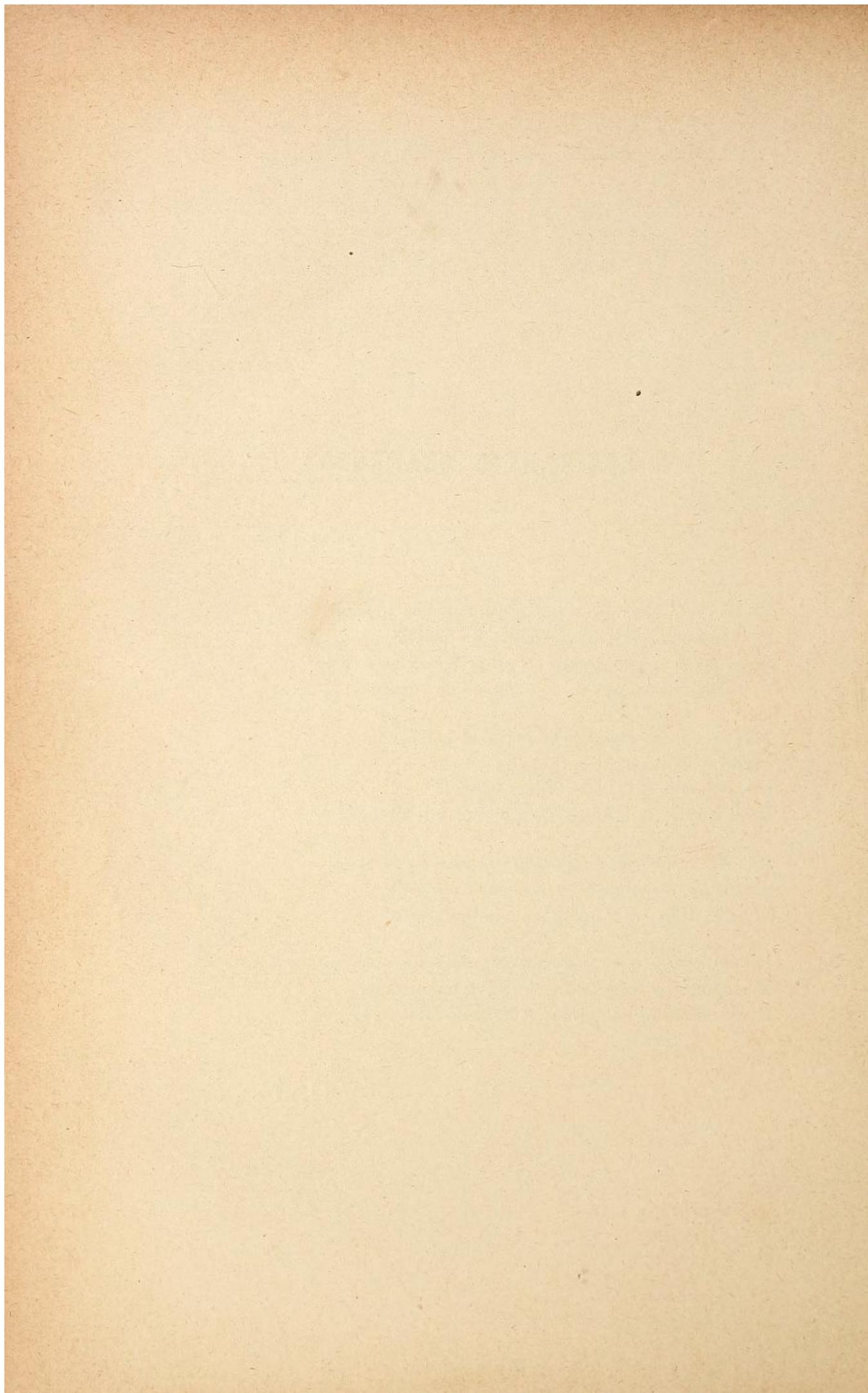
Eil-os... Trazem no olhar febril retida a imagem
Do combusto sertão, que deixaram deserto...
Eram mais — muito mais — ao partirem, por certo,
— Transidos de pavor... e cheios de coragem! —

Mas ao sol, ao rigor da implacavel paisagem,
Muito e muito morreu, quando cria bem perto
Um remanso feliz, de verdura coberto,
Onde a lympha correse e explendesse a folhagem!

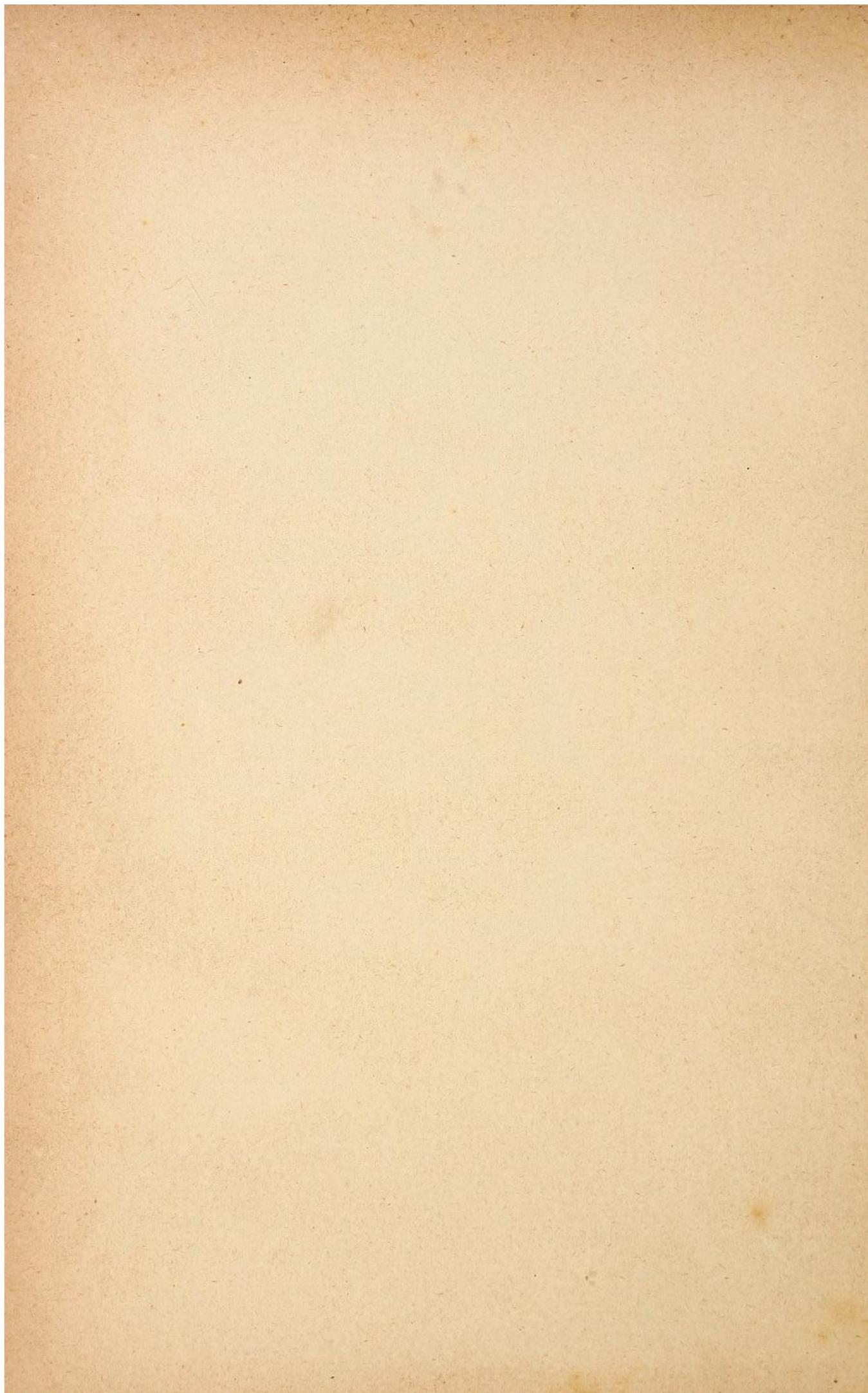
Eil-os... Mais que o cansaço extremo da jornada,
Amargam, no silencio, a vergonha pungente :
Foi-lhes traidora e hostil a terra idolatrada!

No emtanto... ah! que saudade amargura essa gente!...
E, quando ao chão descer a chuva abençoada,
Com que amor ao seu lar voltará novamente!...

CESAR LEITÃO.



CARTAS





DR. DELFIM MOREIRA DA COSTA RIBEIRO, Vice-Presidente eleito da Republica: Ao Illmo. patricio e amigo deputado Ildefonso Albano agradeço a offerta do seu discurso patriotico e ponderado, pronunciado na Camara dos Deputados em 15 de outubro passado.

D. MANOEL DA SILVA GOMES, Arcebispo de Fortaleza: Recebi no sertão, em visita pastoral, o *Diario Official*, em que vinha o seu bello e interessantissimo discurso. Agradeço-lhe muito ter-m'o remettido, pois foi para mim um prazer lel-o. Devo-lhe ainda agradecer as referencias por demais bondosas, que nelle fez a mim. Mas, sobretudo o que dá a este discurso um caracter de preciosidade, é que elle é um documento historico da secca de 1915 e do modo por que se distribuiram as esmolas, vindas do Sul. Por isso apreciei-o muito e vou guardal-o com cuidado.

D. JOSÉ TUPINAMBÁ DA FROTA, Bispo de Sobral: Já havia apreciado o valor desse estudo, lendo o *Diario Official* que o regista; dou a V. Ex. os mais sinceros parabens pelo brilhantismo e ardor patriotico com que expoz, analysou e mostrou a solução do terrivel problema.

SENADOR SOARES DOS SANTOS: Tenho lido com interesse as brilhantes paginas desse trabalho e acredito que elle muito influirá para a solução da importante questão, integrando esses Estados flagellados como factores economicos da riqueza nacional.

SENADOR BUENO DE PAIVA: Agradeço a gentileza da offerta de seu magnifico trabalho, que vou reler com a attenção devida, felicitando-o pelo grande serviço que prestou ao paiz, tratando com tanta proficiencia do magno problema do nordeste brasileiro.

ANTONIO FIUZA PEQUENO: Aproveito o ensejo para enviar ao distincto amigo minhas calorosas felicitações pelo seu valioso trabalho, attestado de sua competencia e real interesse pelo bem de nosso querido Estado.

DR. ALVARO BOMILCAR: Accuso o recebimento do seu valioso trabalho «O Secular Problema do Nordeste», em que o digno conterraneo, com a maxima fidelidade e sincero devotamento á terra do berço, expõe esse problema «problema economico-social, o mais grave e mais relevante do Brazil».

Li seu discurso, em resumo, nos jornaes desta Capital, mas só agora, relendo-o no opusculo que me offertou, tive occasião de apreciar-o em seus detalhes, constatando o seu esforço e competencia, sobejamente revelados em linguagem

conciisa e clara, numa exposição conscienciosa e bem feita, ao alcance de todas as intelligencias. As photographias que illustram o seu trabalho dão uma idéa perfeita do horrivel espectáculo e das scenas locais mais commoventes, que jamais deveriamos presenciar no seculo XX, entre populações patriicias, que desfructavam ainda ha bem pouco um largo periodo de paz — porque só a guerra mais devastadora deveria produzir aquelles monstruosos ossuarios...

Queira o amigo acceitar o meu desvalioso parabem pelo seu trabalho e acredite que, apesar da modificação produzida nas attentões dos estadistas pela entrada do Brazil na guerra, o Governo ha de ter meios para remediar a triste situação do Ceará.

Assim o espero. E V. terá, com a consciencia do dever cumprido, a satisfação de verificar que não foi vão o seu appello, que tem a eloquencia e a simplicidade dos factos e dos algarismos, contra os quaes nada se poderá oppôr.

GENERAL DANTAS BARRETO: Recebi «O Secular Problema do Nordeste», cujo texto eu havia primeiramente lido no *Diario Official*. Fez bem dar ao seu trabalho a sympathica feição que o acompanha agora. Elle interessa, notavelmente, pela fórmula attraente e pela exactidão que decorre do assumpto explanado.

Vale a pena insistir na exposição da sorte que flagella os nossos patricios do norte, tomando para typos de soffrimentos os sertanejos do Ceará, aliás sempre confiantes no seu valor pessoal.

Agradecendo-lhe o exemplar que me destinou, felicito-o pelo exito que a sua producção alcançou entre os intellectuaes.

DEPUTADO FAUSTO FERRAZ: Recebi o teu bello e impressionante trabalho «O Secular Problema do Nordeste.» O teu appello veiu até o meu coração de brasileiro; estou ao teu lado.

DR. CINCINATO LOPES: Li o seu trabalho com interesse merecido e felicito-lhe pelo esforço empregado, justo brado de patriotismo. Que um dia se comprehendam a necessidade e a caridade de remediar o mal secular de que falla.

DEPUTADO BARBOZA GONÇALVES: Agradeço o exemplar que me enviou do seu bello e patriotico discurso, tratando do flagello das seccas no nordeste brasileiro. Effectivamente é preciso encarar de frente o problema para resolvel-o de modo definitivo. Felicitações pelo seu elevado trabalho.

DR. ANTONIO OLYNTHO: Li o seu precioso discurso com a devida attentão e só tenho applausos para sua attitude, tratando, com elevação e conhecimento, do problema magno do nordeste brasileiro. Seu discurso é um repositório de informações uteis para os que estudam esse problema; são os meus mais ardentes votos para que elle faça com que os poderes publicos encarem resolutamente um problema tão importante. E' um serviço inestimavel que o meu Exmo. amigo prestou ao Estado, que representa na Camara com patriotismo e elevação.

DR. DANIEL HENNINGER: Li o seu interessante trabalho com attentão e espero que os seus pares, comprehendendo que as medidas suggeridas são muito justas e dellas se deverão esperar resultados muito beneficos para os Estados flagellados, não deixarão de tomal-as em consideração.

GENERAL THAUMATURGO DE AZEVEDO: Quem ler o seu importante trabalho e já não souber o que é a secca do seu Estado, periodica e terrivel, ficará contristado por tantas desgraças. Os governos têm gasto milhares de contos, mas nunca executaram um plano certo, continuo e energico para, si não acabar com os seus effeitos, ao menos diminuil-os, evitando a mortandade de patricios nossos dignos do respeito, que merecem por sua tempera, por seu character e qualidades raras, que os distinguem. Parabens, pois, por esse esforço demonstrativo da nobre causa, de que é paladino.

SR. LIMA BARRETO: Acabo de ler com muito interesse o seu solido estudo sobre o nordeste brasileiro e o atroz problema das seccas. Nascido no Rio de Janeiro, donde poucas vezes sahi, assim mesmo para as proximidades, S. Paulo e Minas, póde muito bem o senhor avaliar como os quadros que o seu trabalho encerra, impressionaram-me. Fez bem em ajuntar ás photographias que o illustram, aquellas que o seu amigo não queria fossem publicadas, para não desmoralizar o paiz, quando vistas por ahi. Ellas, mais do que as palavras escriptas, provocam a piedade.

DR. ALBERTO FARIA (Campinas): Tinha curiosidade em ler «O Secular Problema do Nordeste», pelo interesse do assumpto (de intimo aspecto patriotico). Augmentara-a a recommendação do critico do *Imparcial*. Li-o, pois, com dupla sympathia. Esse discurso, fóra dos moldes da oratoria indigena, que são os da pura rhetorica, em suas especies varias, constitue verdadeira monographia instructiva, seriamente documentada. Sua leitura deu-me prazer, creia.

DR. AFFONSO D'E. TAUNAY: Venho exprimir-lhe quanto me impressionou a leitura destas paginas cheias de verdade e de perfeito conhecimento dos assumptos estudados. Realizou V. Ex. uma obra de patriotismo; permita V. Ex. que o felicite e muito.

DR. ALIPIO DE MIRANDA RIBEIRO: Li-o todo, seu valioso trabalho sobre as seccas do Ceará; e não posso dominar a impressão de profunda tristeza que em mim produziu. Que quer? As grandes calamidades de extra muros despertam-nos mais interesse... Os problemas que se prendem ás cousas exhibiveis são mais attrahentes e a eterna mania de vivermos abstrahidos de nós não nos permite o remedio para os nossos verdadeiros males... Faço votos para que a sua campanha seja coroada do melhor exito e tenho fé sincera em que o Ceará terá os seus males naturaes completamente sanados pela intelligencia e energia dos seus illustres paladinos da nossa epocha.

SENADOR CUNHA PEDROSA: agradece a offerta do seu notabilissimo discurso, trabalho que já havia lido com verdadeiro entusiasmo no *Diario do Congresso*, e aproveita o ensejo para para dirigir-lhe a expressão sincera das suas congratulações e dos seus applausos, fazendo votos para que os poderes da Nação tomem na devida consideração obra de tamanho merecimento e se sirvam de resolver problema tão momentoso.

DR. MANOEL C. DE SOUZA BANDEIRA: Applauda a idéa, porque considera a irrigação dos vales do S. Francisco e do Jaguaribe como uma aspiração nacional, quer do ponto de vista sentimental, quer do economico.

DR. ANTONIO ALVARES LOBO: Muito agradecendo a offerta do seu trabalho parlamentar, obra de profunda meditação de um coração cearense, envia parabens muito sinceros, desejando que o labor indefesso de seu autor colha proveito, como merece.

D. BONIFACIO JANSEN O. S. B.: Li e reli com maxima attenção o livro — e com profunda compaixão para com as pobres victimas das seccas eu repetia a cada instante: « não é exagero, é a pura verdade ». Passaram de novo deante de mim os 10 annos, que passei no interior do Ceará e lembrei-me de innumeradas scenas e exemplos identicos aos que o bom amigo descreve. Oxalá que o bom Deus, o pae, protector e defensor dos pobres e afflictos, faça com que o Ceará receba do nobre Brasil o auxilio, de que necessita, para tornar-se um Estado prospero e feliz.

DR. ANGELO MOREIRA DA COSTA LIMA: Acabo de ler teu trabalho. Achei-o excellente e de coração felicito-te pelo grande serviço que acabas de prestar aos nossos patricios do Nordeste.

Oxalá que o futuro Governo execute o que nelle indicas, para bem de tua boa terra e de todo nosso paiz.

MARIO DE ALENCAR: Li com muito interesse o seu estudo sobre « O Secular Problema do Nordeste ». O assumpto é dos que me prendem sempre a attenção, e, tivesse eu competencia, fôra dos que me haveriam de occupar a vida, tamanha importancia me parece ter para a existencia do Brasil, como um problema de ordem economica e moral. No seu trabalho achei realizado o plano do esforço que eu idearia para conseguir commover e informar os indifferentes e alcançar a collaboraçã dos directores da Nação. Quem o tiver ouvido ou lido, não poderá discordar dos seus argumentos nem da sua conclusão. Todas as outras questões debatidas no parlamento e na imprensa são minimas em confronto com a do aproveitamento do Nordeste, tão favorecido e ao mesmo tempo tão castigado pela natureza. Será a gloria do brasileiro e uma das maiores fortunas do Brasil a victoria humana sobre a natureza no sentido de annullar a fatalidade geologica daquella região, já sagrada para os brasileiros pelo infortunio periodico de tantos dos nossos valorosos e obscuros patricios. Mas o mal do Brasil resulta da sua mesma grandeza, e si é duro dizel-o, é inevitavel affirmar que o brasileiro não se mostra digno da terra que lhe doou a sorte. Damos a impressão de sermos diminutos para sentir a nossa terra em todo o seu ambito; circumscrevemos o sentimento e as cogitações á estreiteza regional de sympathias e interesses, e só a espaços, em crise de lagrimas, é que traduzimos paroxisticamente e por isso ephemeramente, a idéa da cohesão nacional. Nos tempos normaes vivemos distanciados uns dos outros, em ignorancia ou indifferença de forasteiros. A leitura do seu discurso, pela sua eloquencia singela, que é a expressão da sinceridade, pela sua documentação, pelo seu raciocinio de convencido e esclarecido, e sobretudo pelo seu tocante appello, deveria acordar os que dormem sob o interesse egoistico, e os que tagarellam (o que é ainda uma fórma de somno) sobre cousas multiplas e vans. Fez bem o presidente do Ceará promovendo a divulgacão de seu discurso. Assim poderá chegar ao conhecimento de uma grande parte dos homens de pensamento e sentimento no Brasil, e a palavra delles deve ser o echo da sua commovedora e persuasiva oraçã em materia tão alta, tão seria, das principaes que cabem na pre-occupaçã de um estadista previdente. Não se espante porém V. Ex. ouvindo a muitos affirmar que seja um conto de phantasia o seu emprehendimento patriotico e pratico. Tambem eu já vi qualificado de sonho, e peior vi abafado no mais desdenhoso silencio, o appello que fiz á intelligencia dos homens

politicos para que promovam a mudança da capital do Brasil, na conformidade do que preceitúa a Constituição. Referi-me a isto, porque estou certo que a mudança da capital seria um grande passo para o encarecimento de todo o Norte e do Nordeste do Brasil, descurados hoje por causa da distancia e da situação fóra do circulo de sentimento e pensamento brasileiros. Ouvirá o appello de V. Ex. a bemaventurança do futuro Governo? Faço votos por que elle o escute e o realize, e em qualquer caso por que V. Ex. não descoroçõe e insista em repetir a sua palavra inspirada e eloquente na lucta pela solução do problema brasileiro.

DR. ERNESTO ANTONIO LASSANCE CUNHA: Prasa aos Céos que tão esplendido discurso tenha sido ouvido e lido pelos homens publicos, e que os encorage a tomar medidas energicas para, de uma vez por todas, collocar o Ceará em condições capazes de arrostar com os phenomenos da secca sem os desastres, que tanto prejudicam ás fortunas publica e particular, retardando o desenvolvimento do progresso material, para o qual tão esforçadamente trabalham os seus dignos filhos. Ainda uma vez, muitos e sinceros parabens.

Muito agradeço a transcripção que fez dos meus modestos escriptos, que outro valor não teem, sinão demonstrar que, emquanto tive forças, saude e vista, fiz tudo, quanto me permittiu o meu fraco saber, para o engrandecimento material do Ceará.

DR. NELSON DE SENNA: Já lêra no *Diario Official* o seu documentado, opportuno e impressionante discurso, e agora farei nova leitura de peça tão superiormente concebida e commovedora, digna da attenção de todos os espiritos patriotas, que se devem voltar para acudir á inadiavel solução desse tremendo problema das seccas periodicas, que assolam o territorio patrio, desde o seu bello e martyrizado Ceará até a região lindeira de Minas e Bahia. Muitos parabens dou a V. Ex. pela valiosissima contribuição que acaba de trazer ao momentoso assumpto.

DR. AFRANIO PERINOTO: Está lido, com a razão e o sentimento que essa causa nacional inspira, e com a vibração que a eloquencia do autor transmittiu ás suas terriveis descripções. Haverá quem não ouça esse clamor?

DR. ALBERTO DINIZ: E' um notavel trabalho o de V. Ex., feito com sentimento e verdade e que vivamente impressiona a quem o lê. Não creio possa alguem se manter impassivel deante das horriveis scenas descriptas por V. Ex., a lagrima aflorará a todos os olhos deante de tanto soffrimento e de tanta miseria. Não se trata, entretanto, de mal para o qual não exista remedio e contra cuja fatalidade nada se possa fazer. Com o exemplo do que, com absoluta efficacia, se tem praticado em outros paizes, mostra V. Ex. como poderia um bem orientado Governo obviar aos inconvenientes das seccas periodicas, garantindo a prosperidade de uma importante zona brasileira e, o que mais é, impedindo a reproducção de factos que nos envergonham. O Governo, que tal fizesse, teria resolvido o mais serio, talvez, dos problemas nacionaes, adquirindo assim um titulo de eterna benemerencia.

Queira V. Ex. aceitar as minhas felicitações pelo brilhante exito de seu trabalho.

DR. DOMINGOS JAGUARIBE: Estava ansioso por ler seu discurso, que é uma documentação valiosa sobre nossa terra natal; é um livro precioso que deixa patente o unico modo de remediar os males que affligem o Nordeste.

DR. THEODORO SAMPAIO: Com muito saudar a V. Ex. a quem Deus guarde, accuso recebido o exemplar do seu discurso na sessão de 15 de outubro do anno passado, na Camara dos Deputados e a mim por V. Ex. remettido.

Ha muito que não leio cousa tão fortemente suggestiva e convincente, como essa notabilissima oração patriótica *pro aris et focis* do Brasil de Nordeste.

Ah! é a alma espartana do cearense que clama por justiça e por soccorro, fallando com a eloquencia unica dos que vêm soffrendo seculos de flagellos e mal conseguem ser ouvidos.

Bravo! meu caro e illustre Sr. Albano! Fez V. Ex. um discurso que hade ser um documento imperecível da historia nacional, e, homem de coração, como todo se revelou nessa peça memoravel de accentos propheticos, hade se impôr á consciencia nacional, hade forçal-a a sahir do indifferentismo, para que não mais ouça essa tremenda accusação, a cada flagello renovado: «... martyrio no caminho sangrento, inaugurado por Pero Coelho de Souza, palmilhado por todas as gerações cearenses e que, para o futuro, será ainda muitas vezes percorrido por bandos de famintos brasileiros, que, por desgraça sua, tenham de nascer nesse desprezado pedaço da Patria ».

Bem se houve o Sr. Dr. João Thomé de Saboya e Silva, muito digno Presidente do Estado do Ceará, mandando publicar e divulgar essa oração, brado dos mais eloquentes dos que ao seu caro Ceará, tão soffredor, mais sinceramente amam.

Queira V. Ex. aceitar, com os agradecimentos que lhe devo, os meus protestos de enthusiasmo e da mais viva sympathia.

SR. H. ELFORD DICKIE, consul britannico em Pernambuco: Por favor agradeça ao Deputado Ildefonso Albano o seu interessante discurso «O Secular Problema do Nordeste»; elle tratou do assumpto magistralmente.

O mesmo phenomeno se reproduz na Australia. No Egypto, com as barragens do Nilo, têm-se conseguido verdadeiros milagres.

Será um acto nobilitante evitar tamanho soffrimento das populações. Desejo ao Deputado Albano todo successo e peço apresentar-lhe minhas saudações.

DR. JOAQUIM FIGUEIRA DE MELLO: Comquanto muito occupado, não perdi meu tempo em ler seu livro interessante e triste, mas verdadeiro. Nelle muito aprendi. As photographias causam horror; e dizer-se que ha brasileiros, que têm pena das miserias europeas e não ligam importancia ás terribes desgraças cearenses e seus infelizes filhos, moribundos por falta de pão e agua. Meus votos para que suas idéas sejam as mais divulgadas e acceitas. Ao cearense impossivel fazer livro tão patriótico.

ALMIRANTE SILVINATO DE MOURA: E' realmente valioso tudo quanto dissestes e escrevestes; acho particularmente digno de attenção, e muito impressionante, o confronto que fazeis nos

topicos «immigração estrangeira», alma de colono» e subsequentes. Oxalá o vosso appello, com indicações tão precisas, seja ouvido e encontre corações que sintam, que vibrem com elle !!

DR. M. DE OLIVEIRA LIMA: Penhorado agradece o offerecimento do seu excellento estudo sobre o problema secular do nordeste brasileiro, o que em fórma de discurso parlamentar é uma verdadeira monographia sobre o assumpto, que leu com grande interesse e o maior aproveitamento. Felicita-o calorosamente por essa patriótica contribuição.

D. MIGUEL KRUSE O. S. B.: Li com grande interesse as suas observações, e não posso crer que o seu brado, acolhido com manifestas sympathias por homens de notoria competencia, não venha despertar o zelo dos governantes. O bom povo cearense, tradicional em seu amor pelo trabalho e na pratica de sua fé religiosa, merece ser objecto dos cuidados dos que dirigem os destinos da Patria. Aceite os meus sinceros parabens, com os votos de prosperidade, tanto para si, como tambem para o Estado, cuja causa sabe tão bem patrocinar.

DR. EUGENIO DE ANDRADE: E' um estudo serio e de uma meticulosidade honesta e patriótica. Basta esse documento de valor e de operosidade para recommendar um representante da Nação ao seu proprio Paiz. Pena é que os ensinamentos não passem ao terreno da execução, que os bons conselhos e as boas advertencias não sejam ouvidos com interesse proporcional á sua importancia, que a attenção dos poderes não se volte com sinceridade patriótica e efficaz para a realização das providencias, que a leitura do seu discurso suggere como necessarias e urgentes. A sua volta como deputado póde ser uma condição para que se converta em programma nacional o seu proposito de tomar a serio a solução do «secular problema do nordeste».

SR. ISAAC AMARAL: Já tinha, pela leitura dos jornaes do Rio, acompanhado em resumo este trabalho onde tão magistralmente defende uma causa nacional de vastos descortinos, scabretudo, de grande necessidade ao nosso caro torrão; fiquei, porém, mui agradavelmente sorprendido, quando aos poucos fui saboreando, em todos os seus detalhes, essa bella dissertação, estudo-libello onde com muita proficiencia trata do problema politico-economico e social que se impõe como uma bandeira sob a qual se devem bater os nossos conterraneos em demanda de seus direitos. Embora de longe, acompanho dia a dia os acontecimentos que se prendem á evolução de nosso caro Ceará, e si muito sinto com desfallecimento os seus reveses, rejubila-me ás vezes o meu espirito, quando vejo levantarem-se espiritos fortes em vigorosa reacção para doutrinarem em nova arena contra o anniquilamento, que a natureza e os homens imprimem á terra querida. A V., portanto, como um dos paladinos dessa nobre cruzada, que tão fecundos fructos poderá colher em beneficio de uma causa justa, cabem as palmas pelo vigoroso ataque que acaba de iniciar. E' proseguir. A mim, particularmente, dá grande satisfação essa sua nobre attitudo e enche-me de certo orgulho ver o filho de meu inolvidavel amigo José Albano, meu irmão glorioso dessas celebres jornadas da «Libertadora Cearense», onde hombro a hombro fizemos a gloriosa campanha da abolição dos escravos, empunhar as armas para continuar a campanha social e economica que é um corollario dos feitos da geração que se foi.

DR. JOAQUIM P. FRANCO DE SÁ: Já conhecia o seu bello e patriótico discurso, pois elle fez successo pela sinceridade e verdade dos conceitos emittidos. Fez bem em tornal-o accessivel á leitura de todos que se queiram interessar pela má sorte do nordeste brasileiro. O seu discurso, formoso na fórma, é uma monographia no fundo. Aproveito, pois, a occasião para lhe dar os meus parabens muito sinceros.

SR. ANTONIO DRUMMOND: Venho trazer-lhe uma nova para v. alviçareira e honrosa e para mim tambem muito desvanecedora. Despertado pelo noticiario das gazetas da terra, fui hontem assistir á conferencia do padre Dr. João Gualberto no salão nobre do *Jornal do Commercio*. Superabundante eu me tornaria, se lhe dissesse que a fama aureolada do nome do orador sacro é justissima e que S. Revma. do exordio á peroração se revelou um palestrador erudito e garboso, decompondo soberbamente todos os aspectos do complexo problema sobre o qual dissertara: A Igreja Catholica e a Idéa Nacional. Quero, porém, fallar-lhe das referencias por elle feitas ao seu discurso na Camara Federal clamando por medidas solucionadoras da secular e irresolvida questão do nordeste.

Impei de satisfação, meu estimado Ildefonso, quando ouvi o nosso maior scientista catholico, depois de ler varios trechos de seu discurso, affirmar que o melhor, o mais brilhante, o mais vigoroso, o mais patriótico dos trabalhos produzidos no Congresso Nacional em 1917 fôra sua comprovada, meticulosa e impressionante peça oratoria, porque num jornal provinciano eu já havia proclamado que v., ao contrario de muitos dos nossos congressistas, dignificava o seu mandato, nobremente correspondia á confiança de seus eleitores e não transformava a tribuna parlamentar em valvula de paixões individuaes, em poste para o estraçalhamento moral de seus adversarios. Em seu espirito aprimoradamente educado e excessivamente operoso devem echoar fundamentes as expressões do notavel sacerdote, principalmente por terem sido proferidas no momento em que elle buscava reciocinios autorizados para revigorar argumentos sobre uma these de alta magnitude politico-social: a colonização. Deixe que, de envolta com a noticia, eu lhe mande uma ruma de parabens e um punhado de amplexos.

DR. ANTONIO MOREIRA DE ABREU: cumprimenta ao Sr. deputado Ildefonso Albano e agradece, penhorado, a gentileza que teve, offertando-lhe um exemplar do discurso pronunciado em 15 de outubro de 1917 na Camara Federal, no qual mostra claramente á Nação, em suas faces multiplas, o apavorante phenomeno da secca do nordeste, que está a desafiar a attenção dos Governantes do Paiz.

D. RUPERTO RUDOLPH O. S. B.: agradece a remessa do importante discurso sobre o problema do nordeste. V. Ex. prestou ao Ceará um real serviço, pondo a illustre Camara dos Deputados ao par da situação daquelle Estado e indicando o caminho a seguir para remediar os horrores das seccas.

D. ANNA BILHAR: agradece desvanecida a honrosa offerta que lhe fez do seu notavel e patriótico discurso, proferido no Congresso Federal.

BERNARDINO J. DE SOUZA: Ao eminente confrade agradeço a fidalguia de sua offerta constante do bello volume sobre o problema das seccas no nordeste. Já o havia lido em a nossa

Bibliotheca e senti nas rigorosas paginas o pulsar de um coração patriota servido por uma intelligencia de escól.

MANOEL COLLARES CHAVES: agradece muito penhorado a V. Ex. a gentileza da offerta de seu discurso sobre o problema do nordeste brasileiro, aproveitando o ensejo para enviar a V. Ex. seus sinceros parabens por esse grande serviço que acaba de prestar a nossa querida terra.

DR. LUCIO JOSÉ DOS SANTOS: Só agora posso agradecer-lhe a offerta, que teve a gentileza de me fazer, do seu discurso sobre «O Secular Problema do Nordeste.» Não é apenas um agradecimento banal que lhe desejo enviar, mas a expressão sincera dos meus mais calorosos applausos pelo modo verdadeiramente magistral e impressionante com que expoz o problema e indicou-lhe a solução, chamando a attenção dos poderes federaes e do paiz inteiro para a situação angustiosa, em que se acha uma terra generosa e gloriosa.

Como brasileiro, que se interessa pelas cousas da sua terra, e tambem como professor na Escola de Minas de uma cadeira que comprehende esses assumptos, tenho acompanhado a questão das seccas no Brasil, procurando ler tudo que sobre a materia se tem escripto. Em notas additionaes á minha obra «Hydraulica Applicada», tive o ensejo de algo dizer sobre esse problema angustiante, lastimando que o nosso Governo não mantenha nos trabalhos, que vae executando, a indispensavel intensidade e a necessaria continuidade. Referindo-me á criação da *Inspectoria de obras contra os 'efeitos das seccas*, em 1908, escrevi eu: «Desde então o problema tem sido encarado de um modo scientifico. Tem-se estudado a geologia e hydrologia da região, tirando-se as conclusões praticas quanto ao emprego e localização de poços e açudes. Graças a esses trabalhos racionaes e methodicos, muita cousa se tem conseguido. Lastimavel é, porém, que o Governo não intensifique esses trabalhos ou, pelo menos, não mantenha a sua permanencia e continuidade. Passadas as occasiões agudas de fortes seccas ha sempre tendencia ao relaxamento. Permitta Deus que o espectáculo tristissimo da grande secca deste anno (1915) esclareça sufficientemente o Governo brasileiro. Neste, como em muitos outros assumptos, vivemos oscillando entre dous extremos igualmente viciosos. Ora, o Governo tenta resolver de chofre problemas numerosos e difficeis — as seccas, a borracha, a pesca, o povoamento do sólo, a propaganda no estrangeiro, etc., etc., creando para isso commissões complicadas e custosas, que exhaurem o Thesouro. Ora as finanças malbaratadas forçam esse mesmo Governo a supprimir algumas dessas commissões ou a reduzir profundamente outras, com o fim de dealizar economias indispensaveis. Os problemas continuam todos de pé, com o accrescimo de mais um, que é a localização do funcionalismo abundante, attingido pelos cortes.» Não é realmente essa a triste verdade? Apreciei muitissimo o seu trabalho. Si, deante de uma exposição tão completa, tão clara, tão scientifica e tão impressionante, permanecer insensivel e inerte o nosso Governo, póde-se desanimar inteiramente.

CONSELHEIRO ALVARO J. D'OLIVEIRA: saúda respeitosa e cordialmente e muito agradece o offerecimento do seu importantissimo discurso de 15 de Outubro de 1917, na Camara dos Deputados, sobre «O Secular Problema do Nordeste», o qual constitúe uma das mais valiosas contribuições em prol do nosso querido Ceará, tão pouco lembrado pelos homens que nos teem governado.

O INFERNO SECCO

Ao leitor, talvez, não seja desconhecida a existencia de uma lenda interessante a proposito de um frade, que, mesmo em vida, aspirava com vehemencia gosar das magnificencias do Reino Celestial. Envolto no silencio do claustro, esse religioso, contemplando o Christo Crucificado, perdido em êxtase profundo, supplicava que lhe concedesse a ventura de conhecer *de visu* as glorias do seu Reino Divino.

Jamais via attendido os seus rogos, embora esse desejo ardente de aprecial-as não constituísse ambição egoista ou premio de pretendida santidade, porém um meio de poder, através dos seculos, transmittir á christandade o fructo de seu testemunho pessoal.

Assim se passavam os tempos e o velho monge, tomando o silencio de Deus como recriminação a um desejo immerecido, esquecia-se de tal pretensão.

Por uma manhã encantadora, achando-se no parque em cujo centro se erguia o lendario mosteiro, sua attenção foi despertada pelo canto maviosissimo de um passaro. Em tempo algum tivera ensejo de ouvir hymno tão soberbo, harmonioso e arrebatador. Enlevado pelo lyrico das selvas, insensivelmente se foi embrenhando pela floresta de onde provinha a suave melodia. Quanto mais avançava, o canto se distanciando, docemente o attrahia... Perdendo a noção das cousas, do tempo que decorria, empolgado por um goso sobrenatural, esquecia-se do convento, do mundo, de si mesmo; nem se recordava do sonho que o perseguira, como talvez... do proprio Deus. Cada vez mais embebido por aquelle canto que o fazia attingir ao delirio do goso, sem conseguir ver o autor dessa extraordinaria sensação, com pesar sentiu-o extinguir-se... Convencido embora de que aquella symphonia durara minutos apenas, teve, em todo caso, pressa de voltar ao convento. Ao penetrar no parque, se não estivesse tão perturbado, teria percebido logo a ponta de um mysterio que dentro em pouco o envolveria. A si proprio pediria, por certo, explicação para o facto do sol estar no occaso, quando minutos antes esplendia no oriente! Abalado pelo acontecimento, sem reparar em outras circumstancias, dirigiu-se á portaria do convento. Qual não foi, porém, o seu espanto ao deparar com um novo porteiro, religioso completamente desconhecido. Indagando do motivo da subita transformação, aturdido ouviu do companheiro de que havia dez annos occupava aquelle posto! Citando os nomes, do Superior, de outros religiosos completamente desconhecidos para o porteiro, mais perturbado se sentia. Levado á presença do Superior, este, logo ás primeiras interrogações, se convenceu de que se encontrava na presença de um doido. Deante, porém, de factos narrados, perguntou-lhe em que data julgava que estivesse. A resposta foi rapida e logo precisada. Considerando-o de todo um allucinado, com sorriso zombeteiro respondeu-lhe o velho abbade:

— Dessa data, irmão... já estamos distanciados trezentos annos!

O pobre frade, quasi enrouquecido, teve, comtudo, uma inspiração: appellou para o testemunho dos archivos do convento. Realmente, pelos livros cuidadosamente guardados, foi apurado ser exacto o que affirmava! Lá estava registado o desaparecimento de um frade com igual nome justamente na

data referida! Só então o bom religioso conseguiu desvendar o mysterio. O seu desejo havia sido realizado. Compreendeu que as bemaventuranças celestes eram tão maravilhosas, tão arrebatadoras e mysteriosas para o ser humano, que os seculos se lhe afiguraram minutos! Até aqui uma lenda, certo, méra fantasia. Vejamos, porém, o inverso, triste realidade. Supponhamos que esse frade, ou o proprio leitor, pretendesse apurar o gráo de soffrimento de um povo. Percorrendo, por exemplo, o nordeste do Brasil, attrahido pelo canto da jandaia — passaro commum no berço de Alencar — fosse arrastado para varios pontos do Estado. Que iria presenciar? Sem duvida quadros tetricos.

Por essa occasião, os raios ardentes do sol, tudo crestando, deixavam seccos os leitos dos rios onde mezes antes murmurava a agua crystallina. A terra quasi em combustão não deixava que as sementes germinassem; negava o minimo alimento ao proprio gado. As arvores, por completo despidas de folhas, não offerenciam a menor sômbra ás intérmimas caravanas de milhares de creaturas, desgrenhadas, andrajosas, núas e infectas! Bandos esfaimados, numa lucta desigual, afugentando corvos, arrebatando-lhes as carcassas horrendas do gado extinto pela fome e pela sêde, devoravam os restos da carne aproveitavel como se fosse manjar precioso! E' a secca no auge, acompanhada do classico e hediondo cortejo: a miseria, a fome, a peste, a devassidão!

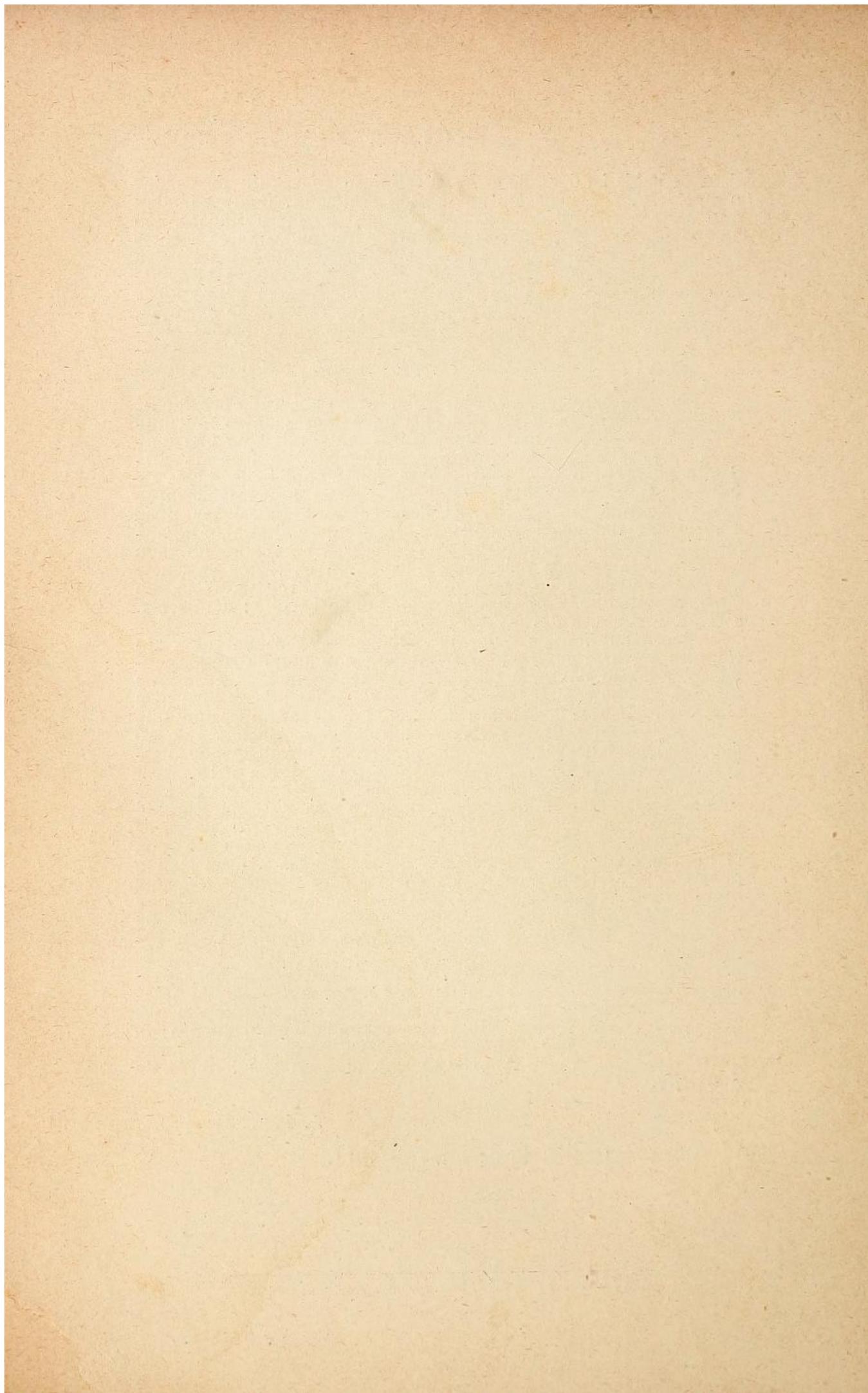
Si o excursionista quizesse registrar todos os horrores attingidos por esse povo stoico e infeliz, como aquelle frade, perdendo a noção do tempo, viria a conhecer um dos cyclos do inferno, não só real, como mais negro do que os descriptos pelo inspirado poeta Florentino! E' pelo menos a impressão que colhemos lendo o discurso do Sr. Ildefonso Albano, operoso deputado pelo Ceará. E' estudo prene de erudição a proposito das seccas, e por que foi attingido o Ceará, em 1915.

Enumerando as seccas e inundações, causadoras de memoraveis desastres á humanidade, desde a éra ante-christã até os nossos dias, narra o illustre parlamentar os horrores soffridos pelos seus conterraneos em consequencia da que affligiu o Ceará. São descripções documentadas não só com o testemunho escripto da maioria dos vigarios daquelle bispado, como de varias photographias. Foi um serviço inestimavel que o joven deputado prestou ao seu Estado natal. Tão valioso que o presidente do referido Estado mandou imprimil-o em folhetos.

Pelo distincto parlamentar fomos distinguido não só pela offerta desse trabalho, como de uma outra monographia intitulada *A Pecuaría no Ceará*. Convencidos de que problemas como esses são fontes vitaes do engrandecimento futuro do Brasil, desejosos por esse periodo aureo, embora simples rabiscaadores, com vagar delles daremos noticias aos leitores da *A Cidade*.

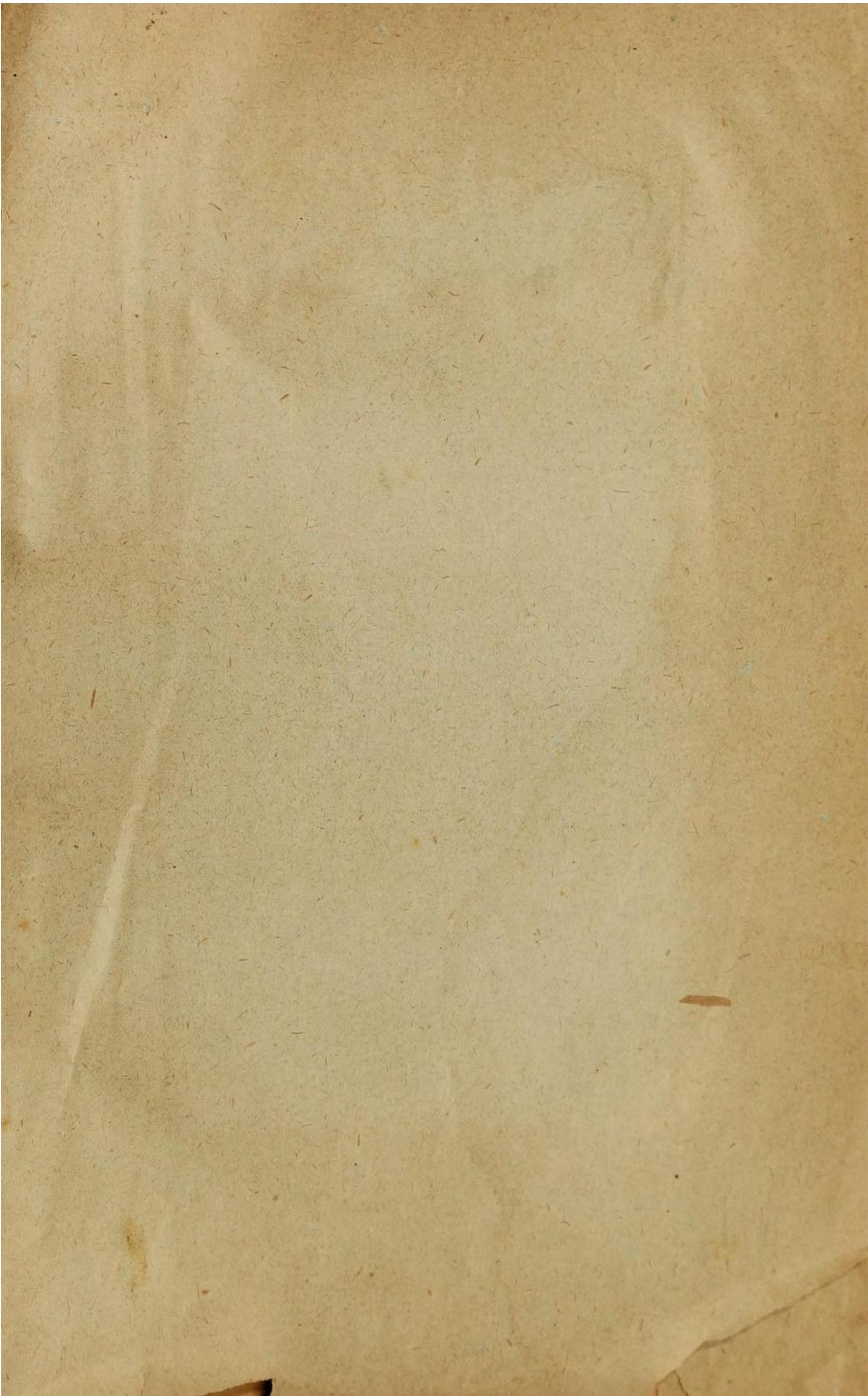
J. PORTUGAL.

D'A *Cidade*, Rio, 10 de julho de 1918.



14





Il defonso Albano, e casado com
Dona Alpha Rabello Albano, filha
do general Marcos Franco Rabello,
e neto materno do general Cla-
udio de Queiroz.

A mãe de S. Alpha, S. Maria Ade-
laide de L. Rabello, falleceu
10 de outubro
de 1845.

1ª Primeira
Janeiro em
1845 sob os
nomes ALBANO.
(3,5), 66 p.

CÂMARA DE REAJUSTAMENTO ECONÔMICO
BIBLIOTÉCA

